



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA-MS

Edimilson Cardoso da Cruz

TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS NO MERCADO DO SEXO EM TRÊS LAGOAS/MS

Paranaíba - MS

2019

Edimilson Cardoso da Cruz

TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS NO MERCADO DO SEXO EM TRÊS LAGOAS/MS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria José de Jesus Alves Cordeiro

Paranaíba - MS

2019

C961t Cruz, Edimilson Cardoso da.
Travestis e transsexuais no mercado do sexo em Três Lagoas/MS/
Edimilson Cardoso da Cruz. – Paranaíba, MS: UEMS, 2019.
207f.

Dissertação (Mestrado) – Educação – Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria José de Jesus Alves Cordeiro

1. Educação 2. Mercado de trabalho 3. Travestis e transexuais
4. Gênero I. Cordeiro, Maria José de Jesus Alves
II. Título

CDD 23. ed. - 306.76

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira - CRB1º/1783

Edimilson Cardoso da Cruz

TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS NO MERCADO DO SEXO EM TRÊS LAGOAS/MS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovado em 28 de Janeiro, de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Maria José de Jesus Alves Cordeiro (Orientadora)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof^a Dr^a Luma Nogueira de Andrade
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Tiago Duque
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. José Antonio de Souza
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Gustavo e Lucília, esteios de uma vida inteira, me fazendo acreditar em mim, quando tudo parecia mais difícil.

Ao meu companheiro, Rodrigo, por sua compreensão, pelo seu amor, e pelo seu companheirismo tornando a minha caminhada mais leve.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a todos que me ajudaram a realizar este sonho. Foram dias aflitos, noites sem dormir, vários contratemplos ao longo da caminhada, mas, se cheguei até aqui, foi graças ao empenho e dedicação de pessoas e instituições comprometidas com a educação, que merecem atenção mais que em especial, neste agradecimento, pois me fortaleceram e me impulsionaram a seguir adiante, que jamais ousarei esquecer!

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, por proporcionar um curso de relevante contribuição para o enriquecimento acadêmico de cada participante do Mestrado da UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, turma de 2016.

À minha orientadora querida, Prof^{ra} Dr^a Maria José de Jesus Alves Cordeiro, que me ensinou que o desejo do conhecimento teórico é o mote de toda criação e, assim, cuidadosamente me orientou, fazendo-me trilhar os próprios caminhos, sem nunca ser tombado pelo sentimento de desamparo; ao contrário, sempre me trouxe abrigo, me incentivando e acreditando no meu potencial, desde meus primeiros passos no mundo acadêmico, sem perder o rigor, nem a ternura. Também sou grato pela confiança e aposta em um tema pouco acolhido na educação, e por embarcar comigo nessa árdua e provocadora missão que é entrelaçar educação e as sujeitas diferentes.

Agradeço à equipe de colaboradores, professores, técnicos, equipe terceirizada e aos estagiários da Secretaria do Mestrado da UEMS de Paranaíba, dos quais sempre pude contar com o carinho, respeito, compreensão e apoio desde minha chegada.

Aos colegas e professores da turma do Mestrado de 2016 e, em especial, aos amigos de jornada Laura, Valnice, Dany, André, Carla, Lais Tosta, Nathália, Rosa Emília, Wilenice, Ariane, Joana, as irmãs e Paulo Cesar, pelo apoio, paciência, e cujo contato foi de troca amorosa, amizade, aprendizagem e compartilhamentos de saberes.

Aos docentes da Banca de Exame de Qualificação/Defesa pelas valorosas contribuições à construção deste texto.

As sujeitas desta pesquisa por sua coragem e confiança com que se despiram do silêncio para apresentar suas trajetórias e suas histórias de vida, sem as quais a escrita seria sem inspiração, e sem as quais esta dissertação talvez não fosse possível.

CRUZ, Edimilson Cardoso da. Travestis e transsexuais no mercado do sexo em Três Lagoas/MS. 2019. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Unidade Universitária de Paranaíba, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba, 2019.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentam-se resultados finais de pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa “Currículo, formação docente e diversidade”, vinculada ao Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Gênero, Raça e Etnia – GEPEGRE/UEMS, cujo objetivo foi produzir conhecimento sobre os pontos de prostituição das travestis e transexuais (TTs) da cidade de Três Lagoas (MS) como mercado de trabalho para essas profissionais do sexo. A partir dos discursos das mesmas e de uma perspectiva de gênero, pude refletir e discutir sobre como essas relações são estabelecidas na rua de prostituição por meio da análise dos discursos das TTs – mais especificamente, investigar a constituição da rua de prostituição junto às travestis e transexuais em espaços públicos, como as calçadas, os becos e o significado desses espaços como mercado de trabalho. Para isso, optei pela pesquisa etnográfica, qualitativa, considerada um instrumento valioso a quem deseja conhecer, com mais profundidade, o cotidiano das TTs nos pontos de prostituição, por meio dos relatos de experiências das mesmas, sobretudo no que tange aos espaços da prostituição de rua para a travesti e a transexual em Três Lagoas, os quais são identificados em três pontos da referida cidade, a saber: 1. Posto de Gasolina “Linhão Small”, na BR 262; 2. Rodovia “Ranulpho Marques Leal” (trecho ‘Cristo’- Auto Posto de Gasolina São Luiz) e 3. Avenida Clodoaldo Garcia. Durante a investigação, foram entrevistadas vinte travestis e transexuais que trabalham nos pontos de prostituição selecionados. Os dados obtidos foram analisados por meio da técnica de Análise do Discurso e a interpretação, com base no referencial teórico com o qual estabeleci reflexão, tais como: Andrade (2012), Duque (2009), Jesus (2012), Moira (2016), Orlandi (2005), Foucault (1988), Benedetti (2005), Pelúcio (2005), Bento (2011), Louro (2013) entre outros/as. Dentre os resultados alcançados, pude sintetizar: a pesquisa aponta que os discursos nos quais a família, considerada a primeira instituição à qual essa sujeita constitui confiabilidade, na posição de travestis e transexual feminino dentro de um contexto de tensão social, representa, em grande medida, o discurso social, midiático e religioso, ou seja, um discurso com sentido patriarcal, heterossexual, preconceituoso, opressor e, ainda, a escola ocupa o lugar de parceira da família e identifica-se no silenciamento, pois encontra dificuldades para introduzir, debater e defender novas concepções e valores que envolvem as TTs. Quanto ao mercado de trabalho, as respostas demonstraram que as TTs buscam a prostituição nas ruas e nos becos, para obtenção de renda e meio de sobrevivência, pois existe um fosso entre a formalidade trazida pela Consolidação das Leis do Trabalho – CLT e este segmento social, por causa do preconceito e discriminação presentes na sociedade, ou seja, falta a regulamentação da prostituição para que essas cidadãs, ditas diferentes, sejam reconhecidas no seu ofício. Assim, conclui-se que as TTs, na quase totalidade, de uma forma sutil ou enfática, expressaram nitidamente o desejo de continuar na profissão escolhida, profissional do sexo, mesmo sendo sabedoras que a rua de prostituição oferece muitos perigos, especialmente a elas.

Palavras-chave: Educação. Mercado de Trabalho. Travestis e Transsexuais. Gênero. Prostituição.

ABSTRACT

The present work aims to produce knowledge about the prostitution points of transvestite and transgender people (TTs) from the city of Três Lagoas (MS) as the job market to these sex professionals. From their own speeches and a gender perspective think over and discuss how these relationships are established in the prostitution street along with the transvestite and transgender in public spaces, such as sidewalks, alleys, and the meaning of these places as a job market. In order to reach that, I opted for the ethnographic research, for I understand that it is a valorous instrument to who wish to get a deeper knowledge about the daily life of the TTs at the prostitution points by their own experience reports, mainly in respect to the prostitution spaces in the street for the transvestite and transgender in Três Lagoas, which are identified in three points of the mentioned city, they are: 1. Gas station “Linhão Small” at BR 262; 2. Highway “Ranulpho Marques Leal” (path ‘Cristo’ – Gas station São Luiz) and 3. Clodoaldo Garcia Avenue. In order to pursue the investigation, twenty transvestite and transgender who work at the selected prostitution points were interviewed. By using theoretical references, I established thoughts with authors such as Andrade (2012), Duque (2009), Jesus (2012), Moira (2016), Orlandi (2005), Foucault (1988), Benedetti (2005), Pelúcio (2005), Bento (2011), Louro (2013) among others. The result of the research points out that the speeches where the family, considered the first group to which these subjects deposits their trust, in the position of feminine transvestite and transgender inside a context of social tension, represents in extent measure the social speech, influenced by the media and religion, in other words a speech with a patriarchy, heterosexual, prejudiced, and oppressive sense, also the school occupies the place of partnership of the family, both agreeing with the silencing since they find difficulties introducing, debating, and defending new concepts and values involving the TTs. In respect to the job market, the answers infer that the TTs resort to the prostitution in the streets and alleys to get income and means of survival because there is a pit between the formalities of the Consolidação das Leis de Trabalho – CLT (work legislation) and the social segment thanks to the prejudice and discrimination present in the society, that is the lack of regulation of the prostitution in order to provide recognition of these citizens who are told to be different in their professions.

Key words: Education. Job market. Transvestite and transgender. Gender. Prostitution.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras 1 e 2. Casa abandonada que servia de abrigo para as sete travestis que moravam e se prostituíam na rua, em 2008, localizada na Avenida Ranulfo, esquina com a Rua Wilson Carvalho Viana.....	43
Figura 3. Ponto de Prostituição n. 01.....	46
Figura 4. Ponto de Prostituição n. 02.....	46
Figura 5. Ponto de Prostituição n. 03.....	46
Figura 6. Ponto de Prostituição n. 04.....	46
Figura 7. Boar das montadas n. 01.....	47
Figura 8. Boar das montadas n. 01.....	47
Figura 9. Ponto de Prostituição n. 05.....	48
Figura 10. Ponto de Prostituição n. 06.....	48
Figura 11. Ponto de ônibus que serve de abrigo para as TTs quando esta chovendo na Avenida Ranulfo Marques Leal.....	48
Figura 12. Fachada do Posto São Paulo depois da Reforma na Avenida Ranulfo Marques Leal.....	48
Figura 13. Ponto de Prostituição n. 07.....	48
Figura 14. Boar de Prostituição n. 02.....	48
Figura 15. Boar de Prostituição da coca n. 01.....	49
Figura 16. Ponto de Prostituição n. 08.....	50
Figura 17. Ponto de Prostituição n. 09.....	50
Figura 18. Ponto de Prostituição n. 10.....	51
Figura 19. Ponto de Prostituição n. 11.....	51
Figura 20. Boar de Prostituição das montadas n. 03	53
Figura 21. Boar de Prostituição das montadas n. 04.....	53
Figura 22. Ponto de Prostituição n. 12.....	53
Figura 23. Ponto de Prostituição n. 13.....	53
Figura 24. Ponto de Prostituição n. 14.....	54
Figura 25. Boar de Prostituição n. 05.....	54
Figura 26. Ponto de Prostituição n. 15.....	55
Figura 27. Ponto de Prostituição n. 16.....	55
Figura 28. Ponto de Prostituição n. 17.....	56
Figura 29. Ponto de Prostituição n. 18.....	56
Figura 30. Boar de Prostituição n. 06.....	56
Figura 31. Boar de Prostituição n. 06.....	56
Figura 32. Boar de Prostituição n. 06.....	56
Figura 33. Boar de Prostituição n. 06.....	56
Figura 34. Ponto de Prostituição n.19.....	57
Figura 35. Ponto de Prostituição n.19.....	57
Figura 36. Ponto de Prostituição n.19.....	58
Figura 37. Ponto de Prostituição n.19.....	58
Figura 38. Ponto de Prostituição n. 20.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATGLT - Associação Três-lagoense de Gays e Lésbicas Travestis, do município de Três Lagoas-MS.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAPs - Centro de Atendimento Psicossocial

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

DST/AIDS - Doenças Sexualmente Transmissíveis/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis

LGBTs - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros

MEC - Ministério da Educação

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul

ONG - Organização Não Governamental -

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

SDH - Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

TCLE - Termo de Consentimento e Livre esclarecimento

TTs - Travestis e Transsexuais

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Perguntas introdutórias e de identificação.....	76
Tabela 2 - As relações pessoais e o processo de transformação identitária.....	83
Tabela 3 - Relações sociais, do trabalho formal, e do trabalho como profissional do sexo.....	98
Tabela 4 - Os discursos discriminatórios das relações sociais e de trabalho.....	118
Tabela 5 - Os discursos de discriminação e violências vivenciadas pelas TTs na sociedade atual.....	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – ENCONTROS, DESENCONTROS E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE AS TTS	18
CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: CAMINHOS DO DITO, DO INTERDITO E DO NÃO DITO.....	35
2.1 Contextualização e caracterização da pesquisa.....	38
2.2 Identificação e abordagem das sujeitas da pesquisa.	60
2.3 A entrevista como fonte de coleta das narrativas.....	62
2.4 Análise de dados	63
CAPITULO 3 – AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DE SI.....	74
CAPITULO 4 - TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM FOCO.	157
4.1 Gênero e sexualidade.....	157
4.2 Corpo e mercado de trabalho da prostituição	171
4.3 Discriminação, violência e preconceito	179
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
REFERÊNCIAS	192
APÊNDICE A - Questionário utilizado para a coleta de dados da pesquisa	199
APÊNDICE B - Termo de Esclarecimento e Livre Consentimento	201
APÊNDICE C – Autorização.....	204
ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP.....	205

INTRODUÇÃO

O estudo sobre Travestis e Transsexuais no mercado do sexo, em Três Lagoas/MS, é fruto de uma pesquisa que nasceu a partir das conversas com amigos de orientação homossexual e oficinas realizadas com esse público alvo, bem como a partir de minha experiência pessoal e militância como coordenador geral na Organização Não Governamental - Associação Três-lagoense de Gays, Lésbicas e Travestis, do município de Três Lagoas-MS.

Observei nas conversas a prevalência nas narrativas das TTs, o sofrimento que elas passam no que tange aos meios de comunicação social e ao discurso discriminatório transfóbico. Essas narrativas, durante as oficinas e reportagens, expunham imagens revestidas de preconceito e violência, com homossexuais sendo agredidos, moral e fisicamente, no município pesquisado. O assunto, por vezes, adentrava a particularidade do espaço familiar desses amigos, os quais apontavam comportamentos e atitudes não adequadas, praticadas por familiares, no referente à orientação sexual. Foram essas conversas que permitiram questionamentos e possibilidades de investigação, sugestionando, dessa forma, o referido tema considerando, principalmente, a realidade da conjuntura nacional que estamos passando nos dias de hoje.

Com o processo de desmonte das políticas públicas no Brasil, que é apontado como o país que mais mata LGBTs no mundo, e que se encontra no contexto de rechaço do Congresso, as pautas ligadas aos grupos ditos minoritários como a população TTs, negros/as, mulheres, indígenas, quilombolas, entre outros, principalmente com o crescimento da bancada fundamentalista nas três esferas do legislativo (níveis federal, estadual e municipal), piora o cenário para esses grupos, onde vemos as tímidas conquistas feitas através de árduas lutas dos movimentos sociais, há décadas, sendo retiradas, como o retrocesso ocorrido no MEC (Ministério da Educação), que retirou as expressões identidade de gênero e orientação sexual do documento da Base Curricular, o corte no orçamento para políticas afirmativas na Secretaria de Direitos Humanos, após pressão da bancada religiosa (evangélica).

Historicamente excluída, a população das TTs sofre o preconceito e a discriminação que se manifesta de diversas formas: ora pela transfobia que se concretiza pela violência, seja ela física ou psicológica, mas sempre limitadora dos direitos de todos/as os/as cidadãos/ãs; ora pela negação do reconhecimento à diversidade sexual, quando restrita a uma combinação binária e naturalizante de gênero, apartando, dessa forma, todos/as os/as cidadãos/ãs que vivenciam suas identidades de gênero a partir de uma forma distinta das normas dominantes.

Considerando a atual conjuntura, onde não se tem um marco regulatório para a população das TTs, precisamos de uma educação para a diversidade, de políticas nacionais de educação contra a homofobia e a transfobia, que a homo/transfobia seja criminalizada, de leis de identidade de gênero e de casamento igualitário na constituição, e não de professores sendo silenciados e punidos, por refletir, ensinar e pesquisar questões gênero e sexualidade.

Um Estado democrático de direito não pode aceitar práticas sociais e institucionais que criminalizam, estigmatizam e marginalizam as pessoas por motivos de sexo, orientação sexual e/ou identidade de gênero. A prática sexual entre adultos do mesmo sexo é um direito de foro íntimo, bem como o é a apresentação social do sentimento de pertencimento a um determinado gênero, independente do sexo biológico. O arbitrário rebaixamento moral das TTs – que sustenta a transfobia – associa as práticas homoeróticas e as apresentações sociais de gênero discordantes do sexo biológico ao desvio moral de conduta. O avanço na promoção da cidadania das TTs requer o reconhecimento do direito sexual como direito humano.

Segundo Ferreira, (2002), as pesquisas que se propõem à realização de um estado da arte são definidas como de caráter bibliográfico e assumem o desafio de mapear e discutir produções acadêmicas, em determinado campo do conhecimento, com o intuito de responder que aspectos e dimensões, épocas e lugares, formas e condições constituem esses campos, podendo realizar essa construção através da análise de variadas fontes, tais como: dissertações, teses, publicações em periódicos, e comunicações em anais de congressos e de seminários.

Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (FERREIRA, 2002, p. 257).

Muitos artigos, livros e textos com os quais tive contato faziam questionamentos que, de alguma forma, me fizeram pensar mais e buscar o entendimento daquilo que estava se desenhando como foco da minha pesquisa: TTs no mercado do sexo no município de Três Lagoas-MS, e, ao realizar um levantamento bibliográfico para identificar o que está sendo estudado, pesquisado e/ou discutido relacionado à temática aqui definida, fiz a busca usando descritores e termos em conjunto e/ou em uma junção e combinação destes, para que pudesse obter resultados mais adequados e eficientes, conforme descrito no capítulo 1, no qual construí um estado da arte, a partir de buscas nos portais online da Scientific Electronic

Library Online – Scielo e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

Contudo, estabelecer o tema para uma pesquisa, de certa forma, é uma situação conflituosa, pois é por meio deste que o trabalho toma vida e realiza-se. O conflito imediato está no questionar um assunto que diz respeito à minha própria vida e de pessoas que comigo convivem, já que este se relaciona a subjetividade, sentimentos, percepções e outros aspectos que envolvem, inclusive, afetividade. Tudo isso precisa ser transformado em texto acadêmico, fato que exige organização lógica e objetividade nas análises e interpretação dos dados coletados, além da escolha de um aporte teórico que “converse” com os resultados obtidos. Não se trata de ser neutro, longe disso, mas de como chegar ao texto final sem que essas subjetividades, à flor da pele - que me impulsionam e servem de estímulo – se transformem em armadilhas que impedem o caminhar metodológico e a escrita acadêmica? Eis aí a maior das dificuldades encontradas, embora inicialmente não tivesse esta percepção.

Com o desejo e a perspectiva de dar visibilidade ao tema, desenvolvi uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, tendo como objeto de análise os discursos das TTs, ou seja, como elas se representam para si e para os outros iguais a si e diferentes de si mesmo. Tais sentidos constituem suas discursividades de si e sobre si, considerando os espaços de circulação e as condições de produção material de práticas discursivas na sociedade contemporânea.

A pesquisa teve como objetivo geral compreender as experiências do cotidiano de trabalho das profissionais do sexo travestis e transexuais, por meio de uma visão, englobando os aspectos da sobrevivência e, também, como fonte de prazer. Com a pesquisa, busco, ainda, de forma mais específica: identificar os motivos que fizeram as TTs adentrarem à prostituição; demonstrar as vulnerabilidades a que estão rotineiramente expostas; refletir sobre como elas veem seus corpos e sobre qual tipo de relação têm com seus clientes e, também, sobre as percepções que apresentam acerca de seu trabalho na prostituição.

A pesquisa teve início após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UEMS, por meio do Parecer n. 2.362.609, aprovado em 01 de novembro de 2017. Em seguida iniciei com a pesquisa bibliográfica, para construção do aporte teórico envolvendo as temáticas de gênero, sexualidade, educação, currículo, cultura, identidade, poder, discriminação e transfobia, mercado de trabalho, entre outras, por meio de artigos, dissertações, teses e livros de autores como: Andrade (2012), Duque (2009), Jesus (2012), Moira (2016), Orlandi (2005), Foucault (1988), (2014), Benedetti (2005), Pelúcio (2005), Bento (2011), Louro (2013), Stuart Hall (2014), Tomas Tadeu da Silva (2012), dentre

outros/as, que foram importantes para o entendimento e a articulação conceitual sobre a questão do discurso discriminatório e transfóbico contra travestis e transexuais, especialmente no contexto escolar, onde estes funcionam como fator de exclusão e, portanto, da não escolarização.

Todas as participantes são/eram moradoras de Três Lagoas, num total de 20 (vinte) TTs, na faixa- etária entre dezoito e quarenta anos. Por isso, selecionei as entrevistadas para a pesquisa, utilizando como critério de inclusão o fato das mesmas serem profissionais do sexo do segmento de travestis e transexuais.

Para a coleta dos dados, elaborei um roteiro de entrevista semiestruturada que foi seguido durante as entrevistas a vinte (20) travestis e transexuais (TTs) que atuam em três pontos de prostituição como mercado de trabalho: 1. Posto de Gasolina “Linhão Small”, na BR 262; 2. Rodovia “Ranulpho Marques Leal” (trecho ‘Cristo’- Autoposto de Gasolina São Luiz) e 3. Avenida Clodoaldo Garcia. As entrevistas foram gravadas após a assinatura do Termo de Consentimento e Livre esclarecimento – TCLE por cada uma das vinte pessoas que compõe o publico alvo. A escolha do local para a gravação da entrevista foi de caráter pessoal das TTs, a metodologia adotada permitiu que elas escolhessem um local para as entrevistas, e algumas foram feitas na sede da ONG, na casa de amigas e outras nas próprias residências.

Percebe-se cada vez mais a importância de desenvolver investigações que permitam acumular conhecimentos sobre trajetória das TTs de Três Lagoas, por haver um expressivo contingente delas no município. Este segmento social, tem sido objeto frequente de ações preconceituosas e de discriminação especialmente quando relacionados à rua de prostituição.

No que tange à educação evidenciaram-se as dificuldades enfrentadas pelas TTs, em suas narrativas, quando perguntadas sobre o seu cotidiano escolar, por conta da sua construção corporal. Há uma ausência de informação acerca da sua condição feminina por grande parte dos gestores educacionais e do corpo discente.

De forma significativa, a maneira que o corpo se apresenta não representa estatisticamente a essência do individuo, nem tampouco define de forma estrita sua constituição biológica, nem genética, mesmo que seja evidente que essas últimas sempre o acompanham.

O corpo do individuo nem sempre é consolidado simplesmente pelo nascimento e nem pelo seu desenvolvimento habitual da idade cronológica, tampouco estável.

Suas imputações não são de ordem natural, mas, estabelecidas social e culturalmente. (LOURO, 2010, p. 14).

Os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma “marca” definidora da identidade; perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e, nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência. Pode ocorrer, além disso, que os desejos e as necessidades que alguém experimenta estejam em discordância com a aparência de seu corpo.

Ainda que a atualidade tenha içado suspeitas, no que se refere às confianças acertadas da ciência, a ponderamos um forte meio de cultivo da informação, ainda que não seja excepcional. Destacamos que mais do que delinear, ela estabelece os objetos e as práticas de que descreve, interpela os sujeitos que guiam seus atos a partir desses conhecimentos, ou os abdicam.

As colocações sobre travestis e transexuais que são apresentadas em nossas leituras são apontadas, sobretudo, pelos pontos do corpo. Leite Jr. (2011, p.27) pontua que nesse campo “o 'capital corporal' talvez seja a moeda de maior valor”. No transcorrer do movimento de exame, fomos percebendo que, seja na nomeação ou na prostituição, o corpo é corroborado enquanto ator principal desses procedimentos. Essas e outros acúmenes serão elencados no que acordamos denominar de linhas de análise. Acometemos, em tal aparelhamento, numa tentativa de contestar nossos alvos, confirmando os encontros gerados por nossos documentos de diagnóstico, assentados em diálogo com os autores, que lançaram discussões a esse respeito, as quais fomos empregando, enquanto menções para essa matéria.

Esta dissertação, objetivando problematizar sobre as narrativas cotidianas das profissionais do sexo, foi estruturada em quatro capítulos. No primeiro, intitulado Encontros, desencontros e a produção do conhecimento das TTs, apresento como se deu a revisão de literatura, como foram os processos de alcance aos bancos de dados acessados, assim, como, seus resultados nos dois bancos de dados acessados nos portais online da: Scientific Electronic Library Online – Scielo e portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

No segundo, denominado Procedimentos metodológicos da pesquisa, apresento o processo de elaboração da pesquisa e seu percurso de realização, a construção do objeto de investigação, os procedimentos metodológicos utilizados na coleta, interpretação e análise dos dados.

No terceiro capítulo, intitulado Representações diferentes de si: apresento uma discussão norteada em questões como a dualidade do corpo da profissional do sexo em corpo laboral e corpo social. A idealização de um ser mulher, dividindo os corpos. E, por fim, a relação entre profissionais do sexo e clientes, englobando os prazeres por ambos vivenciados, a questão de poder nesse relacionamento, entre outros.

No quarto capítulo, intitulado Travestis e transexuais em foco: por um discurso emancipatório, apresento uma discussão teórica acerca dos temas corpo, gênero e sexualidades, discriminação e relações sociais das TTs, intermediada por narrativas das entrevistadas, com a finalidade de compreender os significados da prostituição no município de Três Lagoas-MS.

Por último, nas considerações finais, retomo o objetivo geral e o objeto de estudo que nortearam a pesquisa, à luz do arcabouço teórico visitado e das “vozes” captadas nas entrevistas, destacando as potencialidades e fragilidades do estudo e sugestões a partir das análises empreendidas.

CAPÍTULO 1 – ENCONTROS, DESENCONTROS E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE AS TTs

A especificidade dessa pesquisa com o recorte em atividades das TTs na rua de prostituição e os poucos referenciais encontrados, levou-me a realizar buscas nos portais especializados, para levantamento da produção existente, com o intuito de construir um estado da arte. A pesquisa bibliográfica foi realizada, principalmente, nos portais online da: Scientific Electronic Library Online – Scielo e portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

Nas primeiras buscas usando os descritores mercado de trabalho da prostituição de travestis e transexuais, educação, travestis, transexuais, profissionais do sexo travesti e transexuais, corpo, gênero e sexualidade, tive um grande número de resultados, aproximadamente mais de três mil resultados, mas a grande maioria não atendia o foco da pesquisa, pois tratavam de trabalhos que envolviam a área da medicina, psicologia e outros, em discussões fora do ambiente da rua de prostituição. Dado que tinha um foco bastante específico nos resultados da procura, e em conversas com a orientadora, sabia da existência de trabalhos e livros mais voltados para a área da educação e trabalho. Por isso, estreitei um pouco mais essa busca utilizando termos que fazem parte do trabalho e inseri um recorte temporal - período de 2010 a 2018. Assim, percebi que muito pouco se fala sobre prostituição como forma de mercado de trabalho. O que encontrei a partir desse recorte foram estudos focados na questão do corpo, gênero e sexualidade no contexto da prostituição.

Diante do pouco acervo encontrado nos bancos de dados pesquisados sobre esse assunto (Scielo, Portal Capes), realizei, também, uma busca no Sistema de Bibliotecas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, onde, sabidamente, tinha a informação de que várias/os pesquisadoras/es da área realizam seus estudos e têm seus trabalhos publicados sobre esta temática. Além dessas bibliografias, encontrei, também, ao longo desse estudo, outras fontes de pesquisa e outras bibliografias, incluindo meu próprio acervo. Observo que em relação a todos os trabalhos encontrados, tive o cuidado de ler o título, o resumo e verificar autoras/es.

Outras referências foram encontradas, quando da leitura destes trabalhos e, algumas delas foram incorporadas para a análise dos dados. Novas fontes foram consultadas posteriormente à realização da Banca de Qualificação, como forma de adequar ou atender aos apontamentos trazidos pelas/os professoras/es que a compuseram. A seguir apresento os principais trabalhos encontrados para a construção do estado da arte.

Scielo

A pesquisa no portal Scielo foi feita a partir dos seguintes descritores: profissionais do sexo, travestis/transsexuais, travestis, transexuais, na rua de prostituição. Esses termos foram usados em várias combinações e arranjos entre eles, sempre com dois ou mais termos juntos e restritos ao período de 2010 a 2018, por serem estudos mais recentes.

Ao colocar esses termos individualmente, muitos trabalhos não foram satisfatórios, pois, a grande maioria, essas discussões eram feitas num caráter fora da perspectiva desta pesquisa, ou seja, profissionais do sexo travestis/transsexuais, travestis, transexuais. Com a junção dos termos já usados, e em separados, e uso de descritores mais amplos como corpo, gênero e sexualidade, apareceu um grande número de trabalhos. Fiz a leitura e análise dos títulos e resumos, para selecionar os que poderiam ser aproveitados no trabalho. Ocorre que alguns resultados trouxeram o tema da Teoria Queer como temática. Diante disso, busquei outros resultados e encontrei sete trabalhos que foram selecionados devido ao seu conteúdo e o interesse dessa pesquisa que, por sua vez, também apareceram na busca realizada no Portal Capes, conforme apresento a seguir no quadro 1.

Portal Capes

No Portal da Capes a pesquisa foi realizada com os mesmos termos, arranjos e disposições feitas na base de dados do Scielo, pois queríamos a máxima coerência entre os resultados. A peculiaridade do portal da Capes é que as pesquisas são mais abrangentes em questão de outras línguas (Inglês e Espanhol). Portanto, alguns trabalhos aqui descritos estão em outras línguas, que não serão utilizadas por mim nessa dissertação. Aqui, também, me limitei às pesquisas publicadas a partir do ano de 2010 a 2018, pelo mesmo motivo das anteriores, portanto, trabalhos mais atuais.

O campo de pesquisa da Scielo e da Capes não são focados apenas em educação e/ou escola, mas também em várias outras áreas distintas e, por esse motivo, encontrei muitos trabalhos na área de saúde (medicina) e psicologia, porém, longe do nosso foco.

Assim, a nossa pesquisa chegou ao resultado de mais de quinhentos trabalhos (artigos), após somados todos os resultados. Como ocorrido na base de dados Scielo, essas quantidades de trabalhos trouxeram o tema da Teoria Queer como temática. Diante disso, busquei outros resultados e encontrei cinco trabalhos que foram selecionados devido ao seu

conteúdo e o interesse dessa pesquisa que, por sua vez, também apareceram na busca realizada no Portal Capes, conforme apresento a seguir.

Quadro 01: Trabalhos acadêmicos - artigos Scielo/Capes de 2010 a 2018.

Nº	Referência	Tipo de publicação	Nota sobre o assunto	Ano
1	BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença.	Artigo Capes	Neste artigo, problematizo os limites das instituições sociais em lidar com os sujeitos que fogem as normas de gênero.	Mai/ Ago 2011
2	CARVALHO, Mario. Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas.	Artigo Scielo	Este artigo aborda a construção de identidades políticas no movimento de travestis, mulheres transexuais e homens trans ao longo da última década no Brasil.	Mai 2018
3	CARVALHO, Mario Felipe de Lima. Notas etnográficas sobre duas manifestações de rua do ativismo trans no Brasil.	Artigo Scielo	A partir da observação etnográfica da 18ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (4/5/2014) e do ato pelo Dia da Visibilidade Trans do Rio de Janeiro (29/1/2015), busco tecer relações entre os usos da internet, as produções de alianças políticas, a luta por visibilidade social e as dramaturgias políticas acionadas por ativistas trans.	Mar 2018
4	GUIMARÃES, Thayse Figueira; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia.	Artigo Scielo/ Capes	Em um estudo etnográfico, analisam a trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos, neste artigo.	Mar 2017
5	DINIS, Nilson Fernandes; PAMPLONA, Renata Silva. Encontrando Bianc, discursos sobre o corpo-travesti.	Artigo Scielo/ Capes	Uma análise dos discursos produzidos sobre o corpo travesti em um vídeo educativo. Toma-se como corpus de análise o vídeo: "Encontrando Bianca", que narra uma história fictícia sobre os dilemas de uma travesti na escola em que estuda.	Ago 2014
6	AMARAL, Marília dos Santos; SILVA, Talita Caetano; CRUZ, Karla de Oliveira; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010.	Artigo Scielo/ Capes	Observa-se por volta dos anos 2000 uma expressiva visibilidade das experiências travestis e transexuais entre os estudos de gênero e sexualidade, despontando como temáticas centrais de diferentes pesquisas brasileiras.	Ago 2014
7	DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência.	Artigo Scielo/ Capes	Procura refletir a respeito de questões teóricas, políticas e metodológicas que envolvem a temática do gênero e da sexualidade na contemporaneidade.	Ago 2012

Para que possa realizar uma abordagem acerca da compreensão das TTs profissionais do sexo, a respeito de si, faz-se necessário trazer uma discussão no que tange ao processo de construção de seus corpos enquanto sujeitas¹ de gênero e o espaço da prostituição.

Nas experiências narradas e vividas pelas TTs, não só na escola, mas também nos espaços de prostituição, na família e na sociedade local. Em busca de seu reconhecimento e a forma que são apontadas/identificadas, durante e após o seu trabalho na rua de prostituição no município de Três Lagoas, chama a atenção pelo fato de estarem vestidas, com roupas femininas coladas ao corpo, o salto alto, os cabelos compridos, e pela sua ressignificação e construção de gênero. Cada interlocutora, dentro de suas experiências de si, articula subjetivamente a sua estética corporal, pois consiste em um processo de construção e ressignificação de si.

Tal concepção se sustenta ao considerar os estudos de gênero produzidos a partir da década de 60, pesquisas que nos levaram a perceber que existe uma diferença entre as categorias de gênero e sexo. Nesse sentido um dos grandes pensadores sobre o dispositivo de regulação do corpo sexuado foi Foucault. Na obra sobre A História da Sexualidade, o autor explica que;

[...] a questão sobre o que somos, em alguns séculos, uma certa corrente nos levou a colocá-la em relação ao sexo. Nem tanto ao sexo-natureza (elemento do sistema do ser vivo, objeto para uma abordagem biológica), mas ao sexo-história, ao sexo significação, ao sexo-discurso. (FOUCAULT, 1988, p. 76).

Mas a reflexão sobre o pensamento e as provocações do autor acerca de gênero e sexualidade nos leva a uma nova compreensão de como as sujeitas diferentes transformam a sua estética e o seu corpo. Em um primeiro momento as pessoas acham estranha a sua construção por marcarem tanto o corpo. Para Foucault (1988, p.15), a estética da existência:

Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.

1

A terminologia sujeita utilizada ao longo desta dissertação é um neologismo criado, especificamente, para os casos em análise, já que a norma culta da língua ainda não está atualizada de forma a acompanhar os novos estudos sobre gênero em nosso país.

Ao usar o argumento desenvolvido pelo filósofo sobre a estética da existência, as TTs, ao construir e ressignificar o seu corpo, acabam transgredindo a norma imposta pela sociedade heteronormativa e, nesse sentido, subvertem a normatização buscando respeito e reconhecimento para legitimar a construção de seu corpo com o gênero com o qual se reconhecem.

De acordo com o pensamento de Louro, vale destacar que o sistema busca entender a construção do corpo sexuado, a partir de normas, tecnologias e convenções que organizam todo um sistema de regulação do corpo que:

Apesar de todo o investimento, os corpos se alteram continuamente. Não somente sua aparência, seus sinais ou seu funcionamento se modificam ao longo do tempo; eles podem, ainda, ser negados ou reafirmados, manipulados, alterados, transformados ou subvertidos, as marcas de gênero e sexualidade significados e nomeadas no contexto de uma cultura, são também cambiantes e provisórias, e estão, indubitavelmente, envolvidas em relações de poder. (LOURO, 2004, p. 82).

Ao determinar padrões de comportamento, as tecnologias discursivas e representativas que operam durante e após a construção do corpo das TTs, na necessidade de regular o que escapa ditos como anormais por alguns e normais para outros, são estigmatizados.

Por sua vez, Bento (2006, pp. 25-26) afirma que a construção do corpo nunca está completa “[...] ser homem/uma mulher implica trabalho permanente, uma vez que não existe uma essência interior que é posta a descoberto por meio dos atos. Ao contrário, são esses atos, corporais, estéticos e linguísticos, que fazem o gênero”.

Ponderando a partir desse olhar frente aos corpos sexuais, justificasse o porquê do interesse pela construção do corpo da sujeita dita diferente, ele representa, em sua simbologia, a sua dimensão (forma e jeito) das TTs se relacionar com a sociedade contemporânea.

A socióloga Berenice Bento (2011), em seu artigo Na escola se aprende que a diferença faz a diferença, problematiza os limites das instituições sociais em lidar com os sujeitos que fogem às normas de gênero. Ela aponta que, diariamente, as pessoas TTs se submetem ao constrangimento por reivindicar o seu reconhecimento a sua identidade de gênero. Para a autora:

A aproximação com a transexualidade e travestilidade é reveladora das convenções sociais sobre a masculinidade e a feminilidade. Diariamente profissionais da saúde, juízes/as, advogados/as, professores/as, parlamentares, amigos/as e familiares são instados a se posicionar e encontrar sentidos para as demandas de pessoas que reivindicam o pertencimento ao gênero distinto daquele que lhes foi imposto. (BENTO, 2011, p. 549).

Bento destaca ainda que:

Embora saibamos que os discursos religiosos sobre as condutas de gênero as práticas sexuais continuem atuando nas subjetividades e produzindo julgamento, no espaço escolar, no entanto, é mais “fácil” utilizar os discursos médicos para legitimar a violência. A censura “Não faça isso! É pecado!” foi substituída por “isso não é normal! A eficácia desse discurso está em produzir nos sujeitos a incômoda e terrível certeza de que ele não é normal e de que, se ele se sente fora do lugar, é porque não existe lugar para ele. Há um processo incessante de produção de anormalidade. Ao problematizar a visão patologizante das identidades, terminamos por encontrar as normas de gênero. As reivindicações de identidades que exigem direitos são o desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece que a inteligibilidade dos gêneros está no corpo. Dois corpos, dois gêneros, uma sexualidade. Nessa perspectiva binária, o masculino e o feminino seriam a expressão ou formulação cultural da diferença natural dos sexos. Ao localizar nas instituições a explicação para a gênese das experiências identitárias, inverte a lógica: são as normas de gênero que possibilitam a emergência de conflitos identitários com essas mesmas normas. (BENTO, 2011, p. 558).

A autora problematiza que é uma luta diária quando propõe o rompimento com as categorias impostas pela norma vigente (heteronormativa). Além disso, essa disputa revela a precariedade de um sistema de gênero e sexualidade colocado nos moldes biológicos heteronormativos e conferem direitos, apenas, a uma parcela da humanidade.

No artigo “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas, Carvalho (2018) aborda a construção de identidades políticas no movimento de travestis, mulheres transexuais e homens trans, ao longo da última década no Brasil. O material do presente estudo é composto por observações de encontros com ativistas, entrevistas com lideranças do movimento e observações do ativismo na internet, analisado e organizado a partir de duas situações de conflitos, onde é feita a análise etnográfica da construção de identidades políticas no movimento de travestis, mulheres transexuais e homens trans, ou simplesmente movimento trans. No XVI Encontro Nacional de Travestis e Transexuais (ENTLAIDS), houve um intenso debate para a formalização de uma “definição política” das categorias “travesti” e “transexual” a partir do movimento social, encontro realizado em dezembro de 2009, no Rio de Janeiro. Já em março de 2015, em São Paulo, no I Encontro Nacional de Homens Trans (ENAHT), os ativistas presentes realizaram um longo debate sobre a “identidade política” do movimento, surgindo a discordância quando um grupo de jovens expressou que a categoria “homem trans” não os abarcava, pois se reconheciam como “não binários”.

Em Notas etnográficas sobre duas manifestações de rua do ativismo trans no Brasil, de Carvalho (2018), cujo autor tece relações entre os usos da internet, as produções de alianças políticas, a luta por visibilidade social e as dramaturgias políticas acionadas por ativistas trans. A partir da observação etnográfica, baseada nas caracterizações antagônicas, no que tange ao seu “sucesso político” do ponto de vista nativo (sendo a primeira considerada uma derrota frente ao sucesso da segunda), ao mesmo tempo em que acionam dramaturgias e repertórios semelhantes, a saber: 1) usos das redes sociais da internet; 2) estabelecimento de alianças com diferentes agrupamentos políticos; 3) uso do “corpo-bandeira”. Nesse sentido, a relação de múltiplos vetores tanto o social quanto a própria internet constroem a junção dos/as sujeitos/as estigmatizados/as na busca por direitos sociais e políticos imbricados pela tecnologia na produção de alianças.

No artigo sobre a Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia, de Guimarães e Lopes (2017), com base num estudo etnográfico, é analisada a trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos. O estudo buscou refletir sobre os processos de recontextualização do vídeo de Luisa Marilac, uma mulher trans que se identifica como travesti, na construção das performances identitárias de Luan, um jovem negro e de identificações homoeróticas, em interação na web 2.0 e na sala de aula. As análises apontam que o estudo da circulação de um texto oferece possibilidade diferenciada de acesso aos processos de identificação, às hierarquizações e às relações de poder que constituem as práticas interacionais contemporâneas.

A partir do filme Encontrando Bianca, discursos sobre o corpo-travesti – Pro-Posições, de Dinis e Pamplona (2014), é traçada uma análise dos discursos produzidos sobre o corpo travesti em um vídeo educativo. Toma-se como corpus de análise o vídeo: "Encontrando Bianca", que narra uma história fictícia sobre os dilemas de uma travesti na escola em que estuda. Faz-se como opção metodológica trabalhar a partir da arqueogenealogia foucaultiana, uma vez que esse acontecimento se insere numa ordem de saber e poder.

Ao se propor a pensar essa questão, os estudos de Michel Foucault, em sua rica e densa produção sobre a História da Sexualidade (2010), mostram-se como caminho e ferramentas fundamentais para análise, uma vez que comportam, entre outras, a temática da diversidade sexual, das sexualidades, da identidade sexual, do corpo.

Categorias essas exploradas pelo filósofo, em que a busca realizada não é de um traçar do percurso histórico e linear da constituição da sexualidade, mas, sim, de uma genealogia dos discursos sobre essa, pois para Foucault (2006, p. 58) “... a cultura ocidental foi surpreendida

por uma espécie de desenvolvimento, de hiperdesenvolvimento do discurso da sexualidade, da teoria da sexualidade, da ciência sobre a sexualidade, do saber sobre a sexualidade”.

No artigo “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil, entre 2001-2010, de autoria de Amaral, Silva, Cruz e Toneli (2014), no qual se observa, por volta dos anos 2000, uma expressiva visibilidade das experiências travestis e transexuais entre os estudos de gênero e sexualidade, despontando como temáticas centrais de diferentes pesquisas brasileiras. Partindo do expressivo interesse acadêmico pelo universo trans, esta revisão crítica de literatura apresenta o panorama das publicações científicas brasileiras produzidas sobre travestis entre os anos 2001-2010. Trata-se de um mapeamento da literatura especializada, buscada em quatro bases de dados virtuais, em língua portuguesa. Por meio de 92 trabalhos selecionados, são apresentados os modos pelos quais as experiências travestis têm sido abordadas, trazendo à discussão os movimentos políticos e acadêmicos que envolvem terminologias do “travestismo” as “travestilidades”; a expressiva centralidade de trabalhos em temas como AIDS, transformação corporal e a prostituição das travestis; o reduzido número de escritos sobre envelhecimento, adolescência, educação entre outros, também relevantes e norteadores de políticas públicas, como por exemplo, os levantamentos. Sobre violências sofridas pelas travestis.

Para isso, percorreram-se os caminhos que demonstram os modos pelos quais se produziu a categoria travesti e suas multiplicidades no contexto da pesquisa brasileira. Uma das dificuldades iniciais na sistematização e escrita deste artigo, diz respeito ao seu foco, ou seja, na distinção entre as categorias travesti e transexual, produzida pelo discurso científico, mais precisamente pelo biomédico. O que se percebe na leitura da maioria dos trabalhos publicados é a fragilidade, assim como a ineficiência, quando estas categorias são adotadas como fixas e fundantes. As próprias travestis e transexuais fazem essa denúncia ao borrarem as fronteiras entre estes dois termos, pois estes circundam a multiplicidade de performances de gêneros e sexualidades que nestes casos extrapolam sólidas categorias.

O artigo Reflexões teóricas, políticas e metodológicas, sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência, de autoria de Duque (2012), faz uma reflexão a respeito de questões teóricas, políticas e metodológicas que envolvem a temática do gênero e da sexualidade na contemporaneidade. A partir de uma pesquisa com adolescentes travestis da cidade de Campinas, utilizando a metodologia etnografia nos termos de Lóic J. D. Wacquant, 2002, o texto procura valorizar a necessidade de se estudarem mais as convenções e as normas sociais do que focar no indivíduo em si. Pensa a questão subjetiva e corporal do/a pesquisador/a em contato com os/as interlocutores/as e problematiza a neutralidade científica em etnografias

que envolvem experiências trans. Além disso, o texto contextualiza a reflexão queer e os dilemas que envolvem a produção do conhecimento situado.

No campo das dissertações e teses.

Em minha busca por pesquisas acadêmicas concluídas e enfocando o universo da rua de prostituição das TTs encontrei alguns em inglês e espanhol. Limitamos a nossa pesquisa com acervos entre o período de 2010 a 2018 e, apenas, em português. Fiquei um pouco incrédulo com a mudança na quantidade de trabalhos e voltei à busca anterior para entender essa mudança. Percebi que muitos trabalhos tratavam da medicina, psicologia, geografia, filosofia, na área do direito fora do ambiente escolar e do campo da prostituição das TTs, por isso essa mudança nos números. Como descrito no quadro 02, das 10 publicações encontradas, 7 dissertações e 3 teses, foram selecionadas para leitura e uso nas análises as que apresento no quadro a seguir:

Quadro 02: Trabalhos acadêmicos de dissertações e teses de 2010 a 2018.

Nº	Referência	Tipo de publicação	Nota sobre o assunto	Ano
1	DUQUE, Tiago. Montagens e desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP.	Dissertação	Faz uma análise e contextualiza as relações de saber e poder através de suas interlocutoras travestis do município de Campinas, no tocante a família, a rua ou pista de prostituição, a escola, e a travestilidade na adolescência, e ainda, buscou compreender como os processos de construção de seus corpos travestis e suas estratégias de resignificação do feminino na sociedade atual, mesmo com suas experiências marcadas pelo estigma da repressão e controle social das sujeitas diferentes.	Mai 2009
2	GALLI, Rafael Alves. Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo. Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto-SP.	Dissertação	Conhecer a vida sexual de travestis e transexuais, dando ênfase às suas práticas e roteiros sexuais.	Jun 2013
3	AGNOLETI, Michelle Barbosa. "Travestis: percursos e percalços para a conquista da cidadania". Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa-PB.	Dissertação	Busca discutir a conquista de uma cidadania para as travestis, não pela ótica da igualdade, mas baseada em seus valores e suas especificidades.	Mar 2010
4	BARBOSA, Ana Carolina Santos. A construção de corpos travestis: trajetórias que falam de binarismos e subversões no espaço escolar. Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro-RJ.	Dissertação	Analisa como os corpos travestis tensionam e subvertem a reprodução das normas regulatórias de gênero na escola pública. Dessa forma, busca entender os significados inscritos nos corpos travestis e suas relações com as espacialidades vividas, representadas através das memórias do grupo focal abordado.	Jun 2015
5	OLIVEIRA, Jane Gabryelle Badaro de. Trânsitos de gênero. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-SP.	Dissertação	Analisa os aspectos psicossociais das intervenções que pessoas que tenham algum tipo de trânsito entre os gêneros, feminino e masculino, realizam em seus corpos. E descreve, a partir do olhar das/dos interlocutoras/interlocutores, o seu cotidiano e analisar os enunciados presentes nas narrativas individuais no intuito de compreender melhor como se constroem os sujeitos transgêneros.	Fev 2014
6	SAGRILLO, Daniel Duarte. Jovens transgêneros: percursos biográficos sobre a busca de si e as relações de trabalho. Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.	Dissertação	Busca a compreensão da identidade travesti e transexual baseadas na trajetória de vida de duas interlocutoras, bem como em reflexões acadêmicas e políticas, fazendo com que sejam compreendidas suas relações com o ingresso e permanência em diversos campos de trabalho.	Ago 2017
7	EUFRAZIO, Washington Napoleão. A travesti pinta o rosto pra viver? As vivências das trabalhadoras do sexo	Dissertação	Analisa as condições objetivas e subjetivas no trabalho sexual, bem como entender como as trabalhadoras vivenciam a homossexualidade,	Out

	na cidade de Manaus. Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM.		travestilidade, compreender se o trabalho sexual possibilita algum tipo de emancipação.	2017
1	ANDRADE, Luma Nogueira de. Travestis na escola: assujeitamento e resistência a ordem normativa. Universidade de Fortaleza, Fortaleza-CE.	Tese	Busca desvendar as resistências e assujeitamentos das jovens travestis na escola. Evidencia-se o uso de táticas que as jovens/estudantes/travestis fazem para burlar a disciplina e o controle e produzir linhas de fuga para o acesso e a permanência no espaço escolar. Como as estudantes travestis se movem na ordem normativa da escola? Como constroem sua experiência de ser jovem travesti na escola? Quais as possibilidades de resistência diante desse ciclo de interdição e práticas reguladoras do sexo existentes na instituição escolar?	Ago 2012
2	DUQUE, Tiago. Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.	Tese	Estuda a experiência de passar por homem e/ou passar por mulher como performances contemporâneas de feminilidades e masculinidades que revelam normas e convenções constitutivas de um regime de visibilidade/conhecimento.	Dez 2013
3	OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR.	Tese	Analisa as experiências de gays afeminados, viados e bichas pretas na escola. O problema de pesquisa consistiu em identificar os elementos que incidem de maneira positiva nos processos de subjetivação das experiências negras que fogem à norma cis heterossexual e como esses elementos são agenciados no interior da escola, que escapam às práticas da heterossexualidade normativa, foram personagens centrais nesta pesquisa e contribuíram decisivamente para colocar em debate os dispositivos de poder presentes no racismo e na homofobia.	Mar 2017

Após o material elencado identifiquei as vertentes investigativas no universo das TTs tendo como recorte o período de 2010 a 2018, numa abordagem qualitativa desses trabalhos publicados.

Os conhecimentos teóricos, culminando com os adquiridos no convívio em sociedade apontam que a sexualidade não depende, apenas, do corpo físico, vai, além disso. A sexualidade é moldada ou vai se moldando por um conjunto de fatores que envolvem a crença, o comportamento, a ideologia, a imaginação, etc.. Podemos diagnosticar isto nas leituras de Louro (1997), e de muitos outros estudiosos da área, quando explicitam que as identidades são possuidoras de um caráter histórico, instável, plural e fragmentado. Essas características aplaudem tanto as identidades sociais como as identidades sexuais: Para Louro, (1997, p.27):

É evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente Inter – relacionadas; nossa linguagem e nossas praticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento – seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

Ou seja, se a sexualidade vai se formando e se transformando no social e se esse social sofre mutações diante do espaço geográfico e temporal e essa mutação acompanha épocas e grupos sociais.

Embora o interesse acadêmico pelo tema da sexualidade, gênero venha crescendo, a maior parte dos estudos parte de pesquisas inseridas no campo da antropologia, no qual são produzidas pesquisas sobre travestis por (BENETTI, 2005; PELUCIO, 2009), (BENTO, 2006) fala sobre as transexuais. Estudos mais recentes abordam as questões sobre as tts, como;

DUQUE, Tiago. Montagens e desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, de maio de 2009. Traz em sua dissertação uma análise e contextualiza as relações de saber e poder através de suas interlocutoras travestis do município de Campinas, no tocante à família, à rua ou pista de prostituição, à escola, e à travestilidade na adolescência e, ainda,

buscou compreender como os ocorrem processos de construção de seus corpos travestis e suas estratégias de resignificação do feminino na sociedade atual, mesmo com suas experiências marcadas pelo estigma da repressão e controle social das sujeitas diferentes.

Benetti (2005, pp. 54-55) explica que "[...] o corpo da travesti é, sobretudo, uma linguagem; é no corpo e por meio dele que o significado do feminino e do masculino se concretiza e confere à pessoa suas qualidades sociais, é no corpo que a travestis se produz enquanto sujeito". O ato de montagem ou da reconstrução corporal para as TTs é um aspecto fundamental para a sua performatização do feminino.

GALLI, Rafael Alves. Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo. Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto-SP, de Junho de 2013. A dissertação busca conhecer a vida sexual de travestis e transexuais, dando ênfase às suas práticas e roteiros sexuais. As diversas facetas da sexualidade estão se tornando cada vez mais visíveis na sociedade atual e duas categorias que começam a ganhar espaço e visibilidade na contemporaneidade são as das transexuais e das travestis. Nesse sentido, as travestis/transexuais, enquanto agentes atuantes na organização/reorganização do seu espaço corporal materializam as resignificações do feminino evitando a categorização de suas identidades.

BARBOSA, Ana Carolina Santos. A construção de corpos travestis: trajetórias que falam de binarismos e subversões no espaço escolar. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-RJ, de junho de 2015. Essa dissertação analisa como os corpos travestis tensionam e subvertem a reprodução das normas regulatórias de gênero na escola pública. Dessa forma, busca entender os significados inscritos nos corpos travestis e suas relações com as espacialidades vividas, representadas através das memórias do grupo focal abordado.

OLIVEIRA, Jane Gabryelle Badaro de. Trânsitos de gênero. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-SP, de fevereiro de 2014. A dissertação analisa os aspectos psicossociais das intervenções que pessoas que tenham algum tipo de trânsito entre os gêneros feminino e masculino realizam em seus corpos. Além disso, descreve, a partir do olhar das/dos interlocutoras/interlocutores, o seu cotidiano e analisar os enunciados presentes nas narrativas individuais no intuito de compreender melhor como se constroem os sujeitos transgêneros.

SAGRILLO, Daniel Duarte. Jovens transgêneros: percursos biográficos sobre a busca de si e as relações de trabalho. Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, de agosto de 2017. Dissertação que busca a compreensão da identidade travesti e transexual baseadas na trajetória de vida de duas interlocutoras, bem como em reflexões acadêmicas e políticas,

fazendo com que sejam compreendidas suas relações com o ingresso e permanência em diversos campos de trabalho.

EUFRAZIO, Washington Napoleão. A travesti pinta o rosto pra viver? As vivências das trabalhadoras do sexo na cidade de Manaus. Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, de outubro de 2017. Dissertação Analisa as condições objetivas e subjetivas no trabalho sexual, bem como procura entender como as trabalhadoras vivenciam a homossexualidade, travestilidade, compreender se o trabalho sexual possibilita algum tipo de emancipação.

AGNOLETI, Michelle Barbosa. "Travestis: percursos e percalços para a conquista da cidadania". Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa-PB, de março de 2010. Esta dissertação busca discutir a conquista de uma cidadania para as travestis, não pela ótica da igualdade, mas baseada em seus valores e suas especificidades.

ANDRADE, Luma Nogueira de. Travestis na escola: assujeitamento e resistência a ordem normativa. Universidade de Fortaleza, Fortaleza-CE, de agosto de 2012. Em sua tese busca desvendar as resistências e assujeitamentos das jovens travestis na escola. Evidencia-se o uso de táticas que as jovens/estudantes/travestis fazem para burlar a disciplina e o controle e produzir linhas de fuga para o acesso e a permanência no espaço escolar. Como as estudantes travestis se movem na ordem normativa da escola? Como constroem sua experiência de ser jovem travesti na escola? Quais as possibilidades de resistência diante desse ciclo de interdição e práticas reguladoras do sexo existentes na instituição escolar?

DUQUE, Tiago. Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, de dezembro de 2013. Estuda, em sua tese, a experiência de passar por homem e/ou passar por mulher como performances contemporâneas de feminilidades e masculinidades que revelam normas e convenções constitutivas de um regime de visibilidade/conhecimento.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, de março de 2017. Analisa em sua tese as experiências de gays afeminados, viados e bichas pretas na escola. O problema de pesquisa consistiu em identificar os elementos que incidem de maneira positiva nos processos de subjetivação das experiências negras que fogem à norma cis heterossexual e como esses elementos são agenciados no interior da escola, que escapam às práticas da heterossexualidade normativa, foram personagens centrais nesta pesquisa e contribuíram decisivamente para colocar em debate os dispositivos de poder presentes no racismo e na homofobia.

Desse modo a imagem corporal das TTs é contruída em meio aos avanços tecnológicos e históricos da sociedade. De acordo com os estudos descritos e contextualizados, o tema pesquisado sobre TTs profissional do sexo e a rua de prostituição como mercado de trabalho, é uma preocupação e vem sendo discutida, atualmente, por vários pesquisadores e pesquisadoras na atualidade como Andrade (2012), Oliveira (2017), Duque (2009, 2013), colocando em evidencia a emergência de maiores estudos no campo das TTs.

CAPÍTULO 2 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: CAMINHOS DO DITO, DO INTERDITO E DO NÃO DITO

A metodologia de investigação deve explicar detalhadamente os princípios metodológicos e os métodos utilizados no processo de construção do texto – os quais consistem em identificar, desconstruir e analisar enunciados e conteúdos discriminatórios contidos nos discursos, evidenciando sua sustentabilidade, ou não, mediante os métodos que se adéquam aos tipos de enunciados discriminatórios encontrados. O processo de uma investigação é uma ferramenta de máxima importância para o conhecimento, sendo o melhor caminho para chegar a soluções confiáveis para um problema, através da coleta, sistematização, análise e interpretação de dados.

Na visão de Luke e André (1986), o processo de investigar “é um esforço de elaborar novas perspectivas de saberes sobre aspectos da realidade na busca de soluções para os problemas expostos na sociedade”.

Para abordar o estudo sobre mercado do sexo, gênero, sexualidade humana vivenciada pelas sujeitas TTs com mais propriedade, faz-se necessário pensar um pouco sobre o município onde foi desenvolvida essa pesquisa, naturalmente a sua grandiosidade não está relacionada ao seu tamanho territorial, mas sim à diversidade econômica, cultural e estrutural que a compõe e, que atualmente, vive um momento único de desenvolvimento impulsionado por uma política de atração de investimentos, abundância energética e belezas naturais.

O município lócus desta pesquisa – Três Lagoas/MS - Fundada em 1915, teve sua colonização iniciada na década de, por Luís Correia Neves Filho, Antônio Trajano dos Santos e Protázio Garcia Leal, tendo seu nome originado das três lagoas que existem na região. Desde sua criação, demograficamente, o município tem crescido de maneira linear e progressiva, uma das principais cidades do Estado, por sua localização estratégica é considerada como centro geográfico do Mercosul, localizada na costa leste do Estado de Mato Grosso do Sul, conhecida como a “Cidade das Águas”, situada na divisa com o Estado de São Paulo – SP.

Conforme as estimativas do IBGE de 2015, Três Lagoas “possui uma população de 113.619 habitantes, sendo a terceira cidade mais populosa de Mato Grosso do Sul além de ser o 265º maior município brasileiro e 16º maior município do Centro-Oeste do Brasil”. É importante considerar um aspecto não disposto nos dados coletados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) como estimativa, no que tange a população total do município, haja vista o processo de industrialização que Três Lagoas perpassa desde o ano de

2007, que ocasionou a vinda de vários trabalhadores e, ainda recebe uma população flutuante em busca de novas oportunidades. Logo, o crescimento provoca aumento das demandas das políticas públicas intersetoriais do município, a singular discussão sobre a lacuna existente, ainda nos tempos atuais, entre Crescimento e Desenvolvimento.

Segundo Ferreira (2016), Três Lagoas se apresenta como cidade bem desenvolvida econômico-demograficamente, entre outros fatores, estando à frente do desafio de organização do território. Logo, desempenha papel de intermediação em suas redes urbanas.

Ferreira (2016, p. 38) pondera que a cidade de Três Lagoas apresenta, nesse contexto:

[...] uma potencialidade para o seu desenvolvimento, uma vez que o município se expande e oferece emprego para a população e, também, tem atraído pessoas de todo o Brasil. Também é conhecida por sua potencialidade logística possuindo três modais (hidrovia, ferrovia e rodovia).

Essa potencialidade logística coroa o município para uma realidade territorial fantástica, pois favoreceu a cidade para um (a) aumento/expansão mais que considerável. Devido ao crescimento do setor industrial nos últimos anos, a cidade passou por um processo de transição econômico da agropecuária para a rápida industrialização com o aumento de florestas de eucalipto na região, o que vem transformando a cidade radicalmente. Recentemente Três Lagoas passou a ser conhecida como “Capital Mundial da Celulose”, além disso, tem a disposição de energia, água em abundância, matéria-prima e mão de obra. A cidade também apresenta grande potencial turístico com a arquitetura planejada com suas ruas e avenidas largas que proporcionam condições para quem quer desfrutar a cidade. O município possui um leque variável de lazer e turismo com grandes atrativos de espécies naturais, rios, praias de água doce que encantam a todos.

Ademais, Três Lagoas é uma cidade com localização estratégica e com importante infraestrutura de transporte, com acesso privilegiado aos países da América do Sul, bem como às regiões do Centro Oeste, Sudeste e Sul do país, e por ser um entroncamento das malhas viárias, fluvial, ferroviária e rodovia, a cidade está recebendo novos moradores atraídos, principalmente, pelas oportunidades de trabalho.

Logo, o reflexo do desenvolvimento industrial vivido nas últimas duas décadas, impulsionado pela instalação de grandes fábricas e indústrias que viraram o potencial logístico de Três Lagoas, é responsável, também, pelo aumento da densidade populacional.

Em virtude da migração de trabalhadores vindos de diversas partes do país, o município passou, e ainda passa, por uma profunda transformação, incluindo aí, o aumento de

locais onde funcionam as ruas, avenidas e becos de prostituição onde trabalham as profissionais do sexo, pela nova demanda dessa atividade e pelas oportunidades de acomodar tanta gente e adequar-se à nova realidade que é crescente na cidade, o município, economicamente, é uma cidade autossustentável, gerando emprego e dando condições e qualidade de vida às pessoas que aqui vivem, e é esperado que, até 2020, se torne a segunda cidade, em termos econômicos e políticos, de Mato Grosso do Sul.

Para desenvolver o trabalho sobre Travestis e Transsexuais no mercado do sexo em Três Lagoas/MS, optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativa, do tipo etnográfico, pois de acordo com Lüdke e André (1986, p. 11), “a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho intensivo de campo”; a etnografia é, portanto, a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo, ou seja, é a ciência da descrição cultural.

Assim, a presente pesquisa se vale do arcabouço teórico desenhado para buscar a compreensão contextual, no sentido de obter uma nova interpretação que se baseie na razão e que parta das fundamentações dos fenômenos já descritos pela ciência e não da verdade previamente estabelecida por discursos tradicionais vigentes na sociedade contemporânea.

É oportuno esclarecer que uma pesquisa qualitativa implica na maneira de obter dados sobre a realidade do público-alvo selecionado, as quais possibilitarão a evolução do estudo, por meio de questionamentos e dúvidas surgidas no processo de interação entre o pesquisador e pesquisadas, que podem levar ou não ao desenlace do objetivo pretendido.

Ludke e André (1986) destacam que a abordagem qualitativa ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional, com a vantagem de ser usada como principal método de investigação ou associada a outras formas de coleta, pois ajuda na interpretação dos fatos que fazem parte da dinâmica do problema estudado, considerando o contexto sócio-histórico, já que tem um plano aberto e flexível, traduzindo as percepções das sujeitas envolvidas no contexto analisado, possibilitando um contato estreito entre o pesquisador e pesquisadas.

Chizzotti (2013, p. 19) afirma que:

A pesquisa, deste modo, reconhece o saber acumulado na história humana e se investe do interesse em aprofundar as análises e fazer novas descobertas em favor da vida humana. Essa atividade pressupõe que o pesquisador tenha presente às concepções que orientam sua ação, as práticas que eleger para a investigação, os procedimentos e técnicas que adota em seu trabalho e os instrumentos de que dispõe para auxiliar o seu esforço.

Para compreender os sentidos, as falas das sujeitas e, sobretudo as especificidades do tema estudado, buscaremos informações de como se dá as formas de discriminação transfóbica que sofrem as travestis e transexuais (TTs), e o que alegam como fundamentação a essa prática discriminatória da sociedade, além das dificuldades ou não no mercado de trabalho da prostituição, bem como as suas histórias e experiências vividas na conquista do seu reconhecimento, a etnografia se apresentou como a abordagem mais apropriada.

2.1 Contextualização e caracterização da pesquisa.

Neste estudo, além da experiência de atuar no movimento social com as travestis e transexuais, trago à memória o fato de o autor desta dissertação atuar em um órgão governamental, na Coordenação Estadual de DST/AIDS, como pedagogo, em ações de prevenção, as DST/AIDS, que a coordenação desenvolveu junto a profissionais do sexo-TTs, e a experiência de desenvolver ações voltadas às TTs na Secretaria Municipal de Assistência Social do município de Três Lagoas/MS, como seminários e oficinas.

Portanto, considerando o histórico deste pesquisador junto às TTs, relato algumas características dessas sujeitas que compreendi ser importantes, a partir da minha análise dos pontos, dos ambientes e dos lugares onde as travestis e transexuais de Três Lagoas fazem o trabalho delas como profissionais do sexo, o mapeamento de como é o funcionamento da Rua de prostituição, no município de Três Lagoas, nos três pontos, sendo; Avenida Ranulfo Marques Leal, o da Avenida Clodoaldo Garcia e do Posto Lagoão.

Para compor a amostra da pesquisa, utilizei a técnica da **imputação social**, que consiste na indicação de nomes e meios de contato de possíveis participantes por pessoas confiáveis, com base na atribuição do perfil de interesse da pesquisa. Por isso, e para preservar a identidade das sujeitas da amostra dessa pesquisa, optei pelo sistema não só de números, mas pela adoção de nomes de travestis e transexuais militantes da pauta LGBT e de profissionais do sexo que foram assassinadas de forma violenta no Brasil. Estes nomes estão compilados do banco de dados do grupo Gay da Bahia, no blog “Quem a Homofobia matou hoje?”². Os nomes usados foram:

² Blog que nasceu entre 2011 e 2012, tornando-se o herdeiro dos antigos BOLETINS do GGB é um dos bancos de dados da homofobia e transfobia do Brasil (com exceção dos dados levantados pelo governo federal entre 2011 e 2013), esta disponível em <https://homofobiamata.wordpress.com/>. Acesso 20 de setembro de 2018.

01 - Dandara dos Santos – a trágica morte da cearense Dandara dos Santos, de 42 anos, espancada em plena Rua de Fortaleza, no último dia 15 de fevereiro de 2016, e morta a tiros, trouxe à tona, mais uma vez, a situação de vulnerabilidade enfrentada por travestis e transexuais num país onde, segundo ONGs, as autoridades têm se mostrado ausentes nos casos de homofobia e transfobia.

02 - Natália Pimentel – a travesti Natália Pimentel foi morta por atropelamento, dia 25 de julho de 2017, em um ponto de prostituição conhecido como Zero Quilômetro, localizado em Várzea Grande-MT. O crime ocorreu após a vítima se negar a fazer programa sexual por R\$ 17.

03 - Tábata Brandão – em Rondonópolis/MT, a travesti Tabata Brandão, de 30 anos, foi morta a tiros, dia 25 de junho de 2017, após uma discussão. O suspeito teria xingado a vítima e outras travestis na rua. Tabata, por sua vez, revidou as agressões verbais. O suspeito foi em casa, pegou uma arma de fogo, e voltou para cometer o crime.

04 - Larissa Valverde – a travesti Larissa Valverde, 24 anos, foi vítima de furto e assassinada, em 02 de junho de 2017, com perfurações nas costas, que teriam sido provocadas por uma chave de fenda, em Sorriso-MT. O corpo foi encontrado no estacionamento de um supermercado, na área central da cidade.

05 - Bianca Gonçalves – no município de Primavera do Leste, a 239 km da capital de MT, no dia 07 de abril de 2017. A travesti Bianca Gonçalves, de 22 anos, foi vítima de latrocínio – roubo seguido de morte. Bianca estava trabalhando com outras travestis em um ponto de prostituição, às margens da MT-130, quando o crime ocorreu. Nenhum suspeito foi preso até o momento.

06 - Lorrainy Oliveira – uma jovem, conhecida por ‘Lhoane’ que, segundo informações, era uma travesti moradora da Rua Santa Luzia, em Santaluz, foi encontrada sem vida na manhã de 26 de dezembro de 2017, às margens da Rodovia BA 120, trecho Santaluz-Valente. O corpo de Lorrainy estava em um matagal próximo à entrada. Localizaram um suspeito, que confessou ter matado a vítima, com socos e garrafadas, e que, logo após o crime, deixou Lorrainy no local onde ela foi encontrada morta.

07 - Canoa – foi morta a tiros na noite deste domingo (17 de dezembro de 2017), no bairro Jardim Jatobá, em Fortaleza. De acordo com informações da polícia, a vítima estava em uma esquina do bairro, quando homens em uma motocicleta chegaram e a agrediram. A vítima caiu no chão e foi alvejada por vários disparos de arma de fogo na cabeça. Segundo informações dos moradores da região, que conheciam a travesti, ela não teria envolvimento com drogas nem com a criminalidade. A polícia suspeita que o crime tenha motivação transfóbica.

08 - Silvia Gomes Marques – mulher trans, trabalhadora sexual, 34 anos, foi morta com cinco tiros, na véspera de ano novo (31 de dezembro de 2017), no bairro da Campina, em Belém. Dois homens em uma motocicleta seriam os responsáveis pela execução. O crime foi por volta de 15h45, na Rua Riachuelo, próximo à Rua Padre Prudêncio e do centro comercial da capital, quando a vítima estava indo para casa. Os atiradores começaram a disparar na Padre Prudêncio. Silvia correu para a Rua Riachuelo, sendo atingida, duas vezes, por tiros de raspão nos braços, ao tentar se defender. Depois, mais dois tiros no ombro fizeram com que ela caísse alguns metros depois. O último disparo foi contra a cabeça. Silvia morreu na hora, sem chances de defesa e antes que pudesse ser socorrida.

09 - Rose – foi encontrada no 17 de dezembro de 2017, morta com marcas de espancamento dentro de um prédio comercial abandonado, na Avenida Argemiro de Figueiredo, no bairro Bessa, em João Pessoa. Estava sem documentos, mas foi reconhecida por comerciantes do bairro. A vítima perdeu muito sangue e tinha a maior parte dos ferimentos na cabeça. Ao lado do corpo foram encontrados pedaços de madeiras sujos de sangue e há suspeita que os objetos tenham sido usados nas agressões. A travesti Rose era conhecida e bem quista no bairro, onde trabalhava como guardadora de carros em um shopping, ninguém foi preso.

10 - Larissa Paiva – a transexual Alemax Machado da Silva, mais conhecida como Larissa, de 25 anos, que atuava como Profissional do Sexo, no bairro, foi atacada e morta a pauladas por quatro pessoas, na manhã de 17 de dezembro de 2017, em Santana, na Zona Norte de São Paulo. A vítima foi morta a pauladas, dentro de um hotel da Rua Voluntários da Pátria. Um funcionário ouviu “fortes estrondos” vindos da garagem do estabelecimento e, ao descer para ver o que acontecia, encontrou a vítima caída, já sem vida, após ser atacada por quatro pessoas armadas com vigas de madeira. Segundo a Secretaria de Segurança Pública, os agressores ainda não haviam sido identificados.

11 - Kebeca G. de Souza – a vítima de 33 anos, foi assassinada em Via pública a tiros na madrugada de 16 de dezembro de 2017, em Gurupi, na região sul do Tocantins. Conhecida como Kebeca, era uma travesti e trabalhava como cabeleireira na cidade. Os dois autores do crime chegaram a uma moto, se aproximaram da vítima e atiraram no tórax dela. Os dois fugiram depois dos disparos. A vítima, que chegou a ser socorrida, não resistiu aos ferimentos e ninguém foi preso até o momento.

12 - Luna Shine – a travesti Luna de 27 anos foi assassinada com uma facada, dentro da casa onde morava, na manhã de 11 de dezembro de 2017, no bairro Soteco, em Viana. Luna Shine, como era conhecida, costumava fazer programas, e tinha acabado de atender um cliente quando foi morta. Segundo a polícia, ela e o cliente brigaram porque ele não tinha dinheiro para pagá-la. Durante a briga, o homem a esfaqueou. Ele ainda tentou fugir, mas foi preso em flagrante.

13 - Luany Aquamariney – moradora da maré, estava atrás do *stop time*, onde exercia seu trabalho de acompanhante, quando de repente parou um carro com vários homens, desceram do carro, covarde e brutalmente, espancaram-na, batendo em sua cabeça, chutes, socos, pauladas etc, deixando a vítima sem movimentação corporal, ficando estirada no chão por um bom tempo, esperando a ambulância. Foi levada para o hospital, onde ficou internada durante uma semana, e no dia 09/12/2017, não resistiu aos ferimentos chegando ao óbito.

14 - Sabrina Drumond – de São Luís do Maranhão, 40 anos, Presidente da Associação de Travestis e Transexuais do Maranhão, morta a facadas, em 2009.

15 - Camilee Gerin – de Campinas, do grupo Identidade: Grupo de Luta pela Diversidade Sexual. Morta a facadas e pauladas, em 2010.

16 - Raphaela Souza. – 32 anos Militante LGBT, travesti é morta com três tiros na cabeça em Vitória da Conquista, sudoeste da Bahia, 14/11/2018.

17 - Jéssica Pereira – tinha 23 anos, Travesti e prostituta, mais uma vítima da transfobia no Brasil. Na madrugada de 11 de agosto de 2017, ela foi asfixiada até desmaiar e trancada num quarto em chamas em um hotel de Alcântara, em São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro.

18 - Xaynna Shayuri Morganna – tinha 41 anos, conhecida como Lili, presidenta da Associação Grupo Gay de Cachoeira, Bahia. Lili coordenou sete paradas LGBT no município e coordenaria em 2018 a oitava edição. Lili foi assassinada a tiros, por três homens, que estavam em um carro, na beira do Rio Paraguaçu, próximo a uma das principais praças da cidade de Cachoeira – BA, em 02 de dezembro de 2017.

19 - Fernanda – tinha 40 anos, Travesti ‘Fernanda da biz’, foi assassinada em 08 de julho de 2018, na cidade de Rio Brilhante-MS, a 158 quilômetros de Campo Grande, foi esfaqueada por 80 vezes antes de ter a cabeça esmagada (apedrejamento). O corpo foi encontrado em uma estrada de terra, por um funcionário de uma usina.

20 - Gaby – No dia 26 de julho de 2018, a travesti foi assassinada a pauladas por suposto cliente que não quis pagar o programa, e pela cobrança da travesti ele veio a matar, o crime aconteceu na Rua 3, na estrada do engenho Bangu –RJ.

Nesse processo de dissertação, serão descritas algumas situações e histórias que foram observadas por mim, durante minhas visitas às TTS, nos locais nos quais as entrevistei, e conversas nos últimos dez anos (2008 a 2018). Como são esses lugares? Onde ficam esses lugares? Como é que é feito, ali, o atendimento ao público, ou seja, aos usuários do serviço das TTS? E como elas trabalham? Qual é a hierarquia da rua? E qual é a situação real em que essas travestis e transexuais vive e convivem nesses pontos de prostituição? E de que hora elas trabalham ou porque tem umas que chegam mais cedo e outras chegam mais tarde? O que são as montadas ou as siliconadas?

Pretendo com estas informações, levar o leitor a fazer uma viagem no tempo e espaço na rua de prostituição em Três Lagoas/MS, onde o número de profissionais em atuação nunca é estável, nesse sentido vou descrever o que é e como funciona essa rua de prostituição no município descrevendo todos os pontos, trazendo um mapeamento com o nome das ruas começando pela Avenida Capitão Olinto Mancini, no cruzamento da Avenida Ranulfo Marques Leal, o lugar conhecido como Cristo.

O ponto de partida da vivência e sobrevivência das TTS e de minha atuação no mundo da prostituição, na cidade de Três Lagoas, quando em meados de 2008, nas blitz educativas promovidas em conjunto com a equipe da Secretaria de Saúde e da Assistência do município, comecei na Avenida Ranulfo Marques Leal, onde se encontrava um grande número de travestis e transexuais em situação de rua e, também, de prostituição – falo em situação de

rua, porque quando eu as conheci sete (7) TTS moravam na rua e se prostituíam a noite, pois existia ali uma casa abandonada nas proximidades da fábrica Mabel, duas quadras antes, onde elas se abrigavam, moravam. Hoje, pelo que constatei, por meio dos relatos de algumas das TTS da época, no momento do mapeamento feito pela ONG, destas 07 (sete) TTS, somente 02 (duas) estão vivas, as demais estão todas falecidas, devido ao excesso de uso de drogas e, também, por não fazerem adesão ao tratamento do vírus HIV/AIDS, não se cuidarem e não ter uma vida saudável.

Apresento a seguir imagens da casa abandonada citada anteriormente.



Figuras 1 e 2: Fotos da casa abandonada que servia de abrigo para as sete travestis que moravam e se prostituíam, na rua em 2008, localizada na Avenida Ranulfo, esquina com a Rua Wilson Carvalho Viana Carvalho.

Fonte: Acervo pessoal

Historicamente, a rua de prostituição, Avenida Ranulfo Marques Leal, sempre esteve ali, começando no Cristo rumo ao Posto São Luiz (saída para o estado de São Paulo), e nesse tempo, no posto São Paulo, também na Avenida Ranulfo Marques Leal, esquina com a Rua Egídio Thomé, eram comercializadas drogas, como o crack e a cocaína.

Ali havia um grande número de travestis usuárias de drogas que se encontravam no referido posto. Tempos depois, o posto São Paulo foi interdito para reforma e os traficantes tiveram que migrar, não se sabe para onde. Essas duas travestis que estão vivas, as quais já me referi, encontram-se em situação de privação de liberdade, em presídios masculinos. Com o fechamento do posto para a reforma, as TTs novas que começaram a usar drogas migraram, também, para o posto São Luiz, junto com as mulheres que lá se encontram, sendo que 90% dessas mulheres são usuárias de drogas.

A rota de prostituição e drogas, até 2012, formava-se do Cristo até o posto São Luís, tendo ali cerca de 30 a 40 travestis, sendo elas, da mais nova até as mais velhas, transexuais,

travestis e as que aderem à filosofia transformista, que tem o codinome de montadas³ que é um vocábulo usado entre as TTs profissionais do sexo no município.

Dentre estas 30 travestis, estão as montadas que são os homossexuais que colocam acessórios femininos e peruca, mas não vivenciam a sexualidade travesti 24 horas por dia, mas estão na condição de travestis e trans somente no período noturno, como se estivessem fantasiadas de travesti, para poder fazer o programa e a comercialização dos seus corpos na rua de prostituição, uma vez que as próprias travestis e transexuais - que vivenciam a sua feminilidade 24 horas por dia - não aceitam que meninos gays ou meninos loverboys - que são garotos de programa – estejam no mesmo espaço delas com vestimentas masculinas, pois segundo as TTs, atrapalham o comércio, e que muitos dos clientes delas preferem a forma feminina.

As montadas não poderiam estar sem esse tipo de vestimentas ou apetrechos, como a peruca – que para as TTs é um apetrecho – e acabam denominando essa montagem como as gays montadas (esse é o nome que elas usam na rua de prostituição entre elas), como as TTs mais antigas Beatriz, Samanta, Raphaela Souza, e, claro, que tinha um custo essa rua para todas, mas principalmente para as recém-chegadas para estarem ali.

Nessa lógica, a rua de prostituição tem toda uma organização para a convivência e os trabalhos das TTs que se identificam com o ponto, pois chegam, olham e marcam seu território como horário de entrada e de saída. Algumas começam às 18 horas, outras às 19 horas ou 21 horas ou até bem mais tarde. Ao que relatam as TTs, os clientes saem do emprego vespertino e já aproveitam o ensejo de estarem ali, nas imediações, para fazer um programa rápido com elas; algumas preferem chegar às 19 horas, porque preferem a calada da noite; há aquelas que amanhecem o dia no ponto, enquanto outras trabalham até 00 hora, por acharem a madrugada mais perigosa do que o período noturno de trabalho.

Existe uma distribuição própria na Avenida ou rua de prostituição, entre as travestis, transexuais e as montadas, ficando a distribuição com a pioneira, por isso conhece todo o território, tendo-o demarcado de tal maneira que sabe, com propriedade, quem trabalha na quadra acima, na de baixo, na paralela e à sua volta, à direita e à esquerda, o que é dela ou não.

As TTs que desejam trabalhar no território desta pioneira têm de concordar com os combinados: o senso comum de preço entre as concorrentes; não se drogar; às vezes até

³ São os homossexuais que colocam acessórios femininos peruca, mas não vivenciam a sexualidade travesti e transexuais 24 horas por dia.

dividir o valor recebido; aceitar que – quando uma mesma esquina for dividida – somente uma loira e uma morena a dividirão; não ocorre o mesmo com o fator idade, pois se uma “quarentona” e outra com 20 anos permanecerem no mesmo ponto se tornam rivais. Quanto aos critérios envolvendo os clientes, só poderão parar cerca de 30 a 50 metros do ponto e, de lá, gritar à escolhida (loira ou morena).

Em meados de 2008, a distribuição das TTs era clara: as usuárias de drogas tinham o seu próprio ambiente, uma quadra; e tinham outros quatro pontos, nos quais ficavam marchando, fossem pela abstinência, fosse pela vontade de fazer um programa logo e rápido, porque o traficante estava ali perto e elas precisavam ganhar dinheiro para usar a droga de sua preferência, enquanto as demais, que não usavam drogas, dividiam os pontos com quem elas quisessem.

Para que haja a inserção de TTs novatas, neste território, elas precisam pedir licença, perguntar quem está no comando da rua – quem é mais velha ou se até mesmo há uma cafetina nessa rua de prostituição. Outra situação costumeira é a de as novatas terem de, após estipularem o local em que vão fazer o programa, explicar à hierarquia da rua os preços percebidos quanto ao sexo oral, o sexo anal e quanto é um sexo passivo e/ou ativo e, ainda, quanto é para sair com um casal e, também, ali já é informada onde tem os pontos de boar⁴ - que é um lugar escuro, isolado, utilizado pelas TTs para atender e fazer o programa sexual.

De igual modo, o boar tem a sua logística e o seu próprio código de conduta, no qual consta, por exemplo, o respeito de não se adentrar ao local, caso uma sujeita esteja atendendo um cliente, pois doutro modo o assustaria. Mas não existe só um boar, numa mesma rua de prostituição, são vários e, também há aqueles mais distantes, porque Três Lagoas é um município extenso, e tem bairros menos populosos como o bairro Nova Alvorada, o qual se estende até o Villa Alegre.

Quando as travestis estão de carro com o cliente, procuram o ponto mais distante para fazer logo o seu programa, a fim de voltar rápido para o ponto e, assim, ganhar seu dinheiro. Há ainda o motel Cupido – o que mais atende TTs: além da parceria de tolerância de tempo faz um amparo às TTs, concernente aos clientes mais abusados – geralmente são assim com as novatas.

Até 2012, havia muito crime de violência física entre elas. Contudo, após as intervenções da ONG, em parceria com algumas Secretarias do Município, tem-se o diálogo como meio de resolver mútuas pendências. Antes dessas intervenções, muitas TTs morreram,

⁴ É um lugar escuro, com mato ou não, isolado que é utilizado pelas TTs para atender e fazer o programa sexual.

como a Greice Kely, a qual veio a óbito devido a desentendimentos e disputas de poder, para tentar comandar a rua e, também, por conta de ponto, depois desse ocorrido houve uma extensão da rua de prostituição, na qual se abriram mais dois pontos: na Avenida Ranulfo Marques Leal – o ponto à frente da Mira – e o da Rancam.

Do Cristo até o hotel Mediterrâneo, na Avenida Ranulfo Marques Leal, na paralela e na perpendicular, são quatro pontos, onde se encontram só as montadas, porque elas não gostam de se misturar com as travestis e transexuais; infelizmente, as montadas – a que colocou prótese de seios, siliconou o bumbum e adere a hormonioterapia – não aceitam a presença de quem não deixou o cabelo crescer também, que não tem alongamento de mega-hair, e que não passaram por todo o processo a que se submeteram, pois elas acham que não sofreram tanto quanto. Na visão delas, as travestis e transexuais não se esforçaram nenhum pouco para estarem junto a elas, assim que façam seus programas noutro lugar.

Em contrapartida, as TTs também têm certa rixa com as montadas, visto que – na visão delas – não precisam se produzir demoradamente para que atuem profissionalmente, de modo que descansam mais rápido e podem, ao mesmo tempo, ter mais chances de mercado, por estarem montadas.



Figura 3: Ponto de Prostituição nº 01. .
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 4: Ponto de Prostituição nº 02.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 5: Ponto de Prostituição nº 03.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura6: Ponto de Prostituição nº 04.
Fonte: Acervo pessoal.

Outro dado importante é o fato de que as montadas geralmente não seguem os padrões de preço estipulado na rua, cobram mais barato para fazer programa com os clientes no **boar** que é o motel da natureza (mato), que também é utilizado por elas para as suas necessidades fisiológicas.



Figura 7: Boar das montadas n. 01.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 8: Boar das montadas n. 01.
Fonte: Acervo pessoal.

Nesse sentido, as TTs da Av. Ranulfo Marques Leal, quando precisam e têm a necessidade de se abrigarem das intempéries da natureza, como a chuva, tem a loja Localiza que fica na referida Avenida, e que tem uma laje em frente coberta por um toldo de plástico, é ali que todas são obrigadas a estarem juntas devido à chuva, pois geralmente chove muito no período de dezembro a fevereiro, e nesse período, há um combinado entre elas de estarem sempre juntas. Tem também o grupo que fica no Mira e o grupo que ficava dentro do posto São Paulo, mas como atualmente o guarda do posto não permite mais que as tts fiquem lá, elas ficam no ponto de ônibus em frente ao Parque de Exposição, que também é na mesma Avenida, só que ambos de frente um para o outro.

De todas as TTS, somente Raphaela Souza fica sozinha com o guarda-chuva embaixo da árvore, localizada nas proximidades da Avenida Ranulfo Marques Leal com a Rua Domingos Rimoli, já que ela não abre mão de estar ali com o seu guarda-chuva. E somente ela, Raphaela Souza, que é conhecida do pesquisador deste trabalho, que há 10 anos vem desenvolvendo o trabalho nas blitze educativas, permitiu este conhecimento. Ela gosta de trabalhar dessa forma e não permite ninguém no território dela, o qual compreende o quadrilátero a partir do local onde fica: duas ruas a cima e duas ruas abaixo; da loja da Fiat e Chevrolet até o Motel Eros, e não permite dividir ponto, mesmo sendo um bairro populoso. Os moradores ali a aceitam e a respeitam, uma vez que ela também é moradora do bairro, e por conta dos vizinhos terem estima e respeito ao trabalho dela como profissional do sexo,

Raphaela Souza dividiu ponto somente com a Dandara dos Santos, durante dois anos, mas porque uma é loira e a outra morena com a mesma faixa etária.



Figura 9: Ponto de Prostituição n. 05.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 10: Ponto de Prostituição n. 06.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 11: Ponto de ônibus que serve de abrigo para as TTs Quando esta chovendo na Avenida Ranulfo Marques Leal.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 12: Faixada do Posto São Paulo depois da Reforma na Avenida Ranulfo Marques Leal.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 13. Ponto de Prostituição n. 07.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 14. Boar n. 02.
Fonte: Acervo Pessoal.

Na região da Avenida Ranulfo Marques Leal, localizam-se vários boares mapeados, como o das montadas, que é o mais utilizado, na Rua Evaristo de Almeida, localizado atrás da Localiza veículos na Avenida Ranulfo. Esse boar é um terreno baldio com casa do lado esquerdo e direito, porém sem muro; não há placas, as travestis invadiram esse lugar e ali fazem sexo, e esse boar todas as TTs podem utilizar, não tem hierarquia da mais velha nem da mais nova, quem chega lá primeiro sinaliza para a outra que tem gente, são parceiras nisso, já que nesse boar dá para entrar com carro, de moto, de bicicleta ou quem não quer entrar com carro ou com moto, deixa o veículo numa quadra atrás e entra a pé, praticam o sexo e tudo mais daquilo que a prostituição encara, só não é permitido o uso de drogas de forma alguma. Elas já sabem que o lugar não pertence ao grupo delas, das que são usuárias de entorpecentes.

Tem esse boar e uma quadra a frente tem outro boar, de esquina, e em frente a este tem outro boar, perto de uma zona batizada de Coca-Cola, pelo fato de estar perto da distribuidora da Coca-Cola que fica atrás.



Figura 15. Boar n. 01.
Fonte: Acervo Pessoal.

O boar da esquina é mais aberto, cheio de mato, árvores, esse é feio e o pior para as TTs trabalharem por conta do mato que não é roçado, é nojento, é feio, é asqueroso e, também, existe o inconveniente do guarda da zona de mulheres, pois quando ele escuta algum barulho, ele joga a lanterna pra ver quem é, mas vendo que são as TTs, ele não fala nada. Entretanto, nas minhas observações, o boar de maior frequência é o das montadas, por ser considerado um território livre, por conta de ter sido aberto pelas montadas, na rua que fica atrás da Avenida Ranulfo, para não serem oprimidas na rua paralela à referida Avenida, onde ficam as TTs, e na rua paralela ficam as montadas, local onde trabalham: Jack, Solange,

Marleninha, Silvia Gomes Marques, Carla, Kaila, entre outras, que não têm prótese de silicone mas se identificam como TTs. Já na avenida fica Dandara dos Santos, Larissa Valverde, Tabata Brandão, Samanta, Silmara, Raphaela Souza, Marcia, entre outras, que têm prótese de silicone e silicone no quadril, perna e bumbum.



Figura 16. Ponto de Prostituição n.º 08.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 17. Ponto de Prostituição n. 09.
Fonte: Acervo Pessoal.

Geralmente, todo o trabalho das TTs é desenvolvido ao relento nos boares, e não pode ser demorado, entre 15 a 20 minutos porque, na maioria das vezes, o próprio cliente quer terminar logo por conta da vigilância, da polícia ou por causa dos curiosos que jogam as luzes dos carros e motos, para saberem quem está ali.

O tempo demarcado serve para não atrapalharem as demais TTs, diferente do motel que é livre a questão do tempo e do preço cobrado, depende do combinado entre a TTs e o cliente, enquanto que no boar as TTs podem até fazer um desconto se elas assim o quiserem, e nas minhas conversas com elas observei que muitas fazem isso, dão descontos aos clientes quando usam o boar, e no motel não gostam de fazer o desconto, pois colocam que fica mais caro para o corpo delas, então elas se negam a dar o referido desconto; colocam que o sexo oral nunca é feito no motel por ser uma coisa rápida, por isso, preferem o boar ou dentro do carro mesmo, já o motel é usado mais para sexo com casais. Não existe histórico de sexo com casais em boar, eles gostam de motel ou casa, tem umas que atendem até mesmo na própria casa.

Tenho relatos comprobatórios de que Raphaela Souza é uma das que atende alguns clientes dentro de casa, os mais *vips*, por ser uma das mais antigas na rua de prostituição e já ter uma clientela fixa, ela atende na casa dela, pois tem um quarto montado e específico para o atendimento de clientes. Nessas imediações ainda existem uns boares mais longínquos, passando a Rua Egídio Thomé que, também, faz cruzamento com a Avenida Ranulfo Marques Leal, vem o ponto da Márcia, da Solange, Samanta, a Marleninha, a Camillee Gerin, a

Raphaela Souza que são as antigas da cidade; a Dulce não é antiga, mas ganhou espaço e trabalha ali próximo às mais velhas da rua, como profissional do sexo também.

Atrás da loja da Hyundai tem um boar que só é utilizado pela Samanta e pela Marleninha, onde é proibido outras TTs fazerem programa; elas não permitem, avisam que o espaço é delas. Outra que têm um boar só dela é a Raphaela Souza: a construção de um prédio próximo ao seu ponto, onde não permite que outras utilizem. A Selma, outra das mais antigas, também tem um boar próximo à Só Pedras, utilizado somente por ela, e ela paga para roçar ou capinar o seu ambiente de trabalho. Dulce, apesar de ter conquistado o direito de estar próxima às mais antigas, tem que procurar um lugar para atender os seus clientes, pois elas não a deixam usar os seus boares.



Figura 18. Ponto de Prostituição n. 10.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 19. Ponto de Prostituição n 11.
Fonte: Acervo pessoal.

Durante essa pesquisa pude constatar que não existe um tempo/horário específico para entrar ou sair da rua de prostituição, isso vai de cada TTs. Algumas dizem que só a partir das 21h, porque até esse horário ela gasta o tempo para se maquiar, se arrumar e fazer sua higienização pessoal. Também dizem, no vocábulo utilizado por elas, que esta é a hora do “meu ase” – conforto daquele período onde ela acredita que seja mais fácil de ganhar o dinheiro dela, ou seja, ganhar mais dinheiro – como, por exemplo, se é das 21 horas ou às 21h30min o horário que tem o maior movimento para elas, e várias pensam dessa forma, como, por exemplo, a Laissa.

Contudo, existem travestis que estão na rua às 18h, como Larissa Paiva, e vão embora só quando o dia amanhece; ela não tem problema com frio, com a chuva, com nada, isso é do organismo dela, bem como dos propósitos particulares que ela tem; outras vão embora por volta de meia noite, porque até esse horário as fábricas já liberaram os funcionários que saem por volta das 20 horas, outra às 22 horas, e as universidades que também liberam os acadêmicos por volta das 22 horas e 30 trinta minutos, e ainda existem muitas pessoas que

vêm de municípios de pequeno porte que são circunvizinhos de Três Lagoas, para fazer uma ou outra coisa na cidade, tornando-se, todas, clientes em potencial.

Nesse contexto, as TTs definem seus horários em concordância com a sua própria conveniência, o seu próprio conforto. Como código de conduta, respeitam o horário das outras (na ocupação do boar, por exemplo). Outro aspecto definido por elas é a tabela de preço, na qual elas especificam o valor de sexo oral, sexo completo, sexo com casal, etc. É uma norma. O cumprimento só ocorre, caso algumas delas sejam antiéticas.

Algumas situações embaraçosas, porém, acontecem como o fato de que alguns clientes, por vezes, comentam que há preço inferior entre elas, o que gera antipatia, desconfiança e confusão, a ponto de “irem para cima” da companheira de trabalho, cobrando que a hierarquia deve ser preservada na rua de prostituição.

As que se prostituem por preço promocional justificam que acabam se submetendo a preços inferiores porque ficam embaixo de árvores, marquises de fábricas ou lojas, esquinas, ruas e calçadas, encostadas em poste, encostadas nas paredes das lojas, enfim, em lugares sem prestígio e possibilidades de ofertar conforto ao cliente.

A Samanta, por exemplo, trabalha debaixo de uma marquise de concreto no Mira, transitando na calçada, de lá para cá; e a Raphaela Souza fica na calçada embaixo da árvore. Há aquelas que ficam em calçadas sem aborrecimento, como a Marleninha. São estas condições que permitem – segundo as que fazem promoção – o desconto.

O próximo espaço a ser desvendado é o da Avenida Clodoaldo Garcia, que foi aberto, em 2012, pela já falecida Mari, vítima de transfobia – a qual foi agredida brutalmente por mais de um homem e não se sabe até hoje a razão para tal ato, já que nos relatos da perícia registrou que ela fora encontrada tão machucada que um perito só levaria meses para findar o processo, por isso foram necessárias mais pessoas.

Mari morreu no boar aonde despejam os entulhos das caçambas – um espaço enorme na rua paralela à Avenida Clodoaldo Garcia; a mesma onde está localizada a zona de mulheres chamada Boate Noturna Casa Branca – o qual é dividido entre as TTs nos seus atendimentos sexuais.



Figura 20. Boar de prostituição n. 03.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 21. Boar de prostituição 04.
Fonte: Arquivo pessoal.

O território da Avenida Clodoaldo Garcia tem a particularidade de que as profissionais do sexo que ali trabalham, se denominam “bichas da Clodoaldo”, são elas que falam “eu sou uma bicha da Clodoaldo”.



Figura 22. Ponto de Prostituição n. 12.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 23. Ponto de Prostituição n.13.
Fonte: Arquivo pessoal.

Os pontos (ou a rua de prostituição da Avenida Clodoaldo Garcia) começam no Ginásio Municipal Cacilda Acre Rocha e termina no Posto Avenida. Isso para as TTs que não são usuárias de drogas. Depois desse território, encontram-se as mulheres cisgêneras de programa, traficantes e usuários de drogas, bem como as TTs e as montadas.

Cerca de 6 (seis) a 10 delas fazem uso de drogas, muitas vezes no meio da rua e nas calçadas que vão até a rotatória, no sentido posto Linhão Small, mais conhecido como Lagoão. Neste posto as mulheres, as TTs e as montadas convivem e fazem uso dos entorpecentes, no pátio do mesmo.

Este lugar – tido como a rua de prostituição das usuárias de drogas – não permite que as “caretas” (não usuárias) façam programas ali. Com relação ao uso de drogas, assim como a mesma forma em seus boares, é um costume que leva as “caretas” a olharem de modo estranho para as dependentes e a questionarem o que a outra está fazendo ali, pois é um local mais visado pela polícia, com batidas mais truculentas, onde os policiais já pegam mais

no pé delas, diferente dos outros pontos já citados, do ginásio de esportes até o posto Avenida, onde a polícia hoje passa dá uma boa noite, faz um mapeamento legal, mais afirmativo e protetivo.

Voltando à Avenida Clodoaldo Garcia – no ponto que começa no ginásio que se encontra na Rua Maria Guilhermina Esteves e se estende até o posto da Avenida na Rua Das Marias, e na rua transversal onde se encontram os boares.

Os pontos são estabelecidos todos na avenida, começando pela Canoa, no ginásio, com dois pontos, e não permite que nenhuma TTs fique nos seus pontos, sejam montadas ou não, nem mesmo a mais velha pode utilizar. Canoa não é uma TTS velha, mas por estar ali desde que era menor e ser uma das pioneiras em abrir o ponto da Clodoaldo, as TTs a respeitam, inclusive pelo problema de saúde da mesma, transtorno psicológico, e próximo ao seu ponto existe o boar exclusivo, num terreno baldio virando na Rua Maria Guilhermina Esteves ao lado de um lava jato.

De frente ao antigo CAPs - Centro de Atendimento Psicossocial, no ponto da Natália Pimente,l que o divide com a Luany Aquamariney, tem um boar num terreno baldio, porém fechado com muros e portões com cadeados, mas elas arrombam o cadeado e abrem. Nele, a Natália Pimentel só permite a Luany Aquamariney usar o local para atender os clientes. No entanto, permite que as montadas troquem de roupas ali e que guardem bicicletas e seus pertences pessoais; porém, por tempo cronometrado.

Nesse boar, que faz fundo com uma serralheria, à noite, é um motel clandestino para as TTS, tido como um *drayvym do sexo*; elas invadiram e o fizeram de camarim e tudo mais, inclusive colocaram cesto de lixo com sacolinha, para colocarem preservativos utilizados.



Figura 24. Ponto de Prostituição n.14.
Fonte: Acervo Pessoal.



Figura 25. Boar de Prostituição n. 05.
Fonte: Acervo Pessoal.

Mais à frente, tem o ponto das montadas que é o ponto da antiga gráfica Rímoli e que termina no ponto próximo, denominado por elas como o “ponto da arvinha” (não é Arvorezinha), dividido por cerca de 6 (seis) a 08 (oito) gays montadas. Elas ficam todas na arvinha, e falam “meu ponto da arvinha”. Ali, dividem o ponto a Luany Aquamariney, Luciana e a Verônica.

O ponto da Gaby, por sua vez, é só dela, pois não gosta de trabalhar com ninguém; prefere trabalhar sozinha. É uma travesti siliconada. O ponto no qual trabalham Fernanda e Letícia – uma de frente para outra – pois não trabalham juntas, porque Fernanda é loira e, Larissa Paiva, morena.

Quando a Larissa Paiva ficou loira teve que ir para o ponto que fica a 100 metros à frente, conhecido como ponto do peixinho (por simplesmente ter pintado o cabelo de loiro), mas foi respeitando o combinado. Na sequência, vem o ponto do Big Mart, o da borracharia, o qual compreende o mercado e a borracharia, este ponto é ocupado pela Dandara dos Santos.

O guarda do mercado não faz objeção, pelo contrário, eles até acham melhor que ela fique, porque depois que ela foi pra lá pararam de quebrar tanto os vidros dos carros, quanto o das lojas deles, essas coisas que acontecem de madrugada. Quando chove, a Dandara dos Santos fica dentro do posto e o guarda permite.



Figura 26. Ponto de Prostituição n. 15.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 27. Ponto de Prostituição n. 16.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 28. Ponto de Prostituição n.17.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 29. Ponto de Prostituição n. 18.
Fonte: Acervo pessoal.

E os boares - espaços ocupados pelas TTs, sejam elas montadas, travestis ou transexuais, para o atendimento a sua clientela, na rua de prostituição chamada Clodoaldo Garcia, na sua maioria são árvores, matos com areia e terrenos baldios, às vezes capinados ou não e, na maioria no tempo, quando chove tem um grupo que já se abriga no toldo do salão de beleza, o grupo da Larissa Paiva, outro grupo fica embaixo de duas árvores, mas quando tá muito forte vão para a borracharia. O grupo da Dandara dos Santos, que já faz ponto na borracharia, com o consentimento do dono, que até concretou um espaço para ela se sentar.



Figura 30. Boar de Prostituição n. 06.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 31. Boar de Prostituição n. 06.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 32. Boar de Prostituição n. 06.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 33. Boar de Prostituição n. 06.
Fonte: Acervo pessoal.

No processo de observação e conversas informais com as TTs nos pontos, elas me relataram que começam a trabalhar por volta das 18 horas, Larissa Paiva, Susye, Laissa. Quando não é horário de verão, por exemplo, elas vão para o ponto por volta das 17 horas e 30 minutos; ficam até amanhecer o dia e, nos finais de semana, bem como em época de pagamentos – a qual compreende o período dos dias 30 até o dia 10 – elas fazem esse teste de resistência na rua de prostituição, com a média de 12 clientes por noite, entre o sexo oral, passivo e ativo, e com casais. Em tempos de não pagamento, de segunda a quarta-feira, há uma média de quatro programas, às vezes nenhum, de quinta a sábado o fluxo aumenta. Mas, o domingo é o melhor dia e, geralmente, é nesse dia que tem mais profissionais do sexo na rua de prostituição, também.

No posto Linhão Small, mais conhecido como Lagoão, quem abriu o ponto de prostituição foi um gay chamado Tiago do Boticário, que com sua *bizz* vermelha ia para se prostituir com os caminhoneiros, que paravam no pátio do posto para pernoitar e, de manhã seguiam viagem para os seus destinos.

No início, ele os abordava quando estavam nas cabines dos caminhões, se arrumando para dormir e, nesse momento, ele oferecia o serviço. Por isso, logo ficou conhecido entre os viajantes, não precisando mais abordá-los, pois quando Tiago chegava e ia para o pátio, próximo aos caminhões, não demorava muito para solicitarem seus serviços.



Figura 34. Ponto de prostituição n. 19.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 35. Ponto de prostituição n. 19.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 36. Ponto de prostituição n. 19.
Fonte: Acervo pessoal.



Figura 37. Ponto de prostituição n. 19.
Fonte: Acervo pessoal.

Logo após a sua partida, as TTs que ficam próximas à rotatória – que são usuárias de drogas – começaram a trabalhar no ponto, como a Andreia, Dedé, Zaira, Mirela, Bailarina, Jenifer e Valesca – as quais se encontram privadas de liberdade – entre outras. Tidas como as noiadas⁵ se apoderaram do espaço e não gostam que outras TTs que não fazem uso de drogas estejam no local.

Uma das observações feitas neste ponto é que, entre elas, não tem nenhuma com prótese de silicone no seio ou com aplicação de silicone no bumbum, o que levou à pergunta do porquê elas não investiram nos seus corpos. Algumas responderam que a droga as acalenta e não cobram nada delas, mas se identificam como travestis, com cabelos compridos e vestimentas femininas, 24 horas por dia, por mais que tenham a aparência masculinizada, e que ninguém é obrigada a ser bonita e ser feminina para ser uma travesti ou se identificar como tal; para elas, no seu dia a dia, se identificam como mulheres ou travestis.



Figura 38. Ponto de Prostituição n. 20.
Fonte: Acervo pessoal.

⁵ TTs que são usuárias de drogas.

Contudo, o Posto é um lugar sombrio, escuro, isolado, porém muito movimentado, por ser na BR e estar situado de um lado, na saída para Campo Grande, e do outro, na saída para o estado de São Paulo e para o município de Brasilândia, um lugar onde os traficantes dominam. As travestis não têm vergonha de estarem ali, e todas as lâmpadas do pátio foram quebradas, totalmente no escuro, mas é nessa situação que muitas delas acabam dormindo no território, devido ao excesso de uso de drogas e da bebida alcoólica que ingerem e chamam de banquinha – composta de pinga com suco dentro – ou seja, com isso elas trabalham a noite inteira ou até na hora em que o corpo não resiste e dormem.

No posto Lagoão não existe boar próximo, pois o mesmo é cercado de Hotéis, Restaurante, Motéis e uma boate chamada castelinho (casa de prostituição de mulheres). Entretanto, os programas são efetivados no motel, no matagal distante, que existe sentido bairro, ou fazem no posto mesmo dentro dos carros ou caminhões.

Uma observação interessante é que as TTs ditas **noiadas** são as que mais se utilizam do motel, por que os clientes quando procuram as TTs usuárias de drogas, elas vão para o motel e permanecem lá por cerca de duas a três horas, e nas imediações do posto são quatro motéis, o Whigs, o A2, o Tropical e o motel Karibe. Sendo assim, são as TTs que mais dão lucro aos motéis próximos ao posto Lagoão, pois o cliente que faz uso da droga procura as TTs usuárias para companhia na droga e são os que pagam bem e não reclamam do preço.

Os clientes usuários, quando recebem o pagamento, vão de bicicleta, de carro ou moto e não enxergam a beleza, mas, sim, a companhia. Eles sabem que ali são usuárias de drogas, contratam o programa com uma, às vezes com duas TTs usuárias e vão para o motel que, em sua maioria, faz vista grossa quanto a isso. Os clientes usuários de drogas geralmente não são agressivos com elas, diferentemente dos clientes que fazem uso do serviço das TTs que não são usuárias, segundo alguns relatos são mais agressivos.

As TTs que atuam nos Postos estão melhores servidas na questão estrutural que as outras, onde os carros podem entrar e sair sem problemas, usam os banheiros do recinto para as suas necessidades fisiológicas e higiênicas, entre uma bebida ou outra, sem contar a própria segurança pessoal por estarem num local mais seguro do que na rua.

No entanto, observei que mesmo conhecendo os métodos de se cuidarem com o uso do preservativo, muitas delas, fazem sexo oral sem preservativos, ou quando alguns clientes pagam a mais para transar sem o uso do mesmo, algumas aceitam pela vontade de fazer um dinheiro rápido para o uso da droga, ficando expostas as doenças como herpes, sífilis, gonorreia e DST/AIDS, enquanto as outras TTs que não fazem uso de drogas se previnem e, na sua grande maioria, não aceitam fazer sexo sem preservativo, têm a visão do que são as

doenças e as limitações que podem ocorrer com elas ao fazerem sexo sem preservativo. Outra situação preocupante é que a maioria das TTs no município, que são profissionais do sexo, já fez e faz aplicação de silicone industrial no bumbum e em outras regiões do corpo.

Outra curiosidade, que surgiu nesse período de imersão etnográfica no mundo das profissionais do sexo é que as TTs quando menores, na fase pré-adolescente, adolescente e parte da fase adulta, que se identificam como TTs, já têm o entusiasmo e a curiosidade de estar na rua de prostituição, porque quase 90% delas acredita que a rua de prostituição realmente é lugar de TTs, pela sua condição e pela falta de trabalho devido ao preconceito e a construção do corpo. E quando se trata da questão de direitos, observei que poucas contribuem com a previdência social, apesar de terem conhecimento sobre o assunto e da necessidade de um auxílio-doença, caso aconteça algo com elas como um tiro, uma facada, uma pedrada, já que ninguém está livre desses acontecimentos. As que contribuem com a previdência social são: Berta, Raphaela Souza, Luiza, recolhem como cabeleireira, Dandara dos Santos como faxineira, Larissa Valverde como vendedora, Natália Pimentel como decoradora.

Quanto às relações sociais, onde existem vizinhos e em alguns locais quando da abertura dos pontos, as TTs tiveram alguns problemas com aceitação, por estarem ali, próximas a casa deles, ou na frente do comércio, mas com o tempo os vizinhos começaram a conviver e começaram a ver que o fato delas estarem ali, para eles é benéfico, uma vez que as mesmas fazem seu papel de profissional do sexo e, ainda, cuidam da casa ou comércio deles, fazem o papel de vigilantes no período que ficam ali, não deixando ninguém zoar o seu local de trabalho. Foi assim que foram conquistando a tolerância, a aceitação, e o respeito dos vizinhos, passando a ter uma convivência pacífica e harmoniosa entre ambos.

2.2 Identificação e abordagem das sujeitas da pesquisa.

As observações já descritas e as interlocuções feitas com as tts sujeitas da amostra deste trabalho, ou seja, as travestis e transexuais (TTs), atendidas nas ruas do município de Três Lagoas-MS, por meio da Organização Não Governamental (ONG) Associação Três-lagoense de Gays Lésbicas e Travestis (ATGLT), possibilitou-me maior familiaridade, aproximação e assim, maior confiabilidade nos resultados obtidos.

Identificadas quem seriam as entrevistadas, foi feito o esclarecimento a cada uma sobre o objetivo da pesquisa, a necessidade da gravação e a questão do sigilo, bem como a

participação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o qual autoriza a apresentação de resultados da pesquisa na dissertação de mestrado, bem como em congressos, eventos científicos e publicações, porém sem identificação de nomes ou identidades.

Por isso, selecionei as entrevistadas para a pesquisa, utilizando como critério de inclusão o fato das mesmas serem profissionais do sexo do segmento de travestis e transexuais. Diante disso, o primeiro contato com as sujeitas foi feito meses anterior à aplicação da entrevista, com o intuito de apresentar o propósito do trabalho que se pretendia realizar junto a elas, e pelo fato de participarem de algumas ações educativas promovida por organizações governamentais e não-governamentais, como também atuar em uma das entidades do movimento LGBT que atua junto as mesmas, nos locais onde trabalham ou seja nas ruas de prostituição de município. Ressalto que a aproximação do pesquisador com as sujeitas foi abreviada com o auxílio de uma das entrevistadas, do segmento transexual, já conhecida do pesquisador e das TTs, e que não houve recusas, resistências e/ou desistências aos convites no primeiro momento. A dificuldade encontrada foi a de adequar os horários das entrevistas por várias vezes, por falta de transporte, por esquecimento, ou por trabalhos que apareceram de última hora. Contudo, o horário da entrevista foi feito de acordo com a disponibilidade das entrevistadas respeitando, rigorosamente, os horários estabelecidos pelas mesmas, seja, no período matutino, vespertino ou noturno.

Para as entrevistas, embora eu tenha acesso a esses espaços tanto de dia quanto a noite, muitas das interlocutoras preferiram ser entrevistadas em casa, no espaço da ONG, casa de amigas, porque lá no ambiente fui visto como alguém que atrapalharia o trabalho, e que como elas geralmente terminam na madrugada ou no amanhecer, também mesmo eu estando lá disponível para fazer as entrevistas, tinha a questão do cansaço e, muitas delas, olharam com desconfiança o fato de eu estar lá nesses horários e gravando no ambiente de trabalho delas. Por isso, dei a elas o direito de escolher o local para a entrevista mesmo eu estando no espaço conhecendo e acompanhando o trabalho delas.

A escolha do local para a gravação da entrevista foi de caráter pessoal das TTs, uma vez que as mesmas se sentiam incomodadas com a entrevista no seu local de trabalho alegando que poderiam ser atrapalhadas, uma vez que os clientes, ao me avistarem, não parariam para fazer programa com as colegas de trabalho, e o barulho e as brincadeiras das colegas de ponto poderiam atrapalhar a concentração na hora das respostas. Assim, a metodologia adotada permitiu que elas escolhessem um local para as entrevistas, e, algumas foram feitas na sede da ONG, na casa de amigas e outras nas próprias residências. Todas as

participantes são/eram moradoras de Três Lagoas, num total de 20 (vinte) TTs, na faixa-etária entre dezoito e quarenta anos.

2.3 A entrevista como fonte de coleta das narrativas.

Com base em aspectos da abordagem qualitativa, recorremos aos procedimentos da pesquisa documental e bibliográfica. Para a pesquisa de campo, utilizei como técnica para coleta de dados o uso da entrevista com roteiro semiestruturado (APÊNDICE A), o qual foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS, conforme Parecer Consubstanciado n. 2.362.609 (ANEXO A). A escolha pela entrevista semiestruturada, nesta pesquisa, teve como objetivo dialogar, a partir das narrativas das sujeitas, com suas experiências e histórias de vida.

De acordo com Marconi e Lakatos (2008, p. 80);

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

O roteiro da entrevista pautou-se em 31 (trinta e uma) questões previamente definidas, porém, flexíveis, dado que o pesquisador deixou as entrevistadas à vontade para discorrerem sobre o assunto e outras questões que considerassem relevantes durante a entrevista. No roteiro semiestruturado da entrevista, constam perguntas focadas na trajetória de vida das TTs. No primeiro bloco iniciei com perguntas introdutórias e de identificação, a partir das quais as sujeitas puderam falar livremente. No segundo bloco, direcionei as perguntas para captar narrativas sobre as relações pessoais e o processo de transformação identitária. O terceiro bloco de perguntas foi direcionado a identificar os discursos das relações sociais, do trabalho formal, e do trabalho como profissional do sexo. No quarto bloco, de perguntas busquei captar os discursos discriminatórios percebidos nas relações sociais e de trabalho. O quinto bloco de perguntas foi direcionado a captar os discursos de discriminação e violências vivenciadas pelas TTs na sociedade atual.

Para a realização das entrevistas, cumpri as etapas sugeridas por Lüdke e André (1986), que vão desde o contato inicial com as entrevistadas, a formulação das perguntas, registro das respostas e, sobretudo, a observação e o ato de ouvir, levando ambos a um

relacionamento recíproco, de confiabilidade, entre quem pergunta e quem responde evidenciado. As entrevistas foram previamente agendadas por telefone, e-mail, redes sociais e pessoalmente, realizadas ora na sede da ONG ou nas dependências de residências escolhidas pelas entrevistadas como já descrito anteriormente. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e categorizados os conteúdos das respostas obtidas para a análise das narrativas. Durante a entrevista, todos os aspectos éticos foram reiterados, a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE), assinado pelas entrevistadas.

2.4 Análise de dados

[...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2014, p. 9-0).

A análise dos dados coletados dar-se-á atendendo aos questionamentos e objetivos da pesquisa a partir dos procedimentos metodológicos adotados, organizando as respostas/enunciados, divididos em grupos discursivos.

O percurso na construção desse trabalho tem em seu bojo teórico como principal referência, Michel Foucault (1998), (1999), (2008), (2014). Mas neste caso, faz-se necessário ressaltar que optei por trabalhar com uma abordagem discursiva, que difere da análise do discurso propriamente dita. De acordo com Orlandi (2005), esse tipo de pesquisa envolve a análise de elementos como o interdiscurso, a metáfora, a polissemia, coisa que não farei, pois a análise estará focada nas práticas discursivas produzidas pelo discurso, suas implicações prováveis e até improváveis efeitos de sentido do discurso na vida das travestis e transexuais escolhidas para essa pesquisa. Desse modo, utilizarei o enunciado de Foucault (2008) e o recorte de Orlandi (2005).

A Análise de Discurso se deu pela necessidade de estudar a linguagem do homem, através de fatores sociais, históricos e políticos, com suas condições de produção. Segundo Orlandi, (2005, p.17-21), discurso é ritual da palavra, ou seja, discurso é: “[...] é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”, ainda diz mais: “[...] o discurso é feito de sentidos entre locutores”. Todas essas indeterminações do sujeito com a linguagem acabaram por se

encontrar e se determinarem entre si culminando com a historicidade dos mesmos. Nem todos esses/as sujeitos/as estão aptos a captar essa determinação, é como se ela já estivesse lá, sempre pronta. Porém, a autora específica que é designado para esta tarefa, “[...] interpretar essa determinação entre a linguagem e o sujeito”, um corpo social ao qual fazem partes tais como: juízes, professores, padres, advogados, etc.

Nesse sentido, o filósofo salienta que a produção discursiva existente na sociedade está arraigada nas microrrelações de poder, é controlada, selecionada, organizada, mas não neutra.

[...] Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso--como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que , pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar. (FOUCAULT, 2014, p. 9-10).

Essas reflexões possibilitam pensar os discursos e as verdades que circulam na sociedade contemporânea, e nos mais diversos campos do saber, como práticas que constroem aquilo que falam, tendo em vista que somos expostos, diariamente, a esses discursos que são responsáveis por formar nossa identidade enquanto sujeitos.

Nesse sentido, o discurso não é único, não está só, e possui uma ligação com outros discursos, e é constituído pelas relações dos sentidos. Para Orlandi, (2005, p. 39): “[...] Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto, nem ponto final para o discurso”, já que o sujeito que produz o discurso o experimenta antes de colocar para o seu receptor.

Nessa perspectiva, Orlandi afirma que a relação de forças entra quando o sujeito usa o mecanismo de experimentar e de ouvir sua própria produção discursiva (argumentação) por antecipação:

[...] Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junta

aos fiéis, etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (ORLANDI, 2005, p. 39-40)

Foucault traz em suas obras o discurso como um dos temas centrais do ponto de vista metodológico. Ele busca definir um modo de análise histórica da linguagem, uma descrição da linguagem que ele define como enunciado ou formações discursivas. O enunciado para Foucault:

[...] Não pode ser isolado como uma frase, uma proposição ou um ato de formulação. Descrever um enunciado não significa isolar e caracterizar um segmento horizontal, mas define as condições nas quais se realizou a função que deu a uma série de signos [...] mas como um jogo de posições possíveis para um sujeito [...] mas como uma materialidade repetível. (FOUCAULT, 2008, p. 123).

Diante desse contexto sócio-histórico e dos paradigmas sociais existentes, é que o sujeito utiliza-se das regras de projeção, nesse sentido, a ação desse sujeito passa da situação de “como está inscrito na sociedade”, para posicionar-se como “sujeito no discurso”. Entretanto, todos esses mecanismos são mecanismos imaginários e envolvem a língua (que é a material) e a formação social (que é institucional), que produz imagens desse sujeito. Nesse sentido Orlandi (2005, p. 40) expõe que:

[...] Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim, a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?), mas também do sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É, pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. E se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo, pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu locutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante.

Sendo assim, o discurso não é carregado apenas de palavras que são utilizadas na fala, pois há relações dos sentidos, significação, contexto histórico e social e há o posicionamento do sujeito quanto à produção do mesmo e seus efeitos sobre o sujeito interlocutor. O enunciado pode ser compreendido como um fato produzido por um sujeito, em um determinado tempo sócio-histórico, com determinadas regras que possibilitam que ele seja anunciado, e esse discurso, influencie e modifique a realidade.

Os modos como funcionam as concepções de Foucault sobre discurso, podem ser

vistas, na obra *A Ordem do Discurso* (2014), indicando que o discurso é produzido em meios às relações de poder na sociedade. Ainda sobre o discurso nos estudos da História da Sexualidade volumes I (1999) e II (1998), Foucault trata do discurso como formador da subjetividade, pois o discurso conecta o sujeito à verdade, mostrando ainda que as práticas discursivas e não discursivas estão conectadas, e ao descrever essas práticas, percebe-se que é possível estabelecer relações entre os discursos e o poder como uma forma de investigar o que foi dito, e procurar referentes ou buscar interpretações das verdades e sentidos reprimidos.

Conforme observado nos estudos sobre o termo ideologia, Orlandi (2005, p.43), compartilha o conceito de que ideologia é: “[...] As formações discursivas que, por sua vez, representam no discurso, as formações ideológicas”, e essa ideologia não está nas palavras, mas no ato de materialização do discurso pelo sujeito, e na consequência do mesmo para o outro (sujeito interlocutor).

De acordo com Orlandi (2005, p. 43), a noção de Formação Discursiva na Análise de Discurso, mesmo ainda que polêmica seja básica: “[...] pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”. E nessa perspectiva o olhar do analista deve observar as condições e o contexto sócio-histórico, em que o referido discurso foi produzido, para que possamos compreender o seu funcionamento e os seus diferentes sentidos.

Busca-se, a partir das teorias de Foucault e dos estudos de Orlandi (2005) e de outros estudiosos, apontar suas concepções de discurso, além de uma aproximação com os conceitos de enunciado, enunciação, formação discursiva, que aparecem em seus escritos, pontos estes, que devem ser compreendidos ao mesmo tempo.

Foucault argumenta que os discursos não são, portanto, resultado da combinação de palavras que representam as coisas do mundo, mas que estão apoiados em conjuntos de signos, o que não significa que sejam somente signos, elementos que remetem a conteúdos ou representações. “[...] O que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2008, p.55).

De acordo, com o Foucault (2008, p. 132-133) o discurso pode ser entendido como;

[...] um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência.

Assim, pode-se inferir que o discurso é constituído por diversos enunciados, sendo importante trabalhar com a realidade da sujeita. Além disso, um enunciado, segundo Foucault (2008), é constituído por enunciações. Nesta perspectiva, é necessário compreender os conceitos de enunciado, enunciação e formação discursiva de que trata o filósofo, pois estes aparecem em quase todas as formulações sobre discurso em suas obras.

Orlandi (2005, p.45), ressalta que as palavras iguais podem trazer sentidos diferentes e cabe a quem está analisando: “[...] remeter o dizer a uma formação discursiva, (e não outra) para compreender o sentido do que ali está dito”. Outro fator importantíssimo para a Análise de Discurso é a metáfora, ou a transferência de sentidos de uma palavra. Ou seja, é dentro deste contexto que se encontram, também, o já dito e esquecido, ou a sustentação da memória (aquele que você utiliza e acredita utilizar pela primeira vez, sem o ser). Aquele dizer presente (do momento) que sustenta a memória (o já dito, ausente). É o interdiscurso determinando o intradiscurso.

O conceito de enunciado se dá pela condição de existência do sujeito podendo aparecer como se fosse uma fala ou como se fosse uma população de enunciados em unidades como frases, proposições, atos de linguagem. E, logo que o problema se coloca, o enunciado não se confunde com este, pois, além disso, ele é um acontecimento discursivo real da comunicação verbal. Foucault procurou delimitar as fronteiras que distinguem o enunciado, utilizando-as além de outros aspectos, para diferenciá-lo do todo, são as unidades de comunicação/interação entre os sujeitos ou dos conjuntos de discursos.

[...] como um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso. (FOUCAULT, 2008, p. 90).

A enunciação é vista como um processo refere-se a um ato pelo qual um sujeito falante (locutor) se apropria da língua por sua conta, e que coloca como verdade ao sujeito que escuta (receptor). Deste modo, um enunciado pode ser composto por várias enunciações.

Também faz parte deste contexto o silêncio, que é uma forma do não-dito (mas, presente), esse silêncio é apresentado por Orlandi, por etapas, o silêncio fundador que é o:

[...] silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro. Mas, há outras formas de silêncio que atravessam as palavras, que “falam” por elas, que as calam. Desse modo distinguimos o silêncio fundador (que, como dissemos, faz com que o dizer

signifique) e o silenciamento ou política do silêncio que, por sua vez, se dividem em: silêncio constitutivo, pois uma palavra apaga outras palavras (para dizer é preciso não-dizer: se digo, "sem medo" não digo "com coragem") e o silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer: numa ditadura não se diz a palavra ditadura não porque não se saiba, mas porque não se pode dizê-lo. (ORLANDI, 2005, p.83)

Faz-se necessário salientar que é de total responsabilidade do analista captar o que realmente deveria/caberia dizer, porém não o fez, trocando as palavras pelo silêncio, cabe ao analista identificar as palavras cabíveis a aquele ato de silenciar. Para todo esse processo, se fará necessário que o analista se utilize da teoria e do método oferecido pela Análise de Discurso, o que levará a diferentes indicadores, como apresenta Orlandi (2005, p. 84).

[...] Esses são os indicadores das diferenças entre, por exemplo, uma posição pragmática, uma posição enunciativa e uma posição discursiva. Não é do mesmo não dizer que estamos falando em cada uma dessas teorias. E a maneira de analisar o não dito, em cada uma delas, difere e dá como resultado conclusões diferentes, com consequências diferentes a respeito de nossa compreensão dos sentidos e dos sujeitos em sua relação com o simbólico, com a ideologia, com o inconsciente.

Não podemos deixar de enfatizar que, na concepção da autora, o discurso é efeito de sentidos entre locutores, e que o silêncio é/faz parte desse efeito de sentidos. Em outras palavras, silenciar não é calar, o silêncio fala.

Foucault, sugere que se deve apenas ficar no nível das coisas ditas. Desta maneira, não se busca o que está por trás dos enunciados, suas significações ocultas, mas, simplesmente o que está dito e os efeitos que dele advém. Assim, a análise de um enunciado não se sustenta em “[...] qualquer interpretação: às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não-dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 124).

Observe-se que a partir dessas formulações, algumas categorias de análise auxiliam a entender melhor o discurso e o que se pretende evidenciar nele, como: identidade, ideologia e problematização. O comprometimento com o sentido e com o político não nos permite uma interpretação. Sobre a interpretação, Orlandi (2005, p. 25) deixa claro a sua posição ao afirmar que:

Nessa conjuntura, toda leitura precisa de um artefato teórico para que se efetue: Althusser escreve sobre a leitura de Marx, Lacan propõe uma leitura de Freud que é um aprofundamento na filiação da Psicanálise, Barthes considera a leitura como escritura, Foucault propõe a sua arqueologia. A leitura mostra-se como não transparente, articulando-se em dispositivos teóricos.

A linguagem concebida e observada pela Análise de Discurso é que fornece respaldos para que esse sujeito se sinta alicerçado em sua produção existencial humana, ou seja, a Análise de Discurso trabalha com a língua do mundo, aquela que forma e transforma a sociedade. Entretanto, conforme destaca Orlandi (2005), o sujeito acredita ser “dono” de seu discurso e que esse discurso é inédito e único. Isso não é verdadeiro, e ao mesmo tempo o é, pois esse homem (sujeito) é: “[...] um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento” (ORLANDI, 2005, p.50).

O que se busca ao analisar um enunciado é compreendê-lo na singularidade e estreiteza da situação em que se coloca perceber as relações com outros enunciados, a que pode estar conectado. Foucault ainda aponta que ao olhar um enunciado, devemos ter em vista identificar:

[...] o que se descobriu foi uma função que se apoia em conjuntos de signos, que não se identifica nem com a aceitabilidade gramatical, nem com a correção lógica, e que requer, para se realizar, um referencial (que não é exatamente um fato, um estado de coisas, nem mesmo um objeto, mas um princípio de diferenciação); um sujeito (não a consciência que fala, não o autor da formulação, mas uma posição que pode ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos indiferentes); um campo associado (que não é o contexto real da formulação, a situação na qual foi articulada, mas um domínio de coexistência para outros enunciados); uma materialidade (que não é apenas a substância ou o suporte da articulação, mas um *status*, regras de transcrição, possibilidades de uso ou de reutilização) (FOUCAULT, 2008, p.130).

Ao considerar o enunciado e analisar as enunciações sobre os discursos das tts, presente no material colhido evidencia-se singularidades nas narrativas que ocupam o lugar da sujeita que pode dizer o “verdadeiro” sobre as discriminações e violências sofridas por elas. Como denominou Foucault, estas sujeitas fazem parte de uma “sociedade de discursos”, que autoriza algumas sujeitas a dizer verdades sobre determinado assunto e desautoriza outras. Na obra **A Ordem do Discurso**, o autor discorre sobre a produção e circulação dos discursos em lugares restritos e afirma: “[...] verdades assim apoiadas sobre um suporte e uma distribuição institucional, tendem a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 1996, p. 17). Dessa forma, devemos colocar em questão a posição das sujeitas que falam e descrever os lugares institucionais em que os discursos estão situados.

No intuito de analisar as regularidades na ideia de linguagem produzida pelo sujeito, o observador analista deve relacionar a linguagem com a exterioridade desse sujeito que a utiliza. Para Orlandi (2005, p. 16), é por esses fins que o observador: “[...] articula de modo particular conhecimentos do campo das Ciências Sociais e do Domínio da Linguística”. Fazendo uma reflexão sobre a epistemologia, a psicologia e a filosofia do conhecimento empírico. Desse modo, acredita-se que é impossível de se observar/estudar a história e a sociedade, separadas do discurso. Isso significa que na concepção da autora, existe uma pluralidade contraditória de filiações sócio-históricas, que uma mesma palavra possui outros significados, e que a mesma depende da posição da sujeita e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva.

Para Orlandi (2005), cabe ao olhar/ouvido do analista essa identificação dessa sujeita e dessa relação que o mesmo possui com sua memória. A autora considera que o analista deve focar dois pontos na análise:

[...] a) em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto da análise, isto é, o sujeito que fala, interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise; b) em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação. Por isso é necessário introduzir-se um dispositivo teórico que possa intervir na relação do analista, produzindo um deslocamento em sua relação de sujeito com a interpretação: esse deslocamento vai permitir que ele trabalhe no entremeio da descrição com a interpretação. (ORLANDI, 2005, p.60-61)

Destarte, outras podem ocupar este lugar de sujeita do enunciado sobre os discursos discriminatórios transfóbicos: professores, pais, psicólogos e os profissionais da educação, o que caracteriza este segundo elemento apontado por Foucault: o enunciado possui um sujeito. Vemos o fato de que o enunciado não existe isoladamente, mas relacionado a outros enunciados, do mesmo discurso ou de outros. Tal condição ficou evidenciada nas narrativas das TTs entrevistadas, quando verifico a importância que os autores atribuem a outros saberes que justificam o uso do discurso para exercer o micro poder em suas relações sociais. Neste cenário, considero que os discursos discriminatórios transfóbicos podem trazer impactos significativos, e tem um papel fundamental para os fatores psicológicos e sociais na vida das TTs, que envolvem a questão da sua identidade e do seu desenvolvimento enquanto ser social.

De acordo com os apontamentos de Orlandi, em seus escritos, para que o analista atinja o ponto alvo da análise na fase interpretativa é preciso que ele:

[...] atravesse o efeito da transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. Esse dispositivo vai assim investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equívoco, na falha e na materialidade. No trabalho da ideologia (ORLANDI, 2005, p. 61).

Todo esse processo interpretativo ocorrerá mantendo as evidências e mantendo-se dentro dessa/na história e dessa/na língua. Orlandi (2005, p. 61-62) enfatiza que para que uma análise sustente o efeito desejado se faz necessário que:

[...] o analista produza seu dispositivo teórico de forma a não ser vítima desses efeitos, dessas ilusões, mas a tirar proveito delas. E o faz pela mediação teórica. Para que, no funcionamento do discurso, na produção dos efeitos, ele não reflita apenas no sentido do reflexo, da imagem, da ideologia, mas reflita no sentido do pensar. Isto significa colocar em suspenso a interpretação. Contemplar. Que na sua origem grega, tem a ver com deus, com o momento em que o herói a pensa. Contempla antes da luta: ele encara sua tarefa. Ele pensa. Em nosso caso, trata-se da teoria, no sentido de que não há análise sem a mediação teórica permanente, em todos os passos da análise, trabalhando a intermitência entre descrição e interpretação que constituem ambas, o processo de compreensão do analista. É assim que o analista de discurso “encara” a linguagem.

Em se tratando do *corpus* na concepção de Orlandi (2005), poderá se distinguir como experimental ou de arquivo, a forma/natureza que se constitui a linguagem desse *corpus* poderá ser: imagem, som, letra, etc., e não se deve em momento algum pretender o esgotamento dessa análise, pois, segundo a autora se é sabedor que: “[...] todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se pode recortar e analisar estados diferentes” (ORLANDI, 2005, p.62).

Segundo Foucault, a materialidade constitui o enunciado, pois este deve ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. E, “[...] o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização” (FOUCAULT, 2008, p. 118).

Esta materialidade do enunciado e a forma como ele aparece se dá na relação entre este e as enunciações possíveis, onde o enunciado se manifesta. No entanto, a materialidade a que os enunciados obedecem está fortemente conectada à instituição que o abriga, pois um enunciado pode parecer ser o mesmo ao se tratar de uma enunciação proferida por um cliente que procura as TTs na noite. Sendo assim, ao organizar múltiplos enunciados pertencentes à mesma formação discursiva, percebe-se uma regularidade entre as falas, e pode-se verificar que as enunciações, os conceitos e as escolhas temáticas têm a mesma formação discursiva,

não sendo definida pelas leis de uma língua, mas sim pela coexistência por meio dela.

Para isso, o analista contará com a ajuda da teoria, pois é ela que irá: “[...] reger a relação do analista com seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação” (ORLANDI, 2005, p. 64).

O resultado/resposta se dará em diferentes formas, isso dependerá da forma de como ele, o analista, manuseou seus recortes e de como efetuou suas leituras e de quais são seus objetivos analíticos diante de seu objeto de observação, esse mesmo objeto que poderá ser observado de vários ângulos pelo mesmo analista ou por muitos outros. A partir dos aportes teóricos propiciados pela análise do discurso foucaultiana, busquei identificar nas enunciações que compõem os discursos discriminatórios e as justificativas atribuídas a eles.

De início, dá-se o nome de superfície linguística ao material coletado para análise. A partir do momento que o analista averigua superficialmente (ou a primeira leitura com olhar científico), o mesmo objeto ocupará uma posição de discurso e passa a ser reconhecido como objeto discursivo. A este procedimento reconhece-se como de-superficializado ou materialização linguística.

No processo de análise sobre a discursividade, existem várias etapas praticadas e uma é o movimento de compreensão, no qual se pode estar fora do alcance dos efeitos e afetar linguística e ideologicamente, tanto a sujeita/falante quanto o analista, e, nesse domínio do conhecimento e argumentação Orlandi (2005, p. 66-67), afirma:

Nosso ponto de partida é o de que a análise de discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos. A transformação da superfície linguística em um objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão. Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do *corpus*, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho.

Observar é a parte primordial de análise, observar com o olhar científico, o de não crer ou de não se dizer satisfeito com a primeira resposta/hipótese, a construção, estruturação, de circulação, os gestos de leitura e tudo o que possa identificar sentido, todo e qualquer vestígio devem ser usufruído pelo analista, para que o mesmo tenha êxito sobre as questões ao/no processo discursivo. O processo de análise do discurso é um lugar de descoberta onde se constrói o conhecimento e define o sujeito na sua historicidade. A análise dos dados coletados se dará atendendo aos questionamentos e objetivos da pesquisa a partir dos procedimentos adotados para as respostas/enunciados, divididos em cinco blocos de análise, distribuídos

durante o processo de construção dos textos que compõe essa dissertação.

CAPITULO 3 – AS DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DE SI

Neste capítulo faço uma análise de discurso, qualitativa, de dados extraídos das respostas das informantes, concernentes à entrevista feita com roteiro semiestruturado com 20 TTs, com o intuito de dar destaque a narrativas que chamam a atenção dentre os discursos produzidos. Importante ressaltar que vários excertos das respostas, as quais fazem narrativas referentes à história de vida das entrevistadas (exemplo: as relações pessoais e o processo de transformação identitária; relações sociais, do trabalho formal, e do trabalho como profissional do sexo) ilustram o capítulo 4 como forma de justificar e comprovar diversos aspectos teóricos apresentados. No entanto, a riqueza de dados e a importância de cada um deles, me fez acrescer este capítulo no qual trato de todas as respostas obtidas. Para isso, essa análise obedeceu às premissas a seguir:

1. No primeiro bloco iniciei com perguntas introdutórias e de identificação, a partir das quais as sujeitas puderam falar livremente.
2. No segundo bloco, direcionei as perguntas para captar narrativas sobre as relações pessoais e o processo de transformação identitária.
3. No terceiro bloco, as perguntas foram direcionadas a identificar os discursos das relações sociais, do trabalho formal, e do trabalho como profissional do sexo.
4. No quarto bloco de perguntas busquei a captar os discursos discriminatórios das relações sociais e de trabalho.
5. No quinto bloco de perguntas foi direcionado a captar os discursos de discriminação e violências vivenciadas pelas TTs na sociedade atual.

Faz-se importante mencionar que cada item tem a ver, diretamente, com um grupo de perguntas-chave da entrevista e, por isso, foi realizado um roteiro para as perguntas das quais se estratificaram informações. Conforme afirma Teixeira (2003, p. 192), a análise dos dados de um trabalho científico é fundamental, por que “[...] é um processo complexo que envolve retrocessos entre dados pouco concretos e conceitos abstratos, entre raciocínio indutivo e dedutivo, entre descrição e interpretação. Estes significados ou entendimentos constituem a constatação de um estudo”.

Para a organização do material coletado nas entrevistas utilizei-me de tabelas, conforme orientação recebida, como ponto positivo para a exposição dessas informações, já que as mesmas representam a descrição estatística da aplicação da entrevista.

Na concepção de Ludke e André (1986); “os dados tabelados se prestam para duas

questões básicas: refletir sobre questões estruturais (quantidade de perguntas, o ritual de aplicação) e também sobre as próprias questões em duas instâncias: uma em suas especificidades e a outra enquanto conjunto de questões”.

Dessa forma, reuni parte dos elementos presentes nos relatos de cada participante e os indicativos de produção e representação dos discursos proferidos, escolhi alguns indícios de representações sociais por desvelar elementos significativos para os objetivos da pesquisa, com parte de alguns fragmentos discursivos e representativos das pessoas ditas diferentes-TTs.

Lopes (2009, p. 155) esclarece que “a associação das ideias que compõem o discurso de cada participante permite compreender os sentidos que estas elaboram acerca de suas experiências”.

Assim, mediante tal assertiva, apresento as análises realizadas a partir das configurações metodológicas referentes ao que anteriormente foi posto.

Bloco I – Respostas obtidas com as perguntas introdutórias e de identificação, a partir das quais os/as sujeitos/as puderam falar livremente;

Tabela I - Perguntas introdutórias e de identificação - Identidade de Gênero, Tempo que trabalha na noite, Idade, Escolaridade, Profissão, Renda familiar, Filhos/as, Religião/ Doutrina e Moradia.

Nº	Nome	Identidade de Gênero	Tempo que trabalha na noite	Idade	Escolaridade	Profissão	Renda familiar	Filhos/as	Religião/ Doutrina	Você mora
01	Dandara dos Santos	Travesti	26 anos	39	Ensino Médio Completo	Profissional do sexo	Em média Três salários mínimos	Não	Ateia (antes, evangélica).	Sozinha
02	Natália Pimentel	Travesti	4 anos	31	Ensino Médio Incompleto	Decoradora e Profissional do sexo	Em média R\$ 500,00.	Não	Católica	Mora com um amigo
03	Tabata Brandão	Transexual	10 anos	24	Ensino Fundamental Completo	Cabeleireira, Costureira e Profissional do sexo	Em média R\$ 5.000,00.	Não	Candomblé	Sozinha
04	Larissa Valverde	Transexual	4 anos	25	Ensino Médio Incompleto	Vendedora e Profissional do sexo	Em média R\$ 5.000,00.	Não	Evangélica	Sozinha
05	Bianca Gonçalves	Travesti	10 anos	31	Ensino Médio Completo	Hoteleiro e Profissional do sexo	Em média R\$ 2.000,00.	Não	Católica não praticante	Sozinha
06	Lorrany Oliveira	Travesti	9 anos	23	Ensino Fundamental Incompleto	Profissional do sexo	Em média R\$ 6.000,00.	Não	Sem religião	Outras Pessoas
07	Canoa	Transexual	9 anos	22	Ensino Fundamental Incompleto	Padeiro e Profissional do sexo	Em média R\$ 1.000,00.	Não	Umbanda	Sozinha
08	Silvia Gomes Marques	Travesti	8 anos	31	Ensino Médio Completo	Profissional do sexo	Em média R\$ 3.500,00.	Não	Sem religião	Sozinha
09	Rose	Transexual	8 anos	24	Ensino Médio Incompleto	Profissional do sexo	Em média R\$ 1.000,00.	Não	Católica	Família
10	Larissa Paiva	Travesti	8 anos	25	Ensino Médio Completo	Profissional do sexo	Em média R\$ 5.000,00.	Não	Espírita	Sozinha
11	Kebecca G. de Souza	Transexual	7 anos	21	Ensino Médio Completo	Profissional do sexo	Em média R\$ 1.000,00.	Não	Sem religião atualmente	Sozinha
12	Luna Shine	Travesti	4 anos	22	Cursando Ensino Superior	Cabeleireira, Estudante e	Em média R\$ 2.400,00.	Não	Agnóstica	Pais

						Profissional do sexo				
13	Luany Aquamariney	Travesti	4 anos	24	Cursando Ensino Superior	Estudante e Prostituta (Profissional do sexo)	Em média Três salários mínimos	Não	Católica	Pais
14	Sabrina Drumond	Travesti	10 anos	37	Ensino Fundamental Incompleto	Profissional do sexo	Em média R\$ 2.000,00.	Não	Católica	Sozinha
15	Camilee Gerin	Travesti	20 anos	42	Ensino Fundamental Incompleto	Profissional do sexo	Em média R\$ 1.000,00.	Não	Deus	Sozinha
16	Raphaela Souza	Transexual	28 anos	40	Ensino Médio Completo	Profissional do sexo, Mãe de Santo e Auxiliar de Cabeleireiro.	Em média um salário mínimo e meio	Não	Candomblé	Sozinha, Mas agora com um filho de santo.
17	Jéssica Pereira	Transexual	6 anos	23	Ensino Fundamental Incompleto	Profissional do sexo	Em média R\$ 2.000,00.	Não	Sem religião no momento	Os avós
18	Xaynna Shayuri Morganna	Travesti	7 anos	21	Ensino Médio Incompleto	Profissional do sexo	Em média R\$ 2.000,00.	Não	Umbanda	Sozinha
19	Fernanda	Travesti	5 anos	25	Ensino Médio Incompleto	Profissional do sexo	Em média Um salário mínimo	Não	Candomblé	Família
20	Gaby	Travesti	6 anos	26	Ensino Médio Completo	Profissional do sexo	Em média Três salários mínimos e meio.	Não	Sem religião	Família

As TTs me trouxeram diferentes formas de enxergar o ser humano. As suas características passaram a ser mais valorizadas e virou objeto de pesquisa na busca pelo autoconhecimento a sua forma de agir, pensar e lutar pelo seu reconhecimento. Do mesmo modo sexo, identidades, gênero e orientação sexual passaram a fazer mais sentido nesse contexto de identidades ressignificadas, construídas e reconstruídas a partir da condição humana das sujeitas. Ainda que o direito sobre o próprio corpo seja individual e de prerrogativas de cada uma, de como se construir fisicamente e mentalmente, ainda passa por um movimento de aceitação e reconhecimento ou não dessas mudanças, e notamos que nesse sentido ainda se faz necessário muito esclarecimento sobre as pessoas ditas diferentes que divergem das normas sociais e culturais vigentes na sociedade. Mas devem ser respeitadas, entendidas em sua complexidade e singularidade na formação de seus corpos e identidades construídas no seu eu interior.

As vinte entrevistas foram transcritas de forma literal pelo próprio pesquisador. Contudo, desde as primeiras que foram transcritas e analisadas, foi possível iniciar a construção de um esquema de análise por meio de tabelas, entendendo-as como um instrumento de visualização subsidiado no processo de compreensão dos enunciados do discurso em si. De imediato, os dados proporcionam uma expectativa referente à participação parcial e/ou total das travestis e transexuais, como pode se observar na tabela I - Pessoas que se identificaram (todas as vinte pesquisadas se identificaram) e disponibilizaram todas as informações solicitadas por este pesquisador. Esse disponibilizar de dados pessoais implica, de certa forma, um sentido de confiabilidade referente ao sigilo de dados conforme já exposto.

Outro ponto refere-se à **Identidade de Gênero** independentemente do fator idade, a maior incidência de autoidentificação entre as informantes é o referente às terminologias “travesti 13, transexual 5, transgênero 1 – TTs”; apenas uma informante se reconhece como “feminino”(uma mulher transexual), a saber Larissa Valverde, que há 04 (quatro) anos se prostitui. Na convivência social, a construção identitária entre elas – as informantes – se dá na compreensão de que as mudanças acontecem, as culturas se misturam, e as certezas são inconstantes nesse processo.

Na introdução deste trabalho, me aproprio de Hall (2006) para abordar o conceito de identidade, o qual afirma que a construção da identidade foge de uma teorização essencialista, indo ao encontro de uma nova construção, na qual o olhar deve levar em consideração que esse processo passa por inúmeras e profundas transformações da sujeita, em meio aos discursos, práticas e posições que elas podem passar e sofrer no meio social em que vivem. Os depoimentos apresentados nos blocos de análise seguintes corroboram tal afirmativa.

Sobre o **Tempo que trabalham na noite**, das vinte entrevistadas quatro TTs afirmaram que desenvolvem este serviço a 4 anos, uma a 5 anos, duas a 6 anos, duas a 7 anos, três a 8 anos, duas a 9 anos, três a 10 anos, uma a 20 anos, uma a 26 anos e uma a 28 anos. As experiências e o relacionamento com a rua de prostituição trazem uma mudança significativa nas relações sociais das TTs, como a consolidação de seus corpos e feminilidade.

Referindo-se às possibilidades de construção do feminino Louro (2000, p.15), afirma que as mudanças ocorrem;

[...] através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam.

Dessa maneira, observa-se que o trabalho como profissional do sexo, na rua de prostituição, não é algo passageiro, é trabalho formal para elas, apenas não tem o reconhecimento oficial ainda, porém é ali na rua de prostituição e nos becos que encaram como mercado de trabalho para as TTs.

Os dados sobre a **idade**, faixa etária das participantes expostos na tabela I, das quais duas sujeitas estão na faixa etária de 21 anos, duas com 22 anos, duas com 23 anos, três com 24 anos, três com 25 anos, uma de 26 anos, 3 com 31 anos, uma de 37 anos, uma com 39 anos, uma de 40 anos e uma com 42 anos. Nos relatos das entrevistadas, de uma maneira geral os estudos apontam que a idade das TTs que atuam na rua de prostituição é bem variada, com percentuais equivalentes entre as diversas faixas etárias.

No contexto da prostituição e a faixa etária traz uma preocupação que se faz presente nos relatos das TTs ao afirmarem que na profissão que exercem envelhecem mais cedo em detrimento das noites de sono perdidas o que afeta diretamente a manutenção da jovialidade.

Nesse sentido Antunes (2013, p. 128) traz uma análise de que as travestis que se prostituem sofrem por estarem envelhecendo e pondera que; “Fica claro que para as travestis que se prostituem, a velhice chega mais cedo, por volta dos quarenta anos de idade. A competição se torna mais acirrada em relação as mais jovens”.

Logo essa afirmativa é uma preocupação recorrente das TTs, que colocam o envelhecimento como um limitador da profissão que exercem, mesmo com toda a tecnologia na área da estética e embelezamento disposta no mercado.

Quanto à **escolaridade** e o grau de instrução das mesmas, expostos na tabela I, tem-se: duas cursando o ensino Superior, sete com Ensino Médio Completo, cinco com Ensino Médio Incompleto, uma com Ensino Básico Completo e cinco com Ensino Básico Incompleto, ou seja, apenas nove participantes haviam completado a escolarização básica.

Diante desse quadro, podemos ver como a questão também trazida pelas entrevistadas aponta que a prática da violência, discriminação e o preconceito ainda são e estão presentes na instituição de ensino. Eu pude perceber que essas ações têm uma relação negativa na vida das mesmas que levam a baixa escolaridade das TTs, o que acaba tendo como reflexo o abandono e a exclusão social do ambiente escolar.

Nesse sentido Andrade (2012, p. 247), esclarece que o “fracasso da escola em lidar com as diferenças, camuflando o processo de evasão involuntária induzido pela escola”. Assim percebo que a escola um espaço que deveria oferecer novas perspectivas para a vida das TTs com um ambiente de socialização, de respeito as diferenças acaba fazendo o papel inverso o de limitadora das sujeitas diferentes.

Como a escolha da **Profissão** é individual, a de cada sujeita está configurada nos relatos colhidos, nos quais se colocaram como profissional do sexo, sendo que várias desenvolvem concomitante outras profissões tais como: cabeleireira, auxiliar de cabeleireira, padeira, vendedora, decoradora, costureira, hoteleira, bem como, a função de estudante (uma), mãe de santo (uma). Ficou evidenciada uma consciência das TTs quanto à aceitação da profissão escolhida. Elas relatam se sentirem aceitas pela família e amigos e fazendo uma análise mais profunda nos relatos, podemos aferir que essas mudanças de atitudes da família quanto à profissão se dá principalmente quando as TTs começam a investir o seu dinheiro na família.

Quando perguntadas sobre a **Renda familiar**, as TTs afirmam que recebem uma renda média que varia entre R\$ 500,00 (cinco mil) até R\$ 6.000,00 (seis mil) mensais. Nesse intervalo existem variações, porém dez sujeitas afirmam receber entre R\$ 2.000,00 (dois mil) e R\$ 6.000,00 (seis mil). Das vinte entrevistadas, nenhuma é assalariada no mercado formal. No que concerne à remuneração percebida mensalmente/diariamente a maioria das interlocutoras relatam que tiram um alto salário fazendo os seus programas diariamente na rua de prostituição.

Nesse sentido, Sousa (2008, p. 54), esclarece que:

É expressivo o número de travestis que não atingindo a inserção em empregos formais, são atraídas pela possibilidade de bons rendimentos na pista, bem como

pelas redes de sociabilidade que se formam entre travestis que se prostituem e recorrem a prostituição como meio de sobrevivência.

Fatos estes (as relações de proximidade, círculo de amizade entre as TTs, a solidariedade, o respeito, os aconselhamentos), também observados nos relatos das TTs que pode ser uma demonstração de que a rua, os becos e as esquinas de prostituição possuem uma simbologia nova para além da renda. Nessa condição, realizam trabalhos informais e relativamente pouco valorizados socialmente, mas que na maioria das vezes lhes conferem uma renda alta, conforme informações que constam na tabela 1, especialmente quando comparando com a renda dos trabalhadores do comércio e indústrias. No quesito **Filhos/as** nenhuma das entrevistadas possui.

Já em relação à **Religião/Doutrina**, quatro se declararam católicas, uma espírita, três de candomblé, uma evangélica, cinco sem qualquer filiação religiosa, duas se declararam de umbanda, uma se declarou católica não praticante, uma como ateia (antes era evangélica), uma como agnóstica e uma se declarou “de Deus”. Portanto, entre elas existe uma diversidade de crenças. No entanto, é intrigante o discurso da informante “Tabata Brandão”, quando diz que “é na religião que ela se sente salva”. Quanto a isso, afirma o sociólogo Pierucci (2006, p. 4):

Se uma das verdades empíricas que o sociólogo da religião está proibido de desconsiderar é aquela segundo a qual há religiões e religiões, não de ser de importância crucial para nossa disciplina os atos de classificar e comparar. E uma das classificações com as quais ainda faz bem retomar contato é justamente esta: há religiões de preservação de um determinado patrimônio étnico e religiões de caráter universal, “abertas para a conversão de todas as pessoas”, disse-o Cândido Procópio em palavras que associam imediatamente, na definição de religião universal, duas ideias: a de abertura e a de conversão.

A questão da religião influi diretamente no conforto, quando se necessita de força em quaisquer contextos, os quais estejam mergulhados em conflitos, por isso, há quem corra para a religião nestes momentos. E, opostamente, há quem negue sua crença devido a exatamente os mesmos motivos: a perseguição, o preconceito, o repúdio familiar.

Quando questionadas - com quem **Você mora**, das vinte entrevistadas doze moram sozinhas, três com a família, uma com amigos, uma com avós, duas com os pais e uma mora com outras pessoas. As participantes relatam que moram em Três Lagoas, e em sua grande maioria, revelam que preferem morar sozinhas, e esses dados apontam que elas não têm compromisso sentimental com algum parceiro, parecem ter dificuldades em buscar um relacionamento amoroso que aceite o seu trabalho como profissional do sexo e, diante desse

fato, elas preferem ficar focadas aparentemente na construção e ressignificação do seu corpo, no seu trabalho e em sua profissão.

A exposição dessas informações tem o sentido de facilitar o acesso à referida entrevista, se fazendo necessário o trabalho de análise estatística das mesmas, porém os dados expostos (dessa forma) abreviam as idas e vindas do pesquisador às consultas/revisão do *corpus*.

Percebe-se que o discurso dessas sujeitas partiu de um contexto de tensão social, no âmbito dito como “anormal”, e por meio da tabela I, as TTs nos mostram que para a trajetória profissional, ou seja, para exercer o seu trabalho como profissional do sexo não é necessário um nível elevado de escolaridade e que, apesar de as barreiras existentes, como por exemplo, a legalização de seus nomes sociais e o término dos estudos, fica claro que o nome social para essas sujeitas é mais que um nome, é a própria identidade.

Bloco II – Respostas obtidas com as perguntas direcionadas a captar narrativas sobre as relações pessoais e o processo de transformação identitária

Tabela II – As relações pessoais e o processo de transformação identitária - Fale-me um pouco com relação ao passado e seu processo de transformação corporal: Que idade tinha quando se identificou como uma Travesti/Transexual (TTs)? Como foi o processo de transformação e de que forma surgiu essa nova identidade, como o nome, características físicas, cabelo, formas corporais, vestimentas, etc.? Nesse processo de transformação, como você relaciona essa nova identidade com a antiga? Quais foram os impactos na vida familiar, social, escolar e profissional?

Nº	Nome	Que idade tinha quando se identificou como uma Travesti/Transexual (TTs)?	Como foi o processo de transformação e de que forma surgiu essa nova identidade, como o nome, características físicas, cabelo, formas corporais, vestimentas, etc.?	Nesse processo de transformação como você relaciona essa nova identidade com a antiga?	Quais foram os impactos na vida familiar, social, escolar e profissional?
01	Dandara dos Santos	7 para 9 anos.	O meu processo de transformação veio com a hormônio terapia, pra ter uma aparência “sis” eu até aderi algumas praticas corporais, eu deixei o meu cabelo crescer eu me cuído como uma mulher...	Ah eu me sinto realizada, porque eu digo que é uma metamorfose o que eu sofri, por que, nos anos 80 na infância, nos anos 90 na adolescência, você se identificar como uma travesti, querer ser uma travesti, colocar o que tá dentro pra fora, foi complicado.	<p>FAMILIAR: Mãe transfóbica: batia e humilhava.</p> <p>SOCIAL: Tornou-se militante LGBT, porque estava mais forte, devido ao que passara na família e escola.</p> <p>ESCOLAR: Sentia-se deslocada e era discriminada.</p> <p>PROFISSIONAL: Foi empurrada para a prostituição, porque com o salário que tinha não conseguia pagar as contas do mês.</p>
02	Natália Pimentel	19 anos	Comecei mudando a roupa deixei o crescer o cabelo, nunca tomei hormônio e não tenho vontade de tomar hormônio, mesmo porque a idade já está meio	Eu não tenho problema nenhum com minha antiga identidade. Porque... à vezes eu chamo a atenção de pessoas que me chamam pelo nome	FAMILIAR: Sem impactos, porque quando começou a travestir não tinha mais convívio

			avançada.	antigo, que questionam, quer ver... que falam de como era antes...mas eu não problema nenhum com isso.	familiar. SOCIAL: Sem impactos, porque quando começou a travestir não tinha convívio social. ESCOLAR: Sem impactos, porque quando começou a travestir não tinha mais convívio escolar. PROFISSIONAL: Sem impactos, porque quando começou a travestir optou, inicialmente, por ser autônoma; era decoradora.
03	Tabata Brandão	9 anos.	Foi quando tomei os hormônios, ai eu fui descobrindo em mim, que eu estava muito diferente, e que eu tinha que parar de ter modos que não eram corretos pra uma mulher., que eu tinha que parar de agir de uma forma que não era comum em uma mulher... E isso foi me fazendo com que eu tivesse uma postura mais feminina, uma postura mais adequada, pro que eu queria. Que era me parecer como uma mulher.	È isso que eu falo, a antiga, eu só mudei meus modos... eu só aprendi a me dar mais respeito como mulher, entende? Como eu me vejo hoje, eu só mudei mesmo as atitudes... que antes eu tomava, que não eram bem aceitas em lugar algum né, e que uma mulher jamais faria!	FAMILIAR: Expulsavam-na de uma casa a outra. SOCIAL: Quis se casar; mas, depois de 4 anos se viu sozinha. ESCOLAR: Enquanto estava casada, conseguiu terminar o Fundamental. PROFISSIONAL: Foi empurrada para a prostituição, porque com o salário que tinha não conseguia pagar as contas do mês.
04	Larissa Valverde	15 anos	Eu comecei com hormônio feminino, e as roupas foi indo aos poucos, eu comecei usando uma peça ou outra e quando eu fui ver eu já tava toda, usando roupa feminina. Ai eu quis fazer cirurgias plásticas pra modificar... Colocar seios, e tudo e me identificava como mulher mesmo.	Ah, pra mim não é nada a ver... é outra pessoa pra mim, que com a antiga era uma pessoa e com a de hoje é outra pessoa. O que eu era antes sei lá é totalmente outra pessoa. Hoje eu sou totalmente outra pessoa.	FAMILIAR: No começo foi difícil, mas hoje conseguiu o respeito familiar. SOCIAL: Conviver com outras profissionais travestis não é fácil, por causa das drogas.

					<p>ESCOLAR: Tinha muito bullying na escola</p> <p>PROFISSIONAL: Trabalha na noite só pelo dinheiro, pra modificar o corpo.</p>
05	Bianca Gonçalves	20, 21 anos	<p>Foi bem bairro assim, por que tudo que eu via, eu achava que era de mulher eu queria colocar... ai depois eu fui me lapidando, vendo que nem tudo era assim, ai eu fui melhorando conforme o tempo, e o nome... é até engraçado essa história, o nome surgiu por que é o nome da minha irmã!</p>	<p>Nossa não tem nada a ver, eu tento mesclar ao máximo!!! Ao máximo mesmo né? é claro algumas coisas da personalidade antiga vem... obvio, que é da natureza nossa, mas eu tendo mesclar ao máximo pra não transparecer tanto.</p>	<p>FAMILIAR: Foi complicado, porque quando assumiu já tinha saído da família. Quando voltou, já sabiam.</p> <p>SOCIAL: Tenta não se afetar, porque todos já sabem e não quer ocultar.</p> <p>ESCOLAR: Regaçava e aproveitava o máximo; ignorava os preconceitos.</p> <p>PROFISSIONAL: Não foi fácil, como chamam; parti para a prostituição e nunca dependi financeiramente de ninguém.</p>
06	Lorrany Oliveira	14 anos	<p>Eu tinha uns 14 anos, ai eu peguei né, tava na escola, pedi uma calça emprestada pra minha amiga, e punha essa calça feminina...</p> <p>Ai foi onde eu viajei pra Campo Grande, coloquei o silicone industrial no bumbum... e ai foi indo, nas noitadas, nas vidas, nas prostituição...</p>	<p>Então, eu não lembro muito da identidade antiga... eu paro pra pensar eu não lembro. Só de 14 anos pra cá, não tenho muito minha memória boa!</p>	<p>FAMILIAR: Toda a família aceitou, menos o padrasto.</p> <p>SOCIAL: Tenta não se afetar, porque todos já sabem e não quer ocultar.</p> <p>ESCOLAR: Enquanto estudou, estudou como menino. Aos 14 anos abandonou os estudos, porque era lenta pra aprender.</p> <p>PROFISSIONAL: Gosta de se prostituir, porque ganha dinheiro 'fácil' e nunca apanhou e nem</p>

					teve problemas.
07	Canoa	5 anos	Foi o seguinte, desde quando eu era pequeno eu sempre me vesti de menina e não de menino, minha mãe sempre colocava roupa de menina em mim, nunca de homem.	Eu lembro, é muito diferente!!! Como era de menino e quando era menina.	FAMILIAR: Passou por bullying; amarram-no na cama para não brincar na rua com os meninos. Ai depois começou a trazer dinheiro pra dentro de casa a família aceitou. SOCIAL: Foi muito complicado, pois foi estuprada várias vezes e ninguém acreditava. ESCOLAR: Foi muito preconceito, muito bullying, falava: “a la a bichinha”, é isso sempre isso eu nem ligava que as pessoas xingava. PROFISSIONAL: Preferiu vender o corpo, aos 13 anos, do que ter que vender drogas para sobreviver.
08	<u>Silvia Gomes Marques</u>	21 anos	Aos poucos eu fui me identificando, fui usando coisas de menina né? E fui usando isso diariamente... Foi quando surgiu o meu processo mesmo, e mais pra frente veio as transformações. O nome Ah surgiu, pelo nome da sandália... eu tinha uma sandália da Melissa, achei bonito e coloquei Melissa Lopes.	Eu me sinto mais realizada do jeito que sou hoje.	FAMILIAR: Difícil e perdeu o contato com os familiares. SOCIAL: Não se sentiu aceita de imediato, mas conquistou o respeito de todos, com o tempo. ESCOLAR: Sofreu muita rejeição, mas aprendeu a conviver com isso. PROFISSIONAL: A dificuldade inicial era com a autoaceitação. Depois, aprendeu a conviver com essa

					condição.
09	<u>Rose</u>	13 para 14 anos	Foi tranquilo, assim... fui me descobrindo, né... Então eu comecei a tomar os hormônios, aí depois tipo assim, eu viajei... e fui... é estética né! Plásticas, essas coisas assim... Foi tranquilo!	Não de boa, me prefiro assim! Do que antes!	FAMILIAR: Dificil a aceitação.. SOCIAL: Hoje, super de boa. ESCOLAR: Preconceito, e do pesado: xingamento, zuação, agressão, etc. PROFISSIONAL: Entrou na prostituição por necessidade, já que o mercado não abria portas.
10	Larissa Paiva	10 anos	O processo foi bem longo né? Eu coloquei silicone, industrial nas pernas, quadril e bunda, lipoescultura, silicone nos seios, preenchimento e rosto. E nariz agora, ultimo. Ai, as vestimentas? Eu pegando da minha irmã (risos) Eu peguei da minha irmã as vestimentas, comecei a pegar... a vestir e fui me descobrindo ao longo do tempo né?... De criança né, na verdade, né!	Me relaciono muito bem, por que quando eu dei por conta, eu sabia o que eu queria... porque, pela pouca idade que eu tinha né.	FAMILIAR: Foi expulsa de casa, aos 12 anos. SOCIAL: Com o tempo foi aprendendo a lidar. ESCOLAR: Abandonou, devido às dificuldades. PROFISSIONAL: Devido à expulsão familiar, foi morar com uma cafetina.
11	Kebeca G. de Souza	11, 12 anos	Eu comecei a ter esse processo da minha identidade, através de pessoas no qual é... eu fui conhecendo através da escola pessoas que tinha os mesmos trejeitos que eu, e no qual a gente foi nos dando muito bem, e fomos, começamos a brincar né, de vestir a vestimenta feminina, pegando as roupas da mãe, das amigas, começamos a colocar a roupa se olhar no espelho e sentir bem, começamos a se montar pra ir nas festas... pra ir pra rua de prostituição também, que eu conheci muito cedo, e assim a gente foi se adaptando... no inicio a gente se vestia durante a noite, só a noite, então gradualmente começamos a usar no dia-a-	Nem me lembro, sou bem diferente hoje.	FAMILIAR: Não aceitaram, por serem tradicionais. Então, foi morar com tios que aceitavam que se vestisse de menina. SOCIAL: Saía em grupo; Eu abandonei os meus amigos na escola, não me lembro em qual série eu estava, e abandonei. ESCOLAR: Foi complicado e, por isso, quando começou a minha mudança, eu abandonei a escola.

			dia também!		PROFISSIONAL: Começou a se prostituir na rua pra se "montar" e por não ter experiência profissional.
12	Luna Shine	7 anos	Essas mudanças surgiram muito mais tarde, que já começaram aos 16, 17 anos. E foi quando eu fui me redescobrendo né? Porque até então era tudo mais normativo digamos assim... e ai eu comecei a me transformar, comecei a experimentar uma nova identidade quando eu expandi meu circulo de amizades né, comecei a me relacionar com pessoas que se transformavam... que já tinham conhecimento maior sobre essas transformações né!	Eu percebo que há muito diferença né, da Bruna para o Wagner né? mas eu me relaciono muito bem, não tenho nenhum problema com a identidade do Wagner, ou com a da Bruna, convivo numa boa, não me causa nenhum sentimento, nenhuma angustia, eu fico muito bem!	FAMILIAR: Teve dificuldades iniciais, devido à falta de conhecimento por parte da família do que vinha a ser um homossexual. SOCIAL: Teve perda de amigos. ESCOLAR: Difícil, devido ao despreparo profissional e ao preconceito. PROFISSIONAL: Sempre conseguiu emprego facilmente. Não teve problemas.
13	Luany Aquamariney	18 anos	O processo foi lento e como eu disse depois dos 18 até hoje ainda eu to me transformando, aos poucos vou deixando o cabelo crescer... algo assim, mais pro lado da feminilidade mesmo. O nome através da minha irmã a gente sempre usa os nomes das irmãs né. É por isso ficou esse nome de Tais. Ai as roupas a gente sempre gosta né, eu sempre tive esse lado pra gostar de roupa feminina, uma sainha, aquelas coisinhas, eu sempre tive esse jeito assim, olho as atrizes a Anitta por exemplo, quero colocar uma shortinho igual a ela.	A relação é mais corporal mesmo, porque por dentro eu sou eu mesmo ainda sabe? É que hoje eu sou bem mais assumido do que eu era antes, por que a gente se aceita a gente começa a entender mais as coisas. E lutar e começa a emponderar mais né, e se aceitar mais né. Mas é mais por fora mesmo a transformação. Por que por dentro sempre foi uma mulher mesmo.	FAMILIAR: É tranquilo, porque ela respeita e se dá o respeito. Assim, é respeitada. SOCIAL: Usa a mesma arma: o respeito. Logo, tudo vai bem. ESCOLAR: Respeito. E sempre foi respeitada. PROFISSIONAL: Como travesti, faz o melhor que puder.
14	Sabrina Drumond	14 anos	Começou com hormônio, dai eu fui deixando meu cabelo crescer... O nome Fabíola é quando eu fui trabalhar na rua... que me batizaram de Fabiola.	Ah eu me sinto mais feliz, mais bonita (risos). Antigamente, nem gosto de lembrar.	FAMILIAR: Não teve problemas, pois sempre foi bem resolvida. SOCIAL: Sempre foi

			Ai com 14 anos já comecei a me vestir de mulher, nunca tive problema com família, nem nada...		vítima de preconceitos. ESCOLAR: Foi complicado bastante bullying, preconceito. Era xingado de "viadinho". PROFISSIONAL: Já sofreu agressão, inclusive já tomou um tiro.
15	Camille Gerin	18, 19 anos	Foi aos poucos, ainda mais pelo preconceito da família, então meus irmãos preconceituosos, então foi assim... como eu dependia da família tinha coisa minha por baixo do pano, ai quando eu fui cair na rua, foi que eu me assumi mais. As características físicas, cabelos. Isso foi quando eu tive mais liberdade de sair da minha família, pra eu assumir e viver minha vida... e mudar meu jeito. O nome. Ah foi assim eu gostava do filme, aquela Scarleth Orrara do filme o vento levou, ai eu escolhi esse. Foi aquela coisa de bicha mais velha e pegou. As vestimentas. Foi quando eu comecei ir pra rua, ai eu comecei a me montar, eu tinha vergonha no começo, mas tudo assusta... mas hoje em dia pra mim é normal eu não vejo mais dificuldade.	Ah hoje em dia eu... sou mais eu, vivo minha vida: "Ah sou eu". Do que antigamente que eu tinha que esconder, hoje ainda tem mais ... sou mais eu, aceita quem quer... Sou eu.	FAMILIAR: Não aceitaram, Foi chamada de "ovelha negra da família". SOCIAL: É bem aceita e não encontra dificuldades para trabalhar. ESCOLAR: Foi complicado, vítima de bochichos; "zuação"; bullying. PROFISSIONAL: Não sofreu violências nesta área. Chegou a ser chefe de cozinha em vários restaurantes.
16	Raphaela Souza	13 anos	Ah! Foi um pouco complicado, porque na época vivia muito preconceito, mas a gente vai tirando de letra, né? Ai... fiz coisas industrializadas no corpo, como silicone nas nádegas, ne? E próteses... (onde?) nos seios. E gradualmente fui fazendo, me transformando tudo e hj estou numa etapa que , estou pelejando e quero a minha resignação de sexo . O nome. Foi tirado dum livro, tá? Um	Bom à antiga, eu já nem me recordo mais, que eu era bem guriuzinha, bem criança mesmo e já tinha todos os trejeitos afeminados. Hoje sou Sandra Spinelli, há muitos anos, todos me conhecem assim e assim vou morrer.	FAMILIAR: Uma "droga", devido ao preconceito e à homofobia. SOCIAL: Tornou-se independente e segue a vida de cabeça erguida. ESCOLAR: Abandonou os estudos, devido ao preconceito.

			livro espírita, de uma mulher que era batalhadora, morreu por uma causa nobre. Me espelhei tanto nela, que gostei deste nome e adaptei este nome pra mim e é ela até hoje.		PROFISSIONAL: Caiu na prostituição aos 13 anos, porque não tinha outra oportunidade. Mas, não é vulgar no ambiente de Trabalho, hoje.
17	Jéssica Pereira	14 anos	Então... é...u...a fase física mesmo, ela foi decorrida com, dos remédios que eu estava tomando, e...o cabelo, simplesmente, com o hormônio ajudou bastante, então...sempre deixei o cabelo crescer, aí o corpo foi mudando, mas as vestes foi mudando um pouco, aí eu comecei a inspirar mais em mulheres que eu já conhecia, ah!	ó ...eu tento me impor inda, entendeu? Pra mim realmente ser esse nome, entendeu, ter esse nome, é meio complicado, é... claro que tipo assim, não tem como eu não esquecer que tenho alguma coisa, algum órgão masculino, né...só que...é...não sei... a vida...a gente se impõe de uma forma diferente, como posso explicar?	FAMILIAR: Aceitou facilmente, porque a mãe é lésbica. Apenas por parte do avô, foi complicado. SOCIAL: Tranquilo. Gosta de se vestir de mulher, porque percebe que os homens gostam de ter um "brinquedinho" a mais, além das esposas. ESCOLAR: Quando assumiu, já tinha saído da escola. PROFISSIONAL: A foto não condizente à sua imagem feminina da Carteira de Trabalho, fez com que se jogasse na noite, na prostituição.
18	Xaynna Shayuri Morganna	14 anos	Com 12 anos eu me assumi primeiro como homossexual né, com 14 veio a transformação, meu primeiro mega hair quem me deu foi minha mãe, daí já comecei a me tratar a base de hormônios por conta própria também... e daí foi assim por diante. Meu nome foi... não sei eu escolhi mesmo pra mim...	Bom eu não aceitava a antiga e hoje aceito com a minha identidade, não me reconheço como a "outra" né no caso.	FAMILIAR: Normal. Todo mundo sempre soube. SOCIAL: Saía em grupo; Muito difícil arrumar emprego. ESCOLAR: Tranquilo. Sempre souberam. PROFISSIONAL: Foi empurrada para a vida de prostituição, pra pagar as contas.
19	Fernanda	17 pra 18 anos	Então como eu disse, eu comecei a me	Uma grande diferença, pra mim	FAMILIAR: Somente o

			<p>vestir de mulher ir pra balada, foi quando eu resolvi entendeu... a assumir essa minha identidade... comecei a tomar hormônios, ai o corpo vai mudando, os seios, deixei meu cabelo crescer, até então ele era mais curto, eu coloquei <i>mega-hair</i>; E fui indo, malhando, tomando massa essas coisas.</p> <p>Então... o nome é que uma coisa, pelo menos pra mim foi meio complicado.</p> <p>A minha mãe diz que quem dá nome a filha é só a mãe e não eu que deveria escolher, e eu falei que eu gostaria de ser reconhecida como Kethelim, minha família aceitou. Mas a minha mãe falou que não, que por eles ia ficar Carolina, Portanto que minha família me chama de Carol, entende? Foi onde ficou Kethelim Carolina.</p>	<p>mesma, hoje eu me sinto feliz, completa, hoje eu sou quem sou... Já as diferenças é que como gay, eu tive emprego, eu trabalhei em restaurante, eu trabalhei em lanchonete. Já como trans o que restou pra mim, a prostituição, entende? É essa a diferença.</p>	<p>irmão mais velho implicou, o restante aceitou bem.</p> <p>SOCIAL: Não é fácil ser travesti, pois a sociedade nos vê como ladras, "barraqueiras", como uma ameaça às famílias.</p> <p>ESCOLAR: Tinha 16 anos como eu disse e também por conta e também por que era muito preconceito, moleque sempre zoa, eu sempre fui muito feminina mesmo quando era rapaz! Então por esses motivos, é um dos motivos por quais eu abandonei os estudos. A escola eu parei e voltei estudar tem uns três anos, não tive problema na escola... Só teve problema com um certo professor que insistia em não chamá-lo pelo nome social.</p> <p>PROFISSIONAL: Fui empurrada para a prostituição, porque ninguém dá emprego para travesti.</p>
20	Gaby	19 anos	<p>Eu tinha 19 anos quando comecei a deixar o meu cabelo crescer, eu me sentia melhor. E eu me sentia mais assim a vontade vestindo vestia femininas. Fui deixando o cabelo crescer, dai foi onde eu</p>	<p>Não eu não faço isso, sou Júlia... o Juliano antigo ficou pra lá. Não nem lembro...</p>	<p>FAMILIAR: Teve muita reprovação o irmão mais velho e alguns tios não aceitaram.</p> <p>SOCIAL: Foi bem aceita,</p>

			fui deixando, comprando roupas femininas e foi indo tomando hormônios.		após impor a sua condição. ESCOLAR: Quando se assumiu como Júlia, já não estudava mais. PROFISSIONAL: Foi parar na prostituição, porque o mercado de trabalho lhe fechou as portas.
--	--	--	--	--	---

Os aspectos relacionados ao processo de transformação da identidade das entrevistadas demonstram que o anseio em ter e ser um corpo feminino possui predominância do próprio desejo e em sua maioria começa na adolescência como demonstrado nas narrativas das sujeitas dessa pesquisa, como Dandara dos Santos que foi precoce: dos 7 para 9 anos já se sentia e se vestia como uma mulher; mãe transfóbica; pai simpatizante; processo corporal por hormônio terapia. Para Natália Pimentel o processo foi vagaroso: começou mudando a roupa, deixando o cabelo crescer; aos 19 anos; nunca tomou hormônios e nem deseja. Tabata Brandão, aos 9 anos, despertou a vontade de ser travesti por observar outras travestis frequentadoras da casa de primas, achava lindo, aplicou hormônio aos 9 anos. Larissa Valverde, dos 16 para os 17, anos começou com hormônio feminino, fez cirurgias plásticas para se identificar como uma mulher mesmo. Bianca Gonçalves dos 20 para 21 anos, inicialmente exagerava no uso do vestuário feminino, depois foi se lapidando, melhorando com o tempo. Lorrany Oliveira tinha 14 anos, quando vestiu a primeira calça feminina na escola. Posteriormente, colocou silicone industrial no bumbum e foi para a noitada, a prostituição. Canoa, aos 5 anos, se identificou como uma trans e sempre se vestiu como uma menina, desde criança, pois a mãe sempre o vestia como menina. Silvia Gomes Marques aos 21 anos, e aos poucos foi se identificando, foi usando coisas de menina e isso diariamente; daí veio às transformações. Rose, de 13 para 14, anos se descobriu e sabia que não era menino o que queria ser; foi um processo tranquilo. Larissa Paiva, aos 10 anos, e não foi fácil, porque morava com os pais. O processo de transformação foi longo, colocou silicone industrial nas pernas, quadril e bumbum, fez lipoescultura, silicone nos seios, preenchimento e rosto. Kebeca G. de Souza aos 11, 12 anos, bem no início da pré-adolescência. Com 13, 14 vestiu-se de mulher e aos poucos, foi se adaptando para vestir-se 24 horas assim. Não foi do dia para a noite. Luna Shine contou que as primeiras manifestações iniciaram-se aos 6, 7 anos, ou seja, desde bem cedo. Aos 16, 17 anos, junto a outras amigas travestis, começou a se transformar. Luany Aquamariney tinha os trejeitos desde criança, mas só se assumiu aos 18 anos. O processo foi lento. Aos poucos, foi deixando o cabelo crescer, mais para o lado da feminilidade mesmo. Sabrina Drumond, aos 14 anos, começou a se vestir como mulher. Daí começou com hormônios e foi deixando o cabelo crescer. Não teve problemas com a família, nem com nada. Camilee Gerin foi, aos poucos, devido ao preconceito familiar. Quando caiu na rua é que se assumiu mais. Mas, desde criança já tinha sentimento de gostar de menino. Aos 18 para 19 anos começou a tomar hormônio e a se montar. Raphaela Souza, aos 13 anos, bem cedo. Aos 17, já estava praticamente um transgênero. Começou como gay, depois travesti. Todo aquele processo. Foi complicado. Siliconou os seios, as nádegas. Usou produtos industrializados. Jéssica Pereira aos 14 anos e

foi conturbado. Ocultou-se como Emo, depois andrógeno. Fez programa na Ranulfo; conheceu os hormônios com outras travestis, com as quais fez amizade. Passou a vestir-se efeminado. Xaynna Shayuri Morganna foi na infância, após banhar-se, usava a toalha como vestido, para assistir à TV. Passava batom, lápis, calçava os sapatos da mãe, quando todos saíam. Mas, demorou a ter coragem para se assumir. Fernanda percebeu-se gay cedo, mas, somente aos 13, se identificou mesmo. Porém, aos 18 anos é que conseguiu assumir perante a família e sociedade, vestiu-se de mulher e foi para a balada. Depois, não parou mais. Gaby deixou o cabelo crescer aos 19 anos. Sentia-se melhor vestindo-se com roupas femininas. Tomou hormônios.

Os dados coletados nas entrevistas deixam patente que o desejo das TTs vislumbra um corpo feminino e buscam através do processo de hormonização, de siliconização e operações plásticas a busca do corpo ideal e feminino que se adéque a sua identidade de gênero, começando o seu processo de resignificação da infância adentrando a adolescência, como relatado pela maioria das interlocutoras desta pesquisa.

Segundo Antunes (2010, p. 76) a resignificação do corpo das TTs por mais que seja um momento de dor de construção e adaptação do seu ideal, é um momento sublime em suas vidas “pois ai estará decididamente fabricando um corpo portador de signos considerados femininos”, no qual os seios se desenvolvem, o corpo masculinizado toma uma forma mais arredondada para a silhueta feminina desejada, os pelos do rosto e corpo diminuem, e deixam os cabelos crescer com maior facilidade por conta dos tratamentos hormonais e estéticos.

As TTs profissionais do sexo em seus relatos mostram de maneira contundente o que querem ser e de que forma buscam essa transformação de identidade, como referenciada por Bento (2006), que é difícil uma definição concreta para as TTs de “**quem sou eu**” e no que “**quero ser**”. Esse paradigma acompanha as TTs durante todo o seu processo de construção e reconstrução do seu corpo que trazem em si a definição e resignificação de como eu quero ser, acompanhando ou não o cenário sociocultural da sociedade.

Nos relatos colhidos durante a pesquisa sobre o processo de transformação, identificação e reconhecimento como TTs, aferimos que a maioria das interlocutoras se identificou na infância/adolescência e pude constatar que para elas a descoberta e a aceitação de si é uma forma de se libertar do que fora imposto no seu nascimento.

Duque (2012) faz uma problematização interessante na qual a posição social exercida pela família e a sociedade implica em diferentes caminhos na construção da identidade das TTs na infância/adolescência o que nos leva a diferentes possibilidades de relação com o corpo quando:

[...] parecia-me necessário focar mais nas normas e nas convenções sociais do que nas experiências identitárias em si. Então, comecei a problematizar a experiência do “ser adolescente” em relação a esse pânico e descobri que o que se temia eram o incentivo e a visibilidade da experiência travesti na adolescência, e não necessariamente a prostituição na adolescência, mesmo porque as interlocutoras da pesquisa não se viam necessariamente como vítimas (DUQUE, 2012, p.493).

Nesse contexto, o relato sobre a infância/adolescência mostrou essa como uma fase conflituosa, trazendo a descoberta do corpo, das vontades, dos prazeres e da própria identidade, e com todas essas sublimes descobertas vem as reações, permeadas de repressão e preconceitos manifestados nos ambientes onde as sujeitas diferentes buscam o acolhimento (família) e, não tendo esse apoio, muitas acabam expulsas de casas, sendo obrigadas a amadurecer mais cedo para prover a sua sobrevivência.

Corroborando com esse pensamento Andrade (2012, p. 72), destaca que:

Uma criança pode ser biologicamente do sexo masculino, mas, quando apresenta este comportamento, que convencionamos chamar de feminino, nas brincadeiras e nos gestos, ela passa a ser vítima dos professores, dos gestores, dos funcionários, dos pais e dos alunos que condenam e tentam, a qualquer custo, corrigir essa inversão.

Ao analisar esse contexto, em relação ao discurso nas narrativas das TTs, ficou demonstrado que a maioria das famílias tem muita dificuldade em aceitar a nova construção identitária da sujeita. Porém com o tempo, de uma forma ou de outra ela - a família - acaba respeitando a condição dessa sujeita diferente. Porém, não se sentem de imediato aceitas no mundo da prostituição e nem quando se trata da inserção social no mundo do trabalho, mas conquista o respeito a partir do momento em que a sociedade as vai conhecendo, colocando o seu corpo em movimento, contrário ao ocultamento social, se apresentando como sujeita de identidade diferente.

No âmbito da vivência escolar das TTs entrevistadas foi possível aferir que a maioria possui alguma escolaridade, entretanto, sem terminalidade de níveis escolares, o que revela as dificuldades e impactos de processos de discriminação sofridos na vida escolar, considerando que quase todas desde a infância e adolescência já demonstravam comportamentos não héteros. Por isso, suas vivências em educação foram difíceis, devido ao despreparo da grande maioria dos/as gestores/as educacionais e de alunos/as em saber lidar com a sujeita diferente no ambiente educacional, o que culmina com sua ruptura com o sistema de ensino como se vê na maioria das narrativas delas.

Nesse sentido, Duque (2009 p. 149) assevera que;

Na família e na escola se impõe a heteronormatividade, a obrigação de seguir uma relação causal e linear que leva do sexo biológico (genital) ao gênero e daí às práticas sexuais. Mesmo que circunstancialmente aceita ou tolerada, a atração por alguém do mesmo sexo, a adoção do gênero “oposto” e, especialmente, sua incorporação, costumam ser perseguidas. Daí a atração da pista, onde a homossexualidade associada à transgressão de gênero encontra espaço para florescer e ser admirada. Isto não implica inferir que o mercado do sexo se trata de um “paraíso”, mas é claramente onde a cultura travesti se desenvolveu plenamente com os contornos que hoje conhecemos.

Ainda assim, os debates nas casas de leis das três esferas de poder (municipal estadual e federal) com a bancada tradicional evangélica, tentam a todo custo suplantar as referências a sexualidade e gênero das instituições familiares e escolares, ficando claro o medo e a falta de conhecimento do assunto em voga.

No que concerne à vida profissional, a maioria das sujeitas revelaram que por começarem a sua transformação corporal na adolescência e por terem dificuldades no ambiente familiar, acabaram saindo de casa e, como ainda não tinham uma idade para o mercado de trabalho, acabaram se deslocando para outro campo de trabalho, **o da prostituição.**

Nesse sentido, Duque (2013, p. 171) observa que:

O campo profissional é favorável a sua não *passabilidade*, e, quase que como uma marca em um universo caracterizado por ser competitivo, sabe que isso o fará ser visto como alguém diferente de todos os outros que estão atuando com esse tema. Isso não foi dito por ele, mas percebido através do trabalho de campo.

As entrevistadas acreditam que a profissão que exercem tem para elas a realização dos sonhos como o aperfeiçoamento estético, a conquista de bens e materiais e a independência financeira. É este o trabalho que usam para se manter, por conta da renda mensal que é maior e o fato de seu corpo ser aceito, desejado, admirado, sentem prazer de estar ali na rua de prostituição, com reais possibilidades de ganhos para continuar o processo de modificação do corpo, tendo prazer no sexo com os seus clientes, em suma, se consideram felizes com o seu trabalho de profissional do sexo.

O discurso contínuo das travestis – praticamente unânime – quanto às suas relações sociais e ao processo de transformação a que tiveram que se submeter, e isso, desejosa e voluntariamente, justificam-se pela necessidade de se identificarem com o “EU” internalizado e, principalmente, de construir uma identificação corpórea com a sociedade, pois “o corpo é o

local de mediação entre as pessoas e o mundo; além disso, é o lócus material da performatização de nossos gêneros sociais” (LIMA, MACHADO & GOMES, 2017, p. 171).

“Travesti é de dentro para fora, não se descobre, mesmo porque não está coberta. Eu sou o reflexo do que já nasceu comigo e tudo custou muito caro e custa até hoje”, declarou Luana Muniz, uma das fundadoras do projeto DAMAS, da Prefeitura do Rio, que tem como objetivo principal capacitar a população trans para o mercado formal de trabalho, no Projeto Travesti e Cidadania, da CIEDS.

Através do que foi exposto, é possível verificar que um aspecto fundamental para a compreensão do processo corpóreo das TTs, é o da resignificação que elas dão ao próprio corpo. Montar-se é transformar o corpo. Para se definirem como travestis ou transexuais, elas esperam que os seios cresçam, a cintura se forme, a partir daí passam a usar roupas femininas, deixam o cabelo crescer em busca da feminilidade.

Bloco III – Respostas obtidas com perguntas direcionadas a identificar os discursos das relações sociais, do trabalho formal, e do trabalho como profissional do sexo;

Tabela III - Relações sociais, do trabalho formal, e do trabalho como profissional do sexo - Descreva um pouco sobre o seu trabalho como profissional do sexo: Como se deu essa escolha? Como foi sua iniciação como travesti/transsexual na prostituição e na rua? Há quanto tempo está desenvolvendo esse trabalho? E qual o significado da profissão para você? Quais as motivações para a sua profissão? Qual a sua percepção do mercado de trabalho formal? Você já participou de processo seletivo em alguma empresa? Se sim, me conte como foi?

Nº	Nome	Descreva um pouco sobre o seu trabalho como profissional do sexo. Como se deu essa escolha? Como foi sua iniciação como travesti/transsexual na prostituição e na rua?	E qual o significado da profissão para você?	Quais as motivações para a sua profissão?	Qual a sua percepção do mercado de trabalho formal?	Você já participou de processo seletivo em alguma empresa? Se sim, me conte como foi?
01	Dandara dos Santos	Aos treze anos né, eu estudava a tarde e de noite eu fugia para ir para rua de prostituição, porque faltava muitas coisas em casa por que minha mãe foi embora e meu pai começou a beber, tá! Eu empurrada para a rua de prostituição, eu apanhei das outras travestis, saia corrida das travestis por marca de território. Porque a travesti profissional do sexo, ela tem horário pra entrar, ela tem horário pra sair, ela marca aquele território como o dela... e ela tem aquilo ali como uma ocupação, não como uma vadiagem.	Hoje o significado para mim, é as minhas contas pagas, é... Mas hoje eu vejo que da prostituição eu me sinto completa né, por que da prostituição eu comprei a minha casa né? Da prostituição eu comprei alguns bens, da prostituição eu me mantenho ainda. E eu acredito ainda que eu vá chegar na aposentadoria, que faltam 10 anos pra me aposentar, porque eu sou autônoma, e sempre paguei meu inss. Eu levo experiências assim, não muito positivas, porque eu não falo	Fora o ganho de dinheiro, pra mim também não entrar em depressão sem um trabalho. Eu não ia conseguir ficar na minha casa sem um trabalho... e também pra cumprir alguns luxos, por que como ser humano, não como travesti, como ser humano... também né, eu quero comer, eu quero beber eu quero viver bem! E através da prostituição que eu tenho essa remuneração.	Transfóbico, as empresas querem até contratar, mas eles têm medo de como os clientes poderiam agir tratando-se de pessoas travestis, a pessoa travesti ou trans, se ela tem uma passagem da beleza ou da sigenal e retificação, ok!	Sim, eu deixei um currículo, com meu nome antigo, né... porque hoje fui retificada. E lá passa pela psicóloga, numa firma fabrica de calçados, e quando ela viu que meu nome era masculino e percebeu minha aparência

			da prostituição com orgulho. Mas a profissão pra mim foi, meu pagamento de todos os imposto e que me deixou bem até hoje no meu bem estar.			feminina, ela percebeu que se tratava de uma pessoa travesti, ai eu disse pra ela, só que a entrevista não coincidiam com a entrevista das pessoas "sis" por que as pessoas "sis", não foi feito algumas perguntas particulares como foi feio pra mim, então eu vi que ali tinha diferença, por tratar de uma pessoa diferente.
02	Natália Pimentel	A escolha foi minha livre eu fui levado por uma amiga que já trabalhava na rua e ai acabei gostando, ou ...não sei te dizer, mas acho que acabei gostando e acabei ficando... Faz quatro anos né, foi quando eu me mudei de cidade, foi quando eu comecei nessa... vida... de profissional do sexo.	Eu acho que não tem um significado assim próprio para mim, mas é ...por mais pela renda mesmo que eu posso ter de ser como profissional do sexo.	Eu acho que aí você tem que gostar de né? É Uma questão de gosto e que o dinheiro também né?! A renda que tem, que você tira de lá.	éEu ...eu tiro para mim é normal porque como eu já antes de entrar como profissional do sexo, eu já trabalhava no mercado formal, Então para mim não interferiu em nada, (pausa) continua a mesma coisa , concilie as duas coisas , os dois trabalhos, né?	Não, nunca fiz nenhum processo seletivo!
03	Tabata Brandão	Ai minha iniciação foi bem dura, por	A prostituição serviu como	O ganho financeiro.	A minha percepção	Eu já fui

		<p>que eu fui empurrada assim pra isso, como eu disse, eu não tinha lugar né! Então quando você se vê sem um lugar, sem ... eu já tinha passado pela casa de todo mundo da família. Então eu já sabia que ninguém mais ia me aceitar, e não adianta nem eu chegar de entrosada ali e pedir uma ajuda, ai se expulsou pra eles, eu não existia.</p>	<p>um ensinamento de vida! Porque foi apanhando ali, nos trancos e barracos que eu aprendi a ser forte que eu aprendi a lutar, que eu aprendi a me aceitar. Aceitar aquilo que a gente tá vivendo, aceitar aquele momento... e viver sempre com fé!</p>		<p>sobre o mercado formal é que há uma necessidade muito grande dessa, das pessoas se interessarem mais pelo mundo LGBT pela nossa classe, entenderem mais...</p>	<p>indicada, pra trabalhar lá cozinha, na área da limpeza... era pra estudar e estudar a noite e trabalhar de dia, né? Mas no meio dos processos, das coisas, que foram acontecendo eu já fui sofrendo os preconceitos... no mesmo dia do hospital que eu fui bater a foto copia aqui, como que chama? Os exames, o raio x... fazer os exames... então eu fui muito vaiada, as pessoas me mamava, isso porque eu estava no meu processo de transição né... eu ainda não era transgênero, toda formada.</p>
--	--	--	---	--	---	--

04	Larissa Valverde	Essa escolha se deu porque? Eu vim de uma família humilde, então pra eu conquistar... o que eu queria conquistar. Eu precisava ganhar bastante dinheiro. E aí eu entrei nessa vida por isso, pelo dinheiro, que me atraiu mais e assim, eu precisava do dinheiro pra mim fazer minhas modificações no meu corpo, as coisas... porque tudo envolve bastante dinheiro. Se eu não ganhasse assim eu não ia conseguir, porque eu vim de uma família humilde. Ah foi difícil no começo, você sofre bastante pra quem não é acostumada no começo nada né, ficar na noitada lá é muito difícil, porque você conhece lado em drogas, tem de tudo... não é fácil não.	Pra mim, pra mim... É só o dinheiro só porque o resto, não significa nada. É uma profissão que não é legal, nem pra mim nem pra ninguém. Eu não desejo isso pra ninguém. Quem não entrou nessa vida não entra... porque, pra você entrar é fácil mas pra sair é mais difícil. Porque você acostuma ganhar aquele alto dinheiro e você não quer ficar sem ganhar aquele tanto que você ganhava. E só o dinheiro mesmo que define ali, se não, eu não estaria ali nunca, que não é bom.	É os bens materiais que eu conquistei, é as conquistas que eu conquistei até hoje né, tipo assim, aí como que se diz, é... ah foi mesmo as conquistas que eu conquistei e só, que eu cresci na vida e eu soube investir dinheiro, só isso.	Ah hoje tem trabalho se a pessoa quiser trabalhar mesmo, a travesti ou a transexual consegue sim. Hoje não trabalha quem não quer.	Já! Foi bem tranquilo, eles não (...) foi bem tranquilo. Quando eu fui trabalhar cheguei com meus documentos femininos, eles aprovaram tudo, foi bem tranquilo.
05	Bianca Gonçalves	Quando eu saí da casa da minha família, foi bem complicado porque eu não tinha uma profissão, como posso dizer eu não tinha até mesmo um estudo. Então pra "se" manter foi o caminho mais fácil eu diria entre aspas, que não é tão fácil né? Como as pessoas acham, mas pra mim foi pelo menos um caminho mais fácil pra eu poder me alimentar, sobreviver comprar minhas coisas... e eu nunca dependi de ninguém financeiramente, que eu me lembre... eu nunca dependi de ninguém porque quando eu não to fazendo uma coisa eu to fazendo outra, mas eu corro atrás do meu dinheiro. Nossa eu vou contar assim parece que foi ontem, uns amigos falou	Humilhante, financeiramente bom, mas é humilhante ao mesmo tempo... esse é o significado pra mim.	O financeiro é o que me motiva, é de não ficar preso em um serviço por muito tempo pra ganhar pouco, sendo que ali a gente ganha um pouco mais e tem mais liberdade e a gente faz o nosso horário, é bem... é tirando alguns empecilhos é legal! É uma profissão divertida... Porém com muitos riscos.	Aí é a melhor coisa, eu super que apoio... trabalho com carteira assinada e ter seus direitos. É bem melhor. E apoio assim pra todo mundo, eu acho que se fosse assim não teria... Poderia até ter, mas não seria com tanta frequência que as pessoas iriam pra rua.	Sim vários, é legal eu gosto de participar eu gosto de ter os meus direitos trabalhistas. E nunca sofri algum preconceito em seleção de trabalho, pelo contrário eu acho que é muito mais fácil a gente conseguir emprego, porque as

		<p>assim: “ai, vamos?” ei eu falei: “vamos” ai ele falou: “ai mais você tem que se depilar, colocar uma peruca, colocar roupa de mulher colocar calcinha...” falei: “nossa eu nunca fiz isso!!!” eu tinha 20, 21 anos. Ai depois que eu experimentei como é bom ganhar dinheiro fácil, entre aspas né? Ai eu prossegui, mas como eu falei... entre idas e vindas! Já parei já voltei.</p>				<p>peessoas olham e falam que a gente trabalha bem melhor que muitos heteros né? que entram na empresa, que a gente se dedica mais.</p>
06	Lorrany Oliveira	<p>Ah então com 14 anos quando conheci Três Lagoas, vi aquelas coisas maravilhosas três travestis... que eu não esqueço até hoje pareceu três anjos que caiu do céu... Ganhava dinheiro fácil como ganho até hoje, é divertido e ao mesmo tempo perigoso, mas eu nunca passei por momento perigoso... sabe assim de pessoas querendo judiar, não pagar... comigo nunca aconteceu, agora com as outras já né... Sabe não vejo a hora de escurecer me arrumar e sair pra rua... pode perguntar pra menina que mora aqui comigo, a outra... e eu gosto, sinto prazer! Tem hora que a gente se estressa, mas é bom. Eu fico feliz quando to na rua, eu fico feliz contente!!!</p>	<p>Dinheiro, muito dinheiro! Travesti só pensa em dinheiro e silicone, igual todo mundo fala é verdade. Umam pensam em casa, carro... outras pensam em silicone, silicone, silicone...</p>	<p>É... foi da questão familiar eu peguei e sai consegui ganhar dinheiro, eu faço programa por que ganho dinheiro.</p>	<p>Ah eu acho que pra mim no meu ponto de vista é dinheiro honesto mais não compensa. Por que já teve dias de “mim” ganhar o que: um salário. Pessoas trabalham um mês pra ganhar eu ganho num dia... isso é verdade pode perguntar pras meninas que estão na sala... então eu acho que não vale a pena, pra mim travesti. Tem pessoas que morrem de orgulho de trabalhar, eu não gosto. E uma eu tenho vergonha também de trabalhar.</p>	<p>Não.</p>
07	Canoa	<p>Eu comecei a fazer programa aqui na Avenida Clodoaldo Garcia, por tinha dois motivos... ou vender drogas, vender entorpecente ou vender o corpo... eu preferia vender o corpo do que vender entorpecente pra se manter.</p>	<p>É... no começo eu gostava, agora não gosto mais... é uma vida de prostituição, é tipo uma merda. Fazer programa é uma merda! É por que muito preconceito, pessoas passam xingam, tacam pedras...</p>	<p>Dinheiro fácil.</p>	<p>Eu vejo uma coisa muito boa, trabalhar de carteira assinada é muito bom!</p>	<p>Não, só na padaria mesmo eu trabalhei e tenho profissão No começo foi bom, mas</p>

						depois teve preconceito... eu fui mandada embora por causa de preconceito. de padeiro.
08	Silvia Gomes Marques	No início foi a necessidade mesmo a arcar com as despesas de casa, por que u não conseguia emprego né... foi o único modo de dar conta nas contas de casa, e ir me sustentando. Ah, a rua de prostituição veio através de algumas amigas mesmo, que elas falaram que fazia isso e tiravam lucro disso ai... foi onde eu decidi tentar e desde então to ai me sustentando, até hoje.	Não é uma coisa que eu gostaria, mas uma coisa que eu vejo a necessidade por não tem aceitação no mercado de trabalho. É muito difícil.	As motivações é a necessidade mesmo.	Pra nós que somos travesti, é muito difícil até mesmo pela aceitação... Já trabalhei em casa de pessoas, mas só que a renda não dava pra sustentar a minha casa.	Não.
09	Rose	Primeiro, as necessidades né? E como o mercado não abre portas né? A saída foi essa!	O dinheiro, pelo fato do dinheiro, claro!	Motivação? (Risos) o dinheiro!	Hoje em dia? Pessoas preconceituosas, não aceitam a gente no mercado de trabalho... muito preconceito, gente que te olha de cima em baixo. Empresas também não aceitam. Tá difícil!	Nunca, nunca trabalhei. Por conta disso... Vou atrás entrego currículo mas, nada!
10	Larissa Paiva	Pela necessidade, e pela oportunidade de achar que seria nisso que eu poderia me manter né, e poderia fazer o corpo né? Foi uma coisa que veio de mim mesma, não foi ninguém que me aconselhou não... foi algo que eu via, aqui (...) né? E fui vendo fui observando, e ai foi quando eu decidi que eu ia começar a me prostituir pra pode conquistar meus objetivos. Veio de mim mesma, na questão.	O significado que ela tem pra mim? (pausa) Sobrevivência, e a palavra é sobrevivência! O único significado que ela tem é sobrevivência.	Sobreviver, pagar contas... por que elas sempre chegam.	Eu por já ter trabalhado em salões de beleza, vejo que infelizmente ainda há muito preconceito com nós transexuais e travestis... por que as pessoas remetem muito a prostituição né, veem uma mulher trans, mulher travesti e remete muito a figura da	Não, não participei de nenhum processo seletivo.

					prostituição, ou de drogas ou de doenças... então é... eu vejo que ainda tem “ignorância” de certa forma, de muitas as pessoas que ainda não (...) as pessoas do LGBT.	
11	Kebeca G. de Souza	Ah foi uma coisa bem natural, como eu tive amigas que saiam pra noite além de festejar e ir pra rua também eu também fiz, comecei a me montar, e ir pra rua, era bem novinha não via nada demais e nem levava aquilo ali tão a sério, mas conforme que foi tendo a minha independência eu tinha que ter uma renda claro, era menor, desempregada né? Sem experiência no caso, se você não tem experiência é difícil arrumar um trabalho pra você. Então eu vi a rua como uma porta, e ali eu fiquei por um bom tempo, e fico até hoje!	Uma ocupação, um trabalho digno, que dali você tá tirando seu sustento né? Um trabalho, uma definição uma ocupação... essa é a definição pra mim.	Necessidade de se manter vivo né? Sobrevivência financeira mesmo...	A minha percepção em questão a nós transexuais e travestis, creio que é bem difícil né? Até porque até hoje eu entrego currículo, e tem muita (pequena pausa) é difícil né? Por que na hora da entrevista, é perceptível que se trata de uma pessoa trans, e querendo ou não acabamos não tendo uma oportunidade né? Por que querendo ou não, nessa cultura de Adão e Eva de igreja, que tem que ser homem e mulher... é o que pondera dentro de uma igreja, hoje se você vai em uma loja, as pessoas olhando... olham com olhar de deboche, né?	Eu participei sim, entreguei meu currículo ai fui chamada com mais umas 5 concorrentes e foi até tranquilo me tratou bem fez as perguntas que tinham que fazer, nesse primeiro eu consegui ser selecionada, fiquei 6 meses registrada, atendendo e pra cozinha, quando precisava atender eu ia lá pra frente, e quando não dava eu ficava na cozinha mesmo.
12	Luna Shine	Ah... como se deu a minha escolha, a minha escolha foi através de amigos,	Pra mim é uma profissão muito digna, apesar de todos	Mas assim ter dinheiro rápido e não ter toda essa	Péssima, péssima para as pessoas travestis e	Sim, participei nunca percebi

		<p>que faziam programas, eu ia pra lá conversar com eles ficar tomando tereré em rodas de amigos, mas nesse local de prostituição... ai eu fui passando a ter mais contato com esse mundo. E a minha iniciação na prostituição e na rua, e a minha iniciação foi por conta disso... desse contato, até que um dia eu fiz o primeiro programa e gostei, foi um dinheiro fácil que eu ganhei de uma maneira fácil... a princípio eu pensava!</p> <p>E ai isso foi se mantendo, até que virou meio que um vício, assim a prostituição... por conta da facilidade que ela me dá. Foi assim.</p>	<p>esses estigmas social que permeiam sobre a profissão. Eu considero, no meu ponto de vista é uma profissão digna como qualquer uma outra, mas esse é o significado da profissão. Mas pra mim ela é uma facilidade, um acesso né, através da prostituição que eu consigo meus luxos, os meus prazeres digamos assim né, que eu consigo comprar aquilo que eu gosto, que eu consigo ter um dinheiro extra, que eu consigo... me satisfazer! É isso.</p>	<p>questão da obrigatoriedade, entende? Como a gente tem no trabalho, uniforme, horário pra chegar, pra sair... e outras situações né, que a prostituição não tem. Na prostituição é como se você fosse seu próprio chefe né? você escolhe seu horário de trabalho, aonde você quer estar. Claro que tem dias que você não quer ir, mas você tem conta pra pagar e você precisa ir... ai você acaba encaminhando pra ir.</p>	<p>transexuais principalmente. As travestis e homossexuais atualmente elas ferem os olhos da sociedade né? A percepção é triste por que assim, o mercado de trabalho pela sociedade por conta desse mantimento, desse padrão social normativo exclui né?</p>	<p>nada de caráter exclusivo!!! Ah não já, já... foi uma empresa aqui da cidade que estava selecionando pessoas pra trabalhar, o serviço manual era muito pesado, era pra trabalhar pendurado em uma maquina que suspendia a pessoa muito alto ai você tinha que ficar colocando e tirando gancho de uma maquina pesada. E ai eu percebi que o preferencial era pra pessoas mais másculas, que tinham esse perfil, de masculinidade de força.</p>
13	Luany Aquamariney	<p>No início foi como uma brincadeira mesmo, né a gente levava, a gente queria dar o cu né... pegar bofe assim... ai depois já foi ficando uma</p>	<p>É uma profissão muito importante que da qual eu tenho orgulho, ali é meu ganha pão... todas as coisas</p>	<p>É o meu estudo mesmo, eu to lá pra mostrar que a gente pode ser prostituta e a gente pode estudar sim.</p>	<p>Olha gente é bem difícil tanto pra travestis quanto pro gay, por que a sociedade ainda é muito</p>	<p>Já mais bem antes com 18 anos que eu não era tão</p>

		<p>coisa mais séria, a gente já foi gostando... não vai querer sair mais dessa vida. Por que é um dinheiro fácil entre aspas, por que não é tão fácil assim, e também por causa do (...) é legal, era legal... agora não sei mais.</p> <p>Através das amigas, minhas amigas todas batalhavam assim, batalha... e nós íamos juntas.</p>	<p>que eu faço eu tiro através dali e é desvalorizado assim pelas outras pessoas que passam e vê, julgam sem saber ... por que a partir do momento que eles conhecem a gente eles tem outro pensamento.</p>	<p>Não é só porque a gente tá lá que a gente é um condenado, que a gente não tem perspectiva de vida a gente pode usar aquilo lá pra gente crescer.</p>	<p>preconceituosa... ela julga muito, ela não quer saber se você tem a capacidade de fazer ou não, ela vai pela sua aparência, ela vai pelo seus trejeitos... se você é muito feminina você não pode trabalhar naquele lugar entendeu? Ai prefere contratar outra pessoa que as vezes nem tem a qualificação que você tem, mas por que ela se encaixa dentro de alguns padrões da empresa ou de algumas pessoas.</p>	<p>assim... entendeu? (risos) Ai depois foi mais difícil, até hoje é bem difícil.</p>
14	Sabrina Drumond	<p>Falta de oportunidade, e precisar... que eu fui pra rua, por que eu tinha que me sustentar.</p> <p>Como foi? Ah foi aqui em Três Lagoas, e vim... as amigas que apresentaram a rua pra você.</p>	<p>É tudo, pra pagar minhas contas... é tudo que eu tenho é essa profissão.</p> <p>A não ser eu morro de fome.</p>	<p>A “precisão” mesmo. Nunca tive outra oportunidade, e a motivação principal é ganhar um dinheiro.</p>	<p>É bom! Mas pra mim não.</p>	<p>Não!</p>
15	Camillee Gerin	<p>Então, quando eu sai de casa eu não tinha emprego, eu cai na vida pra depender e viver daquilo, e ai eu saia mais pra sobrevivência mesmo, pagar a aluguel e sobreviver.</p> <p>Então sempre tem alguém que te da aquele apoio né? e a gente não tem aquela coragem de assumir ... mas foi a base de outras “bichas” que eu me montei, na casa onde eu morava, cambalacho na época, e não desmontei mais, já tinha várias outras bichas que se montava, e você já tem aquele empurrãozinho e mais coragem.</p>	<p>Ah eu acho assim que vai muito da necessidade, é uma vida incerta, tem muito preconceito.</p>	<p>Acho que tudo junta, pra mim, você já gosta e quer unir o útil ao agradável, então uma coisa chama a outra. Então vai... questão financeira e tudo.</p>	<p>Pra mim é bom, pelas experiências que eu tive de trabalho, hoje pra “mim” um serviço é mais fácil, normal... eu tenho respeito dos meus colegas, pra mim como se fosse pra outra pessoa.</p>	<p>Normal como qualquer pessoa, não tive discriminação. .. sempre tive boas referencias e isso acho que conta muito.</p>

16	Raphaela Souza	<p>Como eu disse, na minha época, hoje você opta por ser profissional do sexo. Na minha época não tinha, eu caí no mundo com 13 anos, nem aonde não tinha campo de trabalho nem nada, então não tive alternativa a não ser vender o próprio corpo para ter o que comer no outro dia, fácil não é não, é rápido, um dinheiro rápido mas não é fácil, como muitas pessoas imaginam. Muitos seres humanos passam e vê como as travestis, como ali é ponto, como se fosse uma escória, um restolho. Bom...na época foi um pouco complicado, porque a gente tinha muita briga de pontos de território. Mas como estava na minha cidade até que foi light, enfrentei alguns preconceitos, algum problema dentro da própria classe com outras travestis, que infelizmente a gente tem que partir para agressão física, né? como acontece isso até hoje, não comigo mas com muitas, mas tirando isso foi normal. Normal.</p>	<p>Para mim me ensinou muita coisa, principalmente a se valorizar a si próprio, porque gente, não é fácil você se expor, não é fácil, você vai n pessoas fazer coisas que às vezes não tá dentro do seu gabarito, porque todo mundo acha: ah, ser homossexual é só lá, né, fazer os atos e não é bem assim, somos seres humanos, não é fácil, mas eu não me arrependo não, porque o que eu tenho, que eu tenho agradeço a minha profissão, a minha profissão que me sustentou até hoje.</p>	<p>Foi como eu disse no início: n a época eu não tinha escolha, já tenho escolha. Então hoje eu vou para a rua esporadicamente, porque dentro da minha cultura religiosa já sou uma pessoa graduada então eu sei fazer umas coisas, então ganhando um dinheirinho e também como auxiliar de cabelo, mas eu gosto de ser puta.</p>	<p>Ainda complicado, você pode ter todos os gabaritos possível, eles identifica você como transgênero, eles faz tudo uma burocracia e dentro das firmas também é complicado as questões dos banheiros, já vi vários relatos, então infelizmente ainda, aqui no município de Três Lagoas, só temos campo de trabalho assim: como profissional do sexo, cabeleleiro, doméstica, algumas trans estão ainda em algumas fábricas, mais ainda passa por problemas.</p>	<p>Ah, sim! Já participei, já tentei trabalhar. Trabalhei durante 5 anos na Papiion buffet, foi complicado porque meu patrão era totalmente homofóbico no 12, tá e foi, só consegui trabalhar lá por causa da mãe dele, porque por ele, eu não trabalharia... foi complicado.</p>
17	Jéssica Pereira	<p>Primeiramente foi porque, é..., o mercado, as portas do mercado de trabalho não foram abertas pra nós, para mim. Então... eu com a minha imagem, é...feminino e com o nome masculino nas carteiras de trabalho, entendeu? Então sempre... eles num....tinham aquele preconceito e não aceitavam, então sinceramente, foi, eu tive que me fazer, tive que me jogar pra noite, fazer programa, foi onde eu comecei a me sustentar, manter meus luxo, entendeu?</p>	<p>O significado pra mim é, meu ganha pão, sinceramente, é meu ganha pão. Porque é dali que...de...é daqui que tirei muitas coisas da... que eu conquistei muita coisa da minha vida, foi ali ralando, chuva...ralando... muitas vezes já trabalhei de dia já trabalhei de dia, sol, fazendo frio, foi ali que eu consegui às coisas que almejo hoje na minha vida, pra mim</p>	<p>... então minha motivação é o que (!) eu quero vencer na vida, eu quero minhas coisas, eu quero... sabe, "crescer", quero ter minhas coisas, então, minha motivação é sempre isso, entendeu? tenho que ir porque eu tenho que pagar...tenho que pagar minhas contas, e u tenho coisa pra mim "cumer", eu tenho meus, minhas...</p>	<p>Sinceramente, eu vejo eles bem fechados, eles são muito fechados diante da...de nós, eles ainda tem..."conheci" algumas meninas que elas trabalha, só que elas têm que se esconderem, às vezes, elas têm que se reprimirem , realmente eles ...num...há preconceito, eles não</p>	<p>Já...já...já, quando levei uns currículos pra umas fabrica aqui, aí me chamaram, só que assim na época eu coloquei o nome masculino e na cidade eu não tinha nome</p>

		<p>Então, iii me levaram foi tipo assim, como eu falei, foi... fui eu mais um colegas meu, foi por livre espontânea vontade entendeu, comecei por livre espontânea vontade é</p>	<p>realmente é... como posso falar? meu ganha pão, ali é meu serviço, é meu trabalho.</p>	<p>meus luxo pra mim poder bancar, então, minha motivação é ter que ir porque se não passa fome e morre.</p>	<p>abre os olhos pra nós, entendeu?</p>	<p>social ainda e eu tive que colocar o nome masculino, então me chamaram, ligaram pra mim tive que acordar cedo, andei metros e metros de distância, fui atrás de bicicleta no sol quente, chegou lá, me chamaram pelo nome masculino, tive que ficar quieta, não podia nem reclamar, levantei, cheguei lá a psicóloga já olhou pra minha cara, olhou o nome que tava escrito lá ,olhou de novo a minha cara, ai ela fez umas perguntas lá, tipo nada vê, realmente</p>
--	--	--	---	--	---	--

						psicóloga não era (risos) , não tinha que fazer aquelas pergunta, fez umas pergunta tipo "ai... o você almeja pra sua vida, que num sei o que, o que você queria mais hoje, num sei o que. Então a gente vai ligar para você tá bom? Mas não tinha retorno.
18	Xaynna Shayuri Morganna	Na verdade não foi uma escolha né, a gente é empurrada pra lá por que precisa do dinheiro pra pagar as contas e tem que se virar então é onde a gente tem que re Eu já tinha amigas lá, então eu sempre passava conversava... vi que era uma maneira de ganhar dinheiro, não que seja fácil mas uma maneira honesta de ganhar dinheiro... correr a rua.	É que eu tiro todo o meu sustento né da minha família... O lado financeiro.	Nenhuma... (risos)	Enxergo de uma maneira menos arriscada, dali todo mês tem aquela quantia, da rua você não sabe se todo dia tem aquela quantia né? Já não tem a mesma segurança...	Já ... da metal frio... eu levei tudo passei pela psicóloga tudinho, só que no dia que eu fui chamada, aquele dia que a gente vai conhecer a firma e “pere pere...” ai já viram que eu era travesti e já não me ligaram mais pra falar o dia e nem horário que era pra

						“mim” voltar! E eu tinha passado pela psicóloga tudinho, tinha sido aprovada.
19	Fernanda	Olha a prostituição é algo que, como diz, eu fui empurrada, eu fui levada a isso. Porque como diz, “quando gay”, quando rapaz eu ainda conseguia um emprego né, no comércio. Já depois de trans, depois da minha transição hormonal, passei a me ver como uma garota, a sociedade em si, o preconceito é maior... Eles mesmo dizem né, como vai por um “traveco” pra atender as pessoas? E se uma família não gosta? Fui levada! Isso por amigas, que já eram da prostituição.	Olha a prostituição, eu em si vejo as profissionais do sexo, não por que eu sou, eu vejo como guerreiras, por que não é algo fácil de lidar... é uma profissão da qual você sai da sua casa com vida, mas você não conhece o fulano que você vai entrar no carro, se pode não voltar desaparecer como muitas trans somem e ninguém nunca mais vê... Então eu vejo as transexuais, as mulheres que trabalham em rua de prostituição como guerreiras!	Em si o dinheiro, você faz seu próprio horário, você fica ali onde quer, você não tem patrão pra ta em cima. Entende? E aquela coisa, ao mesmo tempo que é prazeroso, também não é legal, mas... o dinheiro é algo tentador.	Olha, eu tenho vontade de trabalhar no comércio como qualquer outra pessoa, mas como eu disse, é muito preconceito, quantas vezes eu já fui chamada pra uma entrevista de emprego... por que no meu currículo eu não coloco meu nome de registro, eu sempre coloco “Kethelim Ribeiro”, e a numeração dos meus documentos, como RG e CPF então quantas vezes eu já fui ali pra entrevista e eles falaram que iam me ligar depois e nunca mais essa ligação aconteceu.	Então, não fui destrutada, até então me receberam bem, eu acho creio eu que ficaram meio na dúvida, porque tipo eu sou uma trans bem feminina, muitas pessoas ao me ver não percebem, mas não fui destrutada, nem contratada.
20	Gaby	Tudo começou assim, eu sai de uma fábrica que eu estava trabalhando, acabou o seguro desemprego e como ainda tem muito preconceito as portas estão fechadas pra gente né. Daí foi aonde através de colegas, que me ensinaram que a rua seria fácil, eu comecei a ir e até hoje estou, foi aí quando começou, eu mesma fazia meus horários e meus dias e ganhava até mais do que eu fazia trabalhando na fabrica onde eu trabalhava.	Ah muito importante né, por que é meu ganha pão, muito importante né é meu dia-a-dia, não tem discriminação nenhuma. É uma profissão.	O financeiro né, a pessoa ta sempre querendo inovar, ficar melhor... progresso.	Hoje em dia é muito difícil você pode fazer várias entrevistas de emprego, que você não vai ser chamada, travesti só tem duas profissões ou é prostituição ou cabeleireiro. Porque os “mercado” são muito fechados né? E como a prostituição dá um retorno financeiro	Sim fui a varias empresas depois do meu processo de transformação e ficam sempre naquilo: “ai a gente vai te chamar, quando surgir

					melhor.	<p>a vaga a gente chama...” ficam sempre naquilo e nunca chamam, e nunca você recebe o retorno. Ai uma vez no mercado fui já tinha feito exame e tudo, ai a mulher falou: “Só que você vai ter que cortar seu cabelo pra ficar igual de homem mesmo” Ai eu falei que meu cabelo eu não iria cortar, ai ela tomou os papeis da minha mão e falou que a vaga não era minha então... que ela iria dar prioridade para uma pessoa que realmente iria cortar o cabelo para a vaga e seguir as normas da</p>
--	--	--	--	--	---------	--

						empresa.
--	--	--	--	--	--	----------

Com base nos dados selecionados na tabela III, pude aferir nas narrativas da TTs como é o trabalho delas como profissional do sexo, como escolheram ou foram escolhidas para a prostituição, suas experiências de transição identitária e de gênero, e, ainda, constatar o que significa a prostituição para cada uma delas enquanto profissão, suas experiências no mercado de trabalho formal e na rua de prostituição, bem como o que as motiva a continuar mesmo com todos os riscos e discriminações sofridas.

Nestas narrativas, eu constatei que Dandara dos Santos, mesmo com leis atuais, conseguiu entrar e ficar 6 meses numa empresa, mas sofria muita pressão, não podia ocupar o banheiro das mulheres, não podia estar perto de pessoas “sis”, as amigas que tinha não podia escolher, tinha que ser escolhida. Natália Pimentel já trabalhava no mercado formal, quando começou a se travestir, separa e concilia as duas coisas. Tabata Brandão afirmou não ter tido chance alguma no mercado de trabalho formal, por motivos de preconceito. Larissa Valverde participou de processo seletivo de uma empresa e foi tranquilo. Bianca Gonçalves nunca sofreu preconceito em seleção de trabalho formal, pelo contrário, sempre foi fácil conseguir emprego, porque sabem que as travestis trabalham bem. Lorrany Oliveira, Silvia Gomes Marques, Larissa Paiva, Sabrina Drumond e Canoa nunca participaram de entrevistas de emprego formal. Canoa só trabalhou mesmo em padaria, porque é padeira de profissão. Rose já foi atrás de emprego formal, distribuiu currículos, mas nada conseguiu. Kebeca G. de Souza, ao contrário, participou de processo seletivo e sempre se deu bem. No último processo, dentre outras 5 candidatas, foi a selecionada e chefiou cozinha. Já Luna Shine sentiu-se excluída de um processo seletivo, por terem-na julgada incapaz de levantar peso. Luany Aquamariney já participou de processo seletivo, antes de completar os 18 anos, mas hoje acha difícil. Camilee Gerin passou por processo seletivo em empresas e achou normal. Disse que nunca foi discriminada. Sandra passou por preconceitos no Buffet Papiilon, porque o patrão era completamente homofóbico, foi bem complicado. Jéssica Pereira já participou de processo seletivo de fábricas, levou currículos e chamaram-na para entrevista, porém para constrangê-la. E, depois, nunca retornaram. Xaynna Shayuri Morganna participou do processo seletivo da Metalfrio Solutions e foi selecionada pela psicóloga. Levaram para conhecer a empresa e, depois que viram que era travesti, não a chamaram mais. Fernanda passou por processo seletivo em empresa e não foi maltratada. Gaby passou por represália em empresa e não podia usar o banheiro das mulheres, além de perder uma vaga de emprego por não aceitar ter de cortar o cabelo, pra ficar como homem.

Em relação à iniciação no trabalho, na área da prostituição, constatei que a maioria começou na adolescência para a juventude, contemplando uma dura realidade financeira e

familiar, algumas se prostituíram para ajudar em casa, outras começaram pela não aceitação familiar e, se vendo sem uma moradia recorreram às ruas como forma de renda rápida e lucrativa, pois, a maioria declara um ganho alto que possibilita se manter. Outras destacam que o desejo de transformação corporal para a adequação de sua identidade de gênero fala mais alto em seu pensamento, tendo como caminho mais rápido para alcançar o seu objeto de desejo, a ressignificação corporal, passar a vender o corpo, o que acarreta na expulsão de casa muito cedo pela rejeição da família, que não aceita e entende as novas experiências das sujeitas diferentes, excluindo-as do convívio social da família.

Neste contexto, Agnoleti (2010, p. 115) relata que:

Elas dividem suas vidas entre relatos de uma infância conflituosa e da idade adulta, a cujas responsabilidades em geral elas são lançadas precocemente. Elas representam a infância de uma forma mista: entre confusas e satisfeitas, elas descobrem seus corpos, seus prazeres e a orientação de seus desejos, o que suscita reações em seu entorno – familiares, professores, colegas[...] A maior parte dessas reações é de repressão; nelas, o preconceito é patente.

É durante esse processo de transformação que as TTs começam a experimentar e sentir as marcas sociais negativas em suas vidas passando por agressões físicas, psicológicas, história de exclusão e de discriminação que acaba prejudicando a continuidade nos estudos e pela falta de opção no mercado de trabalho com carteira assinada, a maioria acabou sendo indicadas e apresentadas a rua e a prostituição, onde estão até hoje considerando seus espaços (pontos) fixos, com horário para chegar, no qual a maioria tem horário para encerrar o trabalho, garantindo sua renda.

Em seus relatos quando questionadas acerca da prostituição e seu significado, as TTs que estão exercendo o trabalho de profissional do sexo a profissão, apontam que este tem grande significado em suas vidas, e destacam a aquisição da casa própria, móveis e eletrodomésticos, ou seja, equiparam toda sua casa e mantêm uma vida com certo padrão de conforto, o que seria pouco provável de acontecer mediante os muitos trabalhos formais que não garantem um salário compatível com os seus gastos. Algumas visam à aposentadoria e contribuem com o sistema de previdência social, se consideram profissionais autônomas. Outras encaram como forma de aprendizado de vida e estruturação pessoal que levou ao empoderamento relacionado ao fortalecimento humano e aceitação de si. Tem as que relatam que ninguém deve entrar nessa vida, pois, para entrar é fácil, mas, para sair é difícil. Porém, as TTs afirmam que com o seu trabalho de profissional do sexo percebem que ganha um dinheiro alto e não querem perder essa renda e nem o padrão de vida vivenciado por elas.

Nessa direção Agnoleti (2010, p. 115) aponta que:

[...] Mesmo ainda vivenciando situações de flagrante preconceito e até mesmo de violência, geralmente estão mais aptas para repeti-las, enfrentá-las, denunciá-las, seja por reconhecerem que passaram por experiências piores, seja porque já são mais maduras e bem resolvidas, ou por já tem alguma consciência de seus direitos – ou minimamente, de si e de suas dores; ademais, nessa fase, muitas delas mencionam terem saído de casa para viverem plenamente suas vidas, suas transformações, seus hábitos, de acordo com seus desejos, longe das ingerências familiares, conquistando alguma autonomia econômico-financeira através do desempenho de profissões nas quais se sentem plenamente realizadas, ou satisfatoriamente inseridas, nunca deixando de sonhar com um futuro melhor para si e para os seus.

Fica claro nas narrativas das TTs que a prostituição é o seu trabalho formal, atividade essa exercida com muita dignidade e que sentem orgulho de ser profissional do sexo, mesmo com todos os estigmas sociais que permeiam sua profissão.

No quesito motivacional da profissão muitas destacam estar ali pelo ganho financeiro e para não ficar desempregada e, também, para continuar adquirindo seus bens materiais e pessoais que consideram essenciais e necessários nas suas vidas. É possível vislumbrar alusões a elementos referenciais associados ao corpo, quanto às possibilidades de transformação e adequação do que é belo em seus pensamentos. Outra representação da motivação como fator positivo é que muitas permanecem nesse trabalho, fato este compreendido por gostarem do que fazem e porque a remuneração é essencial para a sua permanência assim como os prazeres a elas proporcionados pelos clientes.

Duque (2009, p.40) relata que a partir da atuação em campo, ao longo de sua pesquisa, observou que:

[...] o dinheiro que a inserção no mercado do sexo possibilita é um dos principais fatores que favorecem a sua permanência na prostituição. Pude observar que o valor que as travestis adolescentes conseguiam através dos programas sexuais era, em alguns casos, bem maior do que os salários que os educadores sociais de rua recebiam para, de alguma forma, fazer com que elas se percebessem exploradas pelo mercado do sexo. Este dado de realidade permitia a alguns destes profissionais se questionarem; Quem era vítima do que?

Dessa forma, ficou evidenciado, que as experiências, conquistas e crescimento pessoal das TTs justifica não ter que ficar fixa num serviço formal e muitas vezes por um salário baixo, e aponta que ali na rua de prostituição elas possuem mais liberdade e o ganho é bem maior que os dos trabalhos formais, além de se considerarem donas do próprio empreendimento.

Nos relatos sobre a visão das profissionais do sexo em relação ao mercado de trabalho formal, observei que os resultados demonstram que a grande maioria declarou que a questão da transfobia e preconceito em contratar TTs é muito presente nas empresas, durante o processo de contratação funcional. O preconceito está ligado, principalmente, à forma das

sujeitas exercerem a sua identidade de gênero e outro aspecto narrado por elas aponta que os contratantes formais têm receio/medo em relação ao que os clientes podem pensar e agir.

Nesse sentido Peres (2005, p. 30) esclarece que: “Devido às características estéticas das travestis e o preconceito da sociedade, torna-se difícil as mesmas conseguirem empregos para cuidar de suas subsistências, restando na maioria das vezes a prostituição como forma de sobrevivência”. Fato esse que demonstra a falta de conhecimento em relação ao que as TTs podem executar trabalhando formalmente, reafirmando, assim, a exclusão das mesmas do mercado formal de trabalho com os seus direitos reconhecidos pela sua forma de ser e de ressignificar o próprio corpo. Outro fato narrado pelas participantes é sobre quando elas têm a pretensão para o trabalho formal, a maioria das pessoas que fazem o processo seletivo das empresas desacreditam das capacidades profissionais delas, fechando as portas para tais contratações. Outras afirmam que devidos aos salários serem baixos, esses serviços ficam prejudicados para elas trabalharem formalmente, sendo que, o que um trabalhador formal recebe em um mês de serviço, muitas tiram em dois ou até mesmo em um dia de trabalho na prostituição.

Contudo, sobre as seleções em empresas, após deixarem currículos, elas sentem na pele a desigualdade em relação às pessoas “sis”, quando recebem perguntas constrangedoras, e tratamento diferenciado dos outros, num sentido ruim. Na hora de fazerem os exames admissionais são tratadas com palavras agressivas e ofensivas por parte dos técnicos, fato que desmotiva a maioria, e as que possuem documento com o nome recebido ao nascer recebem mais preconceito dos envolvidos nas contratações e entrevistas do que as que já possuem carteira social ou retificada. Apontam as participantes da pesquisa que a agressão verbal, os olhares maldosos foram bem maiores em relação às outras que já possuem documentos retificados.

E em suas narrativas deixam claro que uma grande parte nunca foi chamada para nenhuma seleção ou entrevista de emprego caracterizando a exclusão social a que estão expostas as TTs e as restrições para entrada no mercado de trabalho com carteira assinada.

A esse respeito Pelúcio (2007, p. 150) comenta que:

Os que as coloca em permanente “risco” [...] é [...] a dor do estigma que as expulsa de casa, fecha a porta da escola e, conseqüentemente, restringe as possibilidades no mercado de trabalho. Essa constante abjeção restringe suas vidas ao competitivo mercado do sexo, à noite e às esquinas.

Ainda nesse mesmo sentido, é cada vez mais evidente a crescente organização e a visibilidade na luta pelos direitos humanos das TTs na conjuntura atual. Ao mesmo tempo,

contraditoriamente, as expressões de preconceito, discriminação e violência contra esta população ainda são alarmantes, reforçadas por discursos de setores conservadores da sociedade contemporânea.

A preocupação com a edificação de uma sociedade mais justa e igualitária, livre de todas as expressões de preconceito e discriminação, guarda capítulo importante no avanço da promoção da cidadania das TTs com a implementação de políticas públicas e ações que requer o reconhecimento do direito sexual como direito humano. Historicamente excluída, a população das TTs sofre o preconceito e a discriminação que se manifesta de diversas formas: ora pela transfobia que se concretiza pela violência, seja ela física ou psicológica, mas sempre limitadora dos direitos de todos os cidadãos; ora pela negação do reconhecimento à diversidade sexual, quando restrita a uma combinação binária e naturalizante de gênero, apartando desta forma todas as cidadãs que vivenciam suas identidades de gênero a partir de uma forma distinta das normas dominantes.

Inserida no cerne das discussões atuais, a identidade de gênero é construída de forma histórica, social e culturalmente, e igualmente assumida, individualmente, através de papéis, gostos, costumes, comportamentos e representações de cada sujeita.

Bloco IV – Respostas obtidas com perguntas nas quais busquei captar os discursos discriminatórios das relações sociais e de trabalho.

Tabela IV – Os discursos discriminatórios das relações sociais e de trabalho. Conte-me a sua rotina de um dia e noite de sua vida:

Quais os desafios no seu dia a dia, principalmente nas noites? Como enfrenta esses desafios? Qual o perfil da clientela que te procura?

Quais facilidades você tem na sua profissão? Como você concilia a vida profissional com a pessoal? Quais são os seus planos e expectativas no campo pessoal e profissional?

Nº	Nome	Conte-me a sua rotina de um dia e noite de sua vida:	Quais os desafios no seu dia-a-dia, principalmente nas noites?	Como enfrenta esses desafios?	Qual o perfil da clientela que te procura?	Quais facilidades você tem na sua profissão?	Como você concilia a vida profissional com a pessoal?	Quais são os seus planos e expectativas no campo pessoal e profissional?
01	Dandara dos Santos	Eu acordo eu me higienizo eu cuido da minha casa dos meus animais, ai eu penso: se naquele dia eu vou hidratar o meu cabelo, se é um dia de eu fazer um banho de lua, se aquele dia eu tenho que ir ao banco, a lotérica, ou se eu tenho que ir na casa de alguém, depende do dia!	Eu vou pelo medo, o medo de morrer numa rua de prostituição... a minha mãe receber uma ligação, que eu morri vítima de uma transfobia, esse é meu maior medo. Esse é meu primeiro medo, o segundo medo é enfrentar uma sociedade que passa com filho com os amigos, o álcool principalmente quinta, sexta e sábado a chacota a picuinha, toda aquela situação vexatória que uma pessoa transfobica dirige conosco naquele tráfico de uma avenida né, no caso avenida, de ida e vinda, com	Eu fico neutra diante de algumas situações, mas fora da rua de prostituição eu faço valer meu direito de travesti e anúncio isso em órgãos públicos, órgãos privados e em qualquer lugar do cotidiano da sociedade.	Homens casados, homens que beberam uma vodka na casa deles, mas a festinha estava chata e vão procurar a Martinele na rua.	Então hoje eu vejo a facilidade de dias que eu ganho dinheiro e dias que eu ganho menos dinheiro, mas sempre estamos ganhando.	Eu não levo para o meu mundo social o meu mundo prostíbulo, porque nem cabe. Por que cliente é cliente e amigos são amigos.	É ter um casamento perfeito e banir a prostituição da minha mente.

			deboche, isso nos causa uma tortura psicológica.					
02	Natália Pimentel	Eu acordo não tem uma hora específica para mim acordar Eu posso acordar de manhã... tomar um café, alguma coisa e voltar a dormir ou não,(barulho de sirene ao fundo) depois a gente almoça, às vezes, quando não tô com preguiça (barulho de sirene novamente), Ah! eu posso ir na casa da vizinha ou eu fico em casa mesmo até a parte que dá o horário de ir para rua (que é umas 7 horas da noite, 7:30 da noite. E aí a gente fica, eu não tenho horário assim para voltar...não tenho uma hora específica...	A gente vai para rua, você corre risco de acontecer alguma coisa ou não.	Ah, eu acho que a gente vai ter que levar né, a gente leva o dia a dia, as experiências de todas as noites. Do dia... a gente tem que pensar bem no que a gente faz, e cada dia um aprendizado, uma coisa nova. Você nunca sabe o dia de amanhã.	Não tem um perfil específico, estamos ali para atender a todos, vai de cada uma querendo aceitar ir no programa.	Ai, Tem a facilidade de que eu faço meu próprio horário, né? Que eu ent.. vou se eu quero, é... entrar uma hora que eu quero, vem embora a hora que eu quero e... na questão de preço também, que não tem um preço fixo., então eu cobro de acordo com a minha vontade.	Eu concilio bem, porque eu não misturo as duas coisas.	Ah, eu acho que...posso te falar pelos dois, que é ...é uma vida estável, tanto no profissional quanto no financeiro.

03	Tabata Brandão	Então quando eu acordo eu já tomo o meu banho, faço algumas coisinhas que tem que fazer, faço meu almoço, a tarde eu vou pro curso, do curso eu chego em casa e vou fazer exercícios entendeu? E quando da umas sete horas da noite (19h) eu vou pra pista.	Várias surpresinhas de clientes que queiram nos prejudicar queiram nos roubar. Fui assaltada várias vezes, fui já, fui deixada em lugares bem exóticos né! (pra não falar horrível, risos) horríveis! e vinha andando, porque não tinha nada, roubaram tudo, só me deixaram com a roupa, por que eu não ia deixar tirar minha roupa também né? Eu já enfrentei revolver, já enfrentei faca... já enfrentei tudo que você imaginar. Até atropelamentos. É o que me espera na avenida.	Eu me espiritualizo, eu me fortaleço espiritualmente, pra que nada de ruim aconteça comigo, eu tenho um ritual todos os dias, eu acendo uma vela pro anjo de guarda e me sinto bem protegida.	São clientes de 30, 40 anos 20 anos... são clientes assim. Até menores de idade, mas menores de idade eu já sei que só dá problema né.	Eu aprendi foi a ter carisma, a ter empatia, isso tá me ajudando muito, porque... pra profissão que eu quero...	Então eu procuro caminhar, assim... fazer dos dois uma coisa só, por que como a prostituição pra mim é um aprendizado de vida, por que querendo ou não ali, a gente aprende muito da vida, muito de muitas pessoas, são muitas pessoas que passam por ali, então você colhe um pouquinho de cada um e cada um tem um problema, então isso faz com que você tenha uma cabeça assim a mil. Então se eu conciliar o meu lado pessoal, me impor... e levar pro meu lado profissional a minha parte do respeito, no meio social eu vou ser bem aceita.	Ai eu me vejo assim, sendo uma pessoa muito grande, muito visada lá na frente porque eu to batalhando sim, eu quero terminar meus estudos, eu quero lá na frente fazer uma faculdade de psicologia, eu quero muito estou lutando pra isso...
04	Larissa Valverde	Ah de dia eu sou uma pessoa comum, normal... e a noite como se diz, eu sou	Ai muito, igual eu te falo da inveja dessas coisas assim é bem perigoso você tá lá, porque	É que... como se diz, eu tenho que enfrentar. Eu tenho que botar a cara a	São homens, a maioria casados... e a maioria tudo tem uma vida	As facilidades, que tipo assim eu não sou registrada, e quando pretendo fazer uma	Eu concilio totalmente diferente, a minha vida profissional	É fazer uma faculdade, se profissionalizar em alguma coisa

		uma garota de programa na esquina. E lá numa esquina, pra sociedade é tipo assim uma pessoa que não vale nada. É tipo assim uma pessoa vulgar, uma pessoa... que tá lá por que quer tá... é... um monte de coisa que tem lá na noite. Não é fácil.	sempre tem as concorrentes né que não aceita você lá. Ai tem esse perigo.	tapa e enfrentar. Porque eu preciso daquilo eu preciso daquele dinheiro, então eu tenho que tá lá. Como se fosse outro emprego normal e tem que pagar as contas no final do mês, então eu tenho que ter o dinheiro no final do mês.	financeira boa. A faixa etária tá, hoje mudou muito... hoje tá mais jovens mesmo.	viagem então to livre pra essas coisas... não tem que dar (decla...) eu trabalho pra mim mesmo, não tenho que dar satisfação pra ninguém e pra mim é bom nisso.	é uma coisa e a minha vida pessoal é totalmente diferente da profissional.	e sair dela.
05	Bianca Gonçalves	Normal	Ai meu desafio, pra mim o maior desafio eu acho que é o essencial, é ter que fazer rua! As vezes eu to tão cansada, eu to com sono... mas eu vejo que eu to precisando, esse é o principal desafio pra mim... eu quero ficar em casa sabe? Deitada, mas não tem que vim, batalhar ganhar dinheiro... por que tem que pagar as contas né? conta não espera... quem diria se ela esperasse, pelo menos alguns dias a mais.	Ai “vão bora” levanta a cabeça e enfrenta, se não a gente fica extasiado ali e nunca vai fazer nada.	Ai são inúmeros, mas a maioria da clientela são creio eu, acima de 30 anos, homens casados, a maioria são os mais velhos.	Financeiro. Pra mim a maior facilidade é o financeiro, a gente é autônoma, “nós faz” o nosso horário. A gente chega a hora que quer, faz o que quer... com dinheiro que a gente recebe a gente faz o que quer. É verdade essa facilidade.	A minha vida pessoal é como eu disse anteriormente eu tento não mesclar as duas, tento distinguir as duas.	Melhorar, eu acho que quando a gente melhora a gente cresce... eu acho que em tudo que a gente faz se a gente faz bem a gente cresce.
06	Lorrany Oliveira	Não respondeu	Não o único desafio é no final do mês que a gente ganha pouco... mas logo mais já melhora o mês.	Trabalhando	Todos os tipos de homens, alto nível, baixo nível, preto, branco, azul, amarelo, casado, solteiro, todo tipo de clientela que imaginar procura a	Não tenho nenhum horário de entrada e de saída, na hora que eu quero eu levanto trabalho vou pra rua, se eu não querer ir pra rua eu não vou... se eu querer ir eu	Não tem essa conciliação. Tudo junto e misturado.	O que eu almejo meu peito, meu silicone entendeu? Logo mais comprar um carro, uma moto uma casa... isso por que dinheiro

					gente... Até criança, a gente tem que mandar sair, sabe? Criança de 12, 11 anos pra mim são crianças.	vou. Entendeu? Resumindo o financeiro...		eu tenho e ganho e tá bem guardado.
07	Canoa	Não respondeu	O desafio, muitos homens bonitos e muitos velhos... eu gosto de sair com homens mais velhos mesmo.	A de cabeça quente, muito cabeça quente! É isso! Fazer as escolhas.	Homens casados e conhecidos na cidade.	Eu faço a hora que eu quiser, se eu não quiser ir eu não vou... se eu quiser eu vou. É isso, não tenho patrão nenhum pra mandar em mim.	Tudo junto e misturado.	Casar com homem bom...
08	Silvia Gomes Marques	No dia-a-dia, eu passo a maior parte do tempo em casa, fazendo os afazeres de casa, e quando vai entardecer eu começo a me arrumar pra ir pra avenida. Chegando na avenida eu fico à disposição do cliente que parar e se interessar pelo meu trabalho.	O desafio é sair com quem parar lá e for pagar, esse é o desafio. Não é uma pessoa que a gente quer as vezes, mas a gente tem que ir por causa da profissão mesmo.	Eu simplesmente vou... (risos) não tem o que fazer muito.	A maioria são pessoas que estão de carro, bem vestidas e aparentadas, a maioria de idade mais em cima da minha. De 40, 45 até mais...	A facilidade é do retorno do trabalho, do dinheiro mesmo... essa é uma grande facilidade.	Olha como eu fico a maioria do tempo em casa, eu não tenho muito contato com pessoa, é mais a noite mesmo quando eu vou trabalhar... então a minha vida pessoa e profissional é particularmente não influencia muito na minha vida.	Olha como eu sou travesti né? a minha expectativa futuramente é sair da avenida e consegui um trabalho registrado que eu possa trabalhar na área que eu gosto mesmo que é a área de beleza e de maquiagem.
09	Rose	Eu acordo, tomo café da manhã, ai fico em casa, se precisar fazer alguma coisa no centro eu vou resolver... Ai vou pra escola, depois da escola sempre eu desço pra rua... e fico lá na rua!	Assim o perigo, o perigo... Acho que é só o perigo mesmo. Ai, roubo... a gente fica exposta né! Não sabe com quem sai, as vezes o cara tá com mal intenção...	Normal assim, normal! Deixa acontecer!	Classe média... Homens maduros... casados e homens maduros.	Facilidade? O dinheiro fácil...	O que acontece lá fica lá! O que acontece na rua fica na rua. Eu não trago nada pra dentro de casa.	Quero fazer uma faculdade, arrumar um emprego... Trabalhar na área, alguma coisa assim... Direito, mas eu quero fazer promotoria.

10	Larissa Paiva	: Bom eu acordo, geralmente umas 8:30 da manhã, né? (risos) Ai quando é 11 horas eu vou sempre na minha mãe, por que agora nós somos próximas, é... depois do almoço eu volto pra minha casa, descanso mais um pouco, quando é mais ou menos umas 19:30 – 20:00 eu já estou pronta pra ir pra rua, trabalhar. Ai eu chego de “noite” mais ou menos umas 00:00 – 01:00 da manhã tomo um banho e durmo.	O desafio eu acho que é você sair com uma pessoa que você nunca viu, com que você não sabe quem é a pessoa que esta do seu lado. E de estar ali, vulnerável na beira de uma esquina né? Exposta pra qualquer pessoa fazer qualquer tipo de maldade.	Eu tiro força de mim mesma e Deus que me proteja!	São as pessoas mais jovens, eu prefiro as pessoas mais jovens. Eu percebo que é 25, 30, 35... as pessoas mais experientes não estão vindo mais tanto. Eu estou percebendo que as pessoas mais jovens “tão” tendo mais curiosidades.	A facilidade é... de ter um dinheiro, um pouco mais rápido.	: Então, hoje a eu fiz psicóloga eu não estava conseguindo dar conta... de ter essa... é uma dupla personalidade né, por que você tá na noite você tem que encarar um personagem né... até pra poder agradar clientes, que possam vir a sair com você né, no caso comigo.	E abrir um negócio pra mim, pra ter uma vida mais tranquila, algo que eu goste que é a área de maquiagem... e ter que acordar cedo trabalhar, e ter algo que realmente me sustente.
11	Kebeca G. de Souza	Hummm... eu acordo, tomo café da manhã fico em casa, eu fico em casa uma parte do dia ... o dia inteiro em casa mesmo, limpando casa, cuidando de cachorro, fazendo o alimento né? Do dia a dia, e ao escurecer né, começo tomar banho, pra se arrumar, pra ficar bonita pra noite, pra poder ir trabalhar... Chega na avenida, fica exposta a perigo, e trabalha atuando mesmo como	O desafio é estar ali né, que a qualquer momento você pode sofrer um acidente né? por que muitos não gostam das pessoas que estão ali, podem tacarem seu carro em cima da gente, por malvadeza mesmo por que isso acontece muito! Então, estar ali já é um desafio, perigo constante né, de entrar dentro de um carro de um cliente e ser assaltada, então esses são os perigos que a gente corre.	Pedindo ajuda a Deus viu... trabalhando, me motivando, pedindo a proteção divina, e olhar pra frente, fazer o que né?	Homens casados, solteiros, jovens, adultos... de uma forma geral.	Que é ter seu horário pra você fazer... você quer trabalhar agora você trabalha, você não quer você não trabalha...	Ah pra mim é... é... é adaptável, por que querendo ou não as vezes durante o dia a gente tem que trabalhar né? As vezes acontece que cliente pegar o número da gente e acontece da gente ter que trabalhar também né? Acaba vindo em casa e você acaba deixando de fazer seus afazeres, pessoas	Meus planos é me qualificar né, qualificar pro mercado... ter um emprego uma profissão claro, diferente da qual eu atuo, da qual não pretendo ficar a vida inteira.

		profissional do sexo, a noite toda! Até 01h, 02h, 03h da manhã.					que você faz geralmente o dia, pra atender o cliente.	
12	Luna Shine	Eu estudo e ai ... eu saio da faculdade e vou pra avenida né, me prostituir e ai lá é onde eu encontro mais desafios, por que dentro da faculdade não há muito desafios, dentro do meu trabalho também, que é um salão de beleza e não há muitos, o desafio é mais na rua mesmo né por conta do perigo que tem né, na maldade do ser humano, é praticamente matar um leão por dia!	O desafio é mais na rua mesmo né por conta do perigo que tem né, na maldade do ser humano, é praticamente matar um leão por dia!	Se a pessoa ... que nem como é muito comum quando eu to na avenida se a pessoa passa e faz alguma piadinha, ou passa e xinga, eu relevo... eu procuro não debater, né? Mas quando há o fato da agressão, quando há o toque mais grave, eu tomo medidas cabíveis, que são medidas judiciais, como, por exemplo, prestar um boletim de ocorrência, denunciar os autores, e recorrer meus direitos.	Homens casados, eu vejo que eles tem mais acima de 30 anos de idade, que é mais recorrente né... que são o perfil da clientela, geralmente homens casados, idosos...	As facilidades é como, por exemplo, não ter uma carga horaria para cumprir, trabalhar 8 horas por dia... ai não tem horário pra chegar, não preciso ir no dia que eu não quero, no dia que eu não sinto vontade... posso ir embora na hora que eu sinto vontade, também me dou ao direito de não atender que eu não quiser.	Muito bem, muito tranquilo... não tenho problema com conciliar a vida profissional com a pessoal, eu assim, as vezes eu procuro não falar sobre isso, não falo abertamente que eu sou profissional do sexo, porque ainda há um preconceito muito grande referente a isso, as pessoas tendem a te desmerecer e te dar taxativas, por conta de você ser uma profissional do sexo, as vezes você pode ser a melhor cabelereira, mas por você ta na profissão do sexo você é a “puta cabelereira”, se você é o aluno de psicologia você é o psicólogo que um dia foi puta,	Olha no campo pessoal, eu quero terminar minha faculdade, dar início nos meus projetos como, por exemplo, mestrado, doutorado, trabalhar na área social da psicologia que eu gosto muito! E me realizar quanto isso!!!

							então assim as pessoas sempre te dão essas taxativas afim de te desmerecer!!!	
13	Luany Aquamariney	Não respondeu	Ai, o desafio é ganhar o dinheiro, por que não é fácil, é muita concorrência... Três Lagoas é uma cidade pequena entre aspas... tem muita bicha na rua, pra pouco dinheiro, pouco bofe entendeu?	Ah, ai a gente tem que fazer uns precinhos "x" assim né (risos), por que a concorrência é grande então a gente tem que usar uma roupa mais bonita, se valorizar um pouquinho mais assim... pra agradar os clientes.	Ai tem vários perfizinhos, mas os que mais procuram são os héteros né? Que se dizem tradicional da família brasileira, casados com filhos!	Facilidade nenhuma, né por que não é fácil você ficar parada na esquina esperando os clientes chegar, por que a gente trabalha na rua...	Eu separo bastante as coisas assim, por que o meu profissional é mais a noite entendeu? E o pessoal é mais de dia mesmo assim... então a noite eu me transformo, sou a Tais... a noite sou outra pessoa, entendeu? Vamos dizer que eu tenho uma vida dupla.	Ah ser bem reconhecida na minha área, e ser aceita, do jeito que você é. Minha área, é arquitetura e urbanismo, quero ser uma arquiteta bem renomeada. E bem feminina mesmo, mostrar que mulher pode sim, ser arquiteta também. Bicha preta, negra, travesti e arquiteta... entendeu?
14	Sabrina Drumond	Não respondeu	Eu to arriscada a levar pedrada, ser xingada... muito preconceito.	Não dando moral, deixando pra lá.	Todos de novo ao senhor... todos!	Ganhar um dinheiro rápido!	As duas misturadas.	É juntar um dinheiro pra velhice. Fazer um pé de meia.
15	Camilee Gerin	Normal como qualquer pessoa.	O risco que a gente corre de assalto, de preconceito, já fui assaltada, cara passar e jogar garrafa na gente... então o maior problema que a gente tem da noite passa, é o risco de vir a ferir.	Ah acho que não tem como falar, por que cada caso é um caso, depende na hora o que você vai fazer... depende se você bate ou apanha. Eu não consigo descrever qual vai ser a reação, então depende muito do caso.	A maioria homem casado e mais cara de idade.	Acho que a independência, eu chego hora que eu quero, saio a hora que eu quero... ser independente, você sai com quem você quer, você escolhe...	Eu acho assim que separadas, minha vida profissional do sexo é uma e em casa sou outra. Cada coisa no seu lugar.	A viver bem, me manter...

16	Raphaela Souza	Não respondeu	Bom, é o que eu falo sempre, os hetero mata um leão por dia, né? Nós homossexuais, profissionais do sexo matamos uma manada, porque temos aquela concepção assim, levantamos todo dia para uma batalha e nem sempre você vence a Batalha.	Bom, hoje em dia eu tiro de letra, é que o nome disso ,eu particularmente não sofro tanto preconceito, porque? Hoje eu passo muito assim como uma mulher, como uma senhora que eu tenho 40 anos, obvio né?	Gente, não muda, é a mesma. Tanto a faixa etárias de idade, de tudo, aí vai de cada um tá entendendo, aí ó... tem clientela de 14 15 e 21 de 80 de 100, eu posso falar por mim, eu não vou ser hipócrita e falar que se aparecer um rapaz de 14 anos e tiver dinheiro que eu não vou fazer programa com ele, estaria mentindo, porque eu vou sim!	Bom...facilidade nenhuma, tá entendendo ?porque na profissão da noite é um risco todo dia, mas você acaba criando uma carapaça, você acaba criando vínculos e força que você acaba perdendo o medo de tudo, tá pronto, sempre armada para tudo.	É como sempre digo: eu tenho três profissões, né? A que mais utilizo são duas né que é profissional do sexo e mãe de santo. Eu falo pros meus filhos, eu assumo duas personagens: uma mãe de santo, aquela mãe amigona, uma pessoa dona de lar. Profissional do sexo, uma puta moderada, com discernimento e respeito por tudo, porém uma puta, então , pra você ver o tanto que cabeça da gente é ardilosa, né?	bom Eu...já estou assim... praticamente acomodada, né? Como eu tenho minha dependência tudo , mas sim eu tenho vontade de assim, na frente, eu minha realização da operação de sexo, né?
17	Jéssica Pereira	então ... eu durmo tarde porque eu tenho problema de insônia, né? Aí eu durmo tarde fica assistindo vídeo essas coisas no celular, aí eu fico até tarde assistindo, aí eu acordo tarde também já acordo em volta de umas 10:30, 11 horas por aí ... Ai, como eu	Aí... eu vou ser sincera, agora, os desafios que mais, os desafios que mais a gente tem, eu tenho particularmente, mas não só a minha parte , mas de outras meninas também começa com o preconceito as vezes das nossas próprias amigas e depois de ambos, de	Dependendo do problema eu consigo me “esquivar”, consigo ter paciência, consigo chegar a tentar conversar, mas tem caso, certos casos que a gente não consegue conversar, então aí o negócio fica feio, mas aí	Homens mais velhos e casados.	A única facilidade, sinceramente que eu acho, que é o horário, porque eu entro... tipo assim, embora eu tenho hora para entrar e hora pra sair, eu trabalho para mim, tipo eu não trabalho pros outros,	Eu tento, eu sou uma pessoa que eu consigo dividir bem as coisas, é...aquele ditado, não leva aqueles problemas do serviço para casa, sou bem isso, então digamos assim que na rua, o que acontece lá	É consegui minha casa própria entendeu, luta pelas coisas...

		tô ficando na casa de um colega meu eu acordo, ele tá dormindo, eu levanto aí eu tomo um banho escova o dente, troco de roupa, aí ele vai... eu vou pego minha bicicleta e vou para casa dos meus avós almoço, aí eu fico lá um pouco conversando com a minha avó...	peças de fora porque a dificuldade começa, tipo assim, de você tá vestido mais bonita que a outra, outra já começa a falar mal de você e começa a todo aquele negócio, vira todo aquele rolo, um A que você fala pra uma a outra vai lá fala um B, já vira todo um rolo já quer te bater, quer arrancar sua peruca, aí vira todo um RETT... e é desse jeito, mas a segunda pior é, realmente a parte das pessoas de fora, que sinceramente não são nem tão físicas mas são agressões psicológicas que é o que eu acho que dói mais	depende do...da... mas vai mais por partes, entendeu?			fica lá, entendeu	
18	Xaynna Shayuri Morganna	Bom eu acordo primeiramente, a gente escova os dentes toma um café e fuma um cigarro, ai eu limpo a casa, ai depois eu vou fazer o almoço. Na parte da tarde tem o café da tarde, lavo louça, faço janta, limpo casa, todo serviço que uma mulher faz o dia inteiro... fico assim, e a noite vou pra rua ganhar dinheiro.	O risco de estar ali, ponto de levar um tiro, ou passa alguém e joga um carro... igual já fizeram uma vez. Sofrer represaria da própria polícia mesmo, e assim por diante.	Tem hora que a gente tem que ser louca né? Ah a gente chama a polícia e a polícia não vem, ai quando a polícia não vem a gente acaba resolvendo da nossa maneira que não é correta né, mas a gente não tem como se defender né?	Ah uns falam que tem 18 mais não devem ter... nessa faixa de idade, tem de 50, 60 anos são todas. Casados, a maioria...	Nenhuma!!!	Em casa o respeito é totalmente diferente por que tem minha família, não toco em assunto de homem, nem o que eu fiz o que deixei de ganhar, nada em relação a isso... em casa eu tenho minha família, sou eu mesma. Na rua eu tenho que ser	Bom planos de ter minha casa própria, ter meu automóvel ter, vários outros tipos de coisas né?! Só a habilitação, queria um emprego né? registrado, queria um emprego que seja reconhecido né!

							outra pessoa, agir de outra maneira.	
19	Fernanda	Meu dia de vida, né, geralmente durante o dia eu fico em casa faço meus trabalhos ali dentro de casa, entendeu limpo minha casa, é... depois faço meus trabalhos escolares, vou pra escola, depois da escola eu vou pra prostituição e madrugo ali. Essa é minha rotina.	Porque a cada segundo, entendeu, está disposto ali a sofrer um preconceito de pessoas que discriminam como eu estava lhe dizendo, o risco de entrar em um carro e não voltar com vida né. Até mesmo uma doença por mais que nos cuidamos, mas corremos diversos riscos. Estamos dispostas ali, quantas vezes eu já sofri agressão com minhas amigas de ter que correr pra não apanhar!!!	Olha primeiramente eu, enfrento com a minha fé, primeiramente, porque eu acho que se fé você não consegue... e pensando né, nos objetivos que temos, temos conta pra pagar, é aluguel que vence, é o que calçar o que vestir, então não né, tem que enfrentar.	Olha de todo o tipo, desde jovens a homens casados né, idosos....	Você faz seu horário, e você mesmo administra a sua forma de trabalhar. Então a facilidade é essa, você está trabalhando pra você, então você tem que se alto controlar,	Olha eu até então não sou de misturar, o que eu faço no meu local de trabalho permanece ali, e minha vida pessoal eu procuro né, manter ela fora...	: Eu tenho a vontade de um dia sair da prostituição, como eu disse eu estudo. Ano que vem se Deus permitir e tudo der certo eu vou começar a cursar direito, e meu sonho futuramente é ter uma vida, ter uma família, se Deus permitir ser uma juíza lá na frente, né?
20	Gaby	Olha meu dia a dia eu fico mais em casa mesmo, minhas obrigações diárias mesmo como mulher faço vou fazer algumas coisas, vou ao medico, vou ao centro da cidade normalmente vou fazer algumas coisas que é preciso né.	A noite é querendo ou não aquele risco né, é arriscado por mais que a cidade é pequena corre o risco... você tem que ficar atenta tem que presta atenção... roubo, assalto... tudo isso.	Ser mais esperta né, prestar mais atenção...	Casados né, família tradicional brasileira né? É isso a maioria é casado, homens héteros normal.	Dinheiro fácil, rápido também. Não é bem fácil né? É rápido mesmo!	A noite é meu trabalho e de dia é normal. Meu trabalho é meu trabalho, e no meu dia a dia sou eu mesmo.	No pessoal agora, começar um curso inicio do ano agora, e futuramente sair da prostituição né por que vai chegando a idade, a faixa etária chega né... Quanto mais o ano passa, mais novinhas vão surgindo você vai ficando velhas e abatida essa é a realidade da vida.

No que tange aos discursos discriminatórios das relações sociais e de trabalho, conforme respostas que constam na tabela 4, sobre a rotina das TTs, seus desafios, facilidades e expectativas no campo pessoal e profissional, enquanto profissional do sexo, fica evidente que o discurso da sexualidade é uma leitura do momento que a sujeita vive, com toda a sua construção social e relação de poder e verdades, legitimadas ou não pelas instituições, governamentais ou não. De acordo com as observações feitas nas entrevistas, os discursos sobre sexualidades presentes e praticados em nossa sociedade são dispositivos das mais variadas formas de violência contra as TTs. Foucault (1989, p. 100) descreve que a sexualidade:

[...] não se deve conceber [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza em que o poder é tentado a por em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Resta-nos, questionar os reais significados e o modo de construção dessas verdades e para quem elas estão postas, avaliar as práticas discursivas e, por fim, refletir profundamente acerca dos motivos pelos quais somos movidos a inferiorizar as sujeitas ditas diferentes e fazer uso dos discursos do interdito, do silêncio, dos temas proibidos, os quais são responsáveis pela invisibilidade social.

Pode se observar, nos relatos das sujeitas, no que se refere aos discursos discriminatórios das relações sociais e de trabalho, que esse fenômeno tem vários impactos nas relações subjetivas das TTs pela constituição do seu corpo, que faz com que essa relação social e culturalmente construída questione as relações de poder sutilmente colocadas na sociedade e nos discursos sobre o corpo e a sexualidade.

Dinis e Pamplona (2014, p. 232) consideram que a sociedade busca uma forma na construção do corpo das TTs, “uma imagem mais suave e, que agrida ou choque os olhares historicamente construídos e governados a ver os gêneros, o corpo e a sexualidade de forma quase naturalizadas inata e essencializada”.

Mas essa reflexão sinaliza para a necessidade de questionar a sociedade para além das imagens do corpo ressignificado das TTs, como aquilo que não é dito, dentro das sutilezas das relações de poder como o preconceito velado e as violências sociais enfrentadas, diariamente,

na rua de prostituição realçadas nas entrevistas das interlocutoras com relação à discriminações, na maioria das vezes, associadas, principalmente, pela orientação sexual.

A maioria das entrevistadas, em seus relatos, pontuou que a recusa por elas, das normas heteronormativas e sociais de gênero em suas vidas, é uma libertação para as mesmas vivenciarem a sua feminilidade. E essa trajetória de vivência e sentimentos de pertencimento e reconhecimento se faz presente na rotina, lhes proporcionando-lhes a vivência e o reconhecimento de sua construção do feminino. Para elas a rotina diária consta como a de qualquer outra pessoa comum dita normal, com afazeres domésticos, como limpeza da casa, lavar as roupas, cozinhar entre outras tarefas diárias e, só ao cair da tarde, começam a se produzirem para o seu trabalho como profissional do sexo, preparando a roupa que vai ser utilizada a noite, os produtos para a maquiagem que vão fazer e, ao cair da noite, já estão prontas para ganhar o seu dinheiro e proverem o seu sustento, na rua de prostituição.

Benedetti (2005, p. 116), revela que os espaços na rua de prostituição transformam, favorecem e fortalecem o convívio social das TTs, quando afirma que:

[...] é na esquina que as travestis procuram se exhibir, se insinuar e se oferecer de forma a se sentirem atraentes para os desejos dos homens que ali circulam. É na rua que suas formas corporais e sua performance feminina dão resultado, isto é, eficientes para os homens as desejarem. Esse espaço é concebido como principal meio de troca e aprendizado da carreira travesti.

Esses pontos revelam que a rua de prostituição para além do ganho financeiro/sobrevivência é um marcador social do espaço utilizado pelas TTs na sociedade contemporânea.

Em relação à vulnerabilidade, a maioria das interlocutoras relata que os desafios enfrentados no seu cotidiano são permeados de perigos, por estarem expostas nas ruas, calçadas, becos e avenidas. Em suas narrativas, deixa claro que o desafio enfrentado por elas, diariamente, na rua de prostituição é marcado pelo medo e pela apreensão com as ações de violência, praticadas às vezes pelos transeuntes que trafegam nas ruas e avenidas onde se encontram os pontos de trabalho das profissionais do sexo, ou pelos seus próprios clientes que tem uma faixa etária variada, com perfil desde os mais jovens em sua maioria solteiros, aos mais maduros em sua maioria casados, acima dos 30 anos, que procuram uma distração a mais na noite com as TTs. De acordo com elas, as violências, preconceitos e discriminações consistem na manifestação de praticas discursiva, bem como, para além dos agravos dessas

ações, ou seja, as cicatrizes da tortura física, psicológica que fatalmente fica presente em suas vidas.

Em sua investigação, na produção no campo social, Louro (2004, p. 76) sinaliza sobre a violência e a construção do corpo colocando que esse fenômeno pode ser compreendido de diferentes perspectivas por meio da “caracterização dos corpos significados como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem marcas de poder”. Marcas psicológicas e físicas relatadas pelas TTs pesquisadas, como o deboche, o roubo por parte de clientes, atropelamentos propositais, pedradas, xingamentos, tiros e agressões físicas, ações essas derivadas das deformações sociais produzidas por um determinado grupo da sociedade que tende a desqualificar moralmente e fisicamente o grupo das tts profissionais do sexo.

Nesse sentido, Moira (2017, p. 370) ressalta que os espaços sociais e as relações sociais, seja em grupo ou individual produzem processos de subjetividades que deslegitima, exclui e são regulados pelo sistema social, e nesse processo:

Faz diferença a travesti dizer-se “homem” ou “mulher” diante das tantas violências a que estará sujeita? Deixará em algum dos casos de ser expulsa de casa, da escola, de ver as portas do mercado formal se fecharem, de encontrar na prostituição mais precária a quase que única possibilidade de subsistência, de ser brutalmente objetificada nas ruas, de ter sua expectativa de vida girando ao redor dos trinta e cinco anos? Não importa o que ela diga, nada será tão eloquente quanto o seu corpo em transmitir a mensagem do que ela é, do que ela não pode deixar de ser.

Nos relatos das TTs investigadas existe um conflito estabelecido entre sua identidade de gênero e seu corpo biológico no que se refere à exigência e cobrança da sociedade de viver um papel social inverso à sua identidade de gênero, e na inadequação de seus documentos, o que as impedem de exercer, plenamente, a sua cidadania por sua nova forma de ser, ficando evidente o exercício da disputa de poder operando através das ações e condutas exercidas contra e pelas sujeitas diferentes.

Nesse sentido Foucault (1988, p. 88-89), descreve o poder como:

[...] a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral cristalizado institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais.

Percebi que o jogo de poder nas relações sociais entre as tts e parte da sociedade, articula-se principalmente pelas relações desiguais, o que denuncia suas raízes estarem apoiada no patriarcado machista e racializado. Ademais é importante mencionar que essas sujeitas investem muito em seus corpos, elas os constroem e os adéquam a critérios estéticos, higiênicos e morais dos grupos a que pertencem e nesse sentido as relações são permeadas no complexo e constante jogo de interações sociais imbricados de tensões, implicando em uma relação de poder que age sempre como desigual, é a partir dessa ação que a resistência surge, sempre móvel e transitória, de acordo com as ações desempenhadas pelo outro lado da relação social. Segundo Perez (2005, p. 63), “ [...] pela percepção da ausência de políticas públicas que possam contemplar ações mais comprometidas com a inclusão social e diminuição das desigualdades sociais econômicas e culturais” é que se pode fazer resistência.

Entre as participantes desta pesquisa, no referente ao cenário de enfrentamento dos desafios, elas narram que enfrentam das mais variadas formas, o que vai da neutralidade a explosão, e que depende da situação vivenciada no momento na rua de prostituição e no trabalho formal delas, pois enfrentam as dificuldades fazendo valer os seus direitos enquanto cidadã, conversando ou chamando a polícia quando o fato é mais grave, fazendo boletim de ocorrência quando agredidas física ou verbalmente, e quando não são assistidas pela corporação da polícia, acabam resolvendo a sua maneira, chegando ao ataque ou vias de fato com o/a pessoa no momento do desafeto. Os relatos das interlocutoras apontam que, por desafiam a norma heterossexual, os episódios de preconceito, discriminação e violências contra as mesmas passam a acontecer com maior frequência, nos locais de trabalho, fazendo com que as mesmas revidem as violências sofridas quando conseguem.

Junqueira (2010, p. 212-213) esclarece que:

[...] tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos que, de maneira dinâmica e variada, podem se identificar ou serem identificados/as como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais (LGBT) ou outras categorizações semelhantes, análogas ou equivalentes. Essas pessoas se veem desde cedo na mira de uma pedagogia da sexualidade (Louro, 1999) que se traduz, entre outras coisas, em uma “pedagogia do insulto” por meio de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes etc. Tais “brincadeiras” constituem-se poderosos mecanismos de objetivação, silenciamento, dominação simbólica, normalização, marginalização e exclusão.

Notei, assim, que as vítimas da transfobia, além dos riscos individuais eminentes a sua trajetória profissional e pessoal ainda são marcadas pela injustiça social que se manifesta por sua forma de ser e se constituir em seus corpos femininos.

Nos relatos das interlocutoras sobre as facilidades da profissão, pude aferir que o mercado do sexo possibilita uma flexibilidade de carga horária de trabalho, e de uma renda alta para as mesmas, justificadas pelas TTs com o fato de serem livres e fazerem o seu horário de trabalho, além de não terem patrões nem cafetinas o que acaba por ter um reflexo positivo em sua renda mensal, e faz com que elas tenham a necessidade de um planejamento de seu dia de trabalho, assumindo o total controle e direção de suas vidas e carreiras, valorizando ou não cada centavo que ganha e que investe em si. Em seus relatos, afirmam que a atividade laboral exercida é um modo de viver em sua plenitude a sua construção de gênero e que as facilidades encontradas por elas no seu lugar de trabalho perpassam por questões sociais que na maioria das vezes é vista pela sociedade como degradante. A prostituição desnuda algumas relações pessoais que se coloca para além do dinheiro como a aventura e diversão para as TTs, facilitando assim o trabalho de profissional do sexo.

No que concerne à conciliação pessoal entre a profissional do sexo e a sua vida pessoal são duas questões recorrentes em suas narrativas, revelando que a simbologia corporal ressignificada, construída em meio aos fatos vivenciados históricos e culturalmente com quem as sujeitas convivem e se relacionam, é perceptível que o corpo montado, transformado de acordo com os seus pensamentos e poderes aquisitivos enfrenta socialmente os olhares que recaem sobre si, ora de julgamento e ora de admiração marcada pelos seus trajes mínimos, salto alto, cabelos compridos e a maquiagem para o exercício da profissão, sem culpa ou vergonha de ser quem é. As sujeitas TTs revelam que se sentem livres na rua de prostituição para expressar seus sentimentos de afeto, enquanto que na vida pessoal o sentimento se revela mais desanimador pela falta de companhia pra viver junto (namoro/casamento). A dificuldade para um relacionamento revela um conflito ligado ao trabalho que exerce e, na simbologia do seu corpo construído, nota-se que este jogo do desejo, do afeto e do medo, na maioria das vezes, causa certa insegurança nas mesmas, fatos esses que levam a baixa autoestima.

No quesito que trata das expectativas das TTs, percebi que a prostituição tem um significado singular em suas histórias de vida, traz em seu bojo o reconhecimento identitário, a liberdade de gênero com a atividade profissional que escolheram e exercem, e nesse contexto o trabalho escolhido por elas não exige uma maior qualificação profissional, em sua maioria relata que escolheu esta profissão por não terem outra qualificação para os dias de hoje. Notei neste ponto algumas dicotomias em seus relatos, porque hora não querem sair da

profissão que escolheram para si como profissional do sexo, outra hora tem os devaneios de querer abandonar a profissão e ter um casamento, outro momento quer terminar os estudos e se profissionalizar, doutra feita querem conquistar a independência financeira e de bens materiais, querer largar a profissão por outra, mas logo em seguida voltam a dizer que vai ficar na prostituição enquanto vida tiver. E nesse contexto, outra expectativa das TTs é quanto ao corpo, o qual vai se modificando com o passar dos anos no processo de prostituição e experiências vivenciadas, traduzindo as lutas diárias para mantê-lo bonito e desejável para o trabalho.

Corroborando nesse contexto, Carvalho (2018, p. 14) assevera que:

Não se trata de uma utilização aleatória do corpo, mas de uma politização dele na evidência (e não no acobertamento) dos estigmas. Não se busca ser respeitável pela inevitabilidade (ou total descrença) na possibilidade de “respeito”. O que se processa é a afirmação da presença de corpos individualizados e estigmatizados na rua.

Ressalto que mesmo as TTs percebendo toda a vulnerabilidade a que estão expostas nas ruas de prostituição, as humilhações e violências sofridas e a exclusão social que vivenciam no seu dia a dia, elas afirmam que estão realizadas na rua de prostituição. É importante mencionar que nas narrativas delas fica explícito que o que importa e impulsiona a sua permanência ou não na rua de prostituição é o dinheiro, os prazeres com os clientes, as transformações e plásticas que pensam em fazer em seus corpos.

Dentro do recorte temporal feito podemos perceber que a pesquisa proposta trouxe nas narrativas das interlocutoras TTs até aqui apresentadas, um olhar sobre as questões geracionais, as violências sofridas, o acesso e permanência na instituição escolar e no trabalho desenvolvido e escolhido pelas mesmas, e essas reflexões demonstram que a produção do discurso ainda está ligada as suas experiências marginalizadas, excluídas e estigmatizadas por estarem vivenciando a sua identidade de gênero diferente e, principalmente, por estarem associadas a rua de prostituição.

As zonas de trabalho na qual se inserem as travestis e transexuais – dado ao fato de a sociedade discriminá-las por diversos fatores – são locais longínquos, de total exposição a perigos, sem nenhuma estrutura e privacidade e que as expõem à vulnerabilidade certa.

Contudo, a partir do que foi informado pelas entrevistadas e o que observei nos locais de prostituição, o reconhecimento, autorreconhecimento e o desenvolvimento da autoestima e da autoconfiança é possibilitado às TTs, já que promove melhoria da aparência física, além de ser um lugar livre para viver sua construção de identidade e de gênero.

Blocos V – Respostas obtidas com as perguntas direcionadas a captar os discursos de discriminação e violências vivenciadas pelas TTs na sociedade atual.

Tabela V - Os discursos de discriminação e violências vivenciadas pelas TTs na sociedade atual. Em se tratando de cidadania, como você analisa a presença do/da travesti/transsexual na sociedade atual e como esta sociedade os/as vê? Você já participou ou participa de algum grupo ou movimento social? Se sim qual? Você já sofreu agressão verbal, agressão física? Foi maltratada por clientes ou já foi vítima de chantagem ou extorsão? Se sim, como você lidou com os fatos? Quais as lembranças boas e ruins de situações vividas, que você guarda do tempo de estudante da educação básica, com relação ao tratamento recebido de professores/as e demais pessoas das escolas onde estudou? Descreva alguma. Dê uma sugestão do que deve ser feito para minimizar esses atos de preconceitos, discriminação e violências dos quais vocês são vítimas.

Nº	Nome	Em se tratando de cidadania, como você analisa a presença do/da travesti/transsexual na sociedade atual e como esta sociedade os/as vê?	Você já participou ou participa de algum grupo ou movimento social? Se sim qual?	Você já sofreu agressão verbal, agressão física? Foi maltratada por clientes ou já foi vítima de chantagem ou extorsão? Se sim, como você lidou com os fatos?	Quais as lembranças boas e ruins de situações vividas, que você guarda do tempo de estudante da educação básica, com relação ao tratamento recebido de professores/as e demais pessoas das escolas onde estudou? Descreva alguma.	Dê uma sugestão do que deve ser feito para minimizar esses atos de preconceitos, discriminação e violências dos quais vocês são vítimas.
01	Dandara dos Santos	Nos enxergam como sujas, como pessoas inferiores a eles... muitos né discriminam, muitos tem o preconceito silenciado. Então hoje eu acho que a sociedade, esta aprendendo a ter um preconceito silenciado e nos respeitar. Até o momento que a travesti faça valer o direito dela, como eu que sou emponderada nisso!	Eu tenho um grupo que promove ajuda aqueles que precisam, chama “AMOR SEM FIM”, quando a uma notificação das pessoas assim, eu tenho um projeto, com crianças do balé, capoeira e futebol da parte alta da cidade. E lá eu mantenho duas festas que é a da	Então já sofri sim. Física bem pouca, pelo que eu me lembre eu já sofri agressão por parte travesti, uma vez em Dourados MS, eu me recusei a sair com um homem, ele deu a volta, não gostou... pelas costas ele deu um tapa, que pegou na minha orelha e parte da minha cabeça, aquilo me deixou profundamente magoada, ele só não conseguiu mais ação por que eu estava com uma garrafa	Em 1998, eu participei de um curso de redação “criança feliz” lembro como se fosse hoje, eu era do primário, e a minha cartinha foi a melhor da escola. Eu ganhei a nível municipal, a melhor redação e depois a nível estadual... Então foi uma honra pra minha mãe, pro meu pai... por que eu escrevi certinho sem ajuda de ninguém, por que minha mãe é semianalfabeta, é analfabeta meu pai é semianalfabeto, então eu tive que	Começa pela sociedade não só aceitar e sim respeitar. E que a travesti ela também lute por isso, não deixe só pela mão das militantes, as travestis mais velhas que elas estejam mais unidas com isso. E uma política transexual e travesti

			<p>páscoa e depois vem o dia das crianças, eu faço uma ação social com eles, junto ao grupo, eu também tenho trabalho com moradores de ruas, a gente alimenta os moradores de rua... faz o mapeamento e com as travestis profissional do sexo. Pela associação ATGLT onde na qual eu sou coordenadora das travestis e trans.</p>	<p>eu quebrei, não fui pra cima dele, se ele viesse e me desse outro tapa... mas eu fiquei segurando, eu dei chance pra ele ir embora, mas ele não queria dar chance pra mim... e foi embora! E agressão mais por parte da minha mãe que me batia muito, por que ela já percebia trejeitos, que tratava-se de um menino que era uma menina, que ela queria um filho mais eu me sentia filha. Verbal até hoje, não muito porque ainda tem uma passagem “sis” né... mas quando percebem né, eles fazem perguntas, se eu sou uma mulher ou uma travesti, isso pra mim me agride! Que eu acho que não caberia nenhum ser humano perguntar o que eu sou... qualquer órgão né?</p>	<p>recorrer a mim mesmo,... Na escola eu sofri muita perseguição, primeiro dia de aula os professores no pátio, procuram saber sobre os alunos... e falavam que homem é homem, mulher e mulher, tudo aquele discurso tudo voltado, por que eu era única travesti da escola, então foi muito difícil quando eu coloquei uma saia de mulher, ou uma vestimenta feminina, foi muito difícil. Mas depois ganhei espaço, porque eu sempre lutei por aquilo que sou e pelo que quero!</p>	<p>assídua, como o que? Com debates, com oficinas, com palestras... e que a sociedade aceita essas diferenças para levar e sair desse preconceito... por que o preconceito é uma opinião sem conhecimento.</p>
02	Natália Pimentel	<p>Ah eu acho que a gente é mal vista, né? de uma forma ou de outra, por um e por outros, tem gente que é a fav...a favor, né? Que concorda, que respeita, mas tem gente que não e muitas vezes a gente paga por erros de outras né também. Por isso que as vezes a gente não é bem visto na sociedade.</p>	<p>Sim, da ONG daqui de três Lagoas, ATGLT que é a associação Três Lagoas de gays lésbicas e travestis.</p>	<p>Eu acho que nunca sofri assim, mas eu já tive um episódio de ser xingado, mas eu não tava . Mas, xingada, difamada e tal, mas aí foi tomada devida providência e feito boletim de ocorrência. As duas vezes foram o celular. Mas a primeira vez eu corri atrás do cara, é, mas não consegui ele jogou tudo menos o celular, jogou a bolsa, jogou o dinheiro que tinha. Não pegou nenhum dinheiro tão burro que era, só ficou com o celular. Aí na segunda vez, eu esqueci</p>	<p>Na escola... eu não tenho lembrança ruim da escola. Porque eu só tenho lembranças boas, eu sempre fui respeitada, eu me dava... o respeito. Então eu acho que eu nunca servi de chacota na escola, sempre fui “muito” conhecida na escola, tanto por aluno, por professor, por direção, por tudo. Tem brincadeira ? tem ! mas brincadeira ali na sala de aula , mas nada que passa pra ser alguma coisa ruim, pra mim não foi uma coisa ruim, então eu nunca, também levei muito ao pé da letra, né?, esse tipo de coisa. Quando</p>	<p>Ah! Eu acho... que... é a legalização, né? Da lei... da homofobia como crime, né? Eu acho que para mim é a única coisa , é porque já é feita tanta coisa, tanta coisa, que não tem como uma pessoa se fingir de surdo e falar que não sabe, que sabe todo mundo sabe, que vive nos tempos de hoje, todo mundo sabe como tá</p>

				de, levei o celular para Rua também, esqueci de colocar o celular para vibrar ou no silencioso, aí um m amigo me ligou e o celular tocou eu fui atender, nisso na hora que eu fui atender o cara veio por trás de mim puxou o celular e saiu correndo, aí nessa eu não corri atrás porque fiquei não tive reação nenhuma.	xinga.. Mesmo se eu não conhecesse ou não conhecia deixava passar, a fingia' que não tava nem ouvindo, fora isso para mim foi ótimo. Felicidade!	o mundo, sabe que o que é um gay que é uma drag, que que é uma travesti , o que é uma trans, então não tem alguma coisa assim que possa ser feita maior que é essa da lei para tentar dar uma mudada nisso, acho não tem, esse negócio de palestra, essas coisas, todo mundo faz, sempre é feito , então...o negócio é a lei a fundo mesmo.
03	Tabata Brandão	No meu entendimento, hoje nós somos visto como uma ofensa no meio social, ninguém ta nem ai pra tua história, ninguém ta nem ai pra nada. Você pra eles é um intruso, você não deveria existir... muitos da sociedade te olham... querendo te matar. Mas você não pode fazer nada, então você é vista como uma pessoa que... (como é?) rejeitada, não! (como que...) você é uma pessoa...	Eu nunca participei... por que assim... eu só vivi a minha vida, eu sempre tive minhas ideias mais eu nunca busquei entrar no meio social porque eu nunca me senti preparada assim, pra mim eu nunca senti ouvida, entendeu?	É normal praticamente, mas não podemos considerar né? Porque cada coisa que aconteceu, de agressão... de.. de agressão... De roubou eu já achava que era o fim da minha vida, todas as vezes que essas coisas aconteciam comigo eu achava que poderia ser o fim... Seria como pegar você e deixar quilômetros, como se fosse daqui até lá em Andradina, pra você vir andando sem nada, sem dinheiro, sem nada! Jogar você dentro do mato, sem roupa, só pra fazer a maldade... mas isso assim a gente tira de letra né (risos) ... porque pelo menos a vida nos temos. E eu nunca reagi assim... porque eu sempre fui segura, eu sempre	Eu não tenho nada de ruim das escolas sabe porque? Porque eu sempre fui escoraçada de dentro de casa, então a escola era minha casa! Eu ia pra escola, eu merendava de tarde, merendava de manhã... até de noite. Eu fazia fanfarra, fazia teatro, fazia ginástica... então a escola era a minha casa. Acaba indo pra casa no turno da noite e chegava em casa, não queria nem entrar! Então... a escola foi a melhor coisa da minha vida! Então eu era super bem recebida, pelos professores, tinha boas notas, era elogiada. Entende?	Acho que deveriam ter mais programas, como psicólogos pra falar sobre os problemas mentais, atingir a cabeça do social, porque? Porquê as vezes as pessoas precisam é de uma luz... aquela luz que falha acender ela, mostrar a verdade, as pessoas têm que entoar mais a verdade parar de ouvir besteiras... parar de acreditar em mentiras, e vê que existe uma solução... existe... tem como você mudar esse quadro.

				<p>acreditei em mim... Muitas vezes eu já tive que mostrar o meu lado mais masculino... porque eu vi que eu dava conta eu não ia deitar também né? (risos) quando eu via que eu não dava conta, no caso quando era um revólver, uma faca... quando vinha na mão? Ah porrada se troca, a gente se troca lá! No meio do mato, onde tiver! Tanto que muitas vezes, eu vi que aiii... não vale a pena, antes é melhor fazer o que eles querem e sair com a vida, sem ter se machucado e nada, do que ser atacadado...</p>		
04	Larissa Valverde	<p>É cada um é cada comportamento né, eu penso assim... o respeito é cada um se dá seu respeito... se você se comporta bem você vai ser bem recebida em qualquer lugar, agora se você se comporta mal... do mesmo jeito que você se comporta você vai ser respeitada. E (ai deu branco...) é a pessoa. Igual eu falo, a sociedade esta muito melhor do que antigamente, tipo assim hoje a pessoa mesmo que se define do jeito que ela é porque a sociedade tem o preconceito mas se você fazer “como pior” o jeito de se comportar você vive muito bem.</p>	Não.	<p>Agressão verbal entre a mesma, como se diz... agressão verbal que eu tive já foi do mesmo pessoal do grupo, tipo assim. Uma transsexty tipo assim, mas questão de homem essas coisas eles não mexem assim não.</p>	<p>É que na época da escola eu sofri muito porque tipo assim, eu era uma coisa só que eu não queria aceitar que eu era. Ai aonde que os meninos me xingavam na escola ai arrumava briga, ai eu queria entrar no banheiro das meninas e tipo assim eu estava me transformando ainda ai os meninos não aceitavam quando eu entrava eu sofri bastante da época da escola eu sofri... Foi a pior época da minha vida, que eles me chamavam de uma coisa que eu não queria ser aquilo, então... Me chamavam De viadinho, de bambi... de ixi era muita coisa... pantera cor-de-rosa, era muita coisa, que tinha muito <i>bulling</i> na escola na minha época mesmo. E os professores e diretores tipo assim não ligavam pra isso... Viam</p>	<p>Oh uma coisa, eu acho que se a pessoa da o respeito ela vai entrar e sair em qualquer lugar. Se você da o respeito você vai ser respeitada em qualquer lugar. Eu mesmo hoje eu tenho uma vida normal, não tenho “depressão contra nada”, não me sinto uma pessoa, ah tem hora que eu esqueço que eu sou. Eu me considero uma mulher e entro e saio em qualquer lugar. Eu acho que se a pessoa</p>

					e tipo assim, ficavam por isso mesmo. Não corrigia, na época da escola eu sofri bastante. Foi a pior época.	se da o respeito ela vai ser respeitada, qualquer lugar.
05	Bianca Gonçalves	Eu acho, que pra travesti e transexual é meio complicado ainda, porém... Então é isso que eu quero concluir. Porém a muito tempo atrás, a muito tempo atrás não... era pior, hoje em dia deve "ta" eu creio, deve ta um pouco melhor... porem com alguns empecilhos muito grande. Esse é meu ponto de vista tá?	Não eu não participo. Não por... por não ter, mas é por que acho que não sei, vamos dizer que eu sou preguiçosa também.	Agressão verbal nunca sofri, ao longo desse tempo da minha vida de prostituição eu nunca sofri... agressão física eu já sofri uma vez, não, duas (RISOS)... Vai falando e a gente vai descobrindo ai, mas assim foi dois. Uma foi um cara queria ficar comigo a força, ele tava bêbado, ele rasgou meu vestido no meio da rua e eu sai correndo, e o legal disso tudo que ele rasgou o vestido e rasgou só na costura... e eu estava com o cinto no meio ai deu pra disfarçar a roupa, se eu não tivesse de cinto eu ia ficar só de calcinha e sutiã na rua já pensou? E a outra vez foi dois caras, tem uns dois anos isso, foi mais recente... eles me confundiram com outra travesti, e me levaram de carro e começaram a me agredir...	Ai foi maravilhoso assim, eu lembro de várias situações né? Uma delas foi uma agressão, mas isso eu não (...) foi na escola uma agressão de meninos, foi na vila piloto aqui ... eu fiquei com tanta vergonha de entrar na escola que fizeram aquela rodinha pra ver sabe? Eu nem entrei na escola eu fui embora... mas tirando isso as minhas lembranças são ótimas de escola.	E eu acho que pra minimizar, claro tem que ter a conscientização, os movimentos pra demonstrar que a gente veio pra mudar, e as pessoas têm que entender, por mais que não participe, não de opinião, fica quietinha num canto... as vezes boca fechada não entra mosquito.
06	Lorrany Oliveira	Então daquele jeito né, as vezes eu sofro preconceito, outras não... tem pessoas que olham muito, outras não olham! Tem lugar que eu chego e parece que ninguém me notou, tem lugar que eu chego e parece que todo mundo me notou... e assim vai. Mas eu nem ligo, nem intimidade.	Não!	Não, já xingaram... todo mundo xinga toda travesti. Normal, a gente passa por essa situação. Ah eu xingo também, xingo do mesmo jeito que eles me xingam.	Ai nossa todos os professores me adoravam, eles faziam o possível pra me ajudar... que eu sempre fui muito fraca de ideia e de mente sabe? Eu falava as coisas e esquecia o que eu falava, pra mim fazer o "S" eu chorava, eu não sabia fazer o "S" as professoras tinha quem me ensinar. Então isso eu não tenho o que	Ah eu acho que nada, por isso ai vai de cada um entendeu? Vai da mente da pessoa... então nada vai fazer a pessoa mudar de opinião, entendeu? É assim que eu penso.

					reclamar, sempre fui popular na escola, nunca ninguém me bateu, nada demais. Eu sempre fui bem tratada.	
07	Canoa	Eles vê a gente como aberrações, como aberrações. É o que a bíblia fala, que Deus fez o homem pra casar com a mulher e não dois homens se casar... não é verdade? É isso a gente na sociedade é uma aberração, as pessoas olham e ficam rindo...	Não	<p>Sim, por uma pessoa conhecida aqui na cidade, ele me ameaçou, falou que se eu mostrasse o vídeo para outras pessoas, ele arrancava a minha cabeça... é uma pessoa conhecida na cidade, ele é bem conhecido na cidade, foi vereador de Três Lagoas Mato Grosso do Sul. Teve, ontem também teve um caso... que o cara colocou a arma na minha cabeça e falou que se eu cobrasse, ele saiu comigo e fez o programa, faltou uma parte do dinheiro e ele falou pra eu pegar no bar dele hoje, ai fui lá hoje e ele pôs a arma na minha cabeça e falou que se eu voltasse lá ele me matava. Medo, medo, muito medo! Não, não fui embora e fiquei lá no local, ele me pagou... me deu o restante do dinheiro e eu fui embora.</p>	<p>Foi ruim, não foi boa não ... foi horrível. Por causa do caso dos estupros que eu sofri na escola e vontade de sensação de matar as pessoas que fizeram isso comigo. Lá na escola eles davam garfo e faca e pra mim eles davam colher... por que eu pegava as facas e queria matar os professores, pelo acontecido. Por que ninguém acreditava em mim. Eu me sentia um lixo por que ninguém acreditava em mim na escola.</p>	<p>Mas assim, acreditar nas pessoas quando as pessoas falam né, acreditar e ligar pra polícia.</p>
08	Silvia Gomes Marques	Olha a gente ainda é aceita com bastante preconceito, porém é... ah não sei como dizer assim mais a gente é bastante recriminada mesmo, a gente não é bem vista na sociedade.	Não	<p>Apenas eu fui agredida verbalmente por esta fazendo meu trabalho na avenida, passou algumas pessoas me xingando... porém eu não tive muita reação continuei fazendo meu trabalho ate desviei meu caminho, porem ignorei o fato que estava ocorrendo no momento.</p>	<p>Olha o que eu guardo mais assim são as chacotas vindas dos outros alunos, os professores sempre tentaram contornar a situação, porém a maior agressão mesmo vinha verbalmente dos alunos mesmo, através de <i>bullying</i> por eu ser gay na época. Ah era com frequência, chamado de viadinho, que eu fazia isso que eu fazia</p>	<p>Olha, por se tratar de uma escola, eu acho que lá deveria ser assim... Com dialogo, não falar que eles são obrigados a aceitar, mas principalmente a respeitar a nossa opção que está ali no momento.</p>

					aquilo que eu pretendo não dizer no momento. Só que eu por escolha e medo no momento, eu só ficava quieta não falava nada, não reagia.	Uma sugestão seria dialogo mesmo, respeitar, que aquilo ali é um jeito nosso mesmo e não será mudado.
09	Rose	Sociedade preconceituosa, tipo assim... Fala travesti ou transexual, as pessoas já “assusta” né! Acha que vai chocar, que... Entendeu, que... é marginal, coisa assim. Muito marginalizada. Eu vejo assim, pela sociedade! Na verdade não é assim... né? Ah a gente é educada, a gente tem coração também, não é tudo “rá rá rá”.	Agora, sim... na ONG aqui mesmo ATGLT.	A agressão verbal dos clientes não. Clientes não. Mas eu digo agressão verbal da própria sociedade, não de cliente não. Sim em questão quando eu estou na rua mesmo... “ai não é mulher não, é viado” Ou então, grupinho de amigos de moleques, “ai, ali que cê gosta ali...” piadinha, sabe? Ah eu procuro já parar, eu procuro já bater boca... por que tem que aprender a respeitar. Entendeu? Eu paro eu já bato boca, eu já xingo entendeu? É mesma coisa que você vê um deficiente... Você vê um deficiente, você vai ficar “rá rá rá” “a lá o deficiente” não é assim. Não é verdade?	Em questão a situações ruins, é... nas escolas. Em questão aos meninos moleques, muita piadinha, ficava batendo na minha cabeça, antigamente... “ai vira homem” sabe assim... coisinha assim! Agora em questão assim as professoras, os funcionários sempre todos respeitosos, entendeu? Nunca sofri nenhum tipo de preconceito em questão aos professores e funcionários de escola, jamais! Mas em questão a alunos, foram péssimos!	Educação e eu acho que o conhecimento né, o conhecimento assim... ele tinha que ter uma força, porque as pessoas não conhecem né, acha que tipo assim, tudo é uma coisa só. A sociedade é bem assim, “elas acha” que tudo é uma coisa só e não é, então tem que ter um conhecimento, tem que ter a educação pra melhorar né?
10	Larissa Paiva	Infelizmente as pessoas ainda remetem muito a travesti a transexual, como a prostituição com marginal como vândalo... eles veem a prostituição como se vieram de nós né, e não já vem ao longo do tempo.	Sim eu já participei e participo, da TGLT, são movimentos que nos propõe em ter uma nova visão sobre a nossa... não é igualdade a palavra. (Direito) É, o nosso direito!	Por que as pessoas olham, e ao mesmo tempo que te chamam de linda, de noite te chamam de João né, “essa coca ela é fanta né!” então assim acho que a gente tem direito de ir e vir, né caminhar... sem sofrer preconceito né... mas infelizmente as pessoas ainda tem essa maldade né de maltratar, as pessoas simplesmente, fazem e falam o que quer, pelo simples fato de	Ai as lembranças boas eu tenho, que na época, eu tinha uma diretora aqui em Três Lagoas, que era uma amiga minha... Que é a Marizete, que sempre, sempre teve em meu lado, sempre me tratou muito bem, os professores nunca, pelo menos da parte de muitos dos professores nunca. Eu tive problema de alunos, com chacota, da risada, muitas vezes baterem... por preconceito, por não saber, como se lidar. Com professores, nunca tive! Pelo	A sugestão é você conhecer primeiro, do que você julgar uma pessoa sem conhecer, é o famoso preconceito... que são conclusões preconcebidas né, de pessoas que você nem conhece.

				<p>saber que não vai acontecer nada. Né? Então eu lido da melhor forma possível né. Muitas das vezes dou até risada né, por que não vai mudar em nada da minha vida né.</p>	<p>contrário eu fui bem recebida na escola que eu estudei. por mais que os professores falassem, eu havia falado que eu queria vira uma trans, por não ter um certo conhecimento na época, eles me incentivaram muito pra não deixar, mas eu acabei deixando, por preconceito mesmo. Na época criança, me perseguiram, iam bater à porta da minha casa, jogar aquela manga em mim. Eu acabei desistindo por conta dos alunos mesmo, não por conta dos professores.</p>	
11	Kebeca G. de Souza	<p>Como a sociedade nos vê, uma aberração talvez, é o que muitos dizem por ai né? algo fora da cultura deles? Ah uma pessoa que não merece um mínimo de respeito!!! Importante né, diversidade, deve-se ter respeito com todas as pessoas...</p>	<p>Eu participo né da ONG, e da das paradas quando tem do movimento né, quando tem né... pedindo respeito né. Vejo como uma grande luta né? Conquista né, estamos ai pra lutar e trabalhar pra conquistar respeito né, e lutar pela cidadania, muito importante isso, a ação dos grupos da ONG, e de todos os participantes da LGBT (políticos).</p>	<p>Sim eu já sofri agressão física e verbal, tanto de cliente como verbal da família né? com chacotas, clientes foi... já teve alguns sim, como eu me lidei com a gente não tem muito o que fazer, agressão é agressão, ela fere machuca o nosso psicológico, no corpo que deixam cicatrizes né? a gente tem que fazer, que eu acabei fazendo é... seguir a vida enfrente, é... procurando lidar com isso né? De uma forma bem natural, e seguir a vida que a vida, não pode parar né? Fomos até a sua casa, fiz o meu trabalho, e no final eu fui... pra receber, ele não quis me pagar, e acabou que eu fui tentar questionar ele pôs o cachorro pra cima de mim, e eu falei que eu ia fazer um escândalo ai ele veio pra cima de mim, me bateu me agrediu e ai eu estava de</p>	<p>Boas na época da escola, a única coisa foi, que os alunos em si eles me tratavam bem, “oh viadinho”, “vira homem”... esse tipo de coisas assim sabe? Ah “vá por um tênis”, por que as vezes eu ia pra escola assim, não queria saber, ia pra escola assim. Professores também vinham com gracinhas sabe? “ah você ta tirando sobrelhas? Isso não é coisa de moleque não” “sua mãe não fala nada não?” – não por que minha mãe me ama!</p>	<p>Bom em questão... é mais mudar a cultura do nosso país, claro... não se basear em Adão e Eva, creio que religião é religião e política é política ... política é da sociedade e dos governantes a gente não pode misturar.</p>

				<p>mãos atadas, por que eu não sabia onde eu estava, ele tomou o celular veio pra cima de mim... eu não sabia o que fazer...</p> <p>Uma pessoa com uma estrutura física mais forte que a minha, claro não tinha como eu fazer nada... em tempo de tirar a minha vida, eu preferi permanecer calada, e fui ficou marcado na minha vida, claro é uma coisa que eu não esqueço porque feriu a minha dignidade, porém tive que seguir a minha vida!</p>		
12	Luna Shine	<p>A presença da travesti na sociedade atual, olha a presença é muito grande, por que somos muitas né... travestis, transexuais, gays transformistas, pansexuais, etc. Mas como a sociedade as vê, a sociedade as vê como louca né? Por que foge do padrão normativo, foge do que é bonito aos olhos de quem vê, todo mundo acha que é desvio de conduta, que é doença, que é loucura né?</p>	<p>Participo do ATGLT de Três Lagoas e de alguns grupos de estudos na universidade em que eu estudo.</p>	<p>Agressão verbal sempre, sempre... agressão verbal é uma coisa muito viva e muito mantida, por que é muito fácil, e muito encorajador para eles passarem dentro dos seus carros ou suas motos, xingar né? E ir embora, não consequência nenhuma... agora quando passa a pé ai eles não xinga né? é diferente, ai a gente já gruda! Agressões físicas se eu não me engano algumas vezes, não só uma com um cliente da avenida, em que eu me recusei a fazer o programa com ele por que ele não queria me pagar adiantado, ele eu falei que eu ia descer do carro, e na hora que eu abri a porta ele me deu um soco no nariz... nessa situação eu revidei, eu coloquei uma mão no meu nariz pra que ele</p>	<p>Na escola eu já apanhei de meninos, os meninos me batiam faziam piadinhas, eu andava mais com as meninas, então os meninos faziam piadinha, isso também gerava piadinha...</p> <p>Já passei piadinha por professores, teve uma situação em que a professora de língua portuguesa estava dando aula, e um coleguinha de classe estava mandando bolinhas de papel em mim com cuspe, acertando minha orelha, e me chamando de “viadinho” e ai eu falei pra professora: “Professora, o aluno fulano esta fazendo isso e tal e me chamando de viadinho” e ai ela disse: “ah mais você também só anda com meninas, você não joga bola... quer que ele fale o que?”.</p>	<p>Eu acho que conscientizando... e essa conscientização tem que ser feita nas escolas a meu ver, por que é lá que a gente aprende a respeitar as pessoas né? É já nas fases iniciais da nossa vida, então é lá que a gente absorve com muito mais facilidade, que a gente entende o assunto...</p>

				não ferisse mais meu rosto e na outra eu usei a unha pra ferir o rosto dele... Até que eu conseguisse sair do carro, então ele grudou no meu cabelo, mas aí a gente lutando... foi aquela luta, aquela vias de fato!!!		
13	Luany Aquamariney	Elas a vê como nada, né... De dia elas a vê como nada, a noite ela já serve pra sexo. Entendeu? Então é desse modo como a sociedade enxergam as travestis. De dia aos homens a sociedade, “xoxam” a gente, as gays as travestis... zoam mais de noite tá lá na rua de prostituição procurando a gente entendeu?	Eu até participava de um coletivo que tem aqui na cidade, mas agora to meio distante... por que eu estava com uns problemas aí mais eu participava sim!	Ah eu já sofri uma agressão, muito forte vítima de assalto... mas o bofe não foi muito bem não deu muito certo, por que eu reagi em legítima defesa. E tem muitos clientes que maltratam a gente, igual eu falo, a gente parece que procura evitar, parece que tem sexto sentido, eu, pelo menos, tenho... entendeu?	Dentro do ambiente escolar eu não tive tantos problemas, por que querendo ou não os professores eles são capacitados, por que tem um estudo assim que... a faculdade ela te dá um projeto mais amplo... Mas eu participei de um projeto social, eu sofri um bullying escondido, entendeu e quando a gente é criança a gente não percebe essas coisas... pelo menos eu não percebi, por que eu achava que aquilo lá era normal, mas hoje eu percebi que não era normal entendeu? Era homofobia, contra mim.	Eu acho que a gente travesti a gente tem que tá mais na sociedade... não apenas na rua de prostituição na noite, a gente tem que sim, estudar, tem que trabalhar... tem que lutar realmente que é uma luta... e mostrar pra eles que estamos ali, que a gente existe, entendeu? Que a gente pode sair no sol quente de 40° e eles tem que aceitar, não aceitar ... mas tem que respeitar!
14	Sabrina Drumond	Excluída, muita excluída e não aceita. Passando por muito preconceito que eu enxergo.	Não.	O fato “mais” que eu tive, foi um tiro que eu levei de um cliente, fui agredida, roubada... Pensei em sair da prostituição, mas é meu ganha pão né? Não deu certo! Voltei. Minha família que me ajudou muito!	Ah das professoras eu fui tratada muito bem, mas muito preconceito que eu passei nas escolas que eu estudei... Ah xingamento, excluída dos grupos... essas coisas. Viadinho, gay, mariquinha... essas coisas.	Ah tratar o ser humano tudo igual, era o que eu queria.
15	Camillee Gerin	Eu acho que varia de cada pessoa, eles generalizam muito a gente, por que tem uns que são escândalos, gostam de fazer escândalo... aí a sociedade vê isso, eles ligam travesti com	Não!	Isso é o que mais tem, passa xinga, chega rouba a gente... isso é o que mais tem. Olha já teve cara que passava e jogava garrafa e xingava... Ah viado, vai trabalhar, vai arrumar uma	Eu sempre tive uma vida normal quando criança, me tratavam como outra qualquer... na infância eu nunca tive o que reclamar não. Normal vivi como toda criança. Não, sinto saudade até... eu era	Eu acho que as bichas têm que ser mais unidas, por que o preconceito existe entre as próprias travestis, os próprios

		<p>bagunça... com droga com doenças com roubo, ai eu acho que os inocentes pagam pelos que não prestam.</p> <p>E vejo. Acho que normal, acho que tudo depende do caráter... até pra fazer o errado você tem que saber fazer certo.</p>		<p>mulher... tipo assim que os caras falam pra gente.</p> <p>Ah eu trato como normal agora, antigamente quando eu era bem bichinha novinha eu chorava, queria morrer... me sentia um lixo.</p> <p>Hoje em dia não, que se dane... dou a bunda como resposta... sou mais eu.</p>	<p>feliz e não sabia. Não tem como voltar né...(Risos)</p>	<p>viados, por que um quer ser melhor que o outro sabe?</p>
16	Raphaela Souza	<p>é... bom, isso é muito relativo gente, as pessoas e as trans também muitas delas passa por preconceito, porque? se você assume a identidade de gênero feminina, vamos supor como mulher, vamos ser educada, não significa que tem que ser palhaça, tá? sei de muitas trans usam saia muito curta durante o dia, dentro da sociedade, então assim, se queremos respeito a gente tem que dar respeito, por que acaba o respeito de um onde começa o do outro, bom eu penso assim, eu sei me vestir e me colocar em cada posição de cada situação, em cada lugar, então que nem eu falei, eu já passei por muito preconceito, hoje não passo tanto mais, porque uma que eu sei meus direitos e dever de cidadão.</p>	<p>Sim! Ainda tem ATGLT, fui uma das pioneiras também junto com o coordenador Edimilson e o Jeferson e a nossa grande amiga Cris Stephanie de Campo Grande.</p>	<p>Gente vou falar por mim eu já fui violada, já fui estropada, já fui roubada, já fui ameaçada, inclusive porpor, né? infelizmente, Policiais, tá? então é complicado, é complicado... mas... o importante é que graças a Deus, né? estou vivo aqui para contar esse relato né? na minha época. Na minha época, muito tempos atrás, policiais parava a gente colocavam a gente na viatura, levavam o balneário e fazia o que queria fazer com a gente, estuprava a gente, largava a gente pelada levava nosso dinheiro, e ainda ameaçava se nós comentasse alguma coisa amanhecíamos morta, como é até hoje acontece muitos fatos de homossexuais amanhecer morto e ficar nisso mesmo. No ponto, tudo parou um rapaz, ta que falou que era policial, até então, eu era muito burra inocente, fui fazer o programa com ele no lugar chamado Alto do Mirante, chegou lá ele</p>	<p>Para mim não foi muito boa porque primeiro, sou negra, segundo Trans, terceira candomblecista. Então dentro da escola foi muito complicado essa questão, com profissionais, com diretores, com os próprios amigos, com os próprios colegas, tá entendendo? eu era uma criança que eu não tinha nenhum prazer de ir no banheiro porque não dava, porque era as perseguições que hoje em dia é bullying, né? Mas antigamente eram perseguições e nada se resolvia, nada se resolvia.</p>	<p>A minha sugestão é ser um pouco mais rígidas com a lei, tanto faz para quem agride, para quem são agredidas e pras profissionais também, para as transexuais também, que só tem muita transexuais são bandidas, isso caba estragando tudo, uma outra questão, lembrando temos que ter respeito só que nós como somos público mais alvo e temos muita discordância entre si com si, vamos começar a primeiro respeito dentro da nossa sociedade, da nossa classe.</p>

				colocou um revólver na minha boca, nessa altura tenho marcas no meu rosto até hoje, né? do fato ocorrido ele me abusou sexualmente, tá entendendo? ia me matar e aí gente lutou pela vida, de quem era quem, é a vida de quem era quem, infelizmente eu levei a melhor e ele levou a pior, tá? Em Três Lagoas aconteceu também esse fato de eu montar no carro de um cliente, ao chegar no local e tinha mais seis, fui brutalmente violentada e deixada lá, me fingi de morta para não ser morta realmente.		
17	Jéssica Pereira	Sabe... ele vê a gente assim como se a gente fosse uma coisa diferente, estranha, tipo um ET, um alíen, umas coisas, sabe? de outro planeta. Eu vejo ainda muito...ah... falta... parece que falta...muita... parece que falta alguma coisa ainda para... Como posso dizer? Assim as vezes até pra nosso próprio, como posso dizer? Assim a nossa própria cra.... nossa própria classe tá faltando ainda se “impô” sinceramente, porque ainda tem muitas... ainda que... Como posso explicar? Elas não sabem ainda se “impô” entre a sociedade...	Sim eu participo sim, é ATGLT, Associação Trê Lagoas de Gays, Lésbicas e Transexuais da nossa cidade, graças a eles, muda... mudou muita coisa aqui, entendeu? nessa cidade aqui, literalmente eu hoje, eu posso ser chamada nos lugares com o nome social, já tenho mais respeito, alguns lugares ainda, é claro que a gente, é claro que não é do dia pra noite que a gente faz as coisas acontecer, né? que não é mágico, tem toda uma burocracia, primeiramente... mas	já! já sofri muitas agressões verbais... bastante, físicas algumas... e como e, realmente como diz, que tem muitos clientes que eles...eles ultrapassa do limite, então já cheguei a fazer programa chorando com cliente, entendeu? de chegar a fazer a penetração chorando, tá ali sentindo dor, chorando, porque realmente ele olhou na minha cara e falou “tô pagando, então você tem que fazer o que eu quero senão eu não te pago e pronto e acabou”, e digamos assim, o homem possa tá armado, alguma coisa, me matar, então preferia ficar na minha, entendeu? Olha te alguns que tive que fazer tratamento psicológico (risada)	foi complicado que tive que ficar pulando, pulando igual macaco de galho em galho, de escola em escola porque quase nenhuma escola me aceitava quando eu comecei a fazer, começar, num tinha nem feito a mudança ainda...direito, então aí ela começou a pegar no meu pé, começou, sabe, a arrumar pretexto pra, digamos assim, como posso dizer? as vezes eu era uma ótima aluna, mas falava que eu não estava sendo uma ótima aluna, que num sei o que, começou a pegar no meu pé, e falava as vezes eu fazia alguma coisa em prova ela falava que tava errado, sendo que tava certo, aí tive que chamar meus pais na... na na escola, e foi virando aquele rolo, tá, sai da escola, então ficava nisso	Realmente pra mudar um pouco tinha que começar dentro de escola, as vezes, sabe, palestras, também não, não com adolescentes tá? tem que vê que começar desde crianças, porque é dali que começa geração, tipo, começar ali...do que ? 5ª, 4ª série, começar já, sabe, ter uma apresentação, todo ano ter uma apresentação, ir na escola, chegando...não falando o eu gente faz na rua ou deixa de fazer, nossa vida, tipo

			eu... realmente...faço parte dessa associação e tento dia- a- dia tentar mudar a visão das pessoas diante...de nós.	teve alguns que tive tratamento psicológico, faço até hoje....	(inaudível) tão já...isso o que e, nossa já correram atrás de mim pra me bater (risada) os muleques de escola já saíram atrás de mim, gente do céu tive que me esconde, as vezes eu chegava na sala assim ó, as vezes tinha até medo de ir pra escola, que eu chegava na sala assim e os muleques falavam assim: “te pego na saída, seu emo” “seu viado”, que não sei o que ,e em mim na hora que e chegava hora de sai e eu olhava aquele monte de muleque lá fora, tive que pula o muro de trás da escola pra ir embora ,a era um sacrifício, e as partes boas mesmo era as amizades que eu fazia, as únicas coisas boas mesmo de lembrança assim era as amizades que fazia, que era tipo só com mulher, era meninas super legais, e elas, sabe, tinha a vida delas, contava os negócios delas, a gente ficava andava (...?)	assim aprendendo a respeitar, tipo oi, eu sou tal pessoa...entendeu fazo isso, isso e aquilo, eu sou uma menininha sabe, assim, assim..tudo uma educação infantil , psicológica, da cabeça deles, pra podê muda um pouco,
18	Xaynna Shayuri Morganna	Como “monstras” né, coisas de outro mundo! Eu não sei explicar ao certo. Acho que só isso mesmo!!!	Não nenhum!	Bom agressão não, verbal sim e física também. Eu sai com um rapaz a pouco tempo agora, isso aconteceu a um curto tempo de período que ele é fazendeiro o nome dele é Paulo, sei onde ele mora. Liguei pra ligar 300 do meu programa que ele estava me devendo, por que ele queria que eu fosse no sitio dele, né? E como lá é mais longe eu cobro mais caro... Ai liguei pra ele cobrando o programa que se ele não me pagasse eu ia chamar a rádio caçula, por que ele é um	De escola? Bom na escola em geral de professor, nunca sofri preconceito né, tanto que depois que eu assumi minha identidade de gênero, eles pegaram e me chamaram de canto e perguntaram por qual nome eu gostaria de ser chamada, falei pra eles e então nunca tive problema, já tive problema uma vez só... no “Dom Aquino”, que tinha uma diretora lá que eu nem lembro o nome dela, bati boca feio lá ela falou que ia chamar a polícia, a por que ela falou queria que eu usasse meu	A gente tinha que começar pela polícia, se a gente liga pra alguma ocorrência não comparece nenhuma viatura, se a gente resolve da nossa maneira que é mais drástica e viatura vem, pra levar a gente. Agora por exemplo se tem um cliente passou lá ou então ficou com a gente e acaba não

				<p>homem poderoso... não é possível esse homem não me pagar esses 300 reais, ai ele marcou comigo enfrente de uma igreja chamada Santo Expedito, e ligou pra mim falando “vem buscar esse dinheiro, você vai ter uma surpresa muito grande”, ai eu fiquei com medo, acabei pedindo pro meu primo ir... Chegou lá ele estava com quatro policiais, à paisana e colocaram meu primo dentro do carro, pediram pro meu primo entregar na onde que eu estava que eles estavam com o revólver raspado e diz que ia me matar ainda,</p> <p>Tive que ficar escondida, tirar dinheiro de onde não tinha pra pagar advogado, e ainda falei pro delegado que eu não vou assinar extorsão de jeito nenhum, por que eu liguei pra cobrar meus 300 reais, os policiais ainda falaram que eram muito amigo deles, que ele era muito poderoso que ele tinha jatinho, que ele tinha não sei o que. Mas eu falei que não quero saber o que ele tinha, só queria meus 300,00 reais.</p>	<p>nome de registro, eu falei que não, também queria que eu usasse o nome masculino, também falei que não... Ai eu sai da escola pra não perder a razão, por querendo ou não a gente se exalta um pouco né, ai acabei saindo da escola e acabou o problema...</p>	<p>querendo pagar o programa e a gente liga pra polícia e a polícia não vai agora a partir do momento que a gente agi de outra maneira a policia vem pra levar a gente! Né?</p>
19	Fernanda	<p>Somos vistas como prostitutas, como barraqueiras... muitas pessoas têm até medo de tomar água no copo de uma trans, que fala assim: “oh esse ai faz programa deve ter doença”, não</p>	<p>Sim. Associação de trans, gays e lésbicas de Três Lagoas, que sempre estão ao nosso lado ajudando a combater preconceito,</p>	<p>E já teve vezes sim, de eu estar com amigas trabalhando, como eu disse passam carros xinga, desacata, ofende. Já teve vez de ta trabalhando chegarem pra assaltar... passar carro (como</p>	<p>Olha, recordações boas e ruins (rs) vamos falar das ruins, zoavam na escola, meninas também (muitas vezes gente falam assim: “ai mulher sempre gosta de fazer amizade com trans e com gays”)</p>	<p>Eu acho que pra começar a mudança ela deveria vir da educação, tanto quanto familiar e das escolas, eu acho que</p>

		<p>somos vista de uma forma normal. Rotulam como uma coisa estranha, entende? Muita religião quase todas né, já nos coloca como “seres errado” que vive no pecado, então já dá pra tirar o que a sociedade vê e imagina de nós. Então eu não me vejo no meio da sociedade, as pessoas infelizmente nos excluem da parte de serem pessoas corretas, pessoa de família. Somos mal visto!</p>	<p>nos ajudam sempre a melhor forma que podem, então eu estou sempre com o pessoal da associação.</p>	<p>uma época nós denunciámos pra polícia aqui em Três Lagoas e pra associação que nos ajudou) passava um pessoal de um ônibus de uma empresa e eles jogam o resto de coca, garrafa em nós. Teve um carro também que passavam cheios de rapazes entendeu, jogaram ovos na gente. Teve uma vez que deu um choque, um rapaz pediu “vira ai pra ver se você é bonita”, na hora que eu virei de costa ele me deu um choque no meu bumbum, as trans me socorreram. Então eu tento levar da melhor forma pra manter minha vida. Até por que sabemos que a cada 12 horas uma trans é assassinada no Brasil né, então eu procuro viver minha vida, que creio eu se não estiver errada, a faixa da vida de uma trans é até 32 anos é isso não? (rs) Então eu pretendo passar disso. Prefiro evitar barraco com essas pessoas, prefiro fugir delas.</p>	<p>não são todas! Porque muitas cansam motivos para que os caras zoam!!! Então foi o motivo do qual eu fui me afastando da escola, sofri bastante preconceito quando gay.</p>	<p>tudo se começa dentro de casa né? Se os pais ensinarem os filhos amar o próximo, a não chamar o próximo de “viado”, “traveco”, entendeu? É respeitar cada um, eu acho que as coisas seriam melhores, como eu disse, tem pais que passam na rua com criança dentro do carro e manda xingar!</p>
20	Gaby	<p>Olha a muito preconceito hoje em dia, travesti só é ligada ao sexo, sexo, sexo... ou então profissional como cabelo né, você não vê hoje em dia travesti, transexuais num balcão de uma farmácia, você não vê como atendente né? A sociedade prejulga né, só serve pra brincadeiras noturnas né... por que pro resto é bem difícil você ver dentro de uma faculdade</p>	<p>Sim do “Coletivo Resistência” aqui da cidade.</p>	<p>Agressão verbal a gente tem todos os dias praticamente né, passa com familiares xingando... um povo falando palavras “influencivas” sabe? Física eu sofri, que eu fui arremessada do carro mas não foi aqui em Três Lagoas, foi em outra cidade em Piracicaba, já quebraram meu nariz também... Maltratada por clientes</p>	<p>Ah eu sempre fui muito bem aceita e recebida assim a escola sempre foi muito respeitosa comigo, só num projeto que tinha um professor muito preconceituoso, que falava, mandava a gente ir pra psicóloga e tudo assistente social, que ele falava que dentro da sala dele não ia ter gay, que a viadagem dentro da sala dele iria acabar. Coisinhas que eu passei com ele.</p>	<p>Eu creio que, não temos que abaixar a cabeça, não temos que sofrer alguma agressão, homofobia, vão mesmo na delegacia bota a boca no trombone por que a gente também temos vozes e temos direitos sim!</p>

		estudando, dentro de um serviço publico é raro, é raro...		acontece sim, por que você faz o programa que não está de acordo com ele, conforme eles querem uma coisa que não está ao seu alcance, eles acham que não tem que pagar e ai você é maltratada verbalmente, e é assim... alguns a gente é obrigada a chamar a polícia e outros a gente mesmo resolve... Numa forma que a gente também tem força masculina.		Participar de mais projetos igual esse que eu to participando agora o "Coletivo Combate o Preconceito" é um povo muito bacana, concentrada e estudada...
--	--	---	--	---	--	--

Podemos observar nas narrativas das TTs os discursos de discriminação e violências vivenciadas pelas mesmas na sociedade atual, como por exemplo, a Dandara dos Santos que sofreu chantagem de clientes; agressão física por parte de outras TTs; tomar tapas de clientes por se recusar a atendê-los. Natália Pimentel sofreu agressões verbais: xingamentos e difamações. Tabata Brandão sofreu maus tratos por parte de cafetinas, a ponto de chorar e abalar seu psicológico, e muitas agressões verbais. Larissa Valverde não foi maltratada por clientes, mas por outras travestis do grupo de trabalho. Bianca Gonçalves já sofreu agressão física por parte de três clientes: um bêbado que queria "transar" à força, no meio da rua, e por dois outros clientes que a confundiram com outra travesti. Lorrany Oliveira já foi xingada na rua quando está nos pontos de prostituição. Canoa já sofreu agressão e ameaças de um ex-vereador de Três Lagoas/MS, o qual disse que se ela mostrasse o vídeo para alguém, ele arrancaria a sua cabeça; é um homem muito conhecido na cidade. Sílvia Gomes Marques foi agredida, verbalmente, por pessoas que passam na rua de seu ponto, ao que ela ignorou totalmente e continuou a fazer o seu trabalho. Rose diz que dos clientes nunca sofreu agressão, nem verbal, mas da sociedade sim. Larissa Paiva conta que em 2014, um cliente faleceu estando com ela, num motel, em Curitiba. Foi presa e só depois de 3 dias - após terem constatado que ele faleceu de *over dose* - é que a soltaram, além do preconceito, chamando-a de "Essa coca é fanta". Kebeca G. de Souza já sofreu agressões físicas e verbais, tais como chacotas, xingos, etc. Levantou a cabeça e seguiu em frente. Luna Shine diz que agressão verbal sempre sofreu, xingos. Agressões físicas algumas, poucas vezes, por ter se recusado a fazer programa. Também passou por agressões por parte de policiais. Luany Aquamariney sofreu agressão muito forte, por conta de assalto. Sabrina Drumond levou um tiro de cliente, foi roubada e agredida. Camilee Gerin foi xingada e roubada por clientes. Raphaela Souza já foi estuprada na noite, roubada, ameaçada, por policiais.

Informam, ainda, que antigamente, os policiais as colocavam em camburões e as levavam à força para o Balneário e lá faziam o que queriam com elas. Depois, roubavam todo dinheiro e as ameaçavam de morte, caso contassem o ocorrido para alguém. Jéssica Pereira já sofreu muitas agressões verbais e algumas físicas. Já fez programa com cliente, chorando. Assalto e tortura psicológica. Xaynna Shayuri Morganna sofreu agressões verbais e físicas. Sofreu ameaças de cliente fazendeiro, que não quis pagar pelo programa. Fernanda já passou por situações problemáticas na rua: xingamentos, desacatos, ofensas, assaltos, ataque de objetos jogados de ônibus, como garrafas, resto de refrigerante; ovos; choque no bumbum; gente atirando pra cima; preconceitos por meio de frases desferidas do tipo: "vira homem";

“põe a mão na cabeça e vira macho”. Gaby sofreu agressões verbais todos os dias, xingamentos de familiares e agressão física em Piracicaba quando quebraram o seu nariz.

As interlocutoras relataram que, por terem um corpo ressignificado, as experiências vivenciadas por elas na sociedade, em sua maioria, configuram-se como uma experiência não positiva, e que nos dias atuais continuam sofrendo agressões físicas e verbais no contexto social.

Foucault (1988, p. 76) afirma que o dispositivo de regulação do corpo sexuado é uma “[...] questão sobre o que somos, em alguns séculos, uma certa corrente nos levou a colocá-la em relação ao sexo. Nem tanto ao sexo-natureza (elemento do sistema do ser vivo, objeto para uma abordagem biológica), mas ao sexo-história, ao sexo-significação, ao sexo-discurso”.

A partir desse olhar, constato que as sujeitas ainda estão desprovidas de acolhimento social. A maioria afirma que os insultos e vivências negativas sofridas por elas, na sociedade, faz com que elas não se sintam pertencentes à sociedade e, muito menos, ao espaço que é reservado as mesmas. Segundo os relatos das sujeitas, a sociedade as enxergam como pessoas inferiores, como uma ofensa ao meio social, traduzidas nas manifestações de violências e discriminações vividas diariamente pelas TTs.

Nesse sentido, Duque (2011, p. 141) descreve que:

As travestis são relegadas ao campo desvalorizado do feminino e, por se tratarem de homens que abdicaram do privilégio da masculinidade, têm sua identidade associada a um desvio de caráter que excede o vergonhoso e se aproxima do estigmatizável, motivo de escárnio e objeto de reações violentas.

Manifestações estas que contribuem para uma limitação do espaço a ser utilizado por elas levando-as a segregação, vigilância do ir e vir no espaço social, a discriminação e o preconceito, fatores confirmados em seus relatos. Observei o processo de violências simbólicas que sofrem efetivamente em seu dia a dia no seio da sociedade por serem sujeitas diferentes. Elas revelam que a sociedade às enxergam como “sujas” ou inferiores, recebem discriminação a todo instante e percebem o preconceito velado/silencioso pelas atitudes e olhares da sociedade. Outras se sentem como uma ofensa à sociedade, e sentem que, se as pessoas pudessem pulverizá-las da face da terra, fariam com certeza. Minha observação possibilitou captar diferentes sentidos sobre a questão do dinheiro também, pois muitas recebem atenção pelo dinheiro que têm e outras pela postura adotada diante dos outros, fazendo com que sejam respeitadas por suas atitudes.

A maioria das participantes aponta que conhecem os espaços do Movimento Social como sendo o lugar onde se organiza e são formulados projetos políticos em torno de lutas pelos direitos sociais e políticos das ditas minorias, como mulher transexual e travestis. Outros relatos afirmam que conhecem, mas se mantêm distantes por atuarem na noite e durante o dia dormem para descansar para o trabalho na rua de prostituição, algumas realizam ações com crianças em grupos com atividades esportivas e festividades voltadas para este público, participam de associações LGBT mesmo trabalhando na noite, já que possuem uma missão importante, militar dentro do próprio movimento ganhando visibilidade social e política pelo fato de infringir as normas heteronormativas da sociedade.

Agnolet (2010, p. 93) assevera que:

Um maior empoderamento das travestis foi possível a partir da organização política das mesmas, pois o sentimento de solidariedade entre elas, a sensação de pertencimento e a consciência da exclusão por elas vivida modificada as representações de suas causas, desnaturalizando-as e possibilitando superação das situações de discriminação e preconceito. É através da articulação, da discussão, da reflexão coletiva sobre os problemas enfrentados em virtude da identidade de gênero assumida que elas passam a se enxergar como sujeitos de direitos, agentes de suas histórias, introduzindo suas especificidades no debate político e assim reformulando conceitos e valores.

Essa diferenciação nem sempre é bem-vista dentro da sociedade conservadora, mas isso para as TTs é um desafio, chama a atenção de forma positiva dentro e em outros movimentos sociais organizados que estão questionando as relações entre poder, gênero, cor/raça e classe social, legitimando a partir da fala delas a emergência de mudanças relacionadas à política de direitos sociais já estabelecidas.

Nos relatos das interlocutoras fica evidente a fragilidade a que estão expostas no exercício de sua profissão e no seu convívio com a sociedade quando declaram que já sofreram e sofrem vários tipos de agressões, a maioria destaca a agressão verbal como algo constante, seja ela realizada por clientes ou até mesmo entre elas na rua de prostituição no momento do trabalho, por conta do espaço a ser utilizado no território de prostituição. No geral as mais antigas se apoderam do espaço (ponto) tornando-se dona do mesmo, outras são agredidas pelas próprias parceiras de trabalho nos pontos ou por briga de ponto e clientes que acertam um valor com elas e após o ato sexual apontam o revólver, fazem ameaça verbal, joga o carro em cima das mesmas para não pagarem tudo ou não pagarem nada pelo serviço .

Porém, em seus relatos as TTs enfatizam que o que mais as incomoda são as agressões recebidas da sociedade, seja com um olhar torto de julgamento, um comentário chulo sobre

elas ou piadinhas ofensivas, o que jogam nelas como pedras, garrafas, sacos plásticos com urina, entre outras coisas; já as agressões físicas nem todas sofreram. Assim constato que a transfobia acontece das mais variadas formas no grupo das TTs, desde a piadinha sem graça até assassinatos das mesmas.

No que concerne às lembranças na época da escola, as interlocutoras em sua maioria, descreveu como uma experiência não positiva, algumas se emocionaram por terem ganhado prêmios de redação e darem orgulho aos pais não letrados, mas o preconceito já vinha desde aquela época, pois, eram humilhadas em meio às narrativas que homem é homem e mulher é mulher, fazendo com que se sentissem inferiores, doentes pela sua forma de ser, delicadas com trejeitos femininos e usarem algumas peças ditas de mulher para se sentir feminina. Outras guardam momentos bons em suas memórias, colocando que a escola era a sua casa, que respeitava para serem respeitadas e se impor, mas narram que havia algumas brincadeiras que consideravam normal, brincadeiras ditas inocentes. Entretanto, constatei em seus relatos que as contínuas brincadeiras se configuravam como processo de agressões e discriminações que sofriam, silenciosamente, sem terem a noção do que estavam passando por “ser diferente”, de modo que, o que era visto antes como brincadeira, agora faz parte de seu cotidiano, o preconceito e a discriminação.

Nesse sentido Louro (2000, p. 19) argumenta que; “Meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem”. Ao analisar esse contexto pude detectar e entender que o dispositivo do poder e de normalização social está diretamente ligado à vida das sujeitas diferentes, ora silenciando ora punindo, fora as que relataram que sofreram estupros na escola.

As interlocutoras quando questionadas a colocar a sua sugestão para minimizar e reduzir os atos de preconceito junto a comunidade das TTs, apontam com destaque que a sociedade não deve apenas aceitar e sim respeitar ao próximo, e que as TTs devem ser unidas e lutarem pelos seus direitos se empoderando, buscando conhecimento e conquistando o respeito da sociedade para serem respeitadas. Ficou claro o desejo e pedidos de mais debates e oficinas que discutam a vida e experiências de vida das tts para a formulação e implementação de projetos na área das políticas públicas voltadas para elas, e com isso agregarem conhecimento para elas e a sociedade de forma geral, outro ponto importantíssimo levantado por elas é a votação do projeto de lei de criminalização da transfobia, levando a sociedade a pensar e refletir um pouco antes de proferir as agressões e violências contra esse grupo da sociedade. No olhar das participantes, a sociedade deve ter uma mente aberta para tentar

conhecer/entender/compreender o que se passa na vida das sujeitas diferentes, em vez de criticá-las ou agredi-las. Diante desse quadro, as TTs se empoderaram e podem sair nas ruas, lojas, mercado, bancos, praças para o enfrentamento social e, não apenas, a noite para o serviço de prostituição, mas sim durante o dia e de forma sociável, para que a população veja como elas são, como vivem, e mostrar que sabem se portar e respeitar a sociedade que sempre julga e limita a suas vidas.

Diante do exposto percebe-se que em relação aos discursos discriminatórios e violências vivenciadas pelas TTs, na maioria das vezes estes são feitos como forma de querer silenciá-las, pois nas narrativas delas existem relatos de agressão física, verbal e psicológica devido a sua orientação sexual e pela ressignificação dos seus corpos. As entrevistadas ainda informam que diante de tais situações a grande maioria delas reage na hora contra o sujeito que profere tais agressões.

Por isso, é importante conhecer pensadoras/es como Andrade (2012), Duque (2009), Jesus (2012), Moira (2016), Orlandi (2005), Foucault (1988), Benedetti (2005), Pelúcio (2005), Bento (2011), Louro (2013) que teorizaram o papel da homossexualidade e a figura das TTs na sociedade, abrindo portas para novas discussões sobre gênero e sexualidade, pois nesse processo de construção/transformação social é necessário enfrentar a violência e discriminação contra populações caracterizadas pela diversidade sexual e de gênero, exigindo o envolvimento de toda a sociedade, isso significa trabalhar num processo de articulação centrado em um ambiente social/político efetivo de proteção as TTs. A violência contra as TTs se expressa de diversas formas e modalidades, reforçando a necessidade de construção de um marco regulatório, que requer a reunião de instrumentos, mecanismos, instituições, ações públicas e comunitárias, em um esforço comum para prevenir, atender e erradicar todas as formas de violação dos direitos humanos, com orientação na busca de ajudar a sujeita a resgatar a autoestima, o autoconhecimento, fortalecimento pessoal, objetivando a autossuficiência e a melhora da qualidade de vida das sujeitas ditas diferentes.

Através do relato das sujeitas, os discursos apresentados aferiram sentidos do que se discute, direta ou indiretamente, sobre o direito a sexualidade, ao gênero e a orientação sexual, e que predomina certa facilidade para se abordar o assunto sobre sexualidade. Porém, quando está voltado para a área científica, do contrário, se impõe a mesma muita cautela. Desta forma, negar, recusar, ocultar, etc., é a forma mais eficaz de fugir do assunto.

Durante a pesquisa observei que as TTs na quase totalidade de uma forma sutil ou enfática, expressaram nitidamente o desejo de continuar na profissão que escolheram,

profissional do sexo, mesmo sendo sabedoras que a rua de prostituição oferece perigos e desafios cotidianos a elas.

CAPITULO 4 - TRAVESTIS E TRANSEXUAIS EM FOCO.

Em nossa sociedade observa-se que as travestis e transexuais estão limitadas socialmente por sua identidade de gênero e sexualidade, o que as levam a exclusão social sofrida diariamente sob vários aspectos, no trabalho da prostituição, nas relações sociais, culturais, políticas e educacionais. O grupo das sujeitas de estudo desta pesquisa é uma parcela da sociedade que também é vítima de exclusão, discriminação e preconceitos, entre outras tantas formas de violências. Essa questão é bastante complexa e precisa de uma análise que nos ajude a perceber e compreender a hegemonia masculina (heteronormativa), bem como a discriminação social, e para isso, se faz necessário perceber como acontecem esses atos de violência e de exclusão social, o que ajuda a compreender o mundo das travestis e transexuais, já que nesse contexto, podemos perceber que as travestis e transexuais, vivem muitas vezes à mercê de perigos, com uma vida restrita, na maioria das vezes privadas de seus direitos mais básicos como educação, trabalho formal e saúde, correndo riscos diariamente em busca da ressignificação dos seus corpos.

Para as TTs o corpo pode ser uma materialidade provisória, mutável, pode ser feito e refeito através das tecnologias existentes como a hormonização. A construção está intimamente ligada à busca de moldar o corpo feminino desejado, a harmonização do corpo com sua identidade, desenvolvendo assim, de forma alternativa a sua autoestima e bem-estar físico como a beleza estética e as formas arredondadas, que está diretamente relacionada com o fator psicológico.

De acordo com Benedetti (2005, p. 16), “as múltiplas diferenças e particularidades vivenciadas por essas pessoas neste universo social não podem ser reduzidas a categorias ou classificações unificadas, pois estas, ao tornar equivalentes visões de mundo e identidades às vezes até antagônicas, podem ser arbitrárias”.

Aponto desta forma, o paradoxo que na sociedade contemporânea, atravessamos pela incapacidade de estabelecer sentidos comuns nas relações sociais, de construir identidades e identificações, classificando e categorizando os gêneros das sujeitas não normativas, entendendo as dificuldades de nele orientar-se e agir e, em último caso, viver.

4.1 Gênero e sexualidade.

Nesta importante tarefa de discutir gênero, sexualidade e o discurso como uma prática

social, devido sua estreita relação com a dimensão social, estabeleci uma relação dialética entre discurso e estrutura social, considerando as narrativas das TTs, bem como um posicionamento na busca de desvelar as relações de poder, opressão, dominação que perpassam pelo discurso, por meio das narrativas das TTs. Desse modo, propus-me fazer uma reflexão sobre os aspectos históricos e sociais dos discursos discriminatório-transfóbicos e sua representação em alguns eventos discursivos na construção da sujeita. O discurso dessas sujeitas apresenta-se dentro de um contexto de tensão social.

Para Foucault (2008, p. 136-137), o discurso é:

[...] um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas aplicações práticas), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma política.

Em outras palavras, é dentro desse sentido de conflitos e pressão do discurso social no referente ao dito “anormalidade”, que o discurso dessa sujeita na posição de travesti e transexual será apresentado.

Nesse sentido Orlandi, (2005, p.10), argumenta que discurso é: “Movimento dos sentidos, essência dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incertezas, de trajetos, de ancoragem e de vestígios”. Ela contextualiza que o funcionamento do discurso acontece entre o real e o imaginário, e todas essas indeterminações dessas sujeitas com a linguagem acabaram por se encontrar e se determinarem entre si, culminando com o momento social e histórico vivenciados pelas mesmas.

A sexualidade em si é uma temática recente e, conseqüentemente, é de se esperar que os temas para apresentá-la estão – ainda – passando por adaptações e normatizações de sentidos e de formas jurídicas de reconhecimento. Isso significa que ainda não há uma definição oficial que possa representar qualquer que seja a orientação sexual de um sujeito/a quer feminino ou masculino em relação a sua fisiologia ou genitália. Não há como definir satisfatoriamente o sentido de homossexualidade apresentado pelos termos homoerotismo (atração erótica entre indivíduos do mesmo sexo) ou homoafetividade (relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo), ou seja, esses termos, por seus sentidos, ainda não conseguem abordar a homossexualidade, mesmo que essa ainda seja marcada por sentidos de ressignificar o modo de ser e estar da sujeita diferente no mundo.

Foucault defende que a sexualidade deve ser vista como um dispositivo histórico e que suas concepções são mutáveis, e estão sempre em construção, sendo assim é esse dispositivo histórico que determina qual comportamento voltado para a sexualidade será observado como um comportamento (a) normal ou (in) aceitável. Foucault argumenta que ao falar sobre sexualidade:

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a por em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvendar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a realidade subterrânea que se apreende com dificuldades, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, à formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1989, p.100).

Portanto, nessa perspectiva histórica da sexualidade, o debate e a discussão constitui um exercício de resistência e reflexão para desconstruir estereótipos arraigados no seio social e violar pactos de silêncio sobre a questão, principalmente, quando a sexualidade está voltada para as TTs, e se há preferência de que as mesmas se mantenham invisíveis, pois isso é imprescindível para que a sexualidade heterossexual mantenha seu patamar definido como legítimo, correto e aprovado. Dentro destas qualificações cabem perfeitamente à família, à religião, à escola e ao Estado, que reproduz o discurso da invisibilidade e seu poder de dominação enquanto instituições mantenedoras da normalidade, do dito e do aceito. Os conhecimentos teóricos, culminando com os adquiridos no convívio em sociedade apontam que a sexualidade não depende apenas do corpo físico, vai, além disso.

E, entre uma pergunta e outra, a primeira participante, quando questionada sobre gênero e sexualidade, Dandara dos Santos relata em sua entrevista que:

Olha, quando eu era um menino... mas eu já me encontrava como uma menina, porque eu sou uma que nasceu errada e cresceu do avesso! Então com 7 anos para nove eu já me identificava como uma pessoa mulher, porque eu não conhecia o termo travesti, eu conhecia só os termos pejorativo devido os meus trejeitos. Mas eu já me identificava como uma mulher, uma menina no corpo de um menino, aos 9 anos de idade minha mãe foi chamada na escola, por que eu estava usando roupa de menina, então eu tenho isso na minha mente! (DANDARA DOS SANTOS, 2017).

Como podemos perceber nesse relato, a sexualidade é moldada (ou vai se moldando) por um conjunto de fatores que dentre eles envolvem a crença, o comportamento, a ideologia, a imaginação. Pode-se diagnosticar isto nas leituras de Louro (1997) e de muitos outros

estudiosos da área, quando explicitam que as identidades são possuidoras de um caráter histórico, instável, plural e fragmentado. Essas características aplaudem tanto as identidades sociais como as identidades sexuais: Para Louro:

É evidente que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente Inter – relacionadas; nossa linguagem e nossas praticas muito frequentemente as confundem, tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, elas não são a mesma coisa. Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento – seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 1997, p.26-27).

As reflexões da autora, sobre identidade de gênero, dizem respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos, ou seja, construídas, moldadas e transformadas pela sujeita ao longo da vida.

Kebeca G. de Souza, outra entrevistada mostra que o processo de transformação da identidade seja ela como travesti ou transexual é de forma lenta e vai se adequando conforme o convívio social no dia a dia das TTs;

Olha eu fui me reconhecer como transexual, ali começando a minha adolescência, quando com 11, 12 anos... eu fui começando a conhecer as minhas vestimentas femininas, ali com 13, 14, eu fui começando a adequar no meu dia-a-dia, usando 24 horas, me identificando me sentindo bem, foi uma adaptação, né? Não foi uma coisa do dia pra noite então... (KEBECA G. DE SOUZA, 2017).

Portanto, a reflexão e compreensão dos processos de construção da identidade na sociedade contemporânea são embasadas na prática social e histórica de cada sujeita ao se reconhecer, ou não, naquela identidade.

De acordo com, Louro (1997) e Meyer (2013), o conceito de gênero tem uma longa trajetória de desenvolvimento desde a década de 1960, mas nas reflexões críticas que a igualdade de direitos relacionados ao trabalho, a saúde, a política, a educação, a família, a violência, a cultura, a identidade ao corpo e a sexualidade, consta que ele foi construído por muitas ideias históricas e sociais que permite conduzir, rastrear a diferenciação de gênero, a relação de poder e o caráter de exclusão ou de inclusão, perversas nos espaços públicos e privados desde seu início, a partir das contribuições das lutas feministas com questionamentos

sobre a existência de desigualdades e de relações de poder entre homens e mulheres até os dias atuais.

Nesse sentido, Louro (1997), afirma que o termo gênero passou a ser usado com o propósito de marcar as diferenças entre homens e mulheres, que não se resume na ordem física e biológica. Para a autora, a diferença sexual anatômica não pode ser pensada de forma isolada das construções sociais e culturais da qual fazem parte. Dessa forma:

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico [...]; como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja etc. são “genereficadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). (LOURO, 1997, p.103)

A compreensão do conceito está relacionada ao modo como, a partir de sistemas simbólicos, sociais e históricos são forjadas nossas subjetividades (identidades) e maneiras de ser e perceber, bem como, uma série de arranjos por meio dos quais as sujeitas se expressam e os papéis sociais que assumem, ou seja, aos significados que são atribuídos a ambos os sexos, masculino e feminino.

Natália Pimentel (2017), outra entrevistada, coloca de forma clara “Eu sou uma travesti, totalmente resolvida na minha sexualidade, não me incomoda de forma alguma o órgão genital masculino e não penso fazer a troca de sexo”.

Corroborando sobre esta realidade das TTs, Jesus (2012, p. 15) afirma que o:

Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero.

Portanto, o sexo não determina o que é ser homem e o que é ser mulher, a identidade de gênero ou a orientação sexual que diz respeito à atração que sentimos por outros indivíduos e, geralmente, envolve questões sentimentais, e não somente sexuais, portanto, consideradas construções sociais, culturais e históricas das sujeitas. Para compreender as questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero, devemos distinguir sexo biológico de sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero. Nesse sentido é importante ressaltar que as sujeitas TTs podem ser heterossexuais, bissexuais ou homossexuais.

Duque (2009, p. 13), ao longo de sua pesquisa de mestrado em sociologia, também

ajuda a pensar que:

[...] o cenário atual das sexualidades é amplo, diverso e de difícil mapeamento, pois as fronteiras das culturas sexuais estão em constante modificação e interpretação: o gayzinho de hoje pode vir a se tornar travesti, a travesti jovem pode se tornar gay ou ainda decidir por se reconhecer como transexual.

Nesse sentido concordo com Moira (2017), quando afirma que apenas o discurso da autoidentificação sobre as identidades das sujeitas TTs é limitante, e estão sujeitos aos limites colocados como verdade pela norma social heteronormativa, no entanto:

Podemos focar naquilo que as pessoas dizem que são (ou que acham que dizem que são, uma vez que há o inconsciente e também essa língua que resiste a dizer o que acreditamos querer que ela diga) ou, então, atentar para algo mais palpável que o discurso sozinho, algo mais visível, mais sensível, a maneira plena como essas pessoas existem. [...] Se fôssemos nos basear no que dizem, no que são capazes de dizer sobre si, seria impossível pensar maneira de localizá-las na sociedade, de definir-lhes um papel. (MOIRA, 2017, p. 370)

Neste contexto, devo considerar como essa sujeita, em questão de gênero se reconhece nas suas múltiplas formas de ser TTs. O olhar histórico sobre o conceito de gênero e as mudanças na formação identitária das sujeitas nos faz perceber que cada época estabelecerá condições específicas para as interações sociais, quando, a experiência humana nos mostra que uma pessoa pode ter outras identidades que refletem diferentes representações de gênero, como transexuais e transgêneros. As transformações refletem as novas necessidades da sociedade contemporânea, em que as pessoas têm maior acesso à informação e estão incluídas no mundo globalizado e não mais aceitam a imposição de um saber exclusivo por uma instância detentora do conhecimento tido como verdadeiro e único, buscando assim o seu reconhecimento enquanto sujeitas de gênero.

Assim, de acordo com a concepção butleriana, “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. (BUTLER, 2003, p. 59).

Nesse sentido, as mudanças de posicionamentos das TTs, do que é ser homem ou ser mulher, subverte a hierarquia de poder e geram novas práticas sociais mediadas com advento de novos gêneros ou a renovação de antigos, que se revelam dinâmicos e flexíveis apesar de estarem sempre submetidas às coerções sociais de determinada época quebrando a regra heteronormativa.

Jéssica Pereira (2017) em sua entrevista revelou que sua transformação identitária passou por várias fases no processo de construção do seu jeito de ser:

Eu tinha 14 anos. É... a fase de me ter transformado transexual foi meio...digamos assim...meio conturbada. É... Eu já me vestia já por estilo, é... Afeminado, na época eu “ocultei” um estilo emo e depois fui para um estilo meio andrógeno com as minha amigas, então a gente começou a fazer programa na Ranulfo, então com o decorrer do tempo, eu conheci algumas garotas de programa que eram travestis, então eu comecei a andar com elas e comecei a me tornar, a modificar minha aparência, ai conheci com elas os hormônios, né. Foi onde comecei a tomar e aí que começando a fazer, u..a (humhum – limpando a garganta) começando a mudar a aparência, as coisas a respeito dos remédios que comecei a tomar, diante desse...daquela época, então ...realmente foi...foi desse jeito que eu comecei ...é com um estilo, né?! E acabei sempre já quis, sempre gostei de ser, de me vestir bem afeminado, digamos assim, então quando conheci uma colega minha, foi ai que comecei a andar e me travesti a partir desse momento.

O relato da entrevistada sobre a sua construção identitária nos permite vislumbrar alguns elementos como: a forma e os métodos de transformação do corpo, o jeito de se portar diante de cada situação e as técnicas da rua de prostituição que são recorrentes na história de vida das TTs, imprimindo no cenário da rua de prostituição, como já descrevi no capítulo 2, a sua ressignificação, como aponta Benedetti (2000, p. 58):

O espaço da prostituição é um dos principais lugares sociais de construção e aprendizado do feminino entre as travestis. Assim, os diversos espaços espalhados pela cidade, normalmente públicos e exclusivos, servem de camarim e palco para o processo de transformação do gênero. [...] É ali que aprendem os métodos e técnicas de transformação do corpo, incorporam os valores e formas do feminino, tomam conhecimento dos truques e técnicas do cotidiano da prostituição, conformam gostos e preferências (especialmente sexuais), aprendem o “habitus” travesti. Este é um dos importantes espaços onde as travestis constroem-se corporal, subjetiva e socialmente.

Assim, numa época em que as sujeitas diferentes vêm reafirmando as suas identidades, compreende-se que as relações sociais e de gênero, são construídas sócio historicamente, dando significado as relações de poder. Nesse sentido e de acordo com Louro (2013, p. 20), “[...] a ideia de que as análises e as intervenções empreendidas devem considerar, ou tomar como referência, as relações de poder - entre mulheres e homens e as muitas formas sociais e culturais que constituem como sujeitos de gênero”, é parte dessa construção.

Considera-se, então, a necessidade do tratamento desse tema nas suas mais variadas formas de manifestação, já que o conceito de gênero começa a ser desenvolvido levando em conta o seu aspecto relacional, cultural e social, dependente das pessoas e dos jogos de poder,

ali instituídos. Assim, pergunta-se: Somos imutáveis? O que é gênero?

Nesse contexto a entrevistada Gaby (2017) faz uma reflexão em relação a sua identidade de gênero e sexualidade colocando que “Ah minha sexualidade eu me defino como uma mulher, né? Eu me considero uma mulher, e a minha identidade de gênero feminina, mulher também”.

Portanto, as concepções de gênero e sexualidade devem ser vista como um dispositivo histórico e social, ligado à construção de cada sujeita, diferente na sua forma de ser e agir. E a sexualidade quando voltada as TTs é ou se tem a preferência que a mesma se mantenha invisível, pois do ponto de vista estratégico da sexualidade heterossexual isto é imprescindível para manter seu patamar definido como correto.

Ao analisar o desenvolvimento da experiência da sexualidade, Foucault (1988, p. 11), nos aponta que:

[...] as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído. [...] para compreender de que maneira o individuo moderno podia fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma sexualidade, seria indispensável distinguir previamente a maneira pela qual, durante séculos, o homem ocidental fora levado a se reconhecer como sujeito do desejo.

Daí, a importância de se estabelecer reflexões acerca de temas como gênero, sexualidade, travestis, transexuais, considerados tabus na sociedade contemporânea, com a missão de jogar luz sobre essa temática, para que, a partir de tais discussões, as pessoas possam melhor compreender tais processos como o de produção simbólica e discursiva da identidade, bem como, o de representação identitária e suas relações sociais.

Para Silva (2014), esse processo revela a presença do poder de incluir e excluir, classificar e normatizar a posição das sujeitas, revelando a presença do poder, indicando a afirmação da identidade heterossexual em normatizar e nomear, estabelecendo a diferença das sujeitas diferentes.

[...] A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição-discursiva e linguística- esta sujeita a vetores de forças, a relação do poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. [...] A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode

ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2014, p.81)

No entanto, é necessário um apontamento sobre como está sendo compreendido o conceito de identidade, antes de iniciar a reflexão sobre o conceito de gênero, mesmo que brevemente teorizar a identidade dessas sujeitas, ditas diferentes, ou seja, é importante o reconhecimento, principalmente da identidade de gênero dessas pessoas. Assim, nesse processo de construção, identidade de gênero é a percepção que uma pessoa tem de si como sendo do gênero masculino, feminino ou de alguma combinação dos dois, independente de sexo biológico.

Para melhor compreender a identidade e o que significa, pode-se tomar de empréstimo os apontamentos de Vencato (2003, p. 201), para os termos travestis e transexual que poderia ser entendido, de forma resumida na argumentação que a mesma faz:

[...] a travesti busca realizar uma construção corporal que o aproxime a um corpo feminino, contudo, não quer tornar-se uma mulher “de verdade”, ou seja, não deseja extirpar seu falo. Geralmente passa por vários processos de construção corporal em direção ao feminino (colocando silicone, fazendo depilação, fazendo cirurgias plásticas, etc.) sendo esses processos mais ou menos rudimentares dependendo, principalmente, do poder aquisitivo das travestis, que determina acesso a técnicas mais avançadas ou não de remodelação corporal.

E nos diz que a sujeita transexual, “é a pessoa que nasce com um sexo anatômico, mas que se sente no corpo de outro alguém, desejando ter o outro sexo e, mesmo representando-se como pertencente ao sexo morfológico oposto àquele com o qual nasceu”. Vencato (2003, p. 201).

Essa diferenciação permite dizer que existe uma dimensão complexa, que articula aspectos sociais, culturais, psicológicos e biológicos, sendo que, esses significados são produzidos, reproduzidos e modificados efetuando transformações identitárias e corporais que caracterizam as TTs - homem que se veste e assume características físicas ou psicossociais atribuídas ao sexo oposto. São as pessoas que vivenciam identidades de gênero oposto ao que lhe foi atribuído quando de seu nascimento, também se caracteriza pelo uso de hormônios no corpo e do silicone.

Nesta linha de argumentação, Jesus (2012, p. 8), vem apoiando a causa e buscando meios para dar maior clareza à descrição deste processo de construção identitária, segundo o qual:

Cada pessoa transexual é tratada de acordo com o seu gênero: mulheres transexuais adotam nome, aparência e comportamentos femininos, querem e precisam ser tratadas como quaisquer outras mulheres. Homens transexuais adotam nome, aparência e comportamentos masculinos, querem e precisam ser tratados como quaisquer outros homens.

A autora aponta que é possível considerar que a identidade é construída discursivamente a partir das experiências históricas, sociais e culturais das sujeitas. Como nos relata durante sua entrevista Luna Shine (2017) seu processo de construção identitária iniciou-se:

Desde muito cedo, mas as primeiras manifestações começaram aos 7 anos de idade, 6 anos de idade, que era que eu me via gostando de meninos que eu me sentia diferente dos demais né? E foi nessa faixa etária aos 6, 7 anos de idade. Na primeira série do ensino fundamental. Essas mudanças surgiram muito mais tarde, que já começaram aos 16, 17 anos. E foi quando eu fui me redescobrir né? Porque até então era tudo mais normativo digamos assim... e aí eu comecei a me transformar, comecei a experimentar uma nova identidade quando eu expandi meu círculo de amizades né, comecei a me relacionar com pessoas que se transformavam... Que já tinham conhecimento maior sobre essas transformações né! E aí foi onde eu comecei a aprender e a realizar, junto com esses meus amigos... Isso por volta dos 16, 17 anos!

No entanto, de um modo geral as TTs ao experimentar essas novas identidades entram em rota de colisão com o dito normal e anormal, sustentado pela sociedade do disciplinamento do corpo, onde para as TTs basta a sua autoidentificação como mulher.

Assim, é interessante lembrar que em função desta complexidade, trago a argumentação de Hall (2006, p. 12-13), que afirma:

A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente.

Como visto, no conceito de identidade descrito por Hall (2006), que é amplo e complexo, dentro das perspectivas traçadas por ele, pode-se argumentar que as identidades são baseadas na construção social e simbólica da representação, de outro modo, ela é mutável, se forma e transforma de acordo com a vontade e o desejo do indivíduo, ao longo de sua história e dos momentos sociais, culturais vividos pelas sujeitas. Compreende-se que as mudanças acontecem, as culturas se misturam, e as certezas são inconstantes nesse

processo de construção identitária.

Hall (2006), ao abordar o conceito de identidade, afirma que sua construção sobre a identidade foge de uma teorização essencialista, indo ao encontro de uma nova construção, onde o olhar deve levar em consideração que esse processo passa por inúmeras e profundas transformações da sujeita, em meio aos discursos, práticas e posições que elas podem passar e sofrer no meio social em que vivem, pois:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior das formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2006, p. 109).

A vivência desta experiência de natureza pessoal e individual da sujeita, além de resgatar a autoestima, transforma o ser humano e a fortalece como sujeita capaz de alcançar novas metas e levar, com sucesso, sua vida adiante, transformando-se em autora e atriz de sua própria história, a partir de uma consciência renovada e fortalecida que muito colabora para a construção de sua identidade e novos modos de sentir, pensar e agir. Diante desse contexto, e para ampliar um pouco mais a discussão, apresento mais algumas concepções de gênero.

A filósofa estadunidense Judith Butler, em sua obra **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** (2003), publicada originalmente em 1990, partilha a noção de que: “[...] o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”. (BUTLER, 2003, p. 25).

Do ponto de vista da autora, o conceito de gênero cabe à legitimação dessa ordem, na medida em que seria um instrumento expresso principalmente pela cultura e pelo discurso que inscreve o sexo e as diferenças sexuais fora do campo do social, isto é, o gênero aprisiona o sexo em uma natureza inalcançável à nossa crítica e desconstrução e, gênero não deve ser visto como um atributo fixo de uma pessoa, mas como uma variável fluída, com diferentes configurações. Um conceito, o qual acredita que é preciso tratar os papéis homem-mulher ou feminino e masculino, não como categorias fixas, mas constantemente mutáveis, fora do padrão voltado para a reprodução, para desconstruir todo tipo de identidade de gênero que oprime as características pessoais de cada sujeita, quebrando assim o paradigma de que existem certezas ao se pensar em gênero.

Nesta direção, Louro pondera que se deve entender o gênero como constituinte da identidade das sujeitas, para isso, declara:

[...] Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. [...] Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a Igreja, as práticas educativas e de governo, a política, etc, são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são “generificados”-produzem-se, ou engendram-se, a partir das relações de gênero (mas não a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, etnias, etc) (LOURO, 1997, p. 24-25).

Com esta declaração a autora nos leva a reconhecer que é possível questionar todas as certezas sobre o comportamento de homem e mulher que é puramente baseada na natureza dos órgãos genitais, sem que isso signifique apenas a inversão das posições ou ainda a paralisia do pensamento sobre gênero. Os questionamentos apontam que, o ser homem e mulher é mais complexo do que nascer com as genitálias masculina ou feminina, já que as possibilidades de construção e reconstrução das sujeitas extrapola para além dos atributos físicos e estéticos, da feminilidade e masculinidade. Porém, o processo envolve diversas regras do contexto histórico-cultural da sociedade, onde a sujeita tem que se articular e quebrar paradigmas instituídos moral e socialmente, e padrões da heteronormatividade, para conseguir experimentar a prática sexual de modo livre.

Andrade (2012, p. 197) lembra de que na busca do reconhecimento da sua identidade de gênero:

A travesti contraria todo o determinismo biológico quando, convivendo plenamente com o seu órgão masculino (pênis), apresenta-se em sua socialização como feminina. Conforme a teoria de gênero, a travesti é feminina, pois é assim que se apresenta.

Nesse sentido compreende-se que para assegurar os poucos direitos de liberdade da cidadã em viver a sua identidade de gênero conquistada, muitas sujeitas tiveram que, gradualmente, confrontar-se com inúmeros valores sócios históricos e culturais instituídos, na busca progressiva da luta pela igualdade dos direitos, com intuito de promover a dignidade

humana em sua integralidade, tendo em vista que sempre existiu uma classe opressora que reprimia uma minoria por se distinguir da monotonia clássica de ricos, brancos e heterossexuais.

Dandara dos Santos, durante sua entrevista, faz um relato que deixa claro em sua experiência de vida a luta travada, todos os dias, para que as pessoas respeitem a sua construção de gênero e seus direitos como cidadã:

Vamos pela família, porque a família, a minha família é conservadora, fora meu pai, a minha mãe é conservadora, tios, tias paterna e materna. O meu pai e a minha avó paterna nunca foram transfóbicos, nunca foram homofóbicos e também não era machista. Sofri muito com a minha mãe, minha mãe me batia, me humilhava me oprimia, eu vivia uma vida psicológica bem miserável. Só que ai eu fui para a escola, que a escola foi o primeiro convívio social que eu tive, e a minha mãe dizia: “Se alguma coisa acontecer, você reclame com a tia”. Só que eu nunca gostei de reclamar da minha vida, a minha vida escolar, na época que não trabalhava muito com gênero, eles falavam, meninos pra cá e meninas pra lá... mas eu não gostava de ficar no meio dos meninos, quando eu percebi que se tratava como uma menina, e que eu era uma pessoa travesti... e foi complicado sim, pelo machismo dos meninos, mas bem aceita pelas meninas. Porque hoje fora as modernidades de hoje, brinquedos eletrônicos, eu não tive isso, eu gostava de brincar de tudo que era pautado para meninas, e eu sofria preconceito por parte disso, inclusive da direção da escola... que era totalmente homofóbica e transfóbica entendeu? E nas reuniões da pais era muita reclamação, por que na escola municipal, com cerca de 400 alunos, por que só eu agia... que era um menino, que agia como menina..., foi um processo muito doloroso que eu não tenho muitas coisas boas pra falar. Sempre tive notas boas, as professoras sempre foram apaixonadas pela minha inteligência. Mas repudiavam a minha, na época, orientação! Piorou ainda a minha identificação como travestizinha! Aí, no meu convívio social, como eu já vinha sofrendo, família, escola... eu estava mais forte eu estava mais colossal, quando eu comecei a enfrentar o mundo social. O mundo social hoje, que eu encontrei vários homens eu me apaixonei por eles, eu não estive no mercado de trabalho por preconceito e fui empurrada para a rua de prostituição, porque eu tinha que pagar as minhas contas, dentro do convívio social, eu comecei a militar que certa forma, por que a partir do momento que eu saio do portão da minha casa, tranco a porta, eu faço valer o direito de travesti, e tendo o meu direito de travesti, eu comecei também a militar, porque eu sou também militante dos LGBT. Eu comecei militar em prol dessas pessoas e mostrar nossa visibilidade, que nós existimos e hoje eu supero tudo que eu passei com a minha família, tudo que eu passei na minha escola, hoje eu supero com o que? Com a busca e o triunfo ainda não alcançado, mas com grande passo do direito de igualdade (DANDARA DOS SANTOS, 2017).

Ressalto que essas sujeitas diferentes apresentam uma trajetória turbulenta passando por descobertas, lutas, revoltas, exclusão, construção e desconstrução, mas incansáveis na busca pela afirmação dos direitos, com o objetivo de desmistificar a interdição, para conseguir o reconhecimento da sua identidade, sem a exclusão de qualquer classe distinta aos padrões estabelecidos durante a história da humanidade e, em busca do reconhecimento de benefícios assegurados a qualquer pessoa, com a sua identidade própria.

O difícil caminho que uma travesti ou uma transexual vivencia desde criança,

evidencia os maiores obstáculos e dificuldades encontradas pela maioria delas, no processo de reconhecimento de uma personalidade, que não se enquadra com os padrões definidos pela sociedade e que acabam gerando certo conflito, principalmente no ambiente familiar e no ambiente escolar, com conceitos que inibem a presença da maioria destas em sala de aula, pois não encontram suporte para iniciar a difícil trajetória de reconhecimento de gênero.

Nesse sentido, Andrade (2012, 2012, p. 245-246) em suas discussões sobre a presença da TTs na escola revela que os elementos observados ao longo de sua pesquisa e que influencia a presença ou a ausência no espaço escolar podem ser descritos como:

1- Não reconhecimento do nome feminino da travesti no momento da frequência e mesmo no cotidiano escolar; 2- Impedimento de acesso ao banheiro feminino; 3- Projeto Pedagógico que não reconhece a existência e singularidades da travesti na escola; 4- Ausência no currículo escolar de livro didático de conhecimentos sobre diversidade sexual; 5- Falta de formação para a comunidade escolar sobre a diversidade sexual, em especial no que se refere às travestis; 6- Desrespeito ao princípio laico do estado; 7- Regimento Escolar que simbolicamente pune as expressões culturais das travestis na escola; ou a ausência deste induzindo os gestores a determinarem normas fundadas em um habitus heteronormativo. 8- Não aceitação ou criação de artifícios para o impedimento da participação das travestis na festa de formatura e em outras celebrações.

E esclarece, ainda, que:

O que foge ao modelo hegemônico estabelecido é submetido à pedagogia da violência e da dor como tentativa de correção e retidão. Na escola, tais pedagogias são praticadas pelos educadores nas “melhores das intenções”, pensando na preparação e inserção social dos (as) jovens em uma cultura heteronormativa, sendo esta também uma cobrança da sociedade. Sem formação para uma teoria/pedagogia queer, e sem reconhecer a necessidade desta, os educadores tornam-se reféns do sistema e de seu habitus a ponto de acreditar que sua prática favorece o presente e o futuro de seus (as) educandos (as). Neste caso, para as travestis, o direito à escola significa adequar seu comportamento aos gêneros inteligíveis como forma de garantir sua permanência na escola. Não havendo resistências, a dinâmica permanece, restando às travestis a adequação às normas, ou a “evasão involuntária” (ANDRADE, 2012, p. 248).

Assim, entendo que é necessário refletir sobre os impactos da heteronormatividade nos grupos ditos minoritários, como o grupo das travestis e das transexuais, e que, conseqüentemente, resultam na evasão da maioria delas no âmbito escolar. Como reparo, a escola deveria favorecer a formação da cidadania e a desconstrução dos conceitos que nutrem o preconceito das diferenças. A reversão das discriminações pelas características opostas ao padrão de branco, rico e heterossexual, é fundamental para se obter um ensino de qualidade para todos, respeitando a sujeita de gênero diferente, como ser humano.

A situação descrita anteriormente sinaliza que as relações desiguais de poder, neste caso, enquanto direitos mínimos sociais, correspondem à satisfação apenas das necessidades humanas da sobrevivência, como inclusão social nas escolas, lazer, mudança de nome em documentos, direito a cirurgia de redesignação, entre outros.

Andrade (2012, p. 247) ressalta que:

As resistências ou assujeitamentos podem ser opostos e complementares simultaneamente, pois mesmo ao se assujeitar, as travestis estão fazendo uso de tática para permanecer na escola, promovendo uma crise na forma tradicional como é conduzida em relação aos gêneros, induzindo mesmo que paulatinamente mudanças e aberturas no presente e no futuro. A presença das travestis nas escolas se apresenta como dispositivo relevante para a formação da comunidade escolar na convivência com as singularidades delas, mesmo em meio a profundos conflitos.

Contudo, se faz necessário ter disposição para buscar informações, conhecimento, provocar questionamentos, apontar possibilidades de respostas para minimizar a diferença e as desigualdades das sujeitas diferentes, requer uma estratégia de intervenção frente a essa temática que vem sendo discutida, embora há pouco tempo, pois verifiquei a partir das leituras bibliográficas e pesquisas realizadas nos bancos de dados de armazenamento de produção intelectual, a existência de lacunas, como a falta de marcos teóricos legais específicos para esse grupo de pessoas ditas diferentes, bem como, a omissão e a falta de programas sociais de incentivo por parte da gestão de políticas públicas nacionais, estaduais e municipais no Brasil.

Portanto, procurei estabelecer uma conexão entre gênero, sexualidade e as relações sociais, por considerar de fundamental importância para as sujeitas diferentes o direito à educação, a vivência de suas escolhas e as experiências da sexualidade, de modo a promover a reflexão da necessidade do respeito pela diferença de cada ser humano e provocar a normalização da transexualidade como uma condição involuntária, que integra a existência da natureza humana, sem que haja discriminação proveniente de qualquer configuração marginalizada e suas diversas possibilidades. Para efeito desta pesquisa, meu foco foi as travestis e transexuais na sociedade atual, especialmente nas questões do trabalho na rua de prostituição, em específico na cidade de Três Lagoas-MS, mas que pode ter seus resultados e análise estendida a qualquer realidade brasileira.

4.2 Corpo e mercado de trabalho da prostituição

As transformações cada vez mais intensas nas relações sociais contemporâneas demonstram que a realidade enfrentada pelas travestis e transexuais merece atenção especial em relação aos motivos que contribuem para que as mesmas sejam excluídas socialmente, tornando-as invisíveis no sentido de garantir a sua cidadania.

Raphaela Souza (2017) uma das mais antigas profissionais do sexo na ativa, narra em sua entrevista as dificuldades nas relações sociais com a família, na sociedade, escolar e profissional, passadas por ela, durante o seu processo de descoberta e ressignificação do seu eu:

Bom...vou falar o português claro e a palavra chula na família foi uma droga, uma merda, onde houve vários tipos de preconceito, homofobias e tudo, na escolaridade foi complicado também que acabei optando por desistir do restante do meu ensino.- (Breve silêncio) -Fora isso, tive outra alternativa, que foi cair para noite etc. e tal, tá entendendo? Para defender o pão, meu pão de cada dia, porque não tive apoio dentro de uma família, não tive, que venho de uma família é machista, machista, machista e com minha a cabeça erguida, onde eu agradeço muito a religião que me deu um suporte e eu mesma, porque cada um faz aquilo que se toca no seu coração não podemos deixar levar pelas aparências e nem as influências, porquê por tudo que eu já passei, eu deveria ser a pessoa mais drogada, mais louca, a pessoa mais frustrada da face da terra tá e hoje estou aqui, tenho a minha casa, tenho o meu trabalho, sou uma pessoa independente e bato de frente com meus ideais, minha astrologia e com tudo que eu acredito. Como eu disse, na minha época, hoje você opta por ser profissional do sexo. Na minha época não tinha, eu caí no mundo com 13 anos, nem aonde não tinha campo de trabalho nem nada, então não tive outra alternativa a não ser vender o próprio corpo para ter o que comer no outro dia, fácil não é não, é rápido, um dinheiro rápido mas não é fácil, como muitas pessoas imaginam. Muitos seres humanos passam e vê como as travestis, como ali é ponto, como se fosse umas escórias, um restolho. Nem todo o mundo, há pessoas e pessoas, há marginais travestizados e há realmente profissionais do sexo, e não significa que tem que ficar pelada ou fazer gesto obsceno ou sendo depravadamente vulgar, eu tiro por mim, uma pessoa ladrona, mas também não sou uma pessoa boba. (RAPHAELA SOUZA, 2017).

Corroborando com o comentário antes exposto, Benedetti (2005) afirma que as travestis e transexuais, em sua grande maioria, pertencem à classe social menos favorecida, e por conta de seus corpos serem ressignificados e de sua identidade de gênero ser diferente das ditas normais, são discriminadas, estigmatizadas, silenciadas e invisibilizadas.

As narrativas das TTs, coletadas nas entrevistas, com relação a ressignificação do corpo e ao mercado de trabalho da prostituição apontam que realmente sofrem discriminação e preconceito pelo fato de estarem com características femininas, e vão além, nos revelando que quando participam em algum processo de entrevista para o trabalho formal, com carteira assinada, objetivando melhoria da qualidade vida, se deparam com várias dificuldades. Embora tendo um perfil adequado para a vaga desejada, boa aparência, entre outros

requisitos, como ser educada, ter boa oratória, enfim ser uma sujeita preparada para o cargo disponível no processo de seleção, é impedida pela sua aparência física, e na maioria das vezes por sua documentação constar o nome designado em seu nascimento, ou seja, pelo sexo biológico. E o outro fator preponderante é a questão financeira, a carga horária de trabalho oferecidas pelas empresas, assim, preferem e gostam de trabalhar na rua de prostituição onde elas fazem a sua carga horária de trabalho e a sua renda, e a renda obtida por meio do trabalho na prostituição é maior do que os salários oferecidos pelas empresas.

A narrativa de Dandara dos Santos descreve o trabalho como profissional do sexo, e sua percepção da rua de prostituição quando ela:

Aos treze anos né, eu estudava a tarde e de noite eu fugia para ir para rua de prostituição, porque faltava muitas coisas em casa por que minha mãe foi embora e meu pai começou a beber, tá! Eu empurrada para a rua de prostituição, eu apanhei das outras travestis, saía corrida das travestis por marca de território. Porque a travesti de profissão do sexo, ela tem horário pra entrar, ela tem horário pra sair, ela marca aquele território como o dela... e ela tem aquilo ali como uma ocupação, não como uma vadiagem. Então as travestis não aceitavam, porque eu era mais jovens que elas e não podia também, e hoje o conselho tutelar, antigamente era juizado de menores, eu corria da antiga kombi do juizado de menores por que eles não aceitavam, muitas vezes eles me levavam pro meu pai. E meu pai fazia vista grossa por que meu pai também gostava por que eu ajudava bastante em casa. Cresci na prostituição, vivo da prostituição entendeu? E hoje todo aquele processo que eu sofri como travesti com cliente, eu não levo isso pra rua. Eu mantenho ordem na cidade onde eu moro em Três Lagoas, nas ruas prostíbulas, eu faço mapeamento informal, e tenho combinado com as travestis, para que ali elas cumpram né, sem brigas, sem falcatruas, sem problemas, pra que elas não venham sofrer agressão física e nem moral, como eu no passado sofri (DANDARA DOS SANTOS, 2017).

E ainda nos diz mais sobre o significado da profissão para ela:

Hoje o significado para mim, é as minhas contas pagas, é... eu não aconselho os travestis estarem na prostituição, eu peço pra elas estudarem... umas que são acolhidas pelos pais, como eu não tive, que estude e tenham um grande futuro através dos estudos e da inclusão do trabalho, que é bem pouca mais acontece. Mas hoje eu vejo que da prostituição eu me sinto completa né, por que da prostituição eu comprei a minha casa né? Da prostituição eu comprei alguns bens, da prostituição eu me mantenho ainda. E eu acredito ainda que eu vá chegar na aposentadoria, que faltam 10 anos pra me aposentar, porque eu sou autônoma, e sempre paguei meu INSS. Eu levo experiências assim, não muito positivas, porque eu não falo da prostituição com orgulho. Mas a profissão pra mim foi meu pagamento de todos os imposto e que me deixou bem até hoje no meu bem estar (DANDARA DOS SANTOS, 2017).

E nessas narrativas podemos aferir que a TTs profissional do sexo estão ali no seu ponto de trabalho garantindo o seu sustento e, na maioria das vezes, ainda ajudam,

financeiramente, a sua família, mesmo passando por diversas dificuldades ao fazerem o seu trabalho.

Para melhor compreender os paradigmas da identidade construída a partir de uma sexualidade não normativa, se faz necessário refletir como se constitui a relação da construção do corpo das sujeitas no ambiente de trabalho e a partir de suas experiências em relação ao mercado de trabalho da prostituição.

E nesse processo de expropriação do próprio corpo, Louro (2013, p. 31), coloca que:

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam os silêncios que por ele falam os vestígios que nele exibem a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele atribuem.

O corpo transita nos diversos espaços sociais onde são produzidos, construídos nas relações sociais e de poder que fazem parte de nosso dia a dia. Na história da sociedade ele se tornou uma forte moeda de troca devido às complexas relações estabelecidas, as quais fazem aflorar desejos e vontades. A reflexão relativa à constituição do corpo das TTs tem a sua construção na subjetividade em dados momentos da história de vida social.

Tabata Brandão (2017), ao ser entrevistada, descreve em sua narrativa um pouco de si com relação ao passado e o seu processo de transformação corporal e a idade que tinha quando se identificou como uma travesti ou uma transexual.

Quando criança, eu sempre tive referências. Na minha família, sempre tinha umas visitas de transexual, transgêneros que iam lá pra que? Corta cabelo, fazer alguns serviços, ou eram conhecidos das minhas primas. Entendeu? Ai eu via, eu achava lindo, eu falava que queria ser igual, entende? Mas eu não sabia o que eu estava pensando. Eu só me sentia familiarizada com aquilo, com aquela imagem, com aquela pessoa... e acabava que eu conversava muito, e minha família sempre percebia isso, que eu me aproximava demais e acabava que eu fui descobrindo como que elas faziam, elas iam me falando... como que fazia pra se transformar. Uma vez me falaram de hormônio, fui na farmácia e perguntei o que era... (risos no fundo). E daí, minha primeira “hormonização” foi com meu trabalho que eu tive que cortar uma árvore, ganhei 15,00 reais pra cortar a árvore (risos). Tinha 9 anos. Ai eu cortei a árvore né... que quando a gente é criança a gente faz tudo que manda...(risos) ai fui na farmácia, antes de chegar na escola, fui pra aplicar o hormônio... e depois disso eu fazia questão de cortar árvores, só pra tomar hormônios. Sem ninguém saber, mas com meu próprio dinheiro. Por isso que eu não tive tanto problemas... (TABATA BRANDÃO, 2017).

Esclarece, ainda, como foi o processo de transformação e de que forma surgiu essa nova identidade, seu nome, as características físicas, cabelo, formas corporais, as vestimentas. Perguntei como foi e como ela o viu.

Bom, esse processo já veio assim de... de... ai como que eu explico? (uma pausa da Tabata). De criança a gente já tem as nossas referências como Beyonce (risos), Mariah Carey só as divas né? Então a gente já se inspira e já começa querer parecer, entendeu? Ai a gente vai adquirindo aquelas, aquelas, aqueles jeito a gente vai buscando em outras também... E... ai estou me perdendo. E com o tempo, eu fui me familiarizando com o que eu era. Entendeu? Com o que eu tava me tornando! Fui começando a me entender e... buscava também, entender como que se comportava, pra “mim” não ter erros, pra “mim” parecer o máximo. Foi quando tomei os hormônios, ai eu fui descobrindo em mim, que eu estava muito diferente, e que eu tinha que parar de ter modos que não eram corretos pra uma mulher., que eu tinha que parar de agir de uma forma que não era comum em uma mulher... É isso foi me fazendo com que eu tivesse uma postura mais feminina, uma postura mais adequada, pro que eu queria. Que era me parecer como uma mulher. Então eu fui buscando, eu sempre tive familiares mulheres, por perto, eu sempre trabalhei no meio de um monte de mulher na minha vida. Então eu já cresci lavando louça, limpando casa, fazendo coisas de mulheres. Raramente fazia coisas de homem, eu nem gostava. Então o nome já foi uma questão assim, seletiva, foi com as amigas, entende? (risos) Era uma história de batizado... Vamos batizar agora, mais uma filha que esta surgindo para o mundo. (Risos) Tempos de escola, isso tudo foi acontecendo. E o meu primeiro nome foi Kethilyn, depois foi Patrícia, agora por último Elem. Então foram três nomes, porque em cada lugar que eu passei eu mudava um pouco, porque parecia que era necessário. (...) Vestimenta eu comecei assim, tomava os hormônios, tomava os hormônios... quando eu vi que eu já estava criando um peito, cabia no sutiã. Não dava mais pra esconder na farda de escola né? Ai perto da escola tinha um brechózinho, ai fui no brechó (risos) comprei umas roupinhas super baratas, nunca vi coisas tão baratas como em um brechó (risos). Então comprei umas roupas femininas umas calças, só que bem social né? Não como hoje em dia que eu me visto bem provocante (risos). Ai comprei umas roupas que desce pra mim... vir, ficar... e fui me vestindo... Sem vergonha, sem medo, porque eu não sentia essa necessidade de ter medo. Por que desde criança... Hoje em dia tem até meus familiares que falam que já sabiam, que já viam isso em mim, que eu era diferente, e que eu não escondi nunca de ninguém. Então desde criança eu já venho com isso, com uma descendência a ser bem mais feminina. Com essa vontade de fazer tudo que uma mulher... não porque eu queria não! Eu sou eu sabia, mas eu sei que, eu tenho essas duas coisas em mim. Eu não consegui fugir, eu não consegui correr, veio e ficou... eu sou assim, eu aceitei de braços abertos. Foi uma luva! Porque eu consegui me reerguer na vida sendo assim! (TABATA BRANDÃO, 2017).

O caráter necessário para essa construção corporal e a compreensão das subjetividades das mesmas com o seu convívio social, está ligada às formas de atuação social deste corpo, relacionar as modificações corporais das TTs na sociedade é um fenômeno contemporâneo, pois a mudança de modalidade e do modo de relação com a identidade e o corpo são ressignificados pelas novas tecnologias a ele agregado, apontando para uma modificação do corpo no contexto social, como os procedimentos cirúrgicos de silicones.

Segundo Duque, “[...] a construção da feminilidade travesti e marcadamente sexual, ou seja, o feminino travesti é sexualizado, tem a marca do feminino como interpretado pela

cultura sexista hegemônica”. (DUQUE, 2009, p. 28).

Hoje as marcas aparentes, exibidas pelas TTs, na construção do corpo, como o uso de silicone e demais técnicas de mudanças corporais, nos mostram um ir e vir, frequentes, na simbologia e construção do corpo, se construindo e se ressignificando na composição de si e nas suas subjetividades. Com isso, as sujeitas diferentes demonstram um comportamento de total soberania de seu corpo, considerando os processos corporais realizados na procura de satisfazer a sua identidade com o feminino, subvertendo, assim, a ordem posta pelo padrão heteronormativo na sociedade.

E nesse processo de dominação e ressignificação do corpo, a entrevistada Larissa Paiva (2017) descreve como surgiu uma nova identidade, as características físicas e as vestimentas:

Bom no início, foi... não foi fácil né porque eu morava com meus pais. A ideia surgiu por que eu tenho uma prima transexual, ela tem um nome, chama Leticia, e a inspiração veio dela né? Pra poder... cabelo, corpo é... e principalmente o nome. A transformação corporal, foi feita com plásticas...?

O processo foi bem longo né? Eu coloquei silicone, industrial nas pernas, quadril e bunda, lipoescultura, silicone nos seios, preenchimento e rosto. E nariz agora, último. Ai, as vestimentas? Eu pegando da minha irmã (risos) Eu peguei da minha irmã as vestimentas, comecei a pegar... a vestir e fui me descobrindo ao longo do tempo né?... De criança né, na verdade, né! (LARISSA PAIVA, 2017).

E Larissa Paiva ainda descreve quais foram os impactos na vida familiar, social, escolar e profissional dela:

No começo foi bem difícil, eu quando estava com 12 anos fui tocada pra fora de casa, e fui morar na casa de uma cafetina né? É e ao longo eu fui aprendendo, a caminhar sozinha né, e na vida social não foi fácil pra mim, escolar acabei abandonando! Eu fui voltar a estudar já estava em Curitiba, e profissional (na questão assim, se já tive algum trabalho?) é? Eu já consegui trabalhar em salão, com uma pessoa chamada Labeli, e ao longo do tempo eu tive que acabar saindo do trabalho, porque eu não era remunerada de forma que eu pudesse sobreviver né? Por eu não ter pai, não ter mãe pra me ajudar. E ai foi quando eu cai na prostituição. (LARISSA PAIVA, 2017)

O processo de dominação e ressignificação do corpo das TTs, como surge a nova identidade, as características físicas, as vestimentas, etc, nos revela que as TTs vêm se apropriando de saberes científicos e fazendo uso deles, buscando as possibilidades e a satisfação em busca do corpo feminino, conforme esclarece Benedetti (2000, p. 59) :

As travestis parecem se aproveitar dos benefícios da tecnologia da vida moderna. Assim, de certa forma, “questionam” a ação daquilo que deveria ser um instrumento de dominação e controle social: as ciências médicas e seus conhecimentos e ação sobre o corpo, produzindo uma figura que socialmente não se inclui nas categorias tradicionais das próprias ciências médicas e psicológicas. Elas fazem usos “travestidos” destas ciências, desordenando os processos repressivos da qual a Medicina é um dos produtos e produtores, como se “o feitiço virasse contra o feiticeiro”; apropriam-se destes conhecimentos com o intuito de subverter a ordem natural que governa os saberes médicos. Este grupo recupera para si os conhecimentos e tecnologias médicas e, a partir de sua interpretação e ressignificação, produzem uma série de práticas, princípios e normas para moldar e incorporar o feminino.

E nessa intencionalidade as TTs constroem o seu corpo mostrando que o domina pautadas pela razão e pelo conhecimento natural de seu desejo, demonstrando as possibilidades de uma liberdade quanto ao seu eu e ao seu corpo sexuado. Por outro lado as TTs exibem uma faceta do seu corpo sexuado, idealizado pelo imaginário sexual e a serviço desse ego, no contexto capitalista. Na produção desse corpo no imaginário mercado do sexo, este é considerado como matéria prima inicial e mercadoria final de um processo de produção no mercado sexual da prostituição.

Sobre o caminho da prostituição podemos perceber que a travesti ocupa os espaços na rua de batalha e se coloca como profissional do sexo, pois segundo a reflexão e afirmação de Kulick (2008, p. 157), as sujeitas:

Travestis veem a prostituição como um trabalho e consideram-se profissionais. Embora normalmente refiram-se a si mesmas como - prostitutas, ou algumas vezes, em tom jocoso, chamem umas as outras de - putas, em determinados contextos formais - uma entrevista a um jornal, por exemplo - elas costumam designar-se profissionais do sexo. As travestis usam a palavra - prostituição para denotar seu ofício, mais na fala corriqueira e entre si, é mais comum que usem os termos - trabalho ou -batalha (esta última é uma gíria frequentemente utilizada no Brasil para designar trabalho) e chamam os homens que compram os seus serviços sexuais de - clientes ou - fregueses, entre outros termos menos neutros. (KULICK, 2008 p. 157).

A prostituição existe e está presente na maioria das cidades brasileiras, e é considerada a profissão mais antiga do mundo pelo conhecimento popular, essa comercialização do corpo não é crime - se prostituir - , quando a profissional do sexo é a única que pode se beneficiar dos rendimentos do seu trabalho. Porém as TTs profissionais do sexo ainda são vistas como escória social, recebendo tratamento político, cultural e social incompatíveis com a dignidade que merecem, uma vez que as privam de tratamento adequado nas mais variadas políticas sociais, como a tratamentos de saúde, direitos trabalhistas, entre outros.

É de essencial importância destacar aqui que a prostituição, enquanto prática individual e autônoma, não é considerada ilegal no Brasil, e sim a exploração sexual. Todavia, não há o reconhecimento desse ofício como uma profissão, o que favorece a utilização de ensejos legais na forma de acusações de atentado ao pudor e escândalo público, como mecanismos para a inibição e a criminalização das sujeitas que exercem essa atividade, com o fim de coibir a prática da prostituição. (GUIMARÃES; MERCHÁN-HAMANN, 2005, p. 525-544).

O termo **profissional do sexo** começou a ser utilizado na década de 1980. Com a abertura política, após a ditadura e o aparecimento dos movimentos sociais, passou-se a reivindicar a regulamentação da prostituição, como forma de garantir os direitos trabalhistas das pessoas que desempenham essa atividade (RODRIGUES, 2009, p. 68-76). Embora a prostituição ainda não tenha sido legalizada, pois a luta pela sua regulamentação se arrasta até a atualidade, o ofício de profissional do sexo é reconhecido como uma ocupação pela Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho, sob o número 5198. O que chama a atenção nessa classificação é o fato de travestis e transexuais serem utilizadas como sinônimo de profissional do sexo para identificar quem exerce esse ofício, junto a outras denominações, como: Garota de Programa, Garoto de Programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da Vida, Prostituta, Puta, Quenga, Rapariga, e Trabalhador do Sexo. (BRASIL, 2010, p. 809).

Essa correlação estabelecida na classificação de ocupações do Ministério do Trabalho, entre os sujeitos que se identificam como transgêneros e a prostituição, foram apresentados em várias pesquisas anteriores. (DUQUE, 2009; LEITE JÚNIOR, 2008).

O fato de as travestis terem dificuldade ao acesso no mercado de trabalho, as obriga muitas vezes a recorrerem à prostituição como forma de sobrevivência, devido às ínfimas oportunidades de trabalho a elas oferecidas. Dessa forma, o fato de serem retratadas como sinônimo de prostituição por uma classificação pertencente a um órgão (entidade) governamental reforça oficialmente a situação de exclusão, discriminação e estigma social vivenciadas pela população travesti. (SILVA, 2012).

O direito a trabalhar precisa ser garantido as pessoas do seguimento das TTs. Não se trata, apenas, do acesso ao emprego e a estabilidade no mesmo, mas do direito a um ambiente digno, sem barreiras ou entraves a carreira, com tratamento respeitoso, equidade e liberdade para se expressar sem constrangimentos ou violências, para que possam desenvolver plenamente o seu potencial como profissional do sexo. A rua de prostituição, de uma forma ou outra, é o trabalho formal delas, para onde levam consigo a vontade e o desejo de atuarem na

prostituição - eu travesti tenho que ser profissional do sexo. Para esse grupo das TTs, seu trabalho formal é ali na rua de prostituição, onde assumem sua diferença e envelhecem na rua, não se envergonham de estar ali, mesmo estando vulneráveis a todos os tipos de situação inclusive o risco de vida, mas sempre em busca de ganhar o seu sustento.

De acordo com Pelúcio (2005), Agnoleti e Neto, (2009), Peres (2005) e Leite Jr, (2012), o problema é a falta de efetivação dos direitos sociais mínimos às TTs, estando relacionado ao viés sexual por motivo da sua orientação sexual e de sua identidade de gênero, uma vez que estão fora dos padrões heteronormativos da sociedade.

A regulamentação da prostituição significa a admissão da prostituição como profissão, implica, por exemplo, o pagamento de imposto e seguridade social e profissional, garantindo para as TTs profissionais do sexo os direitos que qualquer outro trabalhador tenha como aposentadoria, FGTS, seguro por acidente de trabalho. A reflexão sobre o exercício de cidadania e a efetivação dos direitos do grupo de travestis e transexuais, a garantia de emprego e trabalho digno e o enfrentamento das desigualdades que afetam especialmente esta população, dado ao forte componente da discriminação, tem sido também uma questão enfrentada pelos movimentos sociais das TTs, buscando o respeito aos direitos sociais dessas pessoas ditas diferentes.

O trabalho sexual seja ele na rua, na pista, na esquina ou nos becos de prostituição, e mesmo mediante todos os perigos e situações de vulnerabilidade a que estão expostas todos os dias para a garantia de seu sustento, lhes trazem inúmeras possibilidades dos arranjos sociais, onde a sujeita diferente é aceita e acolhida sem perguntas e restrições, onde as travestis e transexuais são integralmente aceitas, embora seu corpo masculino esteja em processo de transformação, de descoberta por meio da sexualidade e identidade de gênero. Esse transcurso possibilita o desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança; promove melhoria da aparência física, assim como acentua sua latente feminilidade.

4.3 Discriminação, violência e preconceito

As violações de direitos humanos das TTs no Brasil podem ser mapeadas por meio de intensa produção acadêmica contemporânea, dos movimentos sociais e das respostas do estado, que, por uma série de caminhos diferentes, tem documentado e revelado a sociedade a abrangência e os desafios enfrentados principalmente pelo seguimento das TTs, que vão da discriminação, violência e preconceito, até os casos de assassinatos motivados por expressões

de repúdio e preconceito as diversidades sexuais e de gênero.

O Prof. Luiz Mott, fundador do Grupo Gay da Bahia (GGB)⁶ foi o coordenador da pesquisa que subsidiou o Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais no Brasil relativo a 2017, no qual foram documentadas 445 mortes de gays, travestis e lésbicas, sendo 387 assassinatos, e 58 suicídios. Ainda de acordo com o relatório, acontece um assassinato a cada 19 horas, o que representa um aumento de 30 % em relação ao ano anterior (2016), quando se registraram 343 mortes.

De acordo com dados do relatório anteriormente mencionado, o Brasil continua sendo o campeão mundial de crimes motivados pela homotransfobia. Segundo agências internacionais, 52% dos assassinatos de transexuais no ano passado foram cometidos em nosso país. Das 445 vítimas de homotransfobia documentados em 2017, 194 eram gays (43,6%), 91 trans (42,9%), 43 lésbicas (9,7%), 5 bissexuais (1,1%) e 12 heterossexuais (2,7%). Foram igualmente assassinados heterossexuais, por terem sido confundidos com gay, ou por serem (T-lovers) amantes de travestis, ou só por estarem em circunstâncias ou espaços homoeróticos. Quanto ao perfil racial por categoria sexológica, observa-se leve superioridade de transexuais e travestis negras (38%), seguidas dos gays (31%) e das lésbicas (21%).

Muitos desses casos ganharam enorme repercussão nacional e internacional, como o caso da travesti Dandara, de 42 anos, espancada e torturada por homens na cidade de Fortaleza em 2017, quando a agressão foi gravada e circulou intensamente pelas redes sociais. O caso nos permite demonstrar que a discriminação, violência e preconceito atingem aquelas que constituem uma identidade diferente, em contextos diversos, como ameaças para as crenças e valores tradicionais em relação à sexualidade e gênero.

De acordo com Foucault, a sociedade exerce o poder por meio de vários dispositivos e, dentre os dispositivos existentes está o da sexualidade, construído pelas relações sociais de poder que atua:

[...] De alto a baixo, em suas decisões globais como em suas intervenções capilares, não importando os aparelhos ou instituições em que se apoie, agiria de maneira uniforme e maciça; funcionaria de acordo com as engrenagens simples e infinitamente reproduzidas da lei, da interdição e da censura: do Estado à família, do príncipe ao pai, do tribunal à quinquilharia das punições cotidianas, das instâncias da dominação social às estruturas constitutivas do próprio sujeito, [...]. (FOUCAULT, 1988, p. 82).

⁶ Organização brasileira que mantém um projeto de monitoramento sistemático de assassinatos de pessoas LGBTs.

A sujeita diferente que exerce o seu direito de construir e reconstruir o próprio corpo, transformando a sua identidade, na maioria das vezes, vive a margem da sociedade, por sua forma de ser e de exercer a sua identidade de gênero e a sua sexualidade, por sofrerem discriminação, violência e preconceito, e percebe-se que os espaços de maior incidência dessas agressões são, geralmente, lugares públicos, em casa (familiares), e escola.

Luna Shine (2017), em sua entrevista, faz uma análise da presença das TTs na sociedade atual e de como são tratadas quando se fala em cidadania:

A presença da travesti na sociedade atual olha a presença é muito grande, por que somos muitas né... Travestis, transexuais, gays transformistas, pansexuais, etc. Mas como a sociedade as vê, a sociedade as vê como louca né? Por que foge do padrão normativo, foge do que é bonito aos olhos de quem vê todo mundo acha que é desvio de conduta, que é doença, que é loucura né? Tanto é que recentemente foi desengadrado do CID 10 e do DSN como transtorno mental né?(transtorno de personalidade). A sociedade recrimina muito, exclui muito né? E desde as fases iniciais se você para pra analisar né... desde a escola somos exclusas, desde a família somos exclusas... por que, pais, avós né? é muito grande o número de casos de LGBT que são expulsos de suas casas, que são maltratados na escolas, que são tratados com piadinhas com exclusão, e não só por parte dos coleguinhas, dos professores. É muito triste por que a gente tende a viver num país com sistema patriarcal, que cada vez mais exclui todos aqueles que são diferentes, principalmente as travestis e transexuais. Você não vê travestis e trans em locais de trabalho, você não vê em seleções de trabalho... você não vê travestis nas universidades, e quando você vê é uma ou duas e mesmo assim é motivo de chacota, ainda sim é motivo de ta passando uma travesti e um coleguinha cutuca o outro e fala: 'Olha lá, será que é homem, será que é mulher'...Ai quando você fala que é travesti a pessoa pergunta, mas qual é seu nome?Ai você fala seu nome social, e a pessoa pergunta... não seu nome!Ai você fala seu nome e a pessoa insiste: 'não, seu nome!'Né? Como se fosse necessário ela saber seu nome né? Quase uma investigação policial, o nome que lhe deram, como quiseram que você fosse, não como você quer ser. É muito triste ao analisar a sociedade atual no tratamento da travesti e da transexual, é muito exclusiva é muito excludente... e a taxa de homicídio e de não acesso a educação e não acesso a cargo de poder é muito grande e muito triste (LUNA SHINE, 2017)

Nesse sentido, os preconceitos são perpetuados por meio de piadinhas, por tradição familiar, pela religião, pela necessidade de compensar nossa real inferioridade individual por uma pretensa superioridade coletiva que todos assumimos ao carimbar o outro com a marca de qualquer inferioridade.

Paralelamente, a universalização de conhecimentos e o desenvolvimento da sociedade, as Escolas ainda têm dificuldade para atender as sujeitas diferentes. É o que aponta o estudo realizado pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais

e Transexuais (ABLGBT)⁷, divulgado em dezembro de 2016, o qual mostra que 73% dos estudantes que não se declaram heterossexuais no Brasil já foram agredidos verbalmente na escola. Já as agressões físicas ocorreram com um a cada quatro desses alunos. Dos 1.016 jovens ouvidos na pesquisa, 55% afirmaram ter ouvido, ao longo do ano anterior, comentários negativos especificamente a respeito de pessoas trans no ambiente escolar e 45% disseram que já se sentiram inseguros devido à sua identidade/expressão de gênero.

Acredito que ações como essas causam desequilíbrio e exclusão social, que contribuem para uma profunda marginalização e expõem as travestis e transexuais às violências cotidianas, excluindo-as socialmente.

Bento (2011, p. 549-550) informa que:

Pessoas transexuais e travestis são expulsas de casa, não conseguem estudar, não conseguem emprego, são excluídas de todos os campos sociais, entram na justiça para solicitar a mudança do nome e do sexo: enfim, um conjunto de instituições sociais é posto em ação toda vez que alguém afirma: “não me reconheço nesse corpo, não me identifico com o gênero imposto; quero uma cirurgia corretiva do meu sexo, não suporto esses seios que me aprisionam ao destino materno; quero mudar minha identidade civil”. Essas anunciações reverberam nas instituições como sentenças proferidas por uma pessoa transtornada, sem condições de significar suas dores.

Como consequência da discriminação, da violência e do preconceito, seja ele físico verbal ou psicológico, as TTs sofrem com a desumanização que promove a insegurança levando ao isolamento e vulnerabilidade, comprometendo assim a inclusão educacional, dificultando a aprendizagem, o rendimento, conduzindo à evasão escolar e ao abandono da escola, bem como dificultando sua inserção no mercado de trabalho com carteira assinada.

Assim, para Foucault (1988, p. 68),

[...] A sociedade que se desenvolve no século XVIII, denominada por ele de burguesa, capitalista ou industrial, não reagiu ao sexo com uma recusa em reconhecê-lo. Ao contrário, instaurou todo um aparelho para produzir discursos verdadeiros sobre ele. Não apenas falou muito sobre ele, como também forçou todo o mundo a falar dele, como também empreendeu a formulação de sua verdade regulada. Como se suspeitasse nele um segredo capital. Como se tivesse necessidade dessa produção de verdade. Como se lhe fosse essencial que o sexo se inscrevesse não somente numa economia do prazer, mas, também, num regime ordenado de saber”.

⁷ Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais – 2016. Disponível em: <http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>.

Nesta tradição, ainda vigente, o risco de se atuar na lógica do ajustamento de comportamentos individuais não é pequeno, haja vista a manutenção dos esquemas terapêuticos, ajustadores de conflitos, controladores da rebeldia e moduladores de condutas pacificadas.

Diante desse cenário, a presença da violência e discriminação contra essa parcela da população apontam para a urgência de iniciativas para o reconhecimento e garantias legais das TTs, para o enfrentamento das discriminações como componente fundamental na garantia do direito social e cidadania dessas sujeitas e busca de políticas afirmativas. Apesar da relativa proteção estatal que garante que ‘todos somos iguais perante a lei’, consagrando o princípio da igualdade na sociedade, na prática, ainda esta aquém do necessário para a população das TTs. Por isso, concordo com Boaventura (2003, p.458), quando ele afirma que “[...] temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”.

As pessoas transgêneras no Brasil se ressentem da falta de uma legislação que lhes garanta direitos básicos. Das iniciativas nacionais, só constam um decreto federal que autoriza o uso do nome social em determinadas circunstâncias e uma portaria que determina a oferta, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), do processo transexualizador (conjunto de procedimentos para adequar o corpo à identidade de gênero).

Neste cenário, as discussões sobre despatologização da transexualidade teve um pequeno avanço, porém significativo, quando em meados de junho de 2018 a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou a nova Classificação Internacional de Doenças (CID), anunciando sob o CID 11 a retirada da transexualidade da lista de doenças mentais, que a incongruência de gênero agora configura como condição relativa à saúde sexual.

O Decreto Federal n. 8.727/2016, assinado pela ex-presidente Dilma Rousseff, em 28 de abril de 2016, estabelece que a identidade de gênero de travestis e transexuais deve ser respeitada, dando-lhes o direito de usar o nome social no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Com isso, transgêneros passaram a ter o nome respeitado, por exemplo, ao trabalharem em órgãos públicos e realizarem provas como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Embora essas decisões sejam válidas para todo o país, elas são vistas como “frágeis” por não terem força de lei, o que torna mais fácil sua extinção. No âmbito estadual e municipal, há outras iniciativas, mas a maioria, salvo exceções, não atende as principais demandas da comunidade LGBT. Estão na fila, ainda, iniciativas como a que institui asilos e

casas de repouso para idosos LGBT e a que deixa explícito que a Lei Maria da Penha também vale para mulheres transexuais e travestis.

Na prática, essa última medida já vale no país, mas apenas graças a uma decisão do Conselho Nacional de Procuradores Gerais, que instruíram juristas a estender a aplicação da lei que coíbe a violência doméstica para as mulheres transgêneras. Esse fato é um exemplo claro de como, na ausência de leis protetoras, a população das TTs é forçada a buscar abrigo no Poder Judiciário.

Acredita-se que, o reconhecimento da cidadania das TTs perpassa por incentivar políticas públicas de promoção da cidadania e direitos das TTs, como forma de enfrentamento à discriminação, violência e o preconceito, uma vez que poucos estados e municípios tem políticas públicas voltada para esse segmento da sociedade.

Com pouquíssimos avanços no âmbito nacional, transexuais e travestis alcançam algumas vitórias em leis de alcance municipal e estadual. Essas iniciativas, no entanto, em grande parte das vezes se limitam a medidas com impacto reduzido, como a definição de uma data para celebrar a visibilidade da população das TTs.

No mais recente Relatório de violência homofóbica no Brasil, publicado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH) em 2016, com dados de 2013, o Rio de Janeiro é citado como a unidade da Federação que mais aprovou instrumentos de proteção a essa parcela da sociedade, com um total de 21 ações. Em segundo lugar, aparecem São Paulo e Minas Gerais, com 11 ações. Já Amapá e Roraima não registraram qualquer recurso legal.

No Distrito Federal, são mencionadas três iniciativas: a Lei n. 2.615, de 26 de outubro de 2000, que determina sanções a práticas discriminatórias em razão da orientação sexual das pessoas; a portaria de 9 de fevereiro de 2010, elaborada pela secretaria de Educação, que garante aos trans o uso do nome social nas escolas públicas do DF; e a Lei n. 4.374, de 28 de julho de 2009, que “institui no Distrito Federal o Dia de Combate à Homofobia”.

Mato Grosso do Sul é um dos estados pioneiros que aprovou leis para o combate à discriminação devido à orientação sexual, como as seguintes: Lei n. 3.157 de 27 de Dezembro de 2005 que dispõe sobre as medidas de combate à discriminação devido à orientação sexual no âmbito de Mato Grosso do Sul; a Lei n. 3.416, de 4 de setembro de 2007, altera dispositivos da lei n. 3.287 de 10 de novembro de 2006, que dispõe sobre a obrigatoriedade da disciplina de Relações de Gênero no conteúdo curricular dos cursos de formação de Policiais Civis e Militares e Bombeiros Militares, acrescentando a disciplina de combate à Homofobia, a Lei n. 3.591, de 9 de Dezembro de 2008, altera dispositivo da Lei nº 3.150, de 22 de

dezembro de 2005, que dispõe sobre o Regime de Previdência Social do Estado de Mato Grosso do Sul, Art. 1º, o inciso I do art. 13 da Lei n. 3.150, de 22 de dezembro de 2005, passa a vigorar com a seguinte redação: I - o cônjuge, a companheira, o companheiro, a pessoa do mesmo sexo que mantém união homoafetiva pública e duradoura com o segurado, e o filho não emancipado, de qualquer condição, menor de dezoito anos ou inválido; Decreto n. 13.684, de 12 de julho de 2013, que assegura às pessoas travestis e transexuais a identificação pelo nome social em documentos de prestação de serviço quando atendidas nos órgãos da Administração Pública direta e indireta; Provimento n. 36, de 08 de junho de 2010, dispõe sobre a lavratura de escritura pública de declaração de convivência de união homoafetiva perante os cartórios de serviços de notas; Provimento Nº 80, de 25 de março de 2013, considera a necessidade de uniformizar os procedimentos do registro de natimorto, do registro de nascimento homoparental, do registro de indígena e do registro de casamento homoafetivo no âmbito do Estado de Mato Grosso do Sul. Provimento n. 73, de 28 de junho de 2018, dispõe sobre a averbação da alteração do prenome e do gênero nos assentos de nascimento e casamento de pessoa transgênero no Registro Civil das Pessoas Naturais (RCPN).

Contudo, a Constituição Federal de 1988, no Título I, Dos Princípios Fundamentais, Art. 3º: “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil”, o qual estabelece no inciso quarto - “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.

Pode-se, ainda, citar os direitos fundamentalmente sociais, estabelecidos no Título II, Dos Direitos e Garantias Fundamentais Capítulo I, Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; [...]

E no Capítulo II, Dos Direitos Sociais, o Art. 6º evidencia: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. Logo, após os Princípios Fundamentais citados, Simões (2013, p. 173), recomenda que o Estado:

[...] deverá promover as medidas destinadas a aumentar as possibilidades de emprego e mantê-las em alto nível, a incrementar a produção e as rendas nacionais e a distribuí-las equitativamente e a melhorar a saúde, a alimentação, o vestuário, a habitação e a educação em geral e profissional dos trabalhadores e seus familiares.

Ao pontuar sobre os direitos sociais, políticos e civis que a sujeita deveria vivenciar, concordo com a linha de pensamento da socióloga Bento (2006, p.10), quando ela argumenta e afirma, “[...] que faltam diretrizes básicas para a proteção física das transexuais, pensar em inserção do mercado de trabalho é algo muito distante”, e que o estado acaba sendo um dos principais agressores das TTs por causa da ausência de políticas públicas voltadas a essa parcela da população.

Apesar das ações de promoção de direitos terem avançado, elas ainda não são suficientes, ainda temos a constatada morosidade nas três esferas de poder, nos trâmites de projetos de lei, especialmente de políticas públicas, que são encaminhados ao poder legislativo e permanecem estagnados, como é o caso da lei da criminalização da LGBTfobia, entre outras reivindicações.

Diante dessa contextualização provocadora, promover o acolhimento, a igualdade, o reconhecimento e a afirmação de Direitos para esse grupo é um desafio para a sociedade atual e representa um de seus marcantes êxitos, assim como também o foi à conquista do direito ao casamento, ao nome social, à cirurgia de redesignação sexual, entre outros.

Experiências desenvolvidas em diversas partes do país permitiram visualizar o quanto o preconceito, a discriminação e a violência – verbal física e psicológica - contra essa população socialmente vulnerável pode promover danos emocionais, segregar e estigmatizar a cidadã, simplesmente por suas características de gênero, raça, cor, orientação sexual e identidade de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito desta pesquisa foi o de abordar, academicamente, o tema Travestis e Transexuais no mercado do sexo em Três Lagoas/MS, a qual me permitiu observar esse universo por meio de diferentes óticas. Logo de início, soube que estava entrando numa tarefa difícil e ao mesmo tempo intrigante, desafiante. Este universo, eu visualizei pelo lado social e pelo lado histórico da vivência das TTs e, os olhares que lancei de forma interligada, oportunizaram-me compreender, ao menos em parte, o que se passa na rua de prostituição de Três Lagoas/MS. As narrativas das vinte TTs profissionais do sexo constituem o auge desse estudo. Por meio das narrativas as TTs falaram por si e de si mesmas.

Dessa forma, o uso da entrevista semiestruturada e da observação etnográfica que fiz, foi imprescindível para conhecer mais a fundo as vivências das travestis e transexuais nos pontos de prostituição pesquisados, e ainda, mostrou-se como uma forma de valorizar a história e o trabalho dessas TTs, por meio do respeito e tratamento da prostituição enquanto uma prática de trabalho formal para elas.

Percebi que o ingresso na rua de prostituição pelas entrevistadas vincula-se, diretamente, com o histórico de vida delas, mesmo cada uma apresentando seus motivos específicos. Suas histórias são bastante parecidas pelo que pude observar e, em geral, estão associadas às mudanças corporais (ainda em construção) que iniciaram na adolescência. As condições socioeconômicas desfavorecidas pela falta de emprego, desfavorecimento, na maioria das vezes, ocasionado por não ter escolaridade e idade para o ingresso no mercado de trabalho formal, com carteira de trabalho assinada, praticamente não deixou alternativa as TTs que entrevistei, a não ser, ingressar na atividade de profissional do sexo, um meio rápido de ganhar dinheiro, sem a necessidade de qualificação educacional e a possibilidade de continuar a ressignificação de seus corpos.

Entretanto, isso não é tudo. A carência econômica não pareceu ser o único fator que condicionou a escolha; o relacionamento familiar e social abalados pela nova postura da sujeita em construção, um relacionamento amoroso mal resolvido e autoestima baixa, foram motivos encontrados nos relatos que serviram como propulsores para o ingresso na vida de profissionais do sexo. Uma vez que, a dinâmica da rua de prostituição, a sedução, a disputa, a aceitação, faz com que se sinta desejada poderosa e adorada, resgatando sentimentos de autoestima latente dentro de cada TTs, ainda mais quando tudo isso vêm acompanhado de uma boa oferta monetária ou de um tratamento especial, constitui-se um forte motivo para entrar e permanecer na atividade.

Ao observar a realidade deste grupo, pude perceber que o fator financeiro relatado pelas TTs é um dos principais quesitos motivadores para se manterem na rua de prostituição, afinal, mesmo com tantos riscos e com a exposição constante aos perigos da noite, as vulnerabilidades, as violências e as discriminações dos mais variados tipos, elas optam, direta ou indiretamente em prosseguir nessa profissão, exprimindo assim, o desejo de desvincular-se, porém, não empregam forças para tal, uma vez que a sua rentabilidade é bem maior como profissional do sexo.

Dessa maneira, pude constatar que mesmo com elementos negativos mencionados durante as entrevistas, o trabalho na rua de prostituição é um elemento importante na história de vida dessas TTs, para além do ganho financeiro, pois as experiências vividas e adquiridas, os prazeres vivenciados e compartilhados, são itens riquíssimos na dimensão humana, modificando e influenciando a construção da identidade das TTs nos aspectos da percepção, da postura, do sentimento, do pensamento e das reações diante das situações e vivências do cotidiano de cada uma delas.

É notório que o trabalho de profissional do sexo está incorporado na vida dessas TTs, e mesmo com todas as opiniões contrárias a esse serviço e a insistência em ressaltar o lado feio e obscuro da rua de prostituição, o trabalho tem sim, como anteriormente mencionada, uma relevância singular para essas profissionais do sexo, algo que vai muito além do perceptível, mas indiscutível e inerente a elas, o que acarreta mudanças na vida social de cada uma delas. A dignidade trabalhista, seja na pista, nos becos, na esquina da rua prostituição existe para as sujeitas diferentes e, até esse momento, apesar do tempo de sua existência como uma das profissões mais antiga do mundo pelo conhecimento empírico e científico já descrito na história contemporânea, é negligenciada pelos gestores das políticas sociais. Por isso, sua regulamentação se faz necessária como profissão, para assegurar os direitos sociais a estas TTs e todas as demais prestadoras deste tipo de serviço.

Tendo em vista essa emancipação progressiva do trabalho da prostituição, enquanto objeto histórico de lutas em prol da sua regulamentação e direito social para esse segmento, promovido ao longo do tempo pelos movimentos sociais, não ignoro o que ocorre na rua de prostituição no caso das TTs profissionais do sexo que entrevistei. É uma transação comercial, que se expressa, de um lado quando as TTs ofertam os serviços eróticos e sexuais e, do outro lado o cliente que compra esses serviços combinando preços e horários de atendimentos, mas também, existe uma transação afetiva e social entre ambos, pois as profissionais do sexo nas suas entrevistas relataram ter relações, com alguns clientes, que vai além do acerto financeiro para a prestação do trabalho.

Para além do trabalho que realizam, há também uma troca de carinhos, sentimentos, escuta, apoio, lazer e prazeres, aliás, o lazer e o prazer se mostraram presentes na vivência dessas TTs das mais distintas formas, tais como: o prazer sexual em si, o prazer em adquirir bens materiais e frequentar lugares por elas considerados requintados, e que sem o ganho advindo do trabalho na rua de prostituição não poderiam, o prazer da diversão em grupo na casa das companheiras de trabalho, o prazer de ser disputada pelos clientes em seus pontos, o prazer em colocar as suas próteses de silicone. Prazeres esses que resgatam a autoestima e aflora o lado humano dessas profissionais do sexo, que as fazem sentirem-se um pouco mais pertencentes à sociedade onde vivem um pouco mais vivas e acalentadas, um pouco mais mulheres, sem que tenham que carregar o carimbo que lhes é conferido - profissionais do sexo. Ressalto que a prostituição, nesses casos específicos, não é apenas o sofrimento e abnegação, mas também a diversão, o afeto, a compensação, expressos através dessas e de outras formas como pude observar nas narrativas das TTs entrevistadas.

Conforme já mencionei, em capítulos anteriores, observei que os três pontos de prostituição pesquisados na referida cidade, a saber: o Posto de Gasolina “Linhão Small”, na BR 262; a Rodovia “Ranulpho Marques Leal” (trecho ‘Cristo’- Auto Posto de Gasolina São Luiz) e a Avenida Clodoaldo Garcia, não são apenas espaços onde a prostituição se dá, ou seja, não se restringe, apenas, ao trabalho sexual, vai muito além disso, trazendo significados diversos na história de vida das TTs que lá trabalham, pois nesses locais, elas se sentem legítimas, mostrando quem realmente são, sem que recaiam sobre elas olhares negativos e de reprovação por estarem ali, na rua de prostituição. Foi possível observar que entre as TTs existem laços fraternais e união, mesmo que passageiros, pois nesses locais a rotatividade é grande, podendo as TTs entrarem e saírem quando julgarem necessário, uma vez que as mesmas fazem seus horários e dias de trabalho, não tendo a obrigatoriedade de sempre pertencerem ou estarem na rua de prostituição em seus pontos de trabalho.

Nos capítulos desta dissertação, afirmo e acredito que o fato do trabalho da prostituição envolver o corpo ressignificado, o sexo e a sexualidade, tem como principal consequência nefasta nas suas carreiras a exclusão da prostituição enquanto um trabalho com direitos regulamentados, ainda mais quando esse é realizado por TTs, pois elas rompem e assumem papéis que não são esperados e aceitos pela sociedade politicamente correta, mas reproduzidos socialmente como corretos para elas. As TTs lidam com o sexo e com muitos parceiros/as, se envolvem no jogo de sedução e poder, tendo como princípio a quebra de paradigmas de padrões sociais, ou seja, elas tomam as rédeas daquilo que historicamente foi sempre reproduzido e aceito, mas não como algo próprio para as TTs – a prostituição, visto

que, os estigmas, os tabus, os estereótipos cada vez mais cerceiam as sujeitas, construindo e desconstruindo posturas, saberes e falas, como se para sermos homens/mulheres ou o que quisermos ser, necessitássemos vestir um corpo pronto, com características pré-definidas e imutáveis. Portanto, ou é isso, ou é permanecer na exclusão. As TTs com os seus corpos ressignificados, quebram todos esses paradigmas sociais.

Há que se ressaltar que em sua maioria as TTs vão para a rua, os becos e avenidas se prostituir por conta das mudanças corporais que começam muito cedo, ou seja, isso ocorre desde a infância, adolescência, e na maioria das vezes tanto na família, como ao adentrarem as escolas, não são compreendidas e muito menos respeitadas em sua ressignificação, e ao tentarem incluir-se no mercado formal de trabalho não conseguem, pela pouca idade, pela falta de qualificação e pela questão de gênero. É um processo gradual, porém certo de ocorrer. Nas respostas exibidas pelas TTs, vê-se pelos relatos, o quão certo é como elas vão parar nas ruas, tornando-se alvo fácil dos riscos, à margem da sociedade e vivenciando vulnerabilidades contínuas, mas sempre em busca de seus sonhos e na eminente procura de um corpo cada vez mais feminino.

Por fim, busquei nesta pesquisa, a partir das experiências das sujeitas ditas diferentes – TTs que são profissionais do sexo com quem conversei durante o processo de elaboração da dissertação, alguns elementos que podem levar as TTs a encontrarem, na rua de prostituição, o seu emprego formal que, para elas, não se faz apenas pelo lado do sofrimento, como socialmente reproduzido na maioria das vezes que esse tema entra em voga, já que elas nem sempre vestem o traje de submissas e sofredoras. Muitas delas sentem prazeres e satisfações, das mais distintas formas, no exercício do seu trabalho como profissional da prostituição, prazeres esses, que podem ser sexuais, que podem advir do dinheiro, da compra de coisas e bens (materiais ou não), da companhia, do convívio com pessoas diversas. Elas são sujeitas de poder dentro do seu trabalho, poder este que é exercido de maneira bastante peculiar, mas presente no cotidiano de cada uma delas. Elas narram, com orgulho, poder decidir o que fazer, com quem fazer, como fazer e de que forma fazer; que horas parar, que horas começar, quando permanecer e quando sair, embora deixassem transparecer que, muitas vezes, também são oprimidas durante esse período de relação, embora afirmem que estão com as rédeas de suas vontades nas mãos.

Portanto, espero com este trabalho, ter mostrado que o debate e a discussão aqui feitos, constituem um exercício de perseverança e reflexão para desconstruir preconceitos, processos discriminatórios e de violências, estabelecidos no seio social, que se pode quebrar pactos de silêncio sobre a questão de gênero, sexualidade e prostituição, principalmente, quando esses

temas estão voltados para o grupo minoritário de travestis e transexuais.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Jorge. Um avanço nos direitos LGBT. In: Notícias, Instituto Ethos. 2014. Disponível em: <http://www3.ethos.org.br/cedoc/um-avanco-nos-direitos-gbt/#.WIPuIFMrK1t>. Acesso em: 05 de Abril de 2016.

AGNOLETI, Michelle; MELLO NETO, José Baptista de. Família, Escola, Mercado de Trabalho – há lugar para as travestis? Disponível em: <http://www.catedraunescojea.org/gt03/com/com052.pdf>. Acesso em: 20 de Abril de 2016.

AGNOLETI, Michelle Barbosa. "Travestis: percursos e percalços para a conquista da cidadania" 01/03/2010 128 f. Mestrado em Ciências Jurídicas Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa.

_____. Trabalho e Emprego para Travestis: do estigma à realização pessoal e profissional. Publicado em: 19 de setembro de 2009. Disponível em: www.andhep.org.br/anais/arquivos/Vencontro/gt6/gt06p01.pdf. Acesso em: 20 de Abril de 2016.

AMARAL, Marília dos Santos et al . “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte , v. 26, n. 2, p. 301-311, Aug. 2014 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de Abril de 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. DSM-5; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014. Disponível em: <https://aempreendedora.com.br/.../Manual-Diagnóstico-e-Estatístico-de-Transtornos-Men...> Acesso em: 22 de Abril de 2016.

ANDRADE, Luma Nogueira de. Travestis na escola: assujeitamento e resistência a ordem normativa.' 01/08/2012 300 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco, Travestis envelhecem?. São Paulo: Annablume, 2013. 258 p..

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE DEFENSORES PÚBLICOS. Defensoria Pública de SP promove audiência pública, “Inserção de Travestis e Transexuais no Mercado de Trabalho”. Publicado em: 21 de Julho de 2014. Disponível em: www.apadep.org.br/.../defensoria-publica-de-sp-promove-audiencia-publica-insercao... Acesso em: 20 de Abril de 2016.

BARBOSA, A. C. S.. A construção de corpos travestis: trajetórias que falam de binarismos e subversões no espaço escolar' 11/06/2015 100 f. Mestrado em Geografia Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

BENEDETTI, Marcos R. Hormonizada! Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis que se prostituem em Porto Alegre. In: FÁBREGAS-MARTÍNEZ, Ana

I.; BENEDETTI, Marcos R. (Org.). Na batalha: identidade, sexualidade e poder no universo da prostituição. Porto Alegre: Dacasa, 2000, p. 47-62.

BENEDETTI, Marcos. Toda feita. O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, Aug. 2011. Disponível <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200016&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 10 mar. 2017.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição Federal. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012. 460 p.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Mario. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. Cad. Pagu, Campinas, n. 52, e185211, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000100501&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 de Ago 2018.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. Notas Etnográficas Sobre Duas Manifestações De Rua Do Ativismo Trans No Brasil. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 33, n. 96, e339616, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092018000100512&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 Ago. 2018.

CHIZZOTTI, Antonio. (2013). Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 01/1999, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Disponível em: <<http://www.crp07.org.br/upload/legislacao/legislacao39.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Classificação Brasileira de Ocupações: CBO - 2010 – 3. ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. Disponível em: www.cofen.gov.br/.../Classificacao-Brasileira-De-Ocupacoes-... Acesso em: 05 de Abril de 2016.

DINIS, Nilson Fernandes; PAMPLONA, Renata Silva. "Encontrando Bianca": discursos sobre o corpo-travesti. Pro-Posições, Campinas, v. 25, n. 2, p. 217-236, Aug. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 Jan. 2018.

DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 489-500, Aug. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 Ago 2018. .

DUQUE, Tiago. Montagens e desmontagens: vergonha, estigma e desejo na construção das travestilidades na adolescência' 01/05/2009 145 f. Mestrado em Sociologia Instituição de Ensino: Universidade Federal De São Carlos,.

DUQUE, Tiago. Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por' 10/12/2013 218 f. Doutorado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Campinas

EUFRAZIO, Washington Nnapoleao. A travesti pinta o rosto pra viver?: as vivências das trabalhadoras do sexo na cidade de manaus' 30/10/2017 87 f. Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia Instituição de Ensino: Universidade Federal do Amazonas.

FERREIRA, L. A. A produção do território e as políticas públicas de habitação na cidade de Três Lagoas-MS. Dissertação de Mestrado/UFMS. Três Lagoas: UFMS, 2016.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". Educ. Soc., Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, Aug. 2002. Disponível <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 14 Jan. 2018.

FILHO, Mario S. STF pode autorizar mudança de nome e gênero de pessoas trans sem cirurgia. Disponível em: www.diariodepernambuco.com.br/.../stf-pode-autorizar-mudanca-de-nome-e-genero-... Publicado em: 20/04/2017. Acesso em 02 de dezembro de 2017.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade II: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Graal: Rio de Janeiro, 1988.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Graal: Rio de Janeiro, 1989.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 35.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. - São Paulo: Loyola, 2014.

GALLI, R. A.. Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo' 07/06/2013 210 f. Mestrado em Psicologia Instituição de Ensino: Universidade De São Paulo/ Ribeirão Preto

GARCIA, Marcos R. V. Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. *Psicologia USP*, v. 20, n. 4, p. 597-618, dez. 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS – Série Educação à Distância, 2009.

GUIMARÃES, Thayse Figueira; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia. *Alfa, rev. linguíst.* (São José Rio Preto), São Paulo, v. 61, n. 1, p. 11-33, Mar. 2017. Disponível <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942017000100011&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 14 Jan. 2018.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. In: ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SILVERIO, Valter Roberto (Orgs). *Educação como prática da diferença*. Campinas, SP: Armazem do Ipê, 2006, p.21-40.

GUIMARAES, Katia; MERCHAN-HAMANN, Edgar. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 13, n. 3, 2005, p.525-544. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000300004&script=sci...tlng... Acesso em: 20 de Abril de 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pósmodernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENDERSON, J. (1984). *Cultural attitudes in psychological perspective*. Toronto: Inner City Books. Disponível em: <https://www.google.com.br/#q=+JL+Henderson++1984++philpapers.org>. Acesso em: 07 de Dezembro de 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <http://www.ibge.org.br>. Acesso em 22/03/2018.

LEITE Jr, Jorge. 2011. Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume. 240 p.

LEITE JÚNIOR, J. Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. *Estudos Feministas*, v. 20, n. 2, p. 559-568, 2012.

LETELIER, Maria Eugenia. Escolaridade e inserção no mercado de trabalho. *Caderno de Pesquisa*, nº 107, p. 133-148, julho 1999. São Paulo, 1999. Disponível em: <http://scielo.br/pdf/cp/n107a05.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2016.

LIMA, M. R. de; MACHADO, T. R.; GOMES, M. C. A. “Travesti Não é Bagunça”: uma análise discursivo-crítica das representações de Luana Muniz nas práticas midiáticas jornalísticas digitais. *Gláuks: Revista de Letras e Artes* – jan./ jun. 2017 – Vol 17, Nº 1, ISSN

2318-7131. In.: <file:///C:/Users/Madalena/Downloads/9-Texto%20do%20artigo-35-2-10-20180524.pdf> Acessado em 13 de outubro de 2018, às 16h11.

LIONÇO, Tatiana. O ideal de corpo sexuado e a normatização da vida: binarismo de gênero X despatologização das identidades trans e travestis. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/.../557955-o-ideal-de-corpo-sexuado-e-a-normatizacao-da-vida-... 21 de jul de 2016. Acesso em 02 de março de 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. o corpo educado; pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte. Autentica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Um Corpo Estranho—Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, 92 p.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). Corpo, Gênero, e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LUDKE, Menga; ANDRE, M.F.D.H. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo. E.P.V., 1986.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília: Autor, 2012.

JUNQUEIRA, R. D. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. Revista Espaço do Currículo, v. 2, n. 2, 2010.

KULICK, D. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2008.

MOIRA, Amara. O cis pelo trans. In: Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.25, n.1, pp. 365-373, Abr. 2017 a. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000100365&lng=en&nrm=iso. Acesso em 22 jan. 2018.

MOIRA, Amara. Quem tem medo do movimento trans? Mídia Ninja, 03 abr. 2017b. Disponível em: <http://midianinja.org/amaramoira/quem-tem-medo-do-movimento-trans/>. Acesso em: 22 jan. 2018.

MOTT, Luiz. Relatório 2014. O Grupo Gay da Bahia (GGB) divulga mais um Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais no Brasil (LGBT) relativo a 2014. Publicado 13 de jan de 2015 - Salvador, BA. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/2015/01/.../assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-20...> Acesso em: 20 de Abril de 2016.

OLIVEIRA, Alana Lima de. Identidade travesti, cidadania e mercado de trabalho. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=d26deb6325aed2d1>. Acesso em: 20 de Abril de 2016.

OLIVEIRA, J. G. B. de. transitos de genero' 14/02/2014 114 f. Mestrado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: Universidade Federal de Juiz de Fora.

OLIVEIRA, M. R. G.S. de. O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação' 30/03/2017 192 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Do Paraná

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Comissão de Direitos Humanos. Nascidos Livres e Iguais, Orientação Sexual e Identidades de Gênero no Regime Internacional de Direito Humanos, [s. l.: s. n.], 2013.

_____. Comissão de Direitos Humanos Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf Acesso em: 20 de Abril de 2016.

_____. Comissão de Direitos Humanos Pacto Internacional Sobre Direitos Cíveis e Políticos. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0592.htm Acesso em: 20 de Abril de 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2005.

RODRIGUES, M. T. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? Revista Katálysis, Florianópolis v. 12, n. 1, p. 68-76, jan./jun. 2009. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000133&pid=S0102...lng... Acesso em: 15 de maio de 2016.

PELÚCIO, Larissa Maués. Nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. Cadernos Pagu, n. 25, p. 217/248, jul./dez., 2005. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000200009&script=sci...tlng... Acesso em: 20 de Abril de 2016.

PELÚCIO, Larissa Maués. Nos Nervos, na Carne, na Pele: uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. São Carlos: UFSCar, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/1399> Acesso em: 20 de Abril de 2016.

PELÚCIO, L. Travestis brasileiras: singularidades nacionais, desejos transnacionais. In: Anais... 26º Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, (2008). p. 2. Disponível em: <http://agreste.blogspot.com.br/2011/01/anais-xxvi-reuniao-brasileira-de.html>. Acesso em: 20 de Abril de 2016.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos à margem sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. Disponível: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/89> Acesso em: 20 de Agosto de 2018.

PEREIRA, Pedro Paulo. Queer nos trópicos. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 371-394.

PERES, W. S. Biossociabilidade contemporânea e a expressão travesti. Revista de Psicologia da UNESP, v. 1, n. 1, p. 8-17, 2002. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks...1104201300030001600012... Acesso em: 20 de Abril de 2016.

PERES, W. S. Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização da cidadania. Tese de Doutorado em saúde coletiva. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: http://www.btd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=8896 Acesso em: 20 de Abril de 2016.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Sociedade e Cultura, vol. 11, nº 2, Goiânia, 2008, pp.263 - 274.
SAGRILLO, Daniel Duarte. Jovens transgêneros: percursos biográficos sobre a busca de si e as relações de trabalho.' 24/08/2017 113 f. Mestrado em Cultura e Territorialidades Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense, Niterói.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2003), "Poderá o direito ser emancipatório?", Revista Crítica de Ciências Sociais, 65, 3-76.

SILVA, Mariana da. A vida profissional de travestis: da marginalização à inserção no mercado de trabalho formal. Brasília: 2012. In: <http://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/4746/1/Mariana%20da%20Silva.pdf> . Acesso em: 20 de Abril de 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da, HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn (Org.). Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
SIMÕES, Carlos. Teoria & crítica dos direitos sociais: o Estado social e o Estado Democrático de direito. São Paulo: Cortez, 2013.

SOUSA, C. B. Trabalho e exploração – categorias de compreensão análoga para as travestis que atuam na prostituição do setor comercial sul em Brasília. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Serviço Social) - Universidade de Brasília, Brasília DF, 2008.

PIERUCCI, A. F. Religião como solvente: uma aula. Novos estud. - CEBRAP no.75 São Paulo July 2006/SIELO. In.: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200008 Acessado em 12 de dezembro de 2018, às 13h24.

VENCATO, Anna Paula. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. Cadernos AEL, Vol. 10, No 18/19 (2003).

APÊNDICE A - Questionário utilizado para a coleta de dados da pesquisa

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data: _____ / _____ / _____.

Hora de início: _____

Hora de término: _____

Nome Social: _____

Identidade de Gênero: _____ Tempo que trabalha na noite: _____

Idade: _____ Escolaridade: _____

Profissão: _____

Renda familiar: _____ Filhos/as: () sim () não nº: _____

Religião/ Doutrina: () católica () evangélica () espírita () candomblé () umbanda ()

budismo () agnóstica () ateu () mulçumana () outra: _____

Você mora: () sozinho/a () com a família () com outras pessoas (descreva)

Como você se auto define em relação à identidade de gênero e sua sexualidade?

1. Fale-me um pouco com relação ao passado e seu processo de transformação corporal:

1.1. Que idade tinha quando se identificou como uma Travesti/Transexual (TTs)?

1.2. Como foi o processo de transformação e de que forma surgiu essa nova identidade, como o nome, características físicas, cabelo, formas corporais, vestimentas, etc.?

1.3. Nesse processo de transformação como você relaciona essa nova identidade com a antiga?

1.4. Quais foram os impactos na vida familiar, social, escolar e profissional?

2. Descreva um pouco sobre o seu trabalho como profissional do sexo:

2.1. Como se deu essa escolha? Como foi sua iniciação como travesti/transexual na prostituição e na rua?

2.2. Há quanto tempo esta desenvolvendo esse trabalho?

2.3. E qual o significado da profissão para você?

2.4. Quais as motivações para a sua profissão?

2.5. Qual a sua percepção do mercado de trabalho formal?

2.6. Você já participou de processo seletivo em alguma empresa? Se sim, me conte como foi?

3. Conte-me a sua rotina de um dia e noite de sua vida:

3.1. Quais os desafios no seu dia-a-dia, principalmente nas noites?

3.2. Como enfrenta esses desafios?

3.3. Qual o perfil da clientela que te procura?

3.4. Quais facilidades você tem na sua profissão?

3.5. Como você concilia a vida profissional com a pessoal?

3.6. Quais são os seus planos e expectativas no campo pessoal e profissional?

4. Em se tratando de cidadania, como você analisa a presença do/da travesti/transexual na sociedade atual e como esta sociedade os/as vê?

5. Você já participou ou participa de algum grupo ou movimento social? Se sim qual?

6. Você já sofreu agressão verbal, agressão física? Foi maltratada por clientes ou já foi vítima de chantagem ou extorsão? Se sim, como você lidou com os fatos?

7. Quais as lembranças boas e ruins de situações vividas, que você guarda do tempo de estudante da educação básica, com relação ao tratamento recebido de professores/as e demais pessoas das escolas onde estudou? Descreva alguma.

8. Dê uma sugestão do que deve ser feito para minimizar esses atos de preconceitos, discriminação e violências dos quais vocês são vítimas.

APÊNDICE B - Termo de Esclarecimento e Livre Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “Vulnerabilidade, mercado de trabalho e o discurso discriminatório homofóbico com ênfase na população das travestis e transexuais (TTs) na cidade de Três Lagoas/MS: mitos/discurso/construção/desconstrução”, voluntariamente, sob a responsabilidade do pesquisador Edimilson Cardoso da Cruz, do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, sob orientação da Profa. Dra. Maria José de Jesus Alves Cordeiro. A pesquisa tem como objetivo verificar por meio de análise, os aspectos históricos e sociais dos discursos discriminatório-homofóbicos contra travestis e transexuais (TTs), inseridos em pontos de prostituição como mercado de trabalho no município de Três Lagoas/MS.

A pesquisa será desenvolvida numa abordagem qualitativa, do tipo etnográfica, sem identificação dos/as participantes e ocorrerá por meio de visitação, observa o e entrevista semiestruturada. As entrevistas serão gravadas, transcritas literalmente e os dados obtidos, analisados conforme a metodologia da pesquisa.

Sua participa o não   obrigatória. Se depois de consentir sua participa o na pesquisa o (a) Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo sem prejuízo a sua pessoa. Sua recusa não trará nenhum prejuízo pessoal, em sua rela o com o pesquisador ou com a institui o.

Se o (a) Sr. (a) aceitar participar, contribuir  para que possamos aferir dados úteis para a desconstru o de atitudes e discursos discriminatórios homofóbicos, identificados durante a pesquisa, de modo a contribuir na elabora o de políticas públicas antidiscriminatórias nas diversas áreas de atendimento da sociedade, especialmente na inser o das travestis e transexuais (TTs) no mercado de trabalho formal.

A pesquisa apresenta risco mínimo, sendo os esperados: cansaço durante as entrevistas; constrangimento ou altera es na autoestima provocadas pela evoca o de memórias de história de vida. Para minimizar estes riscos será revisto os procedimentos tomados e até mesmo substituídos.

O benefício de sua participa o está no conhecimento gerado que poderão servir de reflexão dos próprios participante quanto   referencia para futuras pesquisas e proposi o de

políticas públicas nas questões de como analisar os aspectos históricos e sociais dos discursos discriminatório-homofóbicos contra travestis e transexuais (TTs), inseridos em pontos de prostituição como mercado de trabalho no município de Três Lagoas/MS.

Não há despesas pessoais para os/as participantes em nenhuma etapa da pesquisa, como também não há compensações financeiras ou de qualquer outra espécie relacionadas à sua participação.

As informações desta pesquisa serão utilizadas na construção da dissertação de mestrado, serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos/as voluntários/as, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação, aspectos da observação feita e respostas as entrevistas que possam causar constrangimentos.

É direito dos/as participantes, e dever da equipe de pesquisadores, mantê-los (as) informados (as) sobre o andamento da pesquisa, mesmo que de caráter parcial ou temporário, bastando para isso entrar em contato, com algum dos pesquisadores responsáveis: Profa. Dra. Maria José de Jesus Alves Cordeiro, que pode ser encontrada no endereço: Unidade Universitária de Dourados-UEMS, no Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Gênero, Raça e Etnia - CEPEGRE, telefone (67) 3902-2641 e (67) 99628 7180 e Edimilson Cardoso da Cruz, telefone (067) 99941-4655, que pode ser encontrado no endereço da Unidade Universitária de Paranaíba – UEMS, na Av. Vereador João Rodrigues de Melo, s/n, (67) 3503-1006.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
portador (a) do RG _____ aceito participar da pesquisa sobre
“Vulnerabilidade, mercado de trabalho e o discurso discriminatório homofóbico com ênfase
na população das travestis e transexuais (TTs), na cidade de Três Lagoas/MS:
mitos/discurso/construção/desconstrução” e declaro ter recebido as devidas explicações sobre
a mesma e também concordo que minha desistência poderá ocorrer em qualquer momento
sem que ocorram quaisquer prejuízos financeiros, físicos, mentais ou no acompanhamento
deste trabalho. Declaro ainda estar ciente que a participação é voluntária e que fui
devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa de forma
clara e objetiva.

Local: _____ Data: ____/____/____

Nome do/a participante: _____

Assinatura _____

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste/a participante para a participação neste estudo.

Paranaíba, ____ de _____ 2017.

Assinatura do Pesquisador

Nome completo do pesquisador: Edimilson Cardoso da Cruz

Telefone para contato: (067) 99941-4655

E-mail: edimilsoncruz7@gmail.com

Para sanar dúvidas a respeito da Ética na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética com Seres Humanos da UEMS, fone: 3902-2699 ou cesh@uems.br.

APÊNDICE C – Autorização

DECLARAÇÃO INSTITUCIONAL

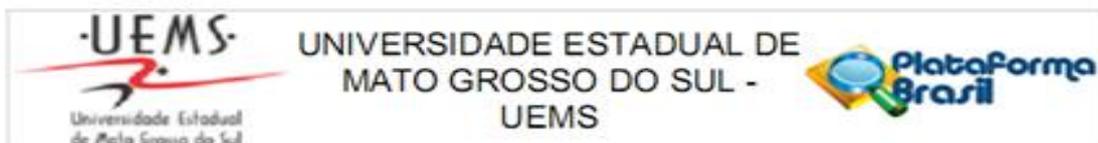
Eu, Paula Edvardes Ribeiro Bruno Francisco, Coordenadora das Travestis e Transexuais da Associação Treslagoense de Gays Lésbicas e Travestis-ATGLT, autorizo buscar os (as) participantes desta associação para a realização da pesquisa de mestrado intitulada “Vulnerabilidade, mercado de trabalho e o discurso discriminatório homofóbico com ênfase na população das travestis e transexuais (TTs) na cidade de Três Lagoas/MS: mitos/discurso/construção/desconstrução”, que tem como pesquisador principal Edimilson Cardoso da Cruz, sob orientação da Profa Dra Maria José de Jesus Alves Cordeiro, que será o responsável pela coleta dos dados e informações.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevista com participantes que atuam em três pontos da cidade de Três Lagoas-MS, a saber: 1. Posto de Gasolina “Linhão Small”, na BR 262; 2. Rodovia “Ranulpho Marques Leal” (trecho ‘Cristo’- Autoposto de Gasolina São Luiz) e 3. Avenida Clodoaldo Garcia e terá duração de 06 meses.

Três Lagoas-MS, 25 de setembro de 2017.

Paula Edvardes Ribeiro Bruno Francisco
Coordenadora das Travestis e Transexuais da ATGLT

ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VULNERABILIDADE, MERCADO DE TRABALHO E O DISCURSO DISCRIMINATÓRIO HOMOFÓBICO COM ÊNFASE NA POPULAÇÃO DAS TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (TTs) NA CIDADE DE TRÊS LAGOAS/MS. *¿MITOS/DISCURSO/CONSTRUÇÃO/DESCONSTRUÇÃO¿*

Pesquisador: EDIMILSON CARDOSO DA CRUZ

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 77984317.8.0000.8030

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.362.609

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo do tipo estudo de caso etnográfico, onde serão utilizados como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada desenvolvida com vinte (20) travestis e transexuais (TTs) inseridas em três pontos de prostituição como mercado de trabalho

Objetivo da Pesquisa:

Geral: Analisar os aspectos históricos e sociais dos discursos discriminatório-homofóbicos contra travestis e transexuais (TTs), inseridos em pontos de prostituição como mercado de trabalho no município de Três Lagoas/MS.

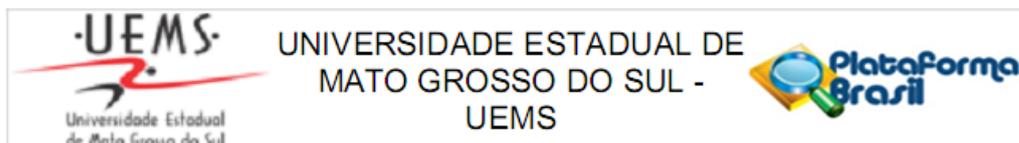
Específicos: -Conhecer as experiências das travestis e transexuais (TTs) de Três Lagoas no mercado de trabalho formal e de prostituição.

-Identificar os discursos discriminatório-homofóbicos de maior incidência

-Examinar nas narrativas as premissas que fornecem sustentação para os discursos discriminatório homofóbicos detectados.

-Investigar a dinâmica de formação e a importância da construção da identidade das travestis e transexuais (TTs) no processo de formação do sujeito

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 79.804-970
UF: MS **Município:** DOURADOS
Telefone: (67)3902-2699 **E-mail:** cesh@uems.br



Continuação do Parecer: 2.362.609

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios estão apresentados no decorrer do projeto de pesquisa e no TCLE e estão claros e definidos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante e atual. Sua execução ajudará a elucidar questões relacionadas ao preconceito e a violência contra a população de travestis e transsexuais, sendo por isso de profunda importância social e histórica, principalmente vinculada a questão da história do tempo presente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE apresenta todos os riscos e benefícios e segue os moldes da legislação vigente. O cronograma está adequado e os documentos oficiais estão devidamente registrados. O roteiro de pesquisa também está adequado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_instituicao.PDF	02/10/2017 11:21:53	Carolina Moreno	Aceito
Outros	Roteiro.docx	02/10/2017 11:20:50	Carolina Moreno	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_975266.pdf	28/09/2017 01:12:57		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.docx	27/09/2017 09:19:38	EDIMILSON CARDOSO DA CRUZ	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	27/09/2017 09:19:14	EDIMILSON CARDOSO DA CRUZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_MESTRADO.docx	27/09/2017 09:18:01	EDIMILSON CARDOSO DA CRUZ	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	30/08/2017 16:01:39	EDIMILSON CARDOSO DA CRUZ	Aceito

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351

Bairro: Cidade Universitária

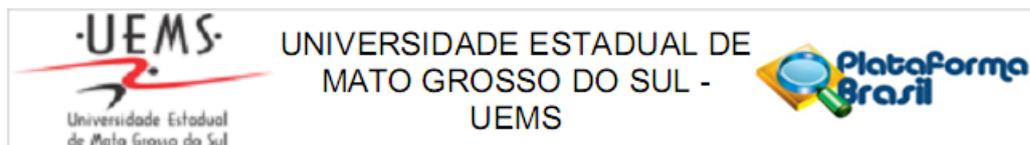
CEP: 79.804-970

UF: MS

Município: DOURADOS

Telefone: (67)3902-2699

E-mail: cesh@uems.br



Continuação do Parecer: 2.362.609

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

DOURADOS, 01 de Novembro de 2017

Assinado por:
Cynthia de Barros Mansur
(Coordenador)

Endereço: Rodovia Dourados Itahum - Km 12 - Cx:351
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 79.804-970
UF: MS **Município:** DOURADOS
Telefone: (67)3902-2699 **E-mail:** cesh@uems.br